

ANANDA MACHADO
BENE MARTINS
FRANCISCO ALVES

TEATRO

DO NORTE

COLETÂNEA
PEÇAS TEATRAIS
DE RORAIMA

BRASIL
RO



COLETÂNEA
PEÇAS
TEATRAIS DE
RORAIMA

COLETÂNEA PEÇAS TEATRAIS DE RORAIMA

COLEÇÃO TEATRO DO NORTE BRASILEIRO

Organizadores

ANANDA MACHADO & BENE MARTINS & FRANCISCO ALVES

Programa de Pós-Graduação em Artes

PPGARTES-UFPA

Programa de Pós-Graduação em Letras

PPGL-UFRR



Belém
Janeiro/2022

COLETÂNEA PEÇAS TEATRAIS DE RORAIMA

Coleção Teatro do Norte Brasileiro

Organizadores: Ananda Machado & Bene Martins & Francisco Alves

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor: **Emmanuel Zagury Tourinho**

Vice-Reitor: **Gilmar Pereira da Silva**

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA

E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPESP)

Pró-Reitora: **Maria Iracilda da Cunha Sampaio**

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE (ICA)

Diretora Geral: **Adriana Valente Azulay**

Diretor Adjunto: **Joel Cardoso da Silva**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

EM ARTES (PPGARTES)

Coordenador: **José Denis de Oliveira Bezerra**

Vice-Coordenador: **Alexandre Romariz Sequeira**

EDITORA PPGARTES

Coordenadora Editorial:

Maria dos Remédios de Brito

Assistente Editorial:

Larissa Lima da Silva

COMISSÃO DESTA EDIÇÃO

Ananda Machado, Francisco Alves, Wlad Lima

Verônica Prudente Costa, Bene Martins.

FICHA TÉCNICA DESTA EDIÇÃO

Lucia Lopes Projeto Gráfico: diagramação e editoração eletrônica: (lucialopesmatos@hotmail.com)

Capa: **Anderson Araújo e Ruid Oliveira**

Revisão Textual: **Ananda Machado**

Normalização: **Larissa Lima da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Elaborado por Larissa Silva – CRB-2/1585

C694c Coletânea Peças Teatrais de Roraima [recurso eletrônico] / Organizadores: Ananda Machado, Bene Martins & Francisco Alves. — Dados eletrônicos (1 arquivo : PDF). — Belém, PA : Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Artes; [Roraima, RR]: Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022. — (Coleção Teatro do norte brasileiro).

Modo de acesso online:

<https://www.ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>

ISBN 978-65-88455-35-7

1. Teatro brasileiro - Roraima. 2. Dramaturgia. 3. Memória. I. Machado, Ananda, org. II. Martins, Bene, org. III. Alves, Francisco, org. IV. Título. V. Série.

CDD 23. ed. – 792.098114

COMITÊ CIENTÍFICO

Prof^a. Dr^a. Maria dos Remédios de Brito

(Presidente)

Prof^a. Dr^a. Ana Claudia Leão

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^a. Dr^a. Ana Flávia Mendes

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^a. Dr^a. Ana Mae Tavares Bastos Barbosa

(ECA, Universidade de São Paulo; Universidade Anhembi-Morumbi)

Prof. Dr. Áureo Deo de Freitas Júnior

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^a. Dr^a. Giselle Guilhon Antunes Camargo

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof. Dr. José Carlos de Paiva

(FBA, Universidade do Porto)

Prof^a. Dr^a. Laura Malosetti Costa

(IA, Universidad Nacional San Martin)

Prof^a. Dr^a. Maria das Vitórias Negreiros do Amaral

(CAC, Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Orlando Franco Maneschy

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^a. Dr^a. Rejane Coutinho

(IA, Universidade Estadual Paulista)

Prof^a. Dr^a. Valzeli Figueira Sampaio

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^a. Dr^a. Cintia Vieira da Silva

(Universidade Federal de Ouro Preto)

Prof. Dr. Adrián Esteban Cangí

(Universidade Nacional de Avellaneda da Argentina
e Universidade de Buenos Aires - Argentina)

Prof^a. Dr^a. Verônica Miranda Damasceno

(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

SUMÁRIO

Prefácios por: Ananda Machado e Bene Martins	9
Pós-fácio poético à publicação da obra Coletânea Teatro de Roraima: Wlad Lima	293



Clique em cada item, ao lado e abaixo, e vá para a página correspondente.

PEÇAS

Wanda, pintou sujeira (1994) Nonato Chacon, Catarina Ribeiro e Chico Cardoso.....	15
Sermão da montanha revisitado (1994) Márcio Sergino.....	41
Prioridade à criança brasileira (1995) Edgar Borges e Francisca Chagas de Oliveira	49
Apenas um blues e uma parede pichada (2008) Marcelo Perez	60
Colher de sal (2010) Francisco Alves	79
Chegança - O cordel do bem-querer (2011) Zanny Adairalba	99
O julgamento da humanidade (2012) Ricardo Dantas	148
Os três porquinhos roraimenses (2014) Alex Zantelli	160
Tapîrike Nankon Toroyamĩ Pantoni - A festa no céu (2017) Turma do curso de Teatro no Ensino de Línguas e Culturas Macuxi e Wapichana.....	171

Kuxi na'ik Kupay – O porco e o peixe (2017)	
Turma do curso de Teatro no Ensino de Línguas e Culturas Macuxi e Wapichana	175
A casa das 12 portas (2019)	
Hander Frank.....	177
O que fazer com o resto das árvores (2019)	
Elder Torres.....	227
O assaltante de abraços (2020)	
Aldenor Pimentel	265
A mistura (2020)	
Vanessa Brandão	275
Sobre os autores	296

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a cada autor(a) que generosamente nos enviou seu texto. Somos gratos(as) a essa oportunidade de realizar publicações junto a outras instituições, no caso a Universidade Federal do Pará (UFPA), fazendo parte de projetos de pesquisa colaborativos com programas de pós-graduação como os da UFPA - Programa de pós-graduação em artes (PPGARTES) e Universidade Federal do Acre (UFAC) - Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC), o que é parte importante da avaliação dos cursos Mestrado em Letras (PPGL-UFRR) e do Profhistória (UFRR), divulgando a produção acadêmica dos docentes, discentes e egressos envolvidos.

Gratidão ao PPGL por ter aprovado e disponibilizado recurso para viabilizar a publicação, mesmo que depois soubéssemos que o recurso ficou inviável. Agradecemos a EDUFFRR que aceitou o projeto da publicação e a todos(as) os envolvidos nessa empreitada.

PREFÁCIO Por Ananda Machado ⁽¹⁾

O livro faz parte da coleção "**Teatro do Norte Brasileiro**" e pretende colaborar com a produção teatral local, regional e nacional, ao fornecer material de trabalho para os atores e instigar a continuidade dos estudos nele iniciados. A proposta deste projeto é voltada para o registro da dramaturgia existente na Amazônia. Meu interesse partiu do movimento de estar desde 2009 criando com professores e estudiosos das línguas indígenas de Roraima, dramaturgia nessas línguas.

Para além da divulgação do material produzido pelos (as) dramaturgos (as) amazônidas, se enfatizará a expressão teatral como produção literária, além de divulgar informações sobre contextos históricos e traços identitários dos povos que aqui habitam.

Já foram publicadas: a "**Coletânea Teatro do Pará**", v.1, Organizado por Bene Martins e Zeffa Magalhães, impresso, sendo o primeiro volume da "**Coleção Teatro do Norte Brasileiro**"; a "**Coletânea Teatro do Maranhão**", v.1 Org. Tácito Borralho e Bene Martins, pela Universidade Federal do Maranhão, em formato e-book/2020.

Roraima terá sua primeira coletânea de textos teatrais organizada pelos (as) professores (as) Ananda Machado, Francisco Alves e Bene Martins. Nós, pesquisadores (as) aqui em Roraima, quando começamos a buscar textos para organizar uma primeira coletânea do teatro de Roraima, percebemos a dificuldade que era acessar essa memória mais remota.

Cabe ressaltar ainda que essa iniciativa faz parte do projeto "**Memória da Dramaturgia Amazônica: Construção de acervo dramaturgico**", coordenado por Bene Martins e do qual a professora Ananda Machado faz parte desde 2012, quando foi convidada a palestrar no "**I Seminário de Dramaturgia Amazônica**". Em 2019 novamente participou de outra edição do evento com palestra. O projeto de pesquisa une a Universidade Federal do Maranhão, a Universidade Federal do Roraima e a Universidade de Lisboa. A Universidade Federal do Acre, na qual a professora Ananda Machado colabora no Mestrado em Artes Cênicas, já está convidada e iniciaremos em breve a organização da Coletânea do Teatro do Acre Volume I.

⁽¹⁾ Pós-Doutorado em Estudos de Literatura (UFF), doutora em História Social (UFRJ), mestre em Memória Social (Unirio), especialista em Educação Indígena (UFF). Professora do curso Gestão Territorial Indígena no Instituto Insikiran- UFRR. Coordenadora do Programa de Valorização das Línguas e Culturas Indígenas de Roraima (PRAE/PRPPG-UFRR). Licenciada em Artes Cênicas pela Uni Rio, com experiência em arte educação, etnografia dos objetos Guarani e Wapichana, história oral, memória e patrimônio e Letras.

Esse livro é também atividade do grupo de Pesquisa (CNPQ) Literaturas Indígenas, Africanas e Caribenhas e do Laboratório de Estudo e Ensino de Línguas e Literaturas Indígenas (LEELLI-PP-GL-UFRR), uma vez que inclui uma dramaturgia nas línguas indígenas Macuxi e Wapichana, o que é algo de inovador em relação às publicações dos outros estados. O professor, pesquisador e também organizador dessa coletânea Francisco Alves coordena desde 2020 o projeto Cartografias do Teatro de Roraima. Essa publicação faz parte então desse movimento de escrita da memória que esperamos continuar fazendo aqui no extremo norte do país.

O primeiro texto dessa coletânea "**Wanda, pintou sujeira**" é de 1994, de Catarina, Chacon e Chico, trabalhado a partir das questões que vivenciaram com outro espetáculo encenado por eles anteriormente chamado "**Brincando com a bruxa Uxa**". Os autores incluíram novos elementos, questões do meio ambiente, seguindo na linha do infantil e da polaridade entre o bem e o mau. Convidaram Chico Cardoso, que veio de Manaus para inserir um olhar de fora e complementar o que já vinham fazendo. Wanda é uma bruxa má (no sentido do politicamente incorreto). Na encenação, segundo Catarina, que gentilmente nos respondeu a questões pelo *WhatsApp*, não fizeram a bruxa Wanda feia e má, para não reforçar os estereótipos das bruxas. A personagem era lindíssima, chiquérrima, só que ela odiava crianças. Dizia: "Cala a boca suas coisinhas insuportáveis". Catarina nos contou que Wanda colocava os ídolos das crianças da época no caldeirão e era antiecológica. Chacon fazia o Inácio, bobo da corte, que era ao mesmo tempo oprimido e criativo. Depois Wanda se transformava na Uxa, bruxa boa e correta. "Era um clichê que funcionava lindamente". Catarina contou que andava na rua e as crianças diziam: "Olha mãe, a moça, a bruxa". E lembrou que as mães diziam: "Meu filho, não chame a moça de bruxa! - Pode deixar chamar de bruxa". Apresentaram o espetáculo em escolas e participaram de festivais, a primeira vez que foram a Venezuela, fizeram numa orla ao lado do Orinoco e mesmo sendo em língua portuguesa as crianças entenderam. Contou-nos Cararina: "Eu fazia adaptação politicamente incorreta integrando informações de lá. Jogavam tampinhas de garrafa na bruxa, foi poderoso".

"**O sermão**" (Revisitado), de 1994, é texto de Márcio Sergino. Foi inspirado no conto Jesus na Montanha dos Irmãos Bambulha, de Belo Horizonte. É um texto com 4 páginas, 9 personagens e acontece no início em múltiplos planos, depois na praça e termina no Monte. É uma sátira que joga com a vaidade de Jesus, atualiza a relação dos apóstolos reforçando seus pontos de fraqueza humana. Judas acaba subornando o porteiro para que deixe Jesus entrar para fazer seu sermão. Ele foi montado na casa Paulo de Tarso e em outras casas e por mais grupos teatrais que remontaram o texto também em Roraima.

"**Prioridade à criança brasileira**", de 1995, tem como autores Edgar Borges e Francisca Chagas de Oliveira. O texto foi criado para concorrer ao Festival de Teatro Estudantil de Roraima (FETER)/95. Com 7 páginas e 4 atos, aborda os direitos das crianças e adolescentes em contraponto à corrupção política, o desdém do empresariado, as reportagens sensacionalistas e os proble-

mas da educação. O mendigo representa a pessoa mais livre, o professor alguém mobilizado, a empregada pedindo melhor salário, há interrupções de palhaços, picolezeiros, engraxates e vendedores. O último ato é de montagem livre, envolvendo todo o elenco da peça: Criança, Imprensa, Escola e Autoridade.

O texto "**Apenas um blues e uma parede pichada**" de 2008, surgiu a partir da observação do autor Marcelo Perez para o fenômeno do suicídio no estado de Roraima. Ele aborda um tema importantíssimo no nosso estado, de um modo bem delicado, sabendo o tabu que o envolve, a ponto de nenhum jornal na época noticiá-lo. A peça é um diálogo que acontece num cemitério entre duas jovens que fumam, bebem, picham e devaneiam sobre as injustiças vividas na sociedade roraimense, muitas vezes preconceituosa. O texto fala sobre a pressão imposta pela sociedade para que jovens, como Black e Free, enquadrem-se em um padrão estabelecido como normal, cobrando como preço o abandono dos sonhos e podendo provocar o suicídio. Escrito em 2008, com recursos da Bolsa de Estímulo à Criação Artística / Dramaturgia – pela Funarte, o texto teve leitura dramática realizada no Teatro Jaber Xaud, em 2010. No ano seguinte, a Cia. do Lavrado realizou a montagem do espetáculo, contemplado pelo Programa Microprojetos Mais Cultura – Amazônia Legal – Funarte, com temporada de 13/8 a 18/9, no Teatro Jaber Xaud, Sesc – Boa Vista / RR e participação no 8º Festival de Teatro do Amazonas, em Manaus, no dia 12/10/2011.

"**Colher de sal**" é de 2010, de Francisco Alves. Um drama considerado vertiginoso pelo autor. Em 1 ato, com 9 páginas e apenas 2 personagens: Fulano e Sicrano dialogam ao entorno de uma carne. No início um pergunta ao outro se quer transar, mas antes um deles quer fumar e acabam cortando a carne e divagando sobre o tema.

"**Chegança o cordel do bem-querer**", de 2011, tem autoria de Zanny Adairalba e é considerado pela autora uma comédia romântica em 3 atos. Esta obra foi premiada com o 1º Lugar pelo Projeto internacional de dramaturgia feminina, edição Brasil Ano 2015: "Las escrituras de las diferencias", organizado em Havana, Cuba. Tem 35 páginas com falas rimadas e músicas. Recebe influência do Nordeste e de seus brinquedos populares como o Maracatu. É um texto bem dinâmico, divertido, cheio de conflitos e muita rima.

"**O Julgamento da humanidade**", de 2012, tem como autor Ricardo Dantas, que inicia a obra falando de quando Deus saiu de férias para Júpiter e proclamou o Sol como regente do Sistema. O assunto é a vida, o homem e a destruição da Natureza. O Sol exagera em sua vaidade, inicia um julgamento assumindo papel de juiz, de procurador e de júri ao mesmo tempo. No final é reprimido por Deus. O autor tenta passar uma mensagem ecológica, ressaltando o papel dos povos indígenas na defesa da Natureza. A peça foi montada com alunos da Escola Estadual Indígena Tuxaua Antônio Horácio, da comunidade indígena Boca da Mata, situada na Terra Indígena São

Marcos, município Pacaraima, com a participação de alunos das comunidades dessa comunidade, da comunidade indígena Sol Nascente e da Sabiá. O elenco se apresentou em evento da Universidade Estadual de Roraima chamado "Novos Talentos", em 2012.

"**Os três porquinhos roraimenses**", de 2014 é obra de Alex Zantelli que atualiza colocando um porco *gamer*, outro *youtuber*, remete-se ao *Florestal Shopping* e ao nome de famosos como Neymar. O texto é infantil, foi encenado em palco a céu aberto em estacionamento de uma loja. As crianças gostam de participar e de assistir a espetáculos que adaptam, contextualizando e trazendo para nossos dias histórias que já conhecem. Cabe pontuar que em Roraima praticamente não temos editais que financiem montagens teatrais, portanto o autor / diretor / produtor se vê obrigado a submeter-se a tal situação de precisar incluir o nome de quem patrocina no texto.

O texto bilíngue **Macuxi** - Português: "**Tapîrike Nankon Toroyamî' Pantoni - A festa no céu**", de 2017, foi escrito pela turma do curso de Teatro no Ensino de Línguas e Culturas Macuxi e Wapichana- Programa de Valorização das Línguas e Culturas Indígenas em Roraima - curso Gestão Territorial Indígena - Instituto Insikiran - Extensão - Universidade Federal de Roraima, ministrado pela professora Ananda Machado. Os (as) alunos (as) macuxi juntaram duas histórias em uma, começando suas apresentações com música e dançado Parixara (dança Macuxi).

O texto em língua Wapichana "**Kuxi na'ik Kupay**" consiste na figura do narrador e de dois personagens: o porco e o peixe que ficam se vangloriando de suas qualidades e criticando os defeitos do outro. É uma adaptação realizada pela turma do curso Teatro como Metodologia de Ensino das Línguas Macuxi e Wapichana, ministrado pela professora Ananda Machado, a partir do livro: OLIVEIRA, Kimi da Silva; SILVA, Maria Shirlene de Souza; CAMILO, Mauricio. Wapichan Paradan Idia'an Aichapkary Pabinak na'ik Kadyzyi Kid. Rio de Janeiro: Museu do Índio/FUNAI, 2015. Esse texto foi apresentado em teatro de bonecos no lançamento do livro na comunidade Marupá (Terra Indígena Jacamim - município Bonfim) e também para as turmas de língua e Cultura Wapichana no Instituto Insikiran em 2017.

"**A casa das 12 portas**", de 2019, é texto de Hander Frank, escrito a partir de um lugar histórico, a casa que tem mesmo 12 portas e fica no Centro de Boa Vista-RR. A partir do mal assombro alguém morre e as mulheres são tomadas como bruxas com seu gato. O Coronel e os Soldados tentam incriminá-las. A peça teatral de 33 páginas tem 13 personagens que vivem uma série de situações que envolvem muitos conflitos.

"**O que fazer com o resto das árvores?**" É texto de Elder Torres. Trata-se de um diálogo entre os filhos de um autor de enciclopédia que se foi e lhes deixou 1 milhão de exemplares. Eles perdem a casa e não encontram o que fazer com essa herança, os livros-restos das árvores. O texto brinca com a construção de conhecimento e com a memória, de forma bem humorada joga

com possibilidades e versões de diálogos que vão suprimindo palavras e pedaços delas. Inclui ainda definições de "luto" e da própria palavra "enciclopédia". O texto estreou no Centro Cultural Banco do Brasil (Belo Horizonte) em 2018, após ser contemplado em edital de 2017; e no mesmo ano em São Paulo no SP Escola de teatro, em 2019 na Fábrica de Cultura Vila Nova Cachoeirinha-SP, tendo sido assistido por mais de 3.000 pessoas. O autor foi também ator e coordenador de produção.

"**O assaltante de abraços**", de 2020, de autoria de Aldenor Pimentel é peça que aborda a falta de afeto, mostra o abandono, a violência e o desprezo de quem vive na rua. Nadson cresce sem abraços e seu assalto acontece para conseguir um abraço.

"**A mistura**", de 2020, tem autoria de Vanessa Brandão e tematiza o preconceito e as injustiças sociais enfrentadas por quem é chamado de "caboclo", incluindo também questões do envolvimento entre três amigos (as) que terminam por escolher experimentar uma vida sexual e amorosa a 3.

Vale ressaltar que esta coletânea contém amostra parcial do muito que há de escritos para o teatro em nosso estado. Ao denominá-la Volume 1, nos comprometemos a continuar as buscas e reunir veteranos e jovens autores(as) com suas peças teatrais, as quais virão a público oportunamente.

PREFÁCIO Por Bene Martins⁽²⁾

O Projeto memórias da dramaturgia amazônica: Construção de acervo dramaturgico e a Coletânea Teatro de Roraima

O "**Projeto memórias da dramaturgia amazônica: Construção de acervo dramaturgico**" teve início em 2009, sob minha coordenação, professora da Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA), do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGATES) e da Faculdade de Dança (FADAN), nesta incluímos estudos da dramaturgia da dança. A expansão do projeto foi/é consequência das buscas constantes por dramaturgos(as) e suas peças. Triste é constatar o quanto dessa memória já foi perdido por falta de tratamento adequado. Por esta constatação das perdas é

⁽²⁾ Professora pesquisadora da UFPA. Pós-doutora em Estudos de Teatro (Universidade de Lisboa). Doutora em Letras (UFMG). Atua na Faculdade de Dança e no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES-UFPA). Coordenadora do projeto de pesquisa: Memórias da dramaturgia amazônica: Construção de acervo dramaturgico. (behneafonso@gmail.com; bmartins@ufpa.br).

que elaboramos o projeto de pesquisa para reunir textos teatrais dos amazônidas, tratar e publicar o acervo.

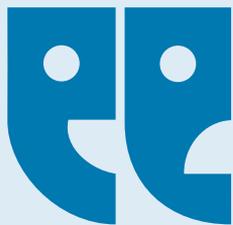
Para divulgar o acervo e ações do projeto, deste 2010, realizamos "**Seminário de Dramaturgia Amazônida**", a partir do VII, a programação passou a incluir convidados estrangeiros, o que configura, entre outros itens, o evento como internacional. Pois bem, cada seminário homenageia um dramaturgo(a) amazônida. Em 2016, o escritor e homem de teatro, Márcio Souza foi o homenageado. A partir de então, tornou-se parceiro fundamental do projeto, a primeira proposição dele foi a criação da "**Coleção Teatro do Norte Brasileiro**", cujas publicações seriam organizadas pelo nosso projeto. Esta coleção tem duas linhas de publicação, uma por autor, a exemplo da obra completa de Nazareno Tourinho e Ramon Stergmann, outra de coletânea com diversos autores, a exemplo das citadas abaixo.

Coleção criada, como já registrado por Ananda Machado, no Prefácio desta coletânea. Além das publicações mencionadas por ela, acrescento: "**Peças Teatrais de Ramon Stergman**", v. 1, 2020, v. 2, 2021; "**Coletânea Jovens dramaturgos(as) amazônidas**", v. 1, 2020 e v. 2, 2021. Todos em formato e-book. Além do belo livro, sobre uma das peças do nosso Nazareno Tourinho, homenageado do primeiro seminário. "**Nó de 4 Pernas: A tessitura de uma experiência de teatro multimídia em Belém do Pará**" / Fábio Limah, meu orientando no mestrado em artes-UFPA; artigos diversos já publicados sobre peças do acervo, e os livros memória dos seminários, memória 1, textos apresentados nos seminários 1 ao 6; memória 2, textos do VII; memória 3, textos do VIII, memória 4, textos dos palestrantes do IX seminário⁽³⁾.

Publicações agora ampliadas com esta Coletânea Teatro de Roraima. Ananda Machado, colaboradora do nosso projeto, desde 2012, aceitou o convite para proceder às buscas por escritores(as) para o teatro e conseguiu reunir 14 belas peças, por ela prefaciadas. Ao ler o prefácio, imediatamente, somos instigados a ler as peças tão bem descritas por ela.

A mim, muito me orgulha de contar com essa parceria e confiança firmada entre nós, agora a ser firmada ainda, conforme os trâmites burocráticos entre nossos programas de pós-graduação. Na certeza de que outros volumes virão, desejamos boa leitura!

(3) PPGARTES-UFPA: <https://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/> (pesquisa – produção intelectual, lá constam inúmeras publicações da Editora PPGARTES-UFPA).



WANDA, PINTOU SUJEIRA

Nonato Chacon, Catarina Ribeiro
e Chico Cardoso



WANDA, PINTOU SUJEIRA - 1994

Criação coletiva do grupo "A bruxa está solta"
Nonato Chacon, Catarina Ribeiro e Chico Cardoso



CENA 1

(Cenário: Não limitar o espaço cênico. Senão por uma empanada, que poderá circular pelo sonho de toda criança. O espetáculo tem início em meio ao público. Inesperadamente, surge Wanda montada em Inácio).

WANDA

Há, há, há, há *(aquela risada tradicional)*, mais rápido, Inácio! Mais rápido! Tenho muito que fazer!

INÁCIO

Estou indo o mais rápido que posso Alteza.

WANDA

Acho que terei de usar o chicote!

INÁCIO

Estou cansado e depois a senhora pesa muito....

WANDA

Ora imbecil, pesada será a bruxaria que colocarei sobre você! Lembre-se que ainda não me vinguei da sua traição. Bobo inútil, lembre-se do exemplo da sua colega Magali que transformei numa rãzinha feia e rabugenta. Tudo porque roubaram meu livro de bruxaria. Mas espero que tenham aprendido a lição. Comigo ninguém pode! E cá estou de volta! Livre para colocar as coisas em ordem. Tudo voltará a ser como antes. Tremendamente sujo!

INÁCIO

Eu juro majestade. A culpa foi só da Magali! Ela me usou! Bolou sozinha todo o plano só para lhe destruir. Eu não queria Majestade! Mas fui usado...

WANDA

Usado coisa nenhuma, Bobo trapaceiro! Ainda não lhe transformei em estrume porque ainda acho pouco para o tamanho da sua inteligência!

INÁCIO

Estrume não Majestade. Eu sou muito fiel à senhora!

WANDA

Tem alguma sugestão sua mula?

INÁCIO

Se não tem outro jeito, que tal uma florzinha?

WANDA

Florzinha coisa nenhuma, eu odeio flores!

INÁCIO

Então Majestade, num peixinho, desses que vivem nos rios!

WANDA

Nunca, quero que sofras muito, e um peixinho gozaria de toda liberdade.

INÁCIO

Então me transforme numa árvore, daquelas grandonas, que não se movem para lugar nenhum!

WANDA

Que árvore que nada! As árvores só servem para tocar fogo nelas. Eu já sei o castigo é uma ideia tremendamente maldosa.

INÁCIO

Ai, ai, ai, quando ela tem essas ideias, o mundo todo treme!

WANDA

Vou transformá-lo num ratão enorme!

INÁCIO

Ai meu São Astrolábio, me socorre!

WANDA

Quero ver meus sete gatos se divertindo... seu Bobo estúpido!

INÁCIO

Agora ei me rinhei! Ô vidinha mais lascada essa de Bobo de Bruxa malvada!

WANDA

Cale-se Inácio! Toque já para o caldeirão. Não tenho mais tempo a perder com futilidades. Sua sentença já está dita! Vamos, ao caldeirão. Mais rápido! Será que terei de usar esporas nas suas costas... mais rápido. *(Saem da plateia e vão para a frente da empanada onde está o caldeirão. somente ai Wanda percebe a presença do público. tem um ataque de beira de raiva).*

WANDA

Anaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa.

INÁCIO

O que foi Majestade? O que houve? Será que eu disse alguma coisa e já vou virar um ratão preto? Tá com dor de barriga, tá? Teve uma grande ideia?

WANDA

Cale-se seu Bobo imbecil, a culpa é sua! Estou tendo uma visão horrível!

INÁCIO

Que visão Majestade? Eu estou tendo uma visão maravilhosa.

WANDA

Olha só seu estúpido!

INÁCIO

O quê?

WANDA

Essas coisinhas bonitinhas, cheirosinhas, engomadinhas, quietinhas, sentadinhas com aquele ar de anjinhos! O que querem hein? Por que não vão cuidar de vidinha de vocês? Eu odeio esse cheiro de crianças. Fiquem todas caladas se não vou ficar muito braba e aí não vai prestar...

INÁCIO

Me desculpem, mas é melhor fazer o que ela diz!

WANDA

Isso vai durar pouco tempo!

INÁCIO

O que Majestade?

WANDA

A presença insuportável desses fedelhos. Eu estou elaborando, criando, inventando, organizando o maior, o mais fedido, o mais espetacular e internacional festival do lixo!

INÁCIO

Festival de lixo? Esse eu não conheço Majestade!

WANDA

Claro imbecil, eu ainda estou inventando! Será a maior festa da sujeira que alguém jamais imaginou! Depois do festival, essas coisinhas cheirosinhas terão o castigo que merecem. Irão ficar sujas, fedidas, nunca mais escovarão esses malditos dentes, vai escorrer muita, mas muita meleca desses narizes, no ouvido crescerá tanta cera, que dará para encerar o castelo com cera de ouvido.

INÁCIO

Eca Alteza, encerar o castelo com cera de ouvido.

WANDA

Tem mais Inácio!

INÁCIO

Mais Alteza?

WANDA

Seus pescocinhos ficarão com voltas, voltas e voltas de colazinhos de seroto. Os cabelos ficarão desgrenhados, duros cheio de piolho, piolho, piolho, pulando saltitando, um balde de piolhos.

INÁCIO

Coitadinhos majestade!

WANDA

Não me faça ficar com raiva Inácio! Coitadinhos uma ova! Eles terão o que merecem.... Mas para isso, eu preciso fazer a minha poção mágica! Deixe-se ver se aquele incompetente do meu novo serviçal...

INÁCIO

Novo serviçal?

WANDA

Sim, o Urubu-Chico, um abruite velho que aprisionei no castelo, porque vive limpando tudo. Agora será peso no calabouço e é obrigado a espalhar lixo por todo o mundo.

INÁCIO

E qual a missão dele?

WANDA

Eu mandei que ele fosse buscar os ingredientes da minha poção mágica! Uma missão muito especial! Deixa ver se ele já trouxe tudo! Sim o SPRAY gigante!

INÁCIO

SPRAY gigante! E para que serve esse SPRAYSÃO?

WANDA

Tu não sabe é coisa burra! E para acabar de vez com a camada de ozônio!

INÁCIO

Camada de ozônio?

WANDA

É um véu invisível, que protege a terra dos raios Solares. Sem acamada de ozônio todo mundo ficará com alergias horríveis, secará tudo. E tudo ficará tostado, queimado. E o mais importante de tudo: vou acabar com aquela cor horrível.

INÁCIO

Que cor Majestade?

WANDA

O verde! Vou destruir acamada de ozônio tudo ficará seco. Não sobrá nada sobre a terra.

INÁCIO

Coitados de nós! Estamos definitivamente lascados. Hoooooooo!

WANDA

Pare com esse exagero, Inácio! Me deixe continuar com meu trabalho! O próximo ingrediente...

INÁCIO

O que será?

WANDA

Um saco enorme de salgadinhos.

INÁCIO

Salgadinhos?

WANDA

(Imitando o Bobo). OH! Salgadinhos majestade? Claro! Salgadinhos sim. Um montão! Preciso colocar mais para todo mundo ficar mal alimentado e não ter forças para nada. Só obedecerão as minhas ordens...

INÁCIO

Poxa, eu gosto tanto de salgadinhos!

WANDA

Agora uma dose exagerada de chicletes! Quero ver todo mundo com dentes podres, cheios de cáries!

INÁCIO

Minha santa malagueta!

WANDA

Assim eu acabarei com o sorriso do mundo! Todos terão vergonha de sorrir, com tanto dente podre!

INÁCIO

Vai ficar tudo tão triste! Por favor, Alteza, eu lhe imploro!

WANDA

Não se intrometa imbecil! Agora eu vou cuidar da cabeça deles! Vou colocar um DVD Rebelde Mania. Uma festa enorme de Xuxa.

INÁCIO

Mas pra que Majestade?

WANDA

Para que todo mundo fique leso! Bobo que nem você! As cabeças ficarão ocas. Ninguém vai mais pensar em nada...

INÁCIO

É o meu grupo favorito!

WANDA

Por isso que tu és leso! E para concluir a mistura: uma boa poção de água do rio.

INÁCIO

Mas está água está suja majestade!

WANDA

Por isso mesmo! Quero todo mundo barrigudo e doente! E só porque você é contra vou colocar mais, muito mais água poluída.

INÁCIO

Essa poção mágica ficará terrível.

WANDA

Com toda certeza! Mas para que o feitiço dê certo, falta o mais importante: um olho de rato. Cadê o olho de rato? Onde está que aquele incompetente do Urubu-Chico deixou meu olho de rato? Mexa-se Inácio. Procure, deve está por aqui.

INÁCIO

Estou procurando Majestade! Mas não estou encontrando.

WANDA

Diachos, será que este incompetente não trouxe o olho do rato! Foi o que mais lhe recomendei. Inácio vá dizer ao Urubu velho que eu quero vê-lo imediatamente. Vá, vá, vá...

INÁCIO

Sim majestade! Estou indo, rapidíssimo. *(Sai)*.

WANDA

Será possível? Estou cercada por incompetentes e sabotadores! Querem ocupar o meu lugar de Rainha das Bruxas! Vou já demiti-los todos. Bando de preguiçosos e inúteis. Terei que providenciar novos assessores, assessores não, serviçais.

CENA II

(Entra o urubu Chico, muito calmo e cerimonioso).

URUBU

Chamou majestade! Em que posso ser útil.

WANDA

Você sabe muito bem como tinha que ser útil! Cadê meu precioso olho rato? Sem ele a poção mágica não funciona!

URUBU

Seu estoque de olhos de rato já acabou?

WANDA

Foi o ingrediente que eu mais te recomendei! Onde está o meu olho de rato!

URUBU

Sobrevoei toda a floresta e não encontrei um único rato morto sequer para que eu pudesse tirar o olho.

WANDA

E eu com isso? Se te mandei buscar o olho de rato, é porque quero um olho de rato. E não me interessa se de rato vivo ou morto.

URUBU

Eu não mato animais! Eu me alimento deles depois que estão mortos. Eu não mataria um rato para tirar o olho. Seria um crime!

WANDA

Veja só que desculpa esfarrapada. Esse imbecil te querendo enganar quem? A mim? Diga velho abutre! Eu tenho que ficar sem o meu olho de rato, por teu excesso de honestidade e ética? Meia hora, meia hora e nem mais um minuto, é o tempo que te darei para encontrar um olho de rato. Arranque o olho do rato vivo, mas me traga esse este maldito olho. *(Sai colérica).*

URUBU

Eu um pássaro real, acostumado a liberdade e vigilância da ordem nas florestas, estou aqui, prisioneiro! Tudo porque cumpri com minha missão de faxineiro da natureza! Meu maior castigo é ser obrigado a espalhar sujeira! Preciso assassinar um animal para lhe tirar os olhos? É melhor que eu não vá. *(Sai). (Sai Urubu-Chico e surge Inácio).*

CENA III

INÁCIO

Volte logo seu Urubu-Chico! Se não, o senhor vai ver o que é bom pra tosse. Já foi! Eu estou tão feliz. A Bruxa voltou a confiar em mim! A Bruxa me nomeou seu secretário geral! Um cargo de

muita importância e responsabilidade. Afinal, sou eu quem vai listar os convidados da Bruxa para o Festival Internacional do Lixo. E não posso falhar. Uma falha e ZAPT, ela me transforma num rato. Quem poderia ser convidado para tão estranha festa? Deixe-me ver! Haaaaaaa...! Já sei a Bruxa má da Branca de Neve. A madrasta da Cinderela. A maga patológica. Quem mais? Quem mais? Haaaaa... Aqueles poluidores sonoros. Quando eles cantam dói os tímpanos, os nossos ouvidos só faltam estourar. Vocês bem que podiam me ajudar. Vamos trabalhar em equipe, fica mais fácil lembrar de todos que possam participar. Quem devemos convidar? Tem que ser poluidores de todos os tipos. *(Inácio vai para o público pedir ajuda e colher outros nomes. Entra a bruxa e flagra Inácio em meio ao público).*

CENA IV

WANDA

Ináciooo!!!

INÁCIO

Ai que susto, Majestade. O que foi?

(O urubu pausa medianamente, percebendo a presença de uma criança).

MUNDINHO

Olá, tem alguém aí? Não consigo ver nada.

URUBU

(Chamando). Olá garoto. Você está indo em direção ao fogo. Venha comigo. Vamos sair daqui. Não demora muito e as chamas logo chegarão aqui.

MUNDINHO

(Sem ver direito). Não consigo ver nada. Por favor me ajude.

URUBU

Venha na direção de minha voz. Eu vou continuar falando. Continue andando e tente não respirar essa fumaça. *(O Urubu cantarola uma música. o garoto em meio a fumaça vai abrindo caminho. respirando com dificuldade, mas finalmente chega em lugar seguro).*

MUNDINHO

Nossa! Eu pensei que não ia escapar desse incêndio. Muito obrigado. Sem a sua ajuda eu não teria conseguido. O senhor é um herói.

URUBU

Que bom que você está bem. Eu sou o Urubu-Chico. E você como se chama?

MUNDINHO

Mundico, muito prazer.

URUBU

O fogo vinha em sua direção. Você não devia estar aqui. É perigoso.

MUNDICO

Agora eu sei disso. Minha mãe falou que isso ia acontecer. Mas eu queria ver de perto o que estão fazendo com a floresta. O pessoal daqui, sempre nessa época do ano faz queimada para transformar em pasto para o gado e colocar plantação de soja.

URUBU

Antigamente eu sobrevoava toda essa região e era um grande tapete verde. Mas, ultimamente, as matas estão dando lugar a grandes fazendas. Meus amigos bichos sofrem bastante com tudo isso.

MUNDICO

Sofrem por quê?

URUBU

Toda a vez que tocam o fogo na mata, destroem a casa de centenas de bichos. Muitos deles morrem imediatamente queimadas. Outros que conseguem escapar ficam sem alimentos e dividindo seu espaço com vocês humanos.

MUNDICO

Isso é muito ruim seu Chico. Destruir a floresta é o mesmo que destruir a vida.

URUBU

Pena, Mundico, que nem todas pensem como você. Se continuarem tocando fogo na mata desse jeito, um dia não vai sobrar nada para as próximas gerações.

MUNDICO

Eu sei disso. Mas o problema já acontece agora. Lá na comunidade em que eu moro está cada vez mais difícil conseguir alimento.

URUBU

Isso acontece porque as queimadas nas encostas dos rios destroem a vegetação. E também a pesca realizada na época de defeso não permite que os peixes cresçam.

MUNDICO

DEFESO! O que é isso seu Urubu-Chico?

URUBU

Defeso Mundico, é um período do ano em que os peixes têm seus filhotinhos.

MUNDICO

Ah! Entendi. E isso certamente diminui a quantidade de peixes no rio.

URUBU

Isso mesmo. A natureza é muito sensível e ela não pode ser agredida diariamente.

MUNDICO

Vou fazer o possível para que os pescadores lá da comunidade só pesquem os peixes que estão fora do defeso.

URUBU

Muito bem! É assim que se começa. Juntando as forças eu tenho certeza que os pescadores vão achar solução para o problema.

MUNDICO

O senhor é muito inteligente. Gostei de falar com o senhor. Mas esse papo me deixou com uma sede, vamos até a beira do rio para eu tomar um pouco de água.

URUBU

Não faça isso Mundico.

MUNDICO

Por que seu Urubu? Eu só vou beber um pouquinho. Não vou secar o rio não.

URUBU

Não é isso Mundico. É que infelizmente esse rio está poluído. A água poluída está cheia de pequenos vermes, muito pequenos mesmo. Dentro do seu corpo eles vão crescendo, você vai ficar magrinho sem forças, pálido, barrigudo muito doente.

MUNDICO

Nossa que terror seu Urubu. E tudo isso por causa da água poluída?

URUBU

Sim. Toda vez que alguém joga um copinho de plástico, uma ponta de cigarro, uma lata de alumínio no rio faz a água perder sua qualidade e ficar cheia desses vermes que produzem doença.

MUNDICO

Minha mãe diz que se continuarmos assim um dia não vai ter nem água pra gente beber.

URUBU

Sua mãe tem razão. A água é um bem esgotável. É importante cuidar muito bem dos rios e nascentes. Mas venha por aqui que eu te mostro uma fonte de água cristalina onde a agente pode matar a sede.

MUNDICO

Oba! A água da fonte deve ser bem mais gostosa. *(Sai o garoto e o Urubu. Wanda retorna enfurecida com a demora do Urubu-Chico).*

WANDA

Já se passaram mais de meia hora e aquele velho abutre ainda não me trouxe o olho de rato. Pele que vejo, terei de ir em pessoa buscar esse maldito olho. Ainda faltam tantas coisas para o Festival do Lixo. Minha roupa, meu cabelo, minha maquiagem. E esse urubu imbecil não volta. Não há de ser nada. Tão logo encontre o olho de rato pra minha poção mágica, eu vou transformando aquele asno de penas pretas em um tronco seco e queimado de árvore. Aprisionarei para sempre em meu castelo. Vou partir imediatamente. Matilde! Matilde minha amiga, minha vassourinha veloz. Voe comigo pelos céus imundos desta cidade e floresta; preciso achar o olho de rato. Vamos, vamos. *(Vai saindo de cena).* Vamos, vamos... Voe Matilde. Isso, em busca do olho de rato. Voe mais alto.... Há, há, há, há, há, há..... *(Aquele tradicional risada).*

MUNDICO

Seu Urubu sabe de tanta coisa que eu acho que o senhor é um tipo de defensor da floresta. Por isso estava aqui na hora que eu precisei de ajuda. Não acertei?

URUBU

Nossa, mas que imaginação privilegiada. Eu adoraria. O meu trabalho é mais ingrato.

MUNDICO

O que o senhor faz?

URUBU

Tenho que achar o olho de rato para realização de um feitiço.

MUNDICO

Olho de rato... feitiço. Eu não entendi nada.

URUBU

Eu sou prisioneiro de uma bruxa muito má e tenho que levar o olho de rato para fazer uma poção mágica de minha senhora.

MUNDICO

Tadinho do seu Urubu. E por que o senhor não foge. É só aproveitar que ela não está por perto, bater as asas e voar para bem longe. Onde ela não pode lhe achar.

URUBU

A velha bruxa lançou um feitiço em mim que impede que eu fuja. Seria inútil tentar voar para longe. *(A voz da bruxa é ouvida em toda a floresta).*

WANDA

Não adianta esconder de mim seu velho de pernas pretas. Eu vou te achar e te transformar numa árvore queimada. Onde está você Urubu-Chico?

GAROTO

O senhor ouviu?

URUBU

Sim, estou perdido? A megera nunca me perdoará por esta falha.

GAROTO

Que falha?

URUBU

O olho de rato para ela, ele não consegue.

GAROTO

E pra que ela quer um olho de rato?

URUBU

Para colocar em uma poção mágica que ela usará durante o Festival do Lixo.

GAROTO

O que é Festival do Lixo?

URUBU

É um grande encontro de todos os poluidores do mundo. Eles irão dominar a terra e tudo ficará muito sujo e feio.

GAROTO

E o senhor vai deixá-la fazer isso...?

URUBU

Ela é muito má. E depois é uma bruxa!

GAROTO

Eu não tenho medo dela! Vou bater nela e depois vou jogar ela no rio pros peixinhos comerem ela.

WANDA

Já ouvi! Já vi você seu Urubu imbecil!

URUBU

Esconda-se bem Mundico.

WANDA

Não adianta se esconder não senhor! Já o vi. E de mim você não escapará.

GAROTO

E agora seu Urubu? O que faremos?

WANDA

Então arrumou mais um escravo para me servir. Seu inútil?

URUBU

Ei majestade. O Mundico deve ser poupado.

WANDA

Poupado o que?! Onde você esteve este tempo todo?

GAROTO

Ela vai pegar a gente? Fuja! *(Os dois correm)*.

WANDA

Escatatibum! *(Urubu Chico e barriga ficam imobilizados)*.

WANDA

Tá aqui. O olho do rato! Eu mesma consegui. E quanto a você, seu monte de penas inúteis. Vai voltar para o palácio e nunca sairá de lá. E você coisinha fedorenta te darei a honra de ser castigado por mim. Para o castelo imediatamente.

(O urubu e o garoto desaparecem. Houve muita confusão. Gritos, trovões e ventanias. Depois que tudo acalma, entra Inácio).

INÁCIO

A bruxa tá tiririca com seu Urubu. Ela o trancou no castelo e disse que de lá ele jamais sairá. A Rainha das Bruxas está com um mau humor terrível. E o Festival não demora a começar. Se ela ficar com esse mau humor a festa não vai prestar! Eu sei que devo fazer alguma coisa, mas o que! *(Pensa)*. Jááá seeeeei! Vamos cantar uma musiquinha para ela quando ela entrar aqui, é uma música fácil, ouçam. Vivaaa.... Salveeee....

Rainha vem chegando
No seu carro colorido
Porque hoje vai ter festa
Nós cantamos bem bonito
Viva Wanda. Vida a Bruxa.

Muito bem assim que ela entrar, todos levantamos e cantamos. Tá? *(Wanda entra visivelmente irritada. Todos cantam. Ao final ela sentencia).*

WANDA

Pare! Pare com isso estúpido!

INÁCIO

Mas Majestade.

WANDA

O que significa isso imbecil?

INÁCIO

Mas são os seus súditos, que estão saudando a amada e estimada e idolatrada rainha.

WANDA

São todos uns puxa sacos isso sim depois quem consegue ouvir esse gemido? Sim porque não cantam gemem, péssima ideia! Você não tem vergonha não? Eu não gosto de vocês e ficam aí me bajulando! Eu não suporto o cheiro de vocês, não tolero ouvir a voz de vocês. E como se não bas-

tasse. Este imbecil coloca esses fedelhos para cantar. Eu vou costurar as bocas de vocês, assim não falarão nunca mais. Depois do Festival vocês vão virar um monte de lixo.

INÁCIO

Eu não disse que ela estava com as macacas. O que fazer para tirar raiva de bruxa? Já sei, vou juntar todos os papéis do chão. Assim ela vai ficar contente.

WANDA

Mas o que este imbecil está fazendo. Inácio! O que isso Bobo ridículo.

INÁCIO

Estou só juntando esses papéis do chão.

WANDA

Passa já pra cá seu estúpido! Quer virar rato?

INÁCIO

Não Majestade, tende compaixão de um leso de um lesinho.

WANDA

Não me apoquentes paciência tem limite.

INÁCIO

Minha culpa. Minha máxima culpa!

WANDA

Vá já para o seu apartamento Inácio.

INÁCIO

Apartamento Alteza. Que apartamento?

WANDA

Pelas as aranhas das catacumbas dos fins desta malvada civilização. Entre logo.

INÁCIO

Aquele! Mas ali é um cesto de lixo. *(Aponta para o cesto).*

WANDA

Ali, mesmo. Será o primeiro apartamento de um grande projeto habitacional que desenvolverei depois do estrondoso Festival. Não haverá mais casa ou edifícios. Só camburões de lixo. E todos irão morar nestes camburões. Experimente Inácio.

INÁCIO

Mas Alteza.

WANDA

Nem mais ou menos.

INÁCIO

Mas Alteza, não tem banheiro!

WANDA

Para que?

INÁCIO

Pra, pra, bem Alteza a senhora sabe.

WANDA

Faça o que tiver de fazer aí mesmo. E agora se cale. Já te dei muita atenção. Que Bobo mais ego-cêntrico.

INÁCIO

Está bem majestade. Eu obedeco! Mas vai ser triste ver as escolas se transformando em camburões de lixo.

WANDA

Mas eu não vou transformar as escolas em lixões.

INÁCIO

Não majestade! E vai fazer o que com elas?

WANDA

Depois do Festival do Lixo todas as escolas serão transformadas em Lan house.

INÁCIO

Lan house! Por quê, idolatrada senhora? Confesso que agora não entendi nada.

WANDA

Você nunca entende muito mesmo monte de estrume, em prática meu Plano Pedagógico para o Brasil. Todas as salas de aulas de norte a sul do país serão transformadas em Lan house com número ilimitado de horas. Assim as crianças poderão ficar o tempo que quiserem aos jogos, se divertem bastante sem a preocupação de repetência no final do ano.

INÁCIO

Mas se ficarem o dia todo na frente do computador não vai sobrar tempo pra mais nada.

WANDA

Isso mesmo! Não é divinamente maléfico. As crianças e adolescentes deixando ler a cada vez mais se tornarão bobos e alienados. Ficarão tão viciadas nos jogos que esquecerão até mesmo de se alimentar na hora certa. Que bonitinho, teremos centenas, milhares de subnutridos por toda parte.

INÁCIO

Minha Nossa Senhora do Socorro! Dessa vez a Senhora foi realmente terrível.

WANDA

Eu já sei disso seu... Agora fique quieto. Deixe-me concluir a poção mágica. Finalmente o olho de rato. *(Tira o olho do rato e coloca no caldeirão)*. Força do universo, da parte escura do universo. Misture com violência todos esses ingredientes e arrebenta com toda limpeza desse planeta. Transforme tudo em lixo, no mais puro lixo jamais visto antes. Reine a sujeira. *(Canta)*. Finalmente pronta, a mais maravilhosa poção mágica por mim inventada. Que beleza. *(Prova um pouco)*. Que delícia de poção! Que receitinha ordinariamente maravilhosa! Como sou boa nisso! Que paladar, que sabor *(Wanda engasga com a poção)*. Harg! Suc.. Huf! Hum! *(Inácio que observa a tudo de dentro do cesto de lixo desespera-se, pula fora e vai socorrer a bruxa)*.

INÁCIO

O que será que houve! Como posso ajudar a senhora? Acudam-me! Não fiquem aí olhando! Minha Nossa Senhora do Beariri! Me dê uma luz um sinal. *(Espera um pouco. Como nada se altera, desespera-se)*. Eu nunca lhe desejei mal. Ela é durona eu sei, mas tem um coraçãozinho deste tamanho. E agora? O que devo fazer? Já sei. Urubu, ele sempre tem solução para tudo! Vai ver ele arruma um jeitinho de livrar a Bruxa do seu próprio veneno. *(Agarra a bruxa e leva até o calabouço. Por trás da empanada)*. Senhor Urubu! O senhor precisa me ajudar.

URUBU

O que houve Bobo?

INÁCIO

A Bruxa tomou um pouco da poção e ficou assim. Paralisada.

URUBU

Ah! O feitiço virou contra o feiticeiro!

INÁCIO

Isso eu já falei! Eu quero que o senhor me ajude a livrá-la de seu próprio feitiço.

URUBU

Mas como? Eu não sei fazer feitiçaria!

INÁCIO

Ela tem um livro de bruxaria. Quem sabe se não tem a solução?

URUBU

Pode ser. Onde está o livro?

INÁCIO

Não sabemos! Depois que a menina Magali roubou dela, esconde debaixo de muitas chaves.

URUBU

Por falar em chaves, por que não me liberta Inácio? Assim poderei pensar melhor.

INÁCIO

Sim, sim, que cabeça essa minha. Pronto, o senhor está livre. Agora pode me ajudar por favor?

URUBU

Mas é uma situação muito complicada. Devemos estudá-la.

INÁCIO

Não temos tempo. A cada minuto que passa, minha senhora, piora. Acho que vou voltar para ver como ela está agora.

URUBU

Isso mesmo, mas antes me dê as chaves da cela do Mundinho. Quem sabe ele não pensa em alguma coisa?

INÁCIO

Está bem, tome as chaves. Vou correndo ver como minha rainha está. Não se preocupe. Seu fiel servo está a caminho. *(Sai)*.

URUBU

É melhor procurar o Mundinho. Mas nessa escuridão vai ser difícil. Mundinho! Mundinho! Onde você está? Mundinho, cadê você?

MUNDINHO

Aqui, seu Urubu-Chico, eu estou aqui embaixo.

URUBU

Ah! Que bom que você está bem!

MUNDINHO

Sim! Agora com o Senhor perto me sinto melhor.

URUBU

Se afaste um pouco do portal para que eu possa abri-lo. *(Mundinho afasta-se. urubu-Chico abre o portal e o urubu sai)*.

MUNDINHO

Como o senhor conseguiu escapar? O feitiço da bruxa acabou?

URUBU

Infelizmente não, mas algo bem pior aconteceu.

MUNDINHO

O que seu Urubu-Chico?

URUBU

A velha bruxa tomou um pouco de sua poção para o Festival do Lixo e parece que alguma coisa saiu errada. Ela ficou paralisada, igualzinho a uma estátua de sal.

MUNDINHO

Bem feito, ela bem que merecia.

URUBU

Não fale assim! Não devemos desejar o pior a ninguém. Até mesmo para aquela bruxa má.

MUNDINHO

Desculpe! Você tem razão, minha mãe sempre diz que devemos ajudar qualquer pessoa. Minha mãe é conhecida em toda essa região pelos conhecimentos que tem sobre plantas medicinais. Lá em casa é cheio de ervas que ela usa para fazer chá. Garrafada pra um monte de doenças, quem sabe ela conhece um antídoto contra a poção da bruxa.

URUBU

Isso mesmo. Então vá, corra para sua casa, conte o que aconteceu quem sabe ela pode ajudar.

MUNDINHO

Vou agora mesmo! E fique torcendo para que tudo dê certo.

URUBU

enquanto isso eu vou encontrar o Inácio e ver como a velha bruxa está.

(Sai. Inácio aparece desesperado com o estado de Wanda).

URUBU

É impressionante! Em toda a minha vida de vigilância da floresta, nem a Mula sem Cabeça, nem o Curupira, nem o Boitatá são tão deformados assim. Essa poção é muito perigosa.

(A bruxa fica grunhindo muito alto e volta o urubu).

INÁCIO

Já tentei de tudo! Mas cada vez mais ela fica mais feia. Agora seu corpo foi coberto por pintas amarelas e dentro dessas pintas saem espinhos negros. Chega a meter medo até em mim que estou acostumado com as feiuras da bruxa. *(Urubu-Chico entra).*

URUBU

Tomara que exista uma fórmula contra essa poção maldita! Todas as suas veias estão estufando e a cor agora parece violeta. Tenho a impressão de que mais cedo ou mais tarde não irá sobrar nada dela. *(Novos grunidos da bruxa).* Pode ser que desta vez ela esteja desintegrando. Deixe eu ir ver aquela horrível visão. *(Inácio fala com o urubu).*

INÁCIO

É uma situação irreversível, seu Urubu.

URUBU

Calma Inácio, não se desespere, nós vamos encontrar uma solução. O Mundinho foi à sua casa e buscou umas ervas que farão bem a sua senhora.

INÁCIO

A casa do moleque é perto?

URUBU

Um pouco longe, eu acho.

INÁCIO

Santa Madre Torta dos Desesperados. Isso vai demorar, precisamos de uma solução agora. Já.

URUBU

Ah é isso! Solução! Pronto.

INÁCIO

O que foi seu Urubu?

URUBU

Vou procurar o Mundico. Vou numa asa e volto na outra.

INÁCIO

Vá, vá. Vá seu urubu a só... lu...lu... que diabo é isso? Ichi, isso fez foi me dar soluço. Ai meu Deus, será que isso vai dar tudo certo? O que será de mim se essa bruxa não melhorar? Que isso? É o seu Urubu, pois não é que o danado já voltou?

URUBU

Pronto, estou aqui, nunca abandono um amigo em perigo.

INÁCIO

Amigo, você me considera seu amigo? Mesmo eu sendo irmão de uma bruxa má?

URUBU

Mas é claro que sim. Você tem um bom coração. A sua preocupação com essa bruxa mostra isso. E essa é a melhor qualidade que eu admiro num amigo.

INÁCIO

Muito obrigado. Mas vamos deixar de lenga-lenga, me diga cadê a porção?

URUBU

Está aqui. Esse concentrado de erva é casaca de árvores da floresta, feito pela mãe do Mundico, vai trazer a velha bruxa de volta ao normal.

INÁCIO

Então me dê logo, não podemos perder um minuto se quer. Toma minha rainha, engula tudinho. Será que vai funcionar? Eu sabia. Seu Urubu não aconteceu nada, eu devia ter pedido ajuda a outra bruxa, ou ainda a maga Patalógica, elas que sabem de feitiços bons e infalíveis contra esse tipo de coisa. (*Wanda desperta*). Ela podia ser má, mas eu gostava dela. Eu daria tudo para que ela estivesse aqui novamente. Esse castelo tá tão triste que não tem ninguém pra brigar comigo. Castelo da Bruxa Wanda. Ela até que era bonitinha, agora taí, honrosa! Mocinha da Silva.

WANDA

Pare com essas lamentações Inácio. Mas como isso foi acontecer?

INÁCIO

Majestade, a senhora voltou ao normal? A solução do seu Urubu funcionou.

WANDA

Onde será que eu errei?

INÁCIO

Majestade, depois que a senhora tomou da sua poção mágica a senhora foi ficando verde, roxa e depois amarela.

WANDA

Me poupe dos detalhes.

INÁCIO

Seus dentes vieram para fora. Surgiram pintas vermelhas com espinho preto de dentro da sua cara, foi horrível Alteza! Mas aí o Urubu-Chico trouxe a solução e a senhora voltou ao normal foi só isso.

WANDA

Ora, foi apenas um erro de cálculo. Será que eu exagerei na água do rio? Ou foi vingança da ranzinza Magali? Ou então foi seu Urubu que me deu azar?

INÁCIO

Nada disso majestade, o seu Urubu-Chico foi responsável pelo seu reestabelecimento.

WANDA

Este Urubu sem graça. Você está brincando comigo, Inácio. Isso é uma piada.

URUBU

Não é brincadeira não majestade. Mas quem salvou sua pele foi o conhecimento dos caboclos da floresta.

WANDA

Desde quando os caboclos têm algum conhecimento?

URUBU

Foi a sabedoria dessa gente com plantas, ervas, cascas e raízes das árvores da floresta que lhe trouxe ao normal.

INÁCIO

Isso mesmo Majestade, a mãe do...

WANDA

Café, seu inútil. Bem seu Urubu, agradeça aos céus por eu estar de bom humor agora. Se não o transformaria em uma lagartixa. Eu o livro do seu compromisso de escravidão eterna comigo. Pode ir agora mesmo.

URUBU

Muito obrigado, a senhora é realmente esplêndida eu sabia...

WANDA

Cale-se, não quero ouvir nem mais um pio. Saia daqui imediatamente, antes que eu mude de ideia. RA, RE, RI, RO, RUA. *(Urubu sai)*.

INÁCIO

Eu alteza, posso ir com ele?

WANDA

Eu vou ficar sozinha? Pensas que já me esqueci de sua traição? Você agora será a cobaia de provas das minhas futuras poções mágicas.

INÁCIO

Está bem alteza. Mas a senhora deixou a cidade toda suja e feia.

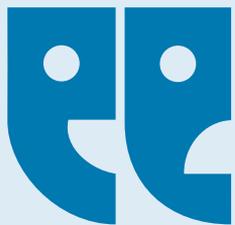
WANDA

Eu não. Eu quero que a cidade fique pobre, eu tenho mais o que fazer, vou para Internet para consultar aquele bruxo poderoso que tem fórmulas químicas maravilhosas de contaminação e intoxicação coletiva. Dessa vez não haverá falhas (*Sai*).

INÁCIO

Ai minha Santa Terezinha do pau de dá em doido! Essa bruxa não tem jeito mesmo. Ela pensa que eu não sei, mas o fato é que ela ficou muito agradecida com a ajuda que recebeu do seu Urubu-Chico e do garoto. Se até minha senhora pode aprender alguma coisa. Acho que o nosso planeta não está perdido.

Fim



O SERMÃO DA MONTANHA REVISITADO

Márcio Sergino



O SERMÃO DA MONTANHA - REVISITADO - 1994

Márcio Sergino

PERSONAGENS

Bartolomeu

Mestre

Tiago

Tomé

Madalena

Pedro

Judas

João

Porteiro



INÍCIO

(A peça se inicia com atores saindo da plateia para o palco. Arrumam cenários, retocam maquiagens, vestem figurinos, posicionam-se, fazem coreografia de reverência ao mestre e tudo começa.

Plano alto: *Um espelho de corpo inteiro, diante dele "Jesus" que se arruma vaidosamente, experimenta roupas, sapatos compulsivamente. Tem roupas e calçados espalhados por todo o quarto.*

Plano médio: *Simultaneamente, Bartolomeu diante da porta do quarto, afoito, quase em desespero, anda de lá pra cá ameaçando bater na porta, por várias vezes vacila, olha ao relógio, movimenta-se muito.*

Plano baixo a direita: *Outros discípulos também aguardam e reclamam do atraso já de trinta minutos de Jesus.*

Plano médio: *Enquanto isso, Bartolomeu que no desespero com o horário se atrapalha no movimento, pisa da barra da bata, cai e faz grande barulho, Jesus então abre a porta e... levantando).*

BARTOLOMEU

Mestre se aproxima a hora, tudo pronto, podemos ir?

MESTRE

Ah... sim ah, Bartolomeu passe-me sua impressão. Como estou? Não acha que ficaria melhor se usasse aquele terno branco? Não, não, acho que se eu fosse com uma calça Jeans e um tênis All Star branco ficaria mais conveniente, afinal, este é mais ou menos um traje mais atual, não acha?

BARTOLOMEU

Não mestre, estamos em cima da hora e depois eu acho que será melhor o Sr. se apresentar a rigor como na primeira vez, não é mesmo?

MESTRE

É tens razão, pelo menos o cabelo já não dá tanto trabalho. Então vamos, você já chamou o Uber? 99? Voando baixo? Sei lá como chamam agora?

BARTOLOMEU

Sim, já está aí na porta nos esperando, vamos?

NA PRAÇA

TIAGO

Irmãos, ninguém se atrasa por mais de trinta minutos se não for por um motivo muito grave.

TOMÉ

Motivo grave é? Não quando se trata do nosso mestre onde o motivo só pode ser... pago pra ver esse motivo.

PEDRO

Querem saber? Vou dizer... o mestre precisa melhorar suas escolhas!! (*Olha para Madalena*).

MADALENA

Ah vocês dois aí, não se envergonham não hein? E você Pedro? Muito me admira! Mais de dois mil anos de história, braço direito do mestre, dizendo uma barbaridade dessas?

(*Chegam mestre, Bartolomeu e os outros - Pedro disfarçando*).

PEDRO

Até que enfim oh mestre! Depois de dois mil anos de espera, todos estão impacientes para ouvi-lo, mais de trinta minutos de atraso e alguns estão se revoltando, ameaçando destruir as arquibancadas.

MADALENA

(Irônica). Irmão em Cristo, primeiro Papa da era cristã, acalmai-vos, com certeza algo de muito sério aconteceu, pois o mestre só se permitiria um atraso por motivo muito justo. Dizei-me senhor o que houve? Estás bem?

TIAGO

Como é possível querer detalhes a esta altura do campeonato? Vamos mulher deixai-vos entrar, tinha que ser mulher pra ficar de tró-ló-ló num momento tão inconveniente.

MADALENA

(Sorradeira). É, para quem está pagando para ver o mestre se explicar pelo atraso, não assimila sensibilidade feminina!

JOÃO

Sem contendas irmãos. Tiago, sabes que desagrada o mestre a misoginia e a discriminação?

MESTRE

Irmãos, o que nos traz aqui tem caráter de urgência e importância. Já checaram o local, estrutura, produção?

TODOS

Sim mestre, tudo checado!

MESTRE

Então vamos entrar! *(Não contavam com um porteiro imenso pra interpelá-los).*

PORTEIRO

Convite!

TODOS

Convite?

PORTEIRO

É claro né meu peixe, só é permitida a entrada com convite!

TODOS

Tá de gozação!

PORTEIRO

Me passem logo os convites, ingressos, cortesias ou liberem a passagem!

TOMÉ

Oh Sr. Paredão, olhe bem, veja quem somos, observe bem essa pessoa, você acha que precisamos de convite, ingressos ou cortesias meu irmão?

PORTEIRO

Oh meu brother, não lhe conheço, nem parente tenho por essas bandas, quer saber? Ou vocês ar-
rumam convite, ou caiam fora daqui!

TOMÉ

Amigo, este é Jesus, ele é o motivo dessa parada toda aí.

PORTEIRO

Ah é? Olha pra Beyoncé aqui!! Estão me tirando é? Prove-me que esse é Jesus. Identifique o cara.
Eu sou como São Tomé, só acredito vendo! Convite ou rua.

PEDRO

Mestre, somos 13 e ele apenas um, vamos entrar logo?

MESTRE

Pedro, contenha sua ira, guarde sua energia para o que há de vir!

TIAGO

Mestre, transforme-o numa Carapanã Sovela, transforme?

MESTRE

Tiago, os artifícios do homem de bem serão sempre a palavra e o bom senso.

TOMÉ

Tive uma ideia! Sejamos sensatos. Tu és o filho de Deus certo? Tu como filho deve ter contato di-
reto com ele, não é mesmo? Então vamos pedir ajuda a ele?

MESTRE

Tomé, Tomé, cheio de ideias... vou recorrer ao pai. *(Todos pegam celular para o mestre)*. Ah, agradeço,
mas tenho linha própria, *(Tira seu cel. da túnica, liga)*.

MESTRE

IISShh!! Alguém tem crédito aí?

DISCÍPULOS

Eu! Aqui! Aqui! Ah, Obrigado João! (*Digitando*).

TELEMARKETING

Tele-Deus Universo.com, bom dia!

MESTRE

Ai telemarketing, não suporto! (*Ligando de novo*). Alô! Oi Gabriel? Ah, não, eu quero falar com papai Gabriel, chama ele pra mim?

GABRIEL

Ah, então tá!

DEUS

Quem fala!!

MESTRE

Hã, é, sou eu pai. Seu filho.

DEUS

(*Suspirando*). Ah, filho, mas qual deles?

JESUS

Sou eu! Jesus pô!

DEUS

Jesus, fala moleque!!!

JESUS

Ah, oi, então, é...é que, pai, é que eu estou aqui pra fazer o Sermão do Monte de novo e tem um porteiro que parece uma porta, um paredão e fica me pedindo convite!

DEUS

Então lhe dê o convite!

JESUS

Oh pai, mas eu vou fazer o sermão!

DEUS

Jesus, o Universo me espera! És também meu filho, saberás o que fazer e o que deve ser feito! Até breve!!

MESTRE

Pai!...desligou na minha cara!!

TODOS

IIIIhh!!

JUDAS

Esperem um minuto (*Vai ao porteiro*). E aí maninho?! Não tem jeito mesmo?!? (*Chacoalhando moedas*).

PORTEIRO

Sem convite só tem um jeito...

JUDAS

Quanto?

PORTEIRO

Cinquenta.

JUDAS

Trinta!!

PORTEIRO

Cai pra dentro! Ligeiro.

PEDRO

(*Segura Judas pelo braço*). Temo que sua atitude fira os princípios do mestre!

JUDAS

Cai pra dentro meu irmão e solta meu braço!

PEDRO

Estou de olho em você Judas!

JUDAS

Relaxa Pescador! Há muito esses trinta dinheiros têm queimado as minhas mãos. Não é justa essa causa?

PEDRO

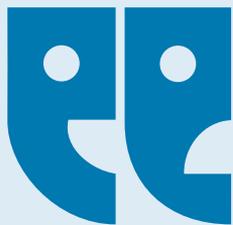
Humm! *(Sinaliza pra Judas).*

NO MONTE

MESTRE

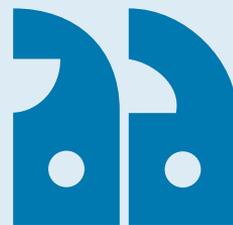
Todos os que professam a arte terão suas bem aventuranças e um caminho de luz no mundo. Seu caminho, verdade e vida, serão sempre escolhas suas. O bom pastor não se decepcionará com suas ovelhas, mas sim, liberá-las. O Universo é seu limite.

Fim



PRIORIDADE À CRIANÇA BRASILEIRA

Edgar Borges e
Francisca Chagas de Oliveira



PRIORIDADE À CRIANÇA BRASILEIRA - 1995

Edgar Borges e Francisca Chagas de Oliveira

PERSONAGENS

6 crianças (*cena inicial e assalto*)

2 palhaços

3 reportagem

1 deputado

1 empresário

1 mendigo

1 picolezeiro

1 engraxate

1 jornalista

1 vendedor de roupas



ATO I

(Cenário: Praça; crianças brincando, pequeno trabalhador, mendigo, fotógrafo). (Intervenção).

PALHAÇO

Ê criançada! Hoje é o dia do palhaço, vamos animar esta praça, alegria! Alegria!

CRIANÇAS

Oba! Vamos brincar com o palhaço! É o dia dele. Que legal! Brinquemos de roda. Ok?!

PALHAÇO

Olha gente! Quem vem participar da nossa festa, o Deputado Cascagrossa, o mais popular e amigo das crianças; e mais, o Empresário, Dr. Roberto Baixinho dono da maior rede de comunicação do nosso Estado, ele é o maior colaborador dos programas de assistência para as crianças carentes!

(Intervenção. Chegada da equipe de tv).

REPÓRTER

É verdade Deputado que o Senhor tem o maior número de projetos para serem votados, em favor das crianças?

DEPUTADO

Ô, sim, sim, *(só projeto)* não poderia ser diferente, realmente eu amo essas crianças, quero que todas tenham um futuro tal qual ou melhor que meu próprio filho. Tudo que eu fizer ainda será pouco. Afinal foram seus pais e eles que votaram em mim, elegendo-me para vos representar, depois é dever das autoridades encaminhá-los para um futuro mais digno, só assim temos certeza que o amanhã será diferente para melhor, e elas com certeza serão eternamente agradecidas, tudo será mais humano!! *(Intervenção)*.

PICOLEZEIRO

Olha o buriti, picolé e refresco geladinho, regional, afrodisíaco, levanta morto e dá tesão!!!

REPÓRTER

Continuando... câmeras, gravando! Um, dois, três, já... Deputado é certo que o seu gabinete e a sua casa são bem frequentados pelos seus eleitores, principalmente as crianças e jovens?

DEPUTADO

Boa pergunta, muito boa... É claro que sim! Meu gabinete e minha casa são deles também; até nas ruas, na igreja, por onde ando, meu maior "fã-clube" é a juventude. Isso muito me honra! Como já dizia Jesus: "Vinde a mim as criancinhas que delas será o reino dos céus" Todas as vezes que me procurarem serão sempre bem "Chu, Chutados" ... Ou melhor serão ajudados. *(Intervenção)*.

ENGRAXATE

E olha a graxa! Vamos dá um brilho no sapato, "ô Meu", não tem desculpas, eu sei que aí a grana corre frouxa vamos engraxar, vai querer que cor? Hoje pela manhã toda, só faturei R\$ 10,00 a coisa tá preta, de certeza vou ter que perder a aula à tarde, o pior é que o meu boletim já tá colorido de "vermelho". Do jeito que vai vou ter que sair da escola. Vai, seu Deputado dá uma força aí vai, "Quem dá ao pobre empresta a Deus". *(Deputado dá o dinheiro e sai afastando-se conversando com o menino)*.

REPÓRTER

Voltamos a apresentar aqui da praça onde está acontecendo a homenagem ao dia do palhaço, com a participação das crianças e as autoridades locais, falamos agora com o empresário Dr. Roberto Baixinho. Como o Sr. vê a situação dos meninos e meninas de rua e que sugestão o Sr. tem para ajudar a eliminar esse quadro horrível no nosso Estado?

EMPRESÁRIO

É simples, basta que o governo tenha boa vontade e crie mais programas beneficentes e uma boa política de emprego para os pais dessas crianças. Mais escolas, lazer esportivo, cultural, assim todos terão suas tarefas, esse é o 1º passo...

REPÓRTER

Mas Dr. Baixinho o senhor não acha que só o Governo, não pode resolver, sem a ajuda da comunidade, dos pais e principalmente do empresariado local?

EMPRESÁRIO

Sim, sim a classe empresarial ajuda como pode, não podemos é assumir tarefas do governo, para isso pagamos os impostos, se são desviados aí eu "lavo minhas mãos". Quanto à educação, isso é coisa de responsabilidade do governo. Cadê as escolas? Lotadas de gente sem fazer nada!

(Intervenção).

JORNALEIRO

Jornal, Jornal! Manchete de hoje, só neste final de semana: 3 mortos a facadas, 1 estrangulamento, 5 assaltos e 2 crianças estupradas.

REPÓRTER

Voltamos a falar com o empresário Dr. Roberto Baixinho. É verdade que a Associação comercial está criando um projeto para dar mais emprego às crianças e jovens em nossa cidade?

EMPRESÁRIO

Sim, claro que sim, só não entrou em prática, porque os meus empresários acham o projeto muito audacioso, temem colocar nos seus estabelecimentos trombadinhas desqualificados e correrem o risco de limparem as prateleiras. E tem mais! Agora com essa "Leizinha" que protege demais, não sei nem mesmo o que ela protege, só sei que cumprem dela exatamente o que não deviam. "Não pode bater, não pode prender, não pode mais nada!" Á Á Á... *(Intervenção).*

VENDEDOR AMBULANTE DE ROUPAS

(Mostra uma calcinha feminina). Vamos, vamos comprar! "Porta jóia", dê de presente pra esposa, namorada, sua sogra, sua avó e as gatinhas. Tem para todo gosto, tamanho e cor, vamos lá...

MENDIGO

(Monólogo). Esses caras são todos iguais, ninguém tá querendo fazer nada! "É cada um por si e o cão por todos". Dizem que a gurizada rouba, também pudera! Fome não é pai de ninguém. E a gangue do poder? No governo a palavra de ordem é: "Vamos, vamos aproveitar, olhem que esse mandato vai acabar, isso não é eterno". No comércio nem se fala: roubam no balcão, mudam os preços

na cara do freguês e vivem fazendo falsas promoções. Essa tal de imprensa fica aí fazendo média, na real só passa na telinha o que interessa a eles. Eu tenho fé em Deus, em Oxalá, Saravá, sei lá... que vou continuar mendigo, é melhor ser cara de pau, que corrupto, bandido, ladrão, safado...!

(Intervenção. Assalto ao Mendigo. Encapuzados).

ATO II

(Cenário: casa do Deputado com ele sentado, atendendo telefone de Brasília e uma manicure fazendo-lhe as unhas).

ESPOSA

Chic, folheando revistas. *(Intervenção).*

EMPREGADA

Doutor, Doutor...! Essa notícia o senhor vai adorar de agora mermo na TV, que foi votado o aumento para os deputados e senadores, ainda bem, graças a Deus, agora vai dar para comprar a sua fazenda!

FILHO

Legal! Legal, aí coroa agora não tem desculpas, vai me dar o carrão que você me prometeu se eu passasse no colégio. Vai velhão diz que sim vai... eu quero um "Ferrary F-40". É doideira, bicho bom, vai andar só entupido de gatinhas *(Faz gesto de breicar o carro).*

ESPOSA

Meu bem, sendo assim eu já posso começar a arrumar as malas, vou dar um pulinho em Paris, Paris... enfim, que sonho realizado!

EMPREGADA

Mas Doutor deputado "perai", há mais de dois anos que eu não tenho aumento de salário desde aquela tal de URV, com o Real aumentou um pouquinho "só pra inglês ver". Não dá nem pra comprar o feijão dos meus "bruguelos", enquanto vocês ficam aí no bem bom, meus filhos, meus curumins passam fome! Isso não é justo Doutor. Por Deus, se estão querendo acabar com a pobreza, só se for matando de fome isso sim.

DEPUTADO

Pare, Pare, Pare de chorar "de barriga cheia" mulher, você bem ouviu! O aumento de salário foi só pra nós, os parlamentares, ouviu bem, quanto a vocês, é só quando aumentar o salário mínimo;

Isso você pode rezar, mas reze mesmo, se pegue com tudo quanto é Santo, quem sabe acontece um milagre... Vá, vá, vá cuidar de trabalhar, "Quem trabalha Deus ajuda". (*Empregada sai enfurecida*).

(*Intervenção. Barulho do lado de fora. Grupo de meninos de rua, cantando e batendo latas. Repetição*).

ESPOSA

Vá atender a porta!

EMPREGADA

Meu Deus, Doutorzinho... o que vamos fazer? É um grupo de trombadinhas, que por força falar com sua Excelência.

DEPUTADO

(*Senta, levanta... tenta fugir*). Diga que não estou, que estou muito doente, que viajei. Á, qualquer coisa, invente...! Não!!! Diga que só atendo um representante deles.

EMPREGADA

O Dr. está doente! Só vai atender um representante de vocês.

EM OFF

Á, não! Vamos entrar todos!

TODOS

É isso aí, vamos, vamos nessa gente! ... (*Entram invadindo e vão se acomodando*).

EMPREGADA

Por favor! Limpem os pés, não se encostem nas paredes, fiquem sentados no chão, cuidado...! Não vão quebrar nada! Que meninos sujos e "fedorentos", mal educados. "Cruz-Credo", eu hein! Pobre não é gente mesmo. (*Sai*).

DEPUTADO

Sim, sim, falem! O que querem agora!? Não estão pensando que a minha casa é abrigo de criança pobre! "Ora veja" isso aqui não é hotel. Vamos, vamos, vamos digam logo o que vieram pedir, sejam breves. Você líder, "desembucha". Rápido! "Enquanto o diabo pisca". Ou eu chamo a polícia...! Um, dois, três já...

LÍDER

É, é, é que nós ouvimos sua entrevista ontem na TV. O Sr. disse que é amigo e luta pelas crianças. "É isso aí deputado". "Nós viemos pedir sua ajuda". "Todos queremos emprego". Nossos pais, uns ganham salário mínimo, outras cestas básica, outros nada! "É ruim hem!".

DEPUTADO

Alto lá! "Vamos devagar que o santo é de barro", primeiro, aprendam a interpretar a linguagem dos meios de comunicação. Nem sempre o que eu digo na TV, tem que ser Lei. Um homem público do meu porte não iria se queimar frente a uma câmera de TV. Eu falei diretamente pros meus eleitores, eles sabem que eu não posso fazer nada disso. Mas eu tenho que manter as aparências, afinal são meus votos que estão em jogo, graças a "esse tipo de público", estou no meu 2º mandato e de certeza concorrerei agora para prefeito e é vitória "na cabeça". Já as emissoras de comunicação querem vender audiência, precisam de reportagem ou então vender revistas e jornais. Enquanto isso eu faço a minha imagem e meu povo delira...

LÍDER

Deputado! O Sr. está nos dizendo que tudo que os políticos falam na TV, todo aquele blá,blá, blá é tudo mentira pra ludibriar o povo?! Pelo amor de Deus! Não tem mais política nesse País.

DEPUTADO

Ô menino, veja bem, não é bem assim, quer dizer... pois é. Ah, vocês estão me confundindo todo, não foi isso que eu quis dizer... Deem-me um tempo, preciso pensar!

LÍDER E MENINOS

Pois Deputado, nós estamos decididos, só vamos sair daqui, depois que o senhor nos garantir alguma coisa, as autoridades nesse País tem que aprender a respeitar velhos e crianças, tratar a coisa a sério. Onde já se viu? Isso não se faz, está escrito na Lei, não somos nós que inventamos. É bom que os legisladores que fazem as Leis, são os que nós elegemos. Uma Lei não cai do céu, além de sair caríssima. Portanto cabe a juventude mostrar sua cara e sem ser "pintada" e cobrar o cumprimento dos seus direitos. *(Intervenção).*

EMPREGADA / DEPUTADO

(Cochicha no ouvido do deputado).

DEPUTADO

(Com um largo sorriso). É o pessoal da TV! Ah! Mande entrar.

EQUIPE DE TV

(Entram já fazendo a cobertura). Estamos falando diretamente da casa do Deputado Casca Grossa que neste momento está recebendo um grupo de jovens e crianças. O diálogo ocorre em plena harmonia, o Deputado divide com as crianças um clima de carinho, que só ele mesmo saber manifestar.

DEPUTADO

(Ordena a empregada). Ô dona! Sirva a estas crianças o melhor lanche que pudermos, depois dê-lhes roupas usadas e outras coisas que estiverem sobrando por aí.

LÍDER

Deputado, acho que o senhor entendeu mal, nós não viemos pedir lanche, nem tão pouco esmolas. Nós queremos respostas de emprego, escolas, comida, lazer... Essas coisas que o jovem necessita, queremos defender nossa dignidade, queremos trabalhar, chega de esmolas e paternalismo.

TODOS

É isso aí, Deputado. Não se faça de desentendido, "qual é?".

DEPUTADO

Olhe aqui, vocês são uns moleques bem salientes, sabe de uma coisa? Vão pedir isso tudo ao pai de vocês, eu não sou pai de vocês, nem conheço as senhoras suas mães. Escola tem pra todos, não estudam porque não querem! Vão estudar, cambada de desocupados, é isso que está faltando, seus malandros! Fora! Fora da minha casa, seus delinquentes atrevidos *(Sai empurrando todos para fora)*.

DEPUTADO

Ô mocinha... não registre essa desordem, eu não vou permitir que isso vá ao ar, ouviu bem? Tome muito cuidado com a minha imagem, ouviu bem?

REPÓRTER

Mas... Deputado.

DEPUTADO

Não tem mais nem ora mais, olha que eu lhe ponho fora desse empreguinho!

REPÓRTER

"Agora Inês é morta" Deputado, acalme-se, o Sr. esquece que está sendo ao vivo.

DEPUTADO

Pode parar! Eu já ordenei, onde já se viu, uma reporterzinha de meia tigela querendo denegrir minha imagem.

REPÓRTER

Mas, mas deputado, informar é o papel da imprensa, o público acredita na seriedade de nosso trabalho. O Senhor não vai me dizer agora que eu devo esconder informações. Agora pronto! Os poderosos compram todas as redes de comunicação e usam como instrumento de manipulação e alienação do povo. Só faltava essa! As rádios, TVs e Jornais, quando não são de propriedade de políticos, são dos empresários ou das igrejas, isso é o cúmulo, que País é esse? E o povo onde está que não se faz respeitar? Acordai meu povo!!! Não fiquéis deitados eternamente em berço esplêndido.

ATO III

(Cenário: Escola).

MÃE 1

Mulher de Deus, agora que você chegou? A reunião já até acabou. Também você já deve saber o que foi tratado, nada de novo, aquele velho lenga-lenga de sempre... "Os alunos estão destruindo a escola, não tem material Didático, os livros só chegam depois de férias, os professores vão entrar em greve por melhores salários e condições de trabalho. O diretor fulano de tal tem que pagar a Associação de pais e Mestres. No arraial cada aluno traz um prato..."

MÃE 2

Tu já não viu em que país nós vivemos; das autoridades, que bom que eles não pedem nada. Ficam caladinhos, só ouvindo e balançando a cabeça, feito vaca de presépio.

MÃE 1

Claro, claro, uns até mentem pra defender o Governo, e também sua gratificação é óbvio.

MÃE 2

É minha mana, isso é porque a constituição garante escola para todos. Mas também a maioria dos brasileiros não sabe nem o que é lei, se falar, a maioria do povo pensa logo que é coisa de comer.

(Intervenção. Dois alunos brigando por merenda).

PAI

Viram aquele homem que falou do tal "Estatuto da Criança e do Adolescente?" Ele está coberto de razão, essa lei é boa, é uma das melhores leis que esse país já teve, o que falta é as autoridades cumprirem o seu papel. Até a UNICEF já elogiou essa nova lei. O que falta mesmo é interesse e competência das autoridades brasileiras, isso sim. É isso mesmo! Em contrapartida eles fazem é divulgar nos meios de comunicação, que esta lei é para países de primeiro mundo, que nós brasileiros não estamos preparados para termos uma lei assim. Na verdade eles tentam desviar as

atenções do povo com essa história de terceiro mundo, na real, a gente sabe que o Brasil é um dos países mais ricos (*em petróleo, minério, fauna, flora e terras e tudo o mais*).

PROFESSOR

Com licença, eu ouvi o que falavam. É isso mesmo, se não somos o primeiro país do Mundo é graças aos incompetentes que dirigem esse país. Nós professores quando fazemos greve por nossos direitos, eles ainda se dão ao direito de jogar-nos contra a opinião pública, mas não vamos calar a nossa boca, estamos cansados de assumir sozinhos o fracasso da educação, quando sabemos que a educação é o reflexo dos problemas sociais mal gerenciados nesse país.

(Intervenção. Chegada da tv, procurando a direção).

REPÓRTER

Um, dois, três... gravando! Estamos falando diretamente da escola. Sr. Diretor, é verdade que nesta escola há o maior número de evasão escolar, ou melhor, alunos desistentes? A que o senhor atribui esse alarmante quadro?

DIRETOR

Olha, é um conjunto de causas. Por tudo que já se sabe sobre a decadência da escola pública no Brasil. O quadro de professores muda constantemente. Os mais competentes e comprometidos com a educação estão deixando de ser professor, tanto pelos baixos salários, como pela condição precária de trabalho. Aumento do quadro de profissionais desqualificados, que se sujeitam aos baixos salários. Por outro lado os problemas sociais como: fome, moradia, desagregação familiar e o trabalho precoce dos jovens para ajudar a renda familiar.

REPÓRTER

O Sr. vê a atual escola condizente com a realidade do alunado?

DIRETOR

Se queres a verdade, eu estou um tanto decepcionado, não vejo perspectivas de futuro. Não há como motivar o aluno dentro de uma escola ultrapassada, onde a era do computador e a televisão passa ainda bem distante. A meu ver a escola tem que se atualizar para ser resgatada urgentemente.

REPÓRTER

O Sr. não acha que a escola atual está mais pra sucata do que para a educação?

DIRETOR

Ainda é um título complacente, no museu está contida uma história cultural de um povo e a escola não consegue reter nem mesmo os atuais alunos e professores.

(Intervenção. Todos da cena).

TODOS

S.O.S Escola Urgente!!!

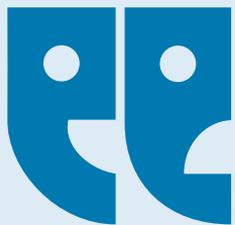
Prioridade a Educação já!

Não desviem nossas verbas!

País sem educação é país sem futuro!

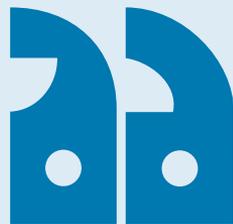
IV ATO

(Montagem livre. Encerramento envolvendo todo o elenco da peça. Criança, Imprensa, Escola e Autoridade).



APENAS UM BLUES E UMA PAREDE PICHADA

Marcelo Perez



APENAS UM BLUES E UMA PAREDE PICHADA - 2008

Marcelo Perez



(Apenas um blues. Cortina abre. luz entra lentamente até a penumbra. A fumaça toma conta da cena. Som diminui aos poucos. black, 20 anos, está deitada em um túmulo. Ao lado dele, no chão, um garrafão de vinho e um rádio portátil. Ela está grávida. Tenta acertar um cigarro apagado na boca. Free, 19, desenha na lateral de outro túmulo).

BLACK

(Impaciente). Ainda falta muito pra terminar esse troço?

FREE

(Surpresa). Troço? Porra, Black, tá parecendo a minha família.

BLACK

De boa, flor, é que tô tão esquisita. Não esquenta... vai lá, termina a sua obra.

FREE

Isso aqui é pra eternidade. Meus quadros... que apodreçam entulhados na minha casa! Mas nessa lápide, Black, vale a vida toda. *(Pausa).* Ninguém liga. O povo não vem ao cemitério enterrar os seus mortos, o que dirá mandar retocar o túmulo.

BLACK

Os meus farão questão de me visitar. Sempre.

FREE

Pra ter certeza que você não voltou.

BLACK

Os teus te abandonarão.

FREE

Não se aproximam muito em vida... vão decidir no cara ou coroa pra ver quem virá ao meu enterro, pode acreditar.

BLACK

Tudo isso é desnecessário. Depois que morre não adianta fazer mais nada. Qualquer ação é perda de tempo, um egoísmo desgraçado, sei lá... culpa. As pessoas deviam é chorar na presença das outras. Chorar de alegria, de vida, entende?

FREE

(Orgulhosa com o desenho). Esse é o espírito, agora é só mandar tinta. Me dá um cigarro?

BLACK

Massa, mas vai ter que pegar com a boca.

FREE

Deixa de onda, Black, quero fumar. Pula essa função...

BLACK

Nada disso. Sem brincadeira, sem prêmio. Você não disse que tinha parado?

FREE

Sermão num momento importante como esse? Só me faltava essa, minha melhor amiga...

BLACK

Melhor?

FREE

(Corrige depressa). Única! Minha única amiga.

BLACK

(Toda prosa). E não é o máximo? Sou sua única amiga. Isso é um privilégio! Simplesmente transcende de qualquer pensamento racional. Única amiga sim... isso é forte demais, eu te adoro, Free!

FREE

Tá bom, deixa de me babar e joga logo esse cigarro que eu não aguento mais.

BLACK

Essa porcaria ainda vai te matar...

(Clima tenso. Poucas ações e alguns olhares. Black joga o cigarro, que bate nos lábios da amiga e cai).

FREE

Você viu? Viu? Quase...

BLACK

De novo. Agora vai. Tenho certeza.

(Ela joga o cigarro novamente. Free chega a segurá-lo por uns instantes com os lábios, mas ele cai).

FREE

Eu cheguei a sentir a pressão nos lábios. Tá muito longe, chega mais perto.

BLACK

Você quer moleza...

FREE

Nada disso. Chega mais perto, vai!

(Black fica de pé. Aproxima-se de Free).

FREE

Para de economizar espaço, que coisa mais nojenta. Chega mais perto. Ou então me dá logo essa porcaria. *(Black fica cara a cara com Free. A proximidade é desconfortável. Black põe devagar o cigarro nos lábios da amiga. Acende-o. Free dá uma tragada e o apaga).*

BLACK

O que foi?

FREE

Nada. Você tem razão, essa porcaria mata. Você devia parar também, ainda mais com esse barrigão.

BLACK

Eu vou. Já esqueceu que esse é o último maço? *(Elas se olham. Black volta ao túmulo e coloca uma música).*

BLACK

Música pra animar os vizinhos! *(Black convida Free para dançar. Free resiste. Black abaixa o som).*

BLACK

Bem que a fumaça do cigarro podia ser algo saudável, necessário... já pensou?

FREE

Por que tudo que é bom é ilegal, imoral ou não presta?

BLACK

Sai desse corpo Roberto! Isso é passado demais.

FREE

Sai desse corpo! Pera aí, falei merda, é engorda. Imoral, ilegal ou engorda e não é o Roberto. É o Léo Jayme! (*Elas riem*). E ... qual o problema com os flashbacks?

BLACK

Problema nenhum, só acho que isso é um clássico do Roberto na voz desse mauricinho. Meu pai ouvia direto. E você nem é da época desse Léo Jayme...

FREE

E nem você do Roberto Carlos.

BLACK

Que seja... (*Elas riem muito*).

FREE

Ei, gata, é sério. Eu sei que o cigarro é um veneno desgraçado, principalmente pra quem tá grávida, viu Black? Mata todos os dias aos montes... (*Black a encara*). E nem adianta me olhar assim, o povo é meio suicida... não para de fumar. Muito irônico... o ser humano parece programado pra viver em contradição. Igual nas redes sociais, uma felicidade exacerbada, mas na penumbra, quando a corda aperta o pescoço, ninguém sustenta! São muitas escolhas e poucas certezas, amiga. Conheço muita gente mergulhada em depressão por conta dessas escolhas, de uns tempos pra cá é como se um vírus fosse liberado no ar, sei lá, como tem gente desistindo da vida. Casam com quem não gostam... ganham a vida com trabalhos que detestam, vivem assombrados com desejos frustrados e muitos não têm a menor chance desde o dia em que nasceram. A maioria, na verdade, nem dá explicações. É atropelada por rotinas macetas. Até parece que eu vou culpar quem optou pelo fim... seja lá do jeito que for, com ou sem cigarro, a vida não tem certificado de garantia, se liga!

BLACK

Mas tem um manual com infinitas regras. Fomos programadas desse jeito. É a cultura ocidental, alimentam nosso medo da morte, fazem disso o maior monstro. O povo do Oriente é que tá certo. Fazem festas no enterro de seus entes queridos. A morte é apenas um começo. Quando eu morrer eu quero um festão, com bebida, comida, muita gente feliz e música, claro, a música não pode faltar. E bem alta pra avisar que eu tô chegando!

FREE

Eu duvido muito que isso aconteça. Se em vida os seus desejos nunca foram respeitados, o que dirá na morte. Ainda mais desse jeito... grávida. Toda essa repetição não pode ser por acaso. (*Pausa*).

BLACK

Meus pais sempre fumaram demais. (*Free aponta para os túmulos*).

FREE

Do que você acha que eles morreram?

BLACK

(*Sentada no túmulo, tira a poeira da lápide*). Essa aqui é... Elizabeth Avelar... nome de gente rica...

FREE

Avelar...

BLACK

Deve ter sido uma dessas mesquinhas que não conheceu muito entre o salão de beleza e a clínica de cirurgia plástica. (*Elas riem bastante*). Não, é sério, pobre não coloca o nome da filha de Elizabeth. É sempre a porra da Maria. Maria e seus complementos. Acredita que a minha tia, a Maria do Socorro, colocou o nome da filha de Maria da Consolação? Foi uma tremenda sacanagem com a minha prima, Socorro... Consolação... é tudo muito piedoso.

FREE

Eu não sei não, pobre é que tem mania de colocar nome estrangeiro em seus filhos. É influência do cinema, do capitalismo, dessa porcaria que enfiam na cabeça da gente, tentam nos convencer aos poucos, que nem conta-gotas, de que tudo que vem de fora é melhor do que o nacional. Olha só os nossos apelidos, quer mais estrangeiro do que isso? Deviam nos chamar de Damorida, Cruviana, Capitiana...

BLACK

Mas nosso caso é diferente, não são nomes, não fomos registradas assim.

FREE

Sei lá, de alguma forma essa influência toda já nos contaminou. Até as suas influências no blues são estrangeiras. Não adianta ficar em negação, Cruviana.

BLACK

(*Elas riem*). Como você é ridícula... O fato é que estamos diante de uma exceção sim, porque essa Elizabeth aqui devia ter muita grana.

FREE

Como é que você sabe?

BLACK

Olha o formato das letras, Free. É muito bisonha... tá desatenta com os detalhes. Estão inclinadas, foram feitas à mão. Deve ter sido encomenda. Isso é trabalho de artista. Em lápide de pobre as letras são retas e frias...

FREE

Normais demais... assim como suas vidas. Não tinha pensado nisso. Olha o tamanho do túmulo. O cadáver deve tá bem à vontade aí dentro. Pobre faz na medida certa, se vacilar ainda cortam os pés pra caber. *(Riem)*. Mas eu ainda tenho as minhas dúvidas quanto à classe social da nossa amiga Beth. Pobre ama sim esses estrangeirismos, William, Fred, Stefanny... se bem que, qual família rica enterraria seu ente querido num cemitério da periferia?

BLACK

Aquela que sempre quis distância dele em vida.

FREE

Deve ter sido suicídio. Por isso a enterraram bem longe. A família deve ter morrido junto de tanta vergonha. Ninguém aceita isso, Black, ninguém consegue falar disso. Tenho certeza que a Beth se matou!

BLACK

Deixa de besteira!

FREE

É isso mesmo, tem um monte de gente se matando! E faz é tempo! A Folha não divulga porque as famílias, as que se acham "certinhas", não registram como suicídio, dizem que o familiar fugiu, foi pra outro estado, você sabe, Black, Roraima é um ovo. Eles não têm coragem de mostrar a cara. E não é só indígena que tá se matando, como diziam antigamente... é geral. O povo tá deslocado, Black, com tanta desumanidade.

BLACK

Combinamos de não falar sobre isso, pelo menos não desse jeito.

FREE

Nós não seremos enterradas aqui. Vão nos desovar na BR-174, bem longe da cidade. *(Pausa)*.

FREE

O que acha de abrirmos os trabalhos?

BLACK

Assim é que se fala, flor, vou aumentar o som em homenagem a Beth.

(Black abre o garrafão de vinho. Bebe no gargalo. Entrega-o para Free, que repete o gesto).

FREE

(Acaricia a barriga de Black). Você não devia beber nesse estado.

BLACK

Você tá querendo me enfiar mais correntes? Quer voltar atrás?

FREE

Não, é que... ah! Deixa quieto, eu preciso de paz. Nossa! Como eu gosto desse lugar, sem olhares acusadores.

BLACK

Sem ouvidos espíões, apenas o barulho do vento acariciando as folhas das árvores.

FREE

Teve uma vez, eu era bem pequena, estudava na escola Cantinho do Céu. Um dia, assim do nada, a professora perguntou: "Quando vocês crescerem vão querer ser o quê?". Bando de babaquinhas reproduzindo o discurso dos pais, só clichê. Quando chegou a minha vez, eu era bonitinha, sabe... toda uniformizada, arrumadinha pela mamãe... então a tia, que não ia muito com a minha cara... eu era muito adiantada, Black... ela olhou para o fundo da sala e me perguntou: "Você aí, distraidinha", ela me chamava assim, "O que vai ser quando crescer?". A turma toda olhou na minha direção, foi um silêncio constrangedor. Eu nem pensei duas vezes: "Vou ser coveira, tia". Pânico total. Pense numa turma que não queria me ver nem coberta de chocolate... Veja você, e eu só curtindo com cara deles, já era fora do padrão, Black, sempre me incomodei com essa certeza que as pessoas têm da vida. Eu nunca consegui enxergar muito mais do que o agora.

BLACK

(Gargalha). E você me escondeu essa pérola tanto tempo. Coveira?

FREE

É. Qual o problema? Naquela época eu já queria distância.

BLACK

Eu queria ter visto a cara da professora.

FREE

Isso não foi nada. Tinha que ter visto a cara dos meus pais. Nesse tempo iniciou a minha romaria. Tudo quanto é tipo de especialista. Visitamos a revista toda do plano de saúde. Até rezadeira teve lá em casa, me deram banho de sal grosso e tudo. Eles queriam resolver o meu problema. *(Elas bebem).*

FREE

O meu problema... *(altera a voz)* o meu problema, Black, são eles! Será que não percebem isso? São eles que me tratam com indiferença dentro da minha própria casa, até me evitam. Eles insistem em me tratar como uma bonequinha, acredita que se eu bobear ainda escolhem as minhas roupas? Imaginaram todos os meus planos... o meu futuro, Black, tá na cabeça deles faz tempo. Acho mesmo que antes de eu nascer. Eles deveriam ter comprado um cachorro, ao invés de ter uma filha. Sabe a última vez que meu pai entrou no meu quarto comigo lá dentro? Ele nunca foi capaz de fazer um comentário sobre os meus desenhos. Já até fez um quadro meu de bandeja. É sério! Colocou suas cervejas e seu tira-gosto em cima. Depois sentou no sofá pra assistir ao Vasco levar pedrada no rabo. Ele expressa mais emoção numa final de campeonato do que no dia do meu aniversário. *(Ela se abaixa e continua a fazer o seu desenho. Black bebe um gole. Oferece um cigarro para ela, que não aceita).*

BLACK

Pedrada no rabo... *(Elas se olham e caem na gargalhada).* De onde você tirou essa? É genial! Por isso que teu pai tem aquele bundão imenso e arredondado, se o time leva pedrada no rabo, ele leva também. *(Fala essa frase numa gargalhada).* Aquele bundão é de tanto levar pedrada no rabo. *(Gargalham).*

FREE

Isso mesmo, meu pai é um bundão! *(Mais risadas).*

BLACK

Desculpa, mas eu não resisti. Comigo nunca foi diferente, você sabe, dessas histórias de crianças eu me lembro de uma vez lá na Igreja. Minha mãe, beata até dizer chega, encheu o saco do padre, queria que eu o ajudasse na missa. Queria me ver em cena.

FREE

Olha, nada contra as religiões, acho até que elas são uma invenção necessária, controle da humanidade... assim como as guerras, mas sua mãe sempre levou muito a sério esse negócio.

BLACK

O quê? Seria a glória. Só existiam dois caminhos na cabeça da minha mãe, convento ou cantora Gospel. Era o que ela queria. A filha no altar sagrado. Ou bebendo da fonte. A comunidade toda passaria a me ver com bons olhos. Era tudo que ela queria... num determinado momento, o padreco me pediu pra pegar o vinho lá dentro. E eu fui. Minha mãe me surpreendeu com a boca na botija.

FREE

Tava beijando quem?

BLACK

Que nada, entornei o vinho do padre. Tem coisa melhor do que vinho de padre? São abençoados com o gosto louco do pecado minha amiga. Você pode beber o quanto quiser, já foi perdoada.

FREE

Ela deve ter ficado doida.

BLACK

Ela e o padre, que tomou um prejuízo danado. Levei uma surra de cinto quando cheguei em casa. Minha mãe é descompensada. Ela me batia e rezava o Pai Nosso ao mesmo tempo.

FREE

Culpa!

BLACK

Nada disso. Era encomenda.

FREE

Ainda bem que na época o Todo Poderoso não te aceitou, do contrário não estaríamos aqui...

BLACK

Free! *(Pausa. elas se olham. Black arranca o garrafão de vinho das mãos da amiga. Música: blues. Ela caminha pelo cemitério, bebe o vinho).*

BLACK

Eu queria muito ter realizado o meu sonho. Acho que a maior crueldade da vida é ela te apresentar algo maravilhoso e não te permitir fazer parte dele.

FREE

A maior crueldade da vida é ela te parir sem seu consentimento.

BLACK

Eu nunca mais quero cantar no coral da Igreja.

FREE

Eu nunca mais quero viver com pessoas estranhas na minha casa.

BLACK

Eu nunca mais quero ouvir aquele discurso da minha mãe: "Você será uma cantora Gospel". (*Grita*).
Eu curto Blues! O que custa perguntar o que eu penso? (*Free acaricia a barriga da amiga*).

FREE

Você não devia tá bebendo, menina.

BLACK

Olha o sermão da montanha...

FREE

Você tem certeza de que quer fazer isso mesmo? Eu tô com você pro que der e vier, se a gente tiver que voltar atrás e encarar tudo de novo, juntas, eu tô dentro.

BLACK

Não, Free, eu tenho certeza. Se voltarmos vamos continuar à margem. Seus pais vão te expulsar de casa, vai continuar sendo a esquisita da faculdade e eu vou ser a Judas da família, sem falar dos meus vizinhos, serei sempre o exemplo negativo. Minha criança já vai nascer carimbada ao fracasso só porque não tem um pai. Não aguento mais isso. Você me ajuda?

FREE

Claro, olha, eu vou tá do teu lado sempre. Eu nunca vou faltar com você. Não foi assim que combinamos?

BLACK

Foi. E agora vamos até o fim. Eu aparento ser essa rocha, mas eu sou toda despedaçada por dentro. Tem vezes que me bate uma insegurança também. Eu morro de medo de não ter nada.

FREE

Como se eu não soubesse...

BLACK

É verdade. Tô um pouco nervosa com tudo isso. Deve ser o vinho.

FREE

Então tá na hora de parar.

BLACK

Que nada, tá na hora de mudar o cardápio. Estamos por um fio, não é mesmo?

FREE

É, estamos nessa por um filho.

BLACK

Você trouxe?

FREE

Claro. *(Free apanha um baseado fininho. Tenta acender e não consegue. Tenta novamente, mas deixa cair no chão, em uma poça de vinho. Estraga todo o baseado).*

BLACK

Porra, Free, que vacilo! Tem outro?

FREE

Não. Era o único. Desculpa, eu não sou nenhuma profissional nesse assunto. E nem você. Talvez seja melhor assim, já bebemos demais da conta.

FREE

A primeira e única vez que eu fumei maconha foi no início do ensino médio.

BLACK

Vai começar a nostalgia... que onda, hein, Free?

FREE

Escuta. Tinha um grupo na escola que curtia Ramones. Eles sempre iam pros fundos da escola.

BLACK

Não... parei, são sempre os fundos da escola?

FREE

A verdadeira escola... lugar sossegado. É o que a gente leva da vida. O resto é só matéria. Disciplina pra nos regradar. Olha, era sempre às sextas. Isso. Um dia eu fui atrás daquela turma. Tava acostumada a transitar pelo pátio do recreio completamente invisível, eu sempre pensava que eles nem perceberiam a minha presença na roda. E não perceberam mesmo. Senti logo aquele cheiro forte quando me aproximei. Não deu outra, me encostei no muro e o baseado veio pousar nas minhas mãos.

BLACK

O inevitável...

FREE

Você acredita que eu fumei um monte, quer dizer, nem sei se fumei direito e ainda saí de lá conversando com eles? Mas dentro da escola eles nem me cumprimentavam.

BLACK

É sempre assim. É mais fácil excluir do que se surpreender sem ação.

FREE

Criar, minha amiga, desenhar, grafitar, pichar, isso é que me dá onda, sabe? Eu não troco isso por droga nenhuma. E também foi só dessa vez.

BLACK

Meu irmão fumava em casa...

FREE

Teu irmão é um prego torto...

BLACK

E eu não sei? Meus pais nem conheciam o cheiro, acredita? Levavam tanto tempo esperando Jesus, que nem percebiam ao redor. Meu irmão parecia uma chaminé, a vida toda descontrolada, roubava direto da vizinhança... não saía do Terminal do Caimbé! Mas não, ele era o homem, sabe? Homens não têm defeitos pros pais. E podem tudo. O problema mesmo era eu. Eu que não fumava maconha, estudava de verdade e queria tanto que as coisas fossem tão diferentes todos os dias.

FREE

Eles preferem tentar modificar o que nem precisa ser modificado, ao invés de assumirem que existe algo errado em sua família. É a mesma coisa com o suicídio. Eu sei, ninguém quer tocar no assunto. Foi o que aconteceu com o Oldemar, por exemplo. A família do Old disse que ele morreu de câncer. Aos 17 e morto pelo câncer? Até parece... o cara vendia saúde, lembra? Ninguém nem viu o corpo. O enterro foi sigiloso, nem teve carreatas. Mas a irmã, que eles mandaram lá pro interior de São Paulo, viu tudo. Morreu enforcado dentro do banheiro. Ela me disse antes de ir. Ele não aguentou a pressão e se matou! Tem um bando de jovens se matando aqui no estado, Black e ninguém liga. Será que a morte não é mais o suficiente pra chamar a atenção? Nós vamos ter que fazer o quê, então? *(Free continua a desenhar na lápide. Black abre a carteira e tira uma foto. Joga para o alto).*

BLACK

Minha mãe é dessas que vai lavar o chão da Igreja, entende? Não sabia o quanto o meu irmão aprontava. Eu tava esperta. Ele disfarçava com incensos, mas eu frequentava a Praça Mané Garincha. Já sabia das coisas. Uma vez ouvi meu irmão negociando pelo telefone. Fui atrás dele. En-

trou num estacionamento do supermercado lá perto de casa. Recebeu um pacote de outro cara. Ele voltou pra casa e eu sempre atrás. Entrou na cozinha e guardou o pacote no congelador. Ninguém lá em casa tinha a coragem de mexer nas coisas dele. Assim que ele saiu, eu fui lá. Eu nunca tinha visto tanta quantidade na minha vida. Joguei tudo fora. Quando meu irmão descobriu me enfiou a porrada. Fiquei com o olho roxo um tempão, trancada em casa com vergonha de mostrar a cara. O pior é que meus pais não fizeram nada depois do murro, ele ainda saiu com a razão. E nunca mais tocaram no assunto.

FREE

(Free pensa ouvir alguma coisa no cemitério). O que foi isso?

BLACK

Isso o quê?

FREE

Você não ouviu?

BLACK

Só ouço os silêncios da natureza. *(Ri)*.

FREE

Sério, Black, se liga, se encontram a gente aqui...já era!

(Elas ficam apreensivas. Black olha em volta e não vê nada).

FREE

Eu tenho certeza que ouvi alguma coisa... *(Pausa)*.

BLACK

Eu queria ser uma cantora de Blues. *(Pausa)*.

BLACK

Eu queria ser uma cantora de Blues. *(Pausa)*.

BLACK

Eu queria ser uma cantora de Blues. *(Free cai na gargalhada. Black volta à realidade).*

BLACK

Qual foi? Hã?

FREE

Tu é muito maluca, Black.

BLACK

Por quê?

FREE

Tá repetindo...

BLACK

É o poder da mente, nunca ouviu não? Repete. Insiste. Acaba acontecendo.

FREE

Tipo um mantra?

FREE

(Dá uma golada no vinho). Sabia que eu amo quando você canta Blues? Tua voz, Black, é quente. É real. Canta uma música pra mim.

BLACK

Agora?

FREE

O que é que tem? Só uma. É só isso que temos mesmo. Uma música, uma amiga...

BLACK

Um fim e um início com dignidade. *(Elas bebem mais uns goles. Já estão bem alteradas).*

BLACK

Vou improvisar... *(Ela canta à capela).*

Eu sou uma mulher, oh sim

Eu sou uma mulher

Eu sou uma bola de fogo

Eu sou uma mulher, eu nunca tive o suficiente

(Aplausos e gritos calorosos de Free. Black chora).

BLACK

Eu só queria ser uma cantora de Blues, entende? Eu queria ser igual à divina Koko Taylor... I'm a woman!

FREE

Olha, você arrasou, sabia? Tua voz é potente! Você vai brilhar que nem estrela no céu.

BLACK

Você promete?

FREE

E você tem dúvida, Black? Que se dane a indiferença desse mundo certinho. Nós somos especiais, tá me ouvindo? Não somos daqui, estamos de passagem. Somos muita informação. Presta atenção: você é a maior de todas! (*Black sente dores devido à gravidez*).

BLACK

Ai, ai, ai, ai...

FREE

O que foi? Pera aí... tá sentindo o quê?

BLACK

Acho que ele tá vindo...

FREE

Calma, respira, vai, respira fundo... não devia ter bebido tanto... você precisa tomar um remédio...

BLACK

Vamos logo! A bolsa... ai... ai... eu não sei se tenho mais tempo.

FREE

Vai sim. (*Pega a garrafa de vinho, bebe e mostra para a amiga, que apresenta sinais de melhora*). O combinado foi que nós iríamos embora só quando terminássemos o garrafão. E esse moleque concordou que eu sei, afinal de contas, estamos aqui por causa dele. Deixa que eu mato esse restinho.

BLACK

Ele não merece passar por tudo que passamos... me ajuda ali... (*Free a ajuda*).

FREE

Já tô quase no fim. Faltam só alguns detalhes. *(Volta a pichar o túmulo)*. Eu adoro isso aqui. Adoro o cheiro do spray, o barulho que ele faz quando eu o sacudo, o meu dedo dolorido de tanto apertar. Eu amo o cheiro e a textura das tintas, Black. Comecei a pintar de sprays com 15 anos. Primeiro grafitei todo o meu quarto. Fiz um monte de desenhos irados. Anos mais tarde, quando meu pai começou com a ideia de fazer meus quadros de bandeja passei a pichar os muros lá de casa. Adorava acordar mais cedo, só pra ouvir o coroa todo ciscado. Ele pintava o muro e eu pichava. Era massa. Tinha épocas que ele ficava vigiando, queria pegar o pichador. Ele achava que era homem. Eu sentia o maior prazer de chegar perto e perguntar: "E aí, será que ele vem hoje?". E então meu pai dizia: "Se ele aparecer, eu o mato!". Agressivo, não? Mas eu adorava. Uma vez, cheguei da escola e vi um quadro meu na lata de lixo da rua. Já tava todo manchado de cerveja. Só podia ser um recado, sabe, "segue a tua obra". Apelou, Black. Fui no esconderijo das tintas, peguei dois sprays. Vermelho sangue e amarelo Van Gogh. Tava sozinha. Pichei todo o muro interno da casa. Deseñei um monte de pirocas e buquetas, escrevi uns palavões, fiz de tudo!

BLACK

Um Keith Haring desesperado...

FREE

Tava mais pra Basquiat extremamente motivado... Foi o suficiente pro meu pai quase bater o pino quando descobriu que o pichador era eu. Agora você entende porque eu não posso voltar? *(Faz referência ao desenho, mas Black não o vê)*. Tá vendo aqui? Eles acham que isso é maluquice! Quem são eles pra arriscarem definições de maluquice? Louco é aquele que faz o que o outro é louco pra fazer e não faz? Então eu sou muito louca, sim!

FREE

(Black imita a sua mãe). Você é maluca! Com essa idade, o que vão pensar da nossa família? Você estragou tudo! Quando eu disse que tava grávida, minha mãe sentou a mão na minha cara. *(Free olha para a amiga)*.

FREE

Você não me disse isso.

BLACK

Não queria que você ficasse preocupada. Ela insistia em saber quem era o pai. Repetia que eu precisava casar. Meu pai sempre foi mais sossegado. Não me batia de jeito nenhum. Não sei o que era pior, as surras da minha mãe ou a ausência, mesmo que violenta do meu pai. Foi interrogatório a noite toda. Os vizinhos apareceram lá em casa. Carniceiros, queriam arrancar a minha pele ainda viva, isso sim. Precisavam saber de todos os detalhes. Eu lá, no meio da sala, sentada em uma ca-

deira com aquela plateia à minha frente. Minha mãe era a única que me rodeava. Como um delegado desanimado de fim de carreira, me rodeava e em seguida berrava querendo saber quem era o pai. E na porta de casa, mais vizinhos. Eu me descontrolei com todo aquele cenário policial, corri pra janela e gritei pra todo mundo ouvir: "Eu não sou mais virgem! Eu vou ter um filho solteira! agora voltem pras suas vidas medíocres!" Minha mãe me arrancou pelos cabelos e me colocou de volta na cadeira. Meu pai a chamou no canto e apenas sussurrou em seu ouvido. Ela resistiu, mas ele disse o nome dela uma única vez. Aí o resto da história você já conhece. Eles me tiraram da UFRR, não deixaram mais eu sair na rua sozinha, me proibiram até de usar o celular. Se não fosse você...

FREE

Eu sabia que a barra também tava pesada pro teu lado, mas não imaginava que rolava agressão física.

BLACK

Mas agora já passou. E vai passar muito mais.

FREE

O vinho tá acabando.

BLACK

E o nosso tempo também.

FREE

Consegue vir até aqui? Terminei.

BLACK

Se você me ajudar, sim.

FREE

Vem, deixa eu te segurar.

BLACK

Eu tô zonha.

FREE

Já vai passar. Então, o que acha?

BLACK & FREE - ETERNIDADE

BLACK

Só letras! *(Ri)*. Você me enganou mesmo. Eu pensei que fosse fazer um desenho todo invocado, cheio de detalhes...

FREE

Não precisa muito, não acha?

BLACK

Genial! A gente nunca quis muito mesmo.

FREE

É verdade.

BLACK

Deixa eu encostar nos teus braços?

FREE

Vem... vamos sentar ali. Vou cuidar de vocês.

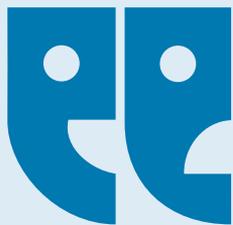
BLACK

(Ela se aconchega). Tá na hora...

FREE

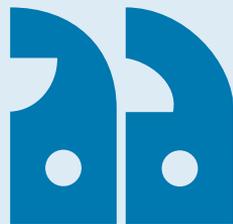
Já passou, Black, já passou...

(Música. Dirigem-se ao túmulo e se ajeitam. Free recebe Black em seus braços. Luz cai em resistência. Elas se olham e a luz fecha nas duas. Choro de recém-nascido).



COLHER DE SAL

Francisco Alves



COLHER DE SAL - 2010

Francisco Alves

Drama vertiginoso em 1 ato

PERSONAGENS

Fulano e Sicrano

CENÁRIO

Cozinha, talheres estão jogados em armários escancarados, no centro uma mesa chama atenção por ter uma das pernas comidas pelo cupim que aos poucos espalha-se... em cima da mesa repousa um succulento pedaço de carne.



FULANO

Foi bastante inteligente sair antes do fim, *(pausa)* a festa estava tediosa.

SICRANO

Eu sei.

FULANO

Está com fome?

SICRANO

Não sei.

FULANO

Trouxe alguns canapés na minha bolsa.

SICRANO

É mesmo? Maneira chique de se denunciar.

FULANO

Todo mundo procura uma diversão esquisita.

SICRANO

(Olhando atento para a carne). Quer transar?

FULANO

Pensei que pudéssemos fumar um cigarro antes de qualquer questão sobre o que não presta...

SICRANO

Cansei de olhar as pessoas comendo as mesmas coisas nos mesmos lugares.

FULANO

Isto parece um elogio, sempre elogia quem você deve?

SICRANO

Gosto de criar parentescos.

FULANO

Mas não somos familiares.

SICRANO

Esqueci completamente que o essencial na vida é um pouco de vermelhidão, *(pausa)* vermelhidão sépia.

FULANO

Detesto nervos grossos na carne.

SICRANO

Passa a faca!

SICRANO

(Hesitante). É estranho, mas não consigo cortar a carne, me falta calma, não consigo pensar no animal, ao invés disso penso no homem.

SICRANO

É besteira! Carne muda de corpo pra corpo.

FULANO

Parece haver uma diferença crucial entre carne vermelha e carne rosada.

SICRANO

Temos uma carne indecisa nesta mesa! *(Pausa)*.

FULANO

Ontem no açougue reconheci a pessoa da minha vida.

SICRANO

Apaixonou-se num açougue?

FULANO

Amor à primeira vista.

SICRANO

E a carne deve estar ressentida com você!

FULANO

Não acredito, carne morta não se magoa facilmente!

SICRANO

Estou decepcionado com você! Combinamos que ao sair do recinto não nos importáramos com os outros. Comer é um ato solitário.

FULANO

Mas o povo insiste em partilhar o caldo ao redor da mesa!

SICRANO

Deixa eles se matarem, não entrega o coração a toa.

FULANO

Você é dramático. É só um pedaço de carne pulsante.

SICRANO

Sinceramente acho que é prematuro cortar a carne em pedacinhos insignificantes para a boca grande!

FULANO

É bom você parar de passar a faca entre os dedos, atrai mal olhado!

SICRANO

A faca é virgem, ainda não tem experiência de corte, mais tarde estarei cansado, enjoo rápido das coisas.

FULANO

Sente falta delas?

SICRANO

De quem? *(Pausa. Há um incomodo entre os dois).*

FULANO

(Lentamente). As moscas!

SICRANO

Banheiro é mais atraente que pedaços de carne sobre mesas...

FULANO

Pequeno sacrifício cotidiano.

SICRANO

É a relação porca de todos conjugados num só.

FULANO

Que tal trocarmos carne por ovos?

SICRANO

Não acho justo.

FULANO

A carne mancha as roupas enquanto que os ovos ficam quentinhos até o cozimento.

SICRANO

Prefiro a carne solta da pele.

FULANO

Foi uma sugestão para tornar o comer mais apetitoso.

SICRANO

É melhor deixar a carne neste estado.

FULANO

Mas desse jeito apodrece carne e tudo!

SICRANO

Tem algum tempero nos bolsos?

FULANO

Só tenho terra nos bolsos, serve?

SICRANO

Não!

FULANO

Acho que essa carne não quer ser comida.

SICRANO

Bobagem.

FULANO

Olha só as nervuras, parecem inquietas.

SICRANO

Nada disso, você está apenas viajando na terceira dimensão da carne.

FULANO

Com o tempo a carne vai murchando!

SICRANO

E o sabor dado se perde em alguma mesa!

FULANO

O problema é a invasão de privacidade da carne.

SICRANO

Pegam a carne como se pega em lanterna, sabonete ou camisinha.

FULANO

Em parte eu concordo com você.

SICRANO

Por quê?

FULANO

Um pouco de brutalidade faz bem a carne.

SICRANO

Só a vejo ficar mal passada.

FULANO

Que tal ouvirmos jazz?

SICRANO

Acho que não combina com a carne.

FULANO

Me deixa agir dessa vez!

SICRANO

Não. Você é muito apegado à carne.

FULANO

Gosto de preservar antes de dar um fim.

SICRANO

Tem paciência, a carne é de animal novo.

FULANO

Esse tipo de carne faz mal, tem muito vigor.

SICRANO

Melhor que carne velha.

FULANO

Ainda quer fumar? *(Pausa)*.

SICRANO

Não. Quero apenas cortar a carne em fatias para um bom bife.

FULANO

Melhor desistir! Estão falando numa Praga da Carne.

SICRANO

Carne branca ou vermelha?

FULANO

Falam mal de uma carne preta.

SICRANO

Desconheço essa cor de carne. Deve ser exótica.

FULANO

Muito... muito exótica, ouvi dizer que num precisa de sal, é só matar, despelar e comer.

SICRANO

Comer sem cozinhar?

FULANO

De qualquer jeito pratica-se a antropofagia.

SICRANO

Até na cidade das carnes ambulantes?

FULANO

Sim, mas é melhor guardarmos a carne pra que ninguém veja como estamos encarnados!

SICRANO

(Incrédulo). Quero saber de onde surgiu essa história.

FULANO

Sei lá, acho que saiu da boca de um Sicrano.

SICRANO

Sicrano? Acho mais fácil ter sido um tal Fulano.

FULANO

Fulano? Não creio que exista gente tão desocupada!

SICRANO

Por que será que andam matando açougueiros? Será uma questão de abuso político?

FULANO

Talvez seja abuso carnal meu amigo!

SICRANO

De repente me veio uma vontade doida de ir embora, procurar um pedaço de carne mais quente, um pedaço de carne que sobreviva ao frio, um pedaço de carne que não envelheça, enfim, procurar outro!

FULANO

Mas eu nunca te chateio, nem mesmo falo quando você chega com a cara mal passada!

SICRANO

Não é você! É a carne que anda me estressando!

FULANO

A minha ou a tua?

SICRANO

A carne dos outros!

FULANO

Ninguém pode escapar dos limites da própria pele. Deixa de preocupação tola!

SICRANO

Quero uma carne nova!

FULANO

Esfola bem esfoladinha a tua carne antes de pensar em reencarnação!!

SICRANO

Meus pés estão no chão! Eu sinto porque a carne sente antes de mim.

FULANO

Você está precisando ler um bom jornal!

SICRANO

Não sinto mais falta de notícias trágicas...

FULANO

Me deixa quieto um instante... Preciso lembrar da época em que adorava chupar pirulito de morango. *(Pausa)*.

SICRANO

Sacanagem, você me deixar fora das tuas (*pausa*) ouve só essa: das tuas elucubrações!

FULANO

Puxa cara essa foi a palavra mais linda que já ouvi!

SICRANO

Já que nenhum de nós tem coragem de devorar a carne, o melhor é inventar palavras que estão zanzando por aí!

FULANO

Amanhã vou procurar um trabalho!

SICRANO

Trabalha comigo, minha carne precisa de ajuda!

FULANO

A carne que está sobre a mesa só tem uma função. Ser comida.

SICRANO

Você esquece que a vida é um ritual, e isso me deixa triste!

FULANO

Confesso que isto me deixa alegre!

SICRANO

Voltando o ritual, onde estão as máscaras?

FULANO

Sei lá! Procura!

SICRANO

Eu não vou me responsabilizar por tua carne!

FULANO

Carne é difícil de fazer, já a máscara em qualquer esquina encontra!

SICRANO

Não é tão simples assim!

FULANO

Claro que é. A máscara e a carne estão no mesmo lugar. Você é que não quer aceitar!

SICRANO

Agora você me deixou confuso. Explica tudo de novo, por favor!

FULANO

É melhor você ir à esquina comprar uma máscara.

SICRANO

Eu já ouvi isso. Quem disse? *(Pausa)*. Acho que foi um Fulano!

FULANO

Fulano? Mais fácil ter sido um Sicrano!

SICRANO

Melhor cortar a carne depressa! Tem alguém vindo! Será o dono da carne ou da máscara?

FULANO

Tem uma parte da carne que não estou conseguindo ver...

SICRANO

É normal, com o passar dos anos o olhar sobre a mesma carne, na mesma mesa, todos os dias dos mesmos anos... *(pausa)* isto deixa o dono da carne com a visão torta...

FULANO

Daí eles metem-se a conversar sobre coisas mirabolantes!

SICRANO

Você está irritante hoje. Está se comportando com um bibelô prestes a ser jogado no lixo.

FULANO

Eu não quero mais falar da carne, vamos falar de campos de morango?

SICRANO

Nos primeiros anos eu adorava ficar no parapeito da janela com a carne em punho, ao fundo lembro muito bem dos Beatles...

FULANO

(Atônito). Strawberry Fields Forever.

SICRANO

Nossa! Você ainda lembra? Eram tantas noites, variávamos sempre os filmes, mesmo com a companhia insidiosa da carne.

FULANO

É meio fado aceitar a carne...

SICRANO

Por ora o melhor é não dar bola pra carne em cima da mesa...

FULANO

Mas o tempo está pesando sobre a carne... Ela pulsa.

SICRANO

Conversa... Ela faz muitas coisas ao mesmo instante.

FULANO

Você está pedindo que eu abandone a carne? *(Pausa, os dois se olham).*

SICRANO

Só acho que você deve aceitar a maneira de ser da carne.

FULANO

Ela vai apodrecer... Tenho certeza.

SICRANO

Alguém vai comer de uma forma ou de outra.

FULANO

É carne! É carne! É carne!

SICRANO

Estou ficando com calor, você nem sabe falar como alguém frio, indiferente à carne, está sempre com essa bafo de intimidade. Não sei se você dura.

FULANO

Alguém me diz a verdade por favor!

SICRANO

Você não está vendo? Tem um líquido saindo da carne.

FULANO

Eu não meti a mão, (*pausa*) muito menos a faca.

SICRANO

Que diabos! Você está tirando o corpo fora mais uma vez.

FULANO

Não é isso. E no mais há uma distância tremenda entre corpo e carne.

SICRANO

Fala a verdade.

FULANO

Tem um líquido saindo da carne.

SICRANO

Eu já ouvi isso. Quem disse? (*Pausa*). Acho que foi um Fulano!

FULANO

Fulano? Mais fácil ter sido um Sicrano!

SICRANO

Vamos dar um tempo da carne, não só da carne, mas de tudo que nos leva a querer comê-la.

FULANO

Mais uma vez essa conversa afiada. Comer? Só isso basta.

SICRANO

A demora vai fazer a carne cair da mesa torta.

FULANO

Então morrerão as famílias!

SICRANO

Namorados comerão as barras tricotadas dos lençóis!

FULANO

A palavra carne vai ser tornar um mito!

SICRANO

E mesa vai passar a servir como livros!

FULANO

Em todas as mesas uma historinha medíocre!

SICRANO

Da carne não será o fim, mas o nada! *(Pausa)*.

FULANO

Pensei que o nada representava o fim...

SICRANO

Olha a nossa volta...

FULANO

Não consigo distinguir a carne da realidade, tem muito pano na jogada.

SICRANO

Queria te abraçar nesse momento.

FULANO

Um abraço junta as carnes, e nesse caso estaríamos nos enganando.

SICRANO

Estranha maneira de amar a carne.

FULANO

Não é só a carne apenas.

SICRANO

Então me fala a verdade!

FULANO

Tem dias que eu perco a voz, fico aqui sozinho, quando a tua carne está ausente, a outra carne satisfaz a minha curiosidade.

SICRANO

Eu já sabia que cedo ou tarde nós nos estranharíamos por conta das nossas carnes... Os dias passaram e eu nem percebi que a carne despenca dos ossos.

FULANO

Fiquemos na carne, ossos são trabalhosos.

SICRANO

Deixa eu ver suas mãos.

FULANO

A carne impressa.

SICRANO

Rápido!

FULANO

Você não vai querer ver as minhas mãos, as marcas impedem que a carne viva plenamente.

SICRANO

Corta essa!

FULANO

Um dia eu quero usar luvas, esconder os cortes.

SICRANO

É a melhor estratégia quando se está de olho em algum pedaço de carne suculento.

FULANO

Foi assim que iniciamos a conversa.

SICRANO

É mesmo? Não lembro. *(Pausa)*. Podia jurar que tínhamos ido a uma festa.

FULANO

Se a carne é podre, o que pode dar sentido?

SICRANO

Por enquanto vamos ver aonde o calor nos leva.

FULANO

Cozinha abafada.

SICRANO

Vida abafada!

FULANO

Ontem perdi uma raspa de pele, talvez a carne me cobre isso mais tarde.

SICRANO

É melhor também colocarmos a pele num baú, pele vale ouro hoje em dia. Sabe aquele porta presente? Então, acho que a pele ficaria bem guardada ali. Vamos ficar apenas na carne.

FULANO

Acho pouco provável que permaneçamos em algo tão instável.

SICRANO

Todos corremos riscos.

FULANO

Além de nós alguém mais tem carne?

SICRANO

Todo mundo tem, é claro que uns mostram com verdade, os outros fingem caminhar sobre a estrada de ouro.

FULANO

O tom poético causa vontade de vomitar.

SICRANO

Por isso estamos somente na carne.

FULANO

Prometo que vou me contentar da próxima vez.

SICRANO

Todos perdemos tempo com alguma espécie de sonho.

FULANO

Eu já tive os meus, e sempre que sonhava a carne estava do meu lado.

SICRANO

Esse calor não passa.

FULANO

Culpa da carne que exala sempre o mesmo odor infame.

SICRANO

A culpa não é da carne, mas da tal da SENSIBILIDADE.

FULANO

O que é isso?

SICRANO

É melhor não pensar, ela vem rastejando, entra pelo nariz, pelo umbigo ou qualquer outra abertura, ali fica... Esperando para o bote.

FULANO

Por isso decretaram leis sobre a carne.

SICRANO

A melhor coisa é ter calma, as leis nunca atingem a carne profundamente.

FULANO

Estou com medo.

SICRANO

Deixa de bobagem...

FULANO

O que faremos com a carne pingando sobre a mesa?

SICRANO

Nada que vá afetar alguém.

FULANO

Você é bom em deixar a carne em repouso.

SICRANO

Ela é nossa, desde os primeiros anos.

FULANO

Campos de Morango.

SICRANO

É uma boa combinação, ainda mais se a carne estiver junto.

FULANO

Tem um som ao redor da carne.

SICRANO

Impressão apenas. Concentre-se. Fique alerta.

FULANO

Eu quero ir embora, ficar longe de qualquer tipo de carne que maltrate.

SICRANO

Bobagem.

FULANO

Em todo lugar a carne espera para tramar.

SICRANO

Nesse caso o mundo é feito de carne.

FULANO

Precisamente. Existem as pedras, os espinhos e por fim a carne.

SICRANO

Basta!

FULANO

Eu te ofendi?

SICRANO

Eu não, a carne talvez.

FULANO

Separar tudo às vezes é tão chato.

SICRANO

É a responsabilidade de todo domador de carnes.

FULANO

Então... Você... Escraviza a carne?

SICRANO

Já cansei de ensinar a maneira correta de fazer as perguntas.

FULANO

Eu realmente estou surpreso.

SICRANO

A carne sobre a mesa é o prêmio.

FULANO

Pensei que estivéssemos no mesmo campo carnal

SICRANO

Você confunde morangos com realidade.

FULANO

Mas eu deixei minha casa!

SICRANO

Para de choramingar!

FULANO

Os meus inimigos!

SICRANO

Bem se vê a necessidade da carne em existir.

FULANO

(Berra). Você me enganou!

SICRANO

É fácil perder o caminho de casa.

FULANO

A questão não é uma casa.

SICRANO

Você precisa encarar a carne de perto.

FULANO

Mas estamos sozinhos.

SICRANO

Por isso mesmo vou te contar a verdade.

FULANO

O calor insiste.

SICRANO

Eu já ouvi isso. Quem disse? *(Pausa)*. Acho que foi um Fulano!

FULANO

Fulano? Mais fácil ter sido um Sicrano!

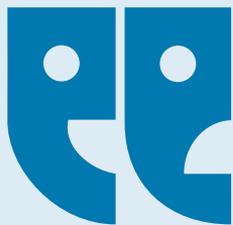
SICRANO

Cansei de esperar! Acho que vou abraçar a carne.

FULANO

Chega perto. Vamos ver!

Fim



CHEGANÇA - O CORDEL DO BEM-QUERER

Zanny Adairalba



CHEGANÇA - O CORDEL DO BEM-QUERER - 2011

Zanny Adairalba

Comédia romântica em 3 atos

PERSONAGENS

Romão

O filho do rei do Maracatu

Cicinha

Adolescente por quem Romão se apaixonou

Constança

Mãe de Cicinha

Januária

Avó de Cicinha

Zidório

Avô de Cicinha

Outras participações:

Menestrel, Maracatu, Procissão e Retirante

TEXTOS

Caatinga do sertão Pernambucano. A maior parte das cenas acontece na sala. A montagem do cenário é feita de forma que se trabalhe dentro e fora da casa. Um varal com roupas, uma cerca, uma pequena porteira. Vegetação seca. Há cenas no quintal e na porteira.



Primeiro Ato

(Música. Mãe e filha conversam na sala enquanto dobram roupas recolhidas do varal. A avó, sentada na cadeira de balanço, costura uma peça de pano).

CICINHA

Sei bem o que procuro não, mainha. Mas, às vezes meu peito bate, não sabe?... Que nem tambor de cirandeiro em dia de São Sebastião: Numa ligeireza doida, que de bater tão rápido assim, me atrapalha os pensamentos. E aí, não consigo entender o que tem por trás disso tudo. Ao mesmo

tempo, procuro... E, ao procurar, mesmo sem saber o que, sinto que um dia essa agonia há de acabar... E quem sabe assim eu, finalmente, descanse.

COSTANÇA

(Distraída). Mas, descansar de quê, Cicinha? *(Agora preocupada)*. O que você tá sentindo, minha filha? Num é melhor se deitar, não? Venha cá, venha. Se sente. *(Sentando a filha na cadeira e abanando)*. Isso só pode ser o calor. Hoje o dia tá é quente.

CICINHA

E eu é que sei, mainha? Se nem sei o que me aflige tanto! Mas é que, bem dentro do meu peito, existe uma certeza tão certa, que nesse momento... *(Levantando angustiada)*. Mesmo tendo tudo, parece que não tenho é nada; mesmo tendo o vento, parece que me falta o ar; mesmo tendo o Sol, parece que meu peito pisou em estrada de frio.

JANUÁRIA

(Embalando-se na cadeira). É, filha. Eu sei bem o que é isso que você está sentindo, visse. Como sei!

CONSTANÇA

(Fazendo careta). Sabe é nada, Januária.

CICINHA

(Animada). Sabe mesmo, voinha? Então me diga, vá! *(Ajoelhando perto da avó)*. Que aflição é essa que se apossou do meu peito e que não me dá sossego? Pelo amor de Deus, vá. Me diga!

JANUÁRIA

(Misteriosa). Sua mãe sabe. Sua mãe bem sabe! *(Filosofando)*. O relógio do tempo nunca se atrasa. Quando chega a hora, as nuvens mudam de cor, ficam avermelhadas... E os fogos dos festejos alumiam o céu por inteiro.

CICINHA

Vixe Maria! *(Levantando. Voltando a dobrar as roupas)*. Agora eu estou é com medo!

JANUÁRIA

É, minha filha... O relógio do tempo já está dizendo que esta é a hora, viu.

CICINHA

Ave, minha vó. Na hora, na hora... Na hora de que? Diga logo, vá!

JANUÁRIA

Na hora de encontrar...

CICINHA

Encontrar?...

ZIDÓRIO

(Chegando da roça, gritando). Constança!

CONSTANÇA

Vixe Maria. Valei-me! Que teu avô chegou foi danado e eu ainda nem terminei de pô a mesa, menina. Vamos, Januária. Vamos que ele gosta de tudo é quentinho!

CICINHA

(Fazendo manhã). Voinha, vá não! Mainha...

CONSTANÇA

Anda, menina. Vai recolher o resto das roupas. E volta logo que já vou colocar o almoço, visse!

CICINHA

(Reclamando). Mainha venha cá... Afe, que agonia! Ninguém me fala nada nessa casa!

(Constança e Januária saem. Cicinha segue para fora da casa, chateada, puxando os fios da bainha da saia. Recolhe as roupas do varal colocando-as em um cesto de palha. Canta).

Hoje quando eu acordei

Senti que a felicidade

Vinha visitar

Disfarcei o olhar sofrido

Me fiz de desinibido

Só para te ver passar

E qual não foi a surpresa

Quando vi pela janela

Esse teu sorriso

Me embalei pelo teu cheiro

E depois de teu olhar

O mundo ficou bonito (...)

(Silêncio).

CICINHA

(Acocorando. Suspirando). E esse peito? Peito aflito que não para de chamar... O que quer, se meus olhos não enxergam nada além? Porque agora esse silêncio teima tanto em me tocar? Ao meu redor nada falta... E ainda assim sinto faltar.

(Olha ao longe. Ouve um som baixinho. O semblante triste é substituído por um ar de curiosidade).

CICINHA

(Baixo). Ôxe! Que é isso?

(Aos poucos o som se aproxima. É o Maracatu. Cicinha levanta. Procura a procedência do som).

CICINHA

(Com ares de riso). Mas... de onde tá vindo isso, meu Deus?

(Como quem brinca de procurar, corre de um lado para o outro. Coça a cabeça como se quisesse ordenar os pensamentos. Faz caras e bocas. Dá saltos pequenos para ver se o som está vindo do outro lado da casa).

CICINHA

(Baixo). Eu acho que estou é endoidando!

(Volta para recolher os lençóis. depara-se com a imagem de romão, morador daquelas redondezas. Um caboclo de lança agitado e galanteador que surge de trás dos lençóis já tomando em suas mãos um molho do cabelo de Cicinha, na intenção de sentir o perfume vindo dos fios).

CICINHA

(Alto). Ôxe! *(Cicinha dá um salto para trás, na tentativa de esquivar-se, enquanto protege o cabelo com o pano que segura nas mãos. Romão demonstra gostar da recusa. Aproxima-se devagar. Olha nos olhos dela tomado por uma mistura de encantamento e desejo. Cicinha está fascinada pelas cores vibrantes da vestimenta de Romão).*

ROMÃO

(Rindo). Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

CICINHA

(Baixo. Timidamente). Louvado seja Seu santo nome! *(Tenta cheirar os cabelos de cicinha, que se afasta. circula ao seu redor. Tenta beijá-la. Cicinha vira o rosto. Romão entoia uma cantiga enquanto dança de um lado para o outro, cercando-a. Ao mesmo tempo em que Cicinha tenta escapar dos movimentos, demonstra apreciar a brincadeira. Romão canta).*

Por que recusas meu beijo
Meu beijo de cantador
Meu beijo de feiticeiro
Que apaga o triste da dor

Meu beijo de estradeiro
Que canta o gosto do amor?
Por que recusas meu beijo
Se outro assim não terás?
Banhado por meu desejo
Felicidades lhe traz
No toque do meu pandeiro
Carrego o gosto da paz

ROMÃO

(Tentando beijá-la e mais uma vez sendo recusado). Me dá um beijo!

CICINHA

Oxente! Dou não!

ROMÃO

(Cercando-a, galanteador). Só um, vá!

CICINHA

(Tentando disfarçar o riso). Dou não!

ROMÃO

(Sorridente). E, se... Eu roubar?

CICINHA

(Fingindo estar chateada). Ôxe! O que você tá pensando, heim?

ROMÃO

(Se aproximando vagorosamente). Tô pensando que você é a flor mais bela que já vi nascer nesse jardim da minha existência. *(Silêncio. Param).*

CICINHA

(Meiga). Mas, quem é você, finalmente?

ROMÃO

Eu? Eu sou Romão, ora!

CICINHA

Romão? *(Dão as mãos numa brincadeira de roda).*

ROMÃO

(Empolgado). Sou sim. Sou o filho do rei!

CICINHA

E o filho do rei é filho de qual rei?

ROMÃO

(Girando. Jogando as mãos para o céu). Do rei do Maracatu! *(Música. Ambos dançam alegremente).*

ROMÃO

(Como que apresentando um espetáculo). Sou cantador de nascença! Herdeiro de cantoria!... Poeta por vocação e diga-se assim de passagem... Uma simpatia só!

CICINHA

(Sorridente. Saltando para o lado). Vixe!... Mas que é mesmo muito metido esse tal filho do rei, não é não?

ROMÃO

E num sou!

CICINHA

Metido ou... Ou feliz por demais!

ROMÃO

(Sério). Sou sim, moça. *(Música. Circulam como em volta de um único eixo).* Também! Deve de ser de nascença, num sabe? Igual nasci cantador. Igual, desde menino, embalado a vida inteira na rede da poesia; *(Virando-se. olhando o horizonte)* que até de ruído de vento faz cantoria pra mode poder semear amor... *(Voltando-se à Cicinha).* Metido sim! Metido e feliz! *(Pausa).* Mas, pelo que vejo agora, fadado a chorar nos braços do desespero... Da angústia... Das noites inteiras sem dormir, sem conseguir pregar os olhos... Prestes a me tornar o homem mais triste desse mundo!

CICINHA

(Comovida). Mas triste?

ROMÃO

(Segurando as mãos de Cicinha). Se... Se depois desse dia, *(baixando a cabeça)* ocorrer *(olhando para Cicinha)* de seus olhos não conseguirem enxergar, nos meus, todo esse amor que acabou de nascer. *(Pausa).* É... É isso sim!

(Um menestrel atravessa o palco). “Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, se não tivesse amor”, seria como o metal que soa ou como o címbalo (bate os pratos que traz à mão) que retine. E ainda que tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, (bate os pratos que traz à mão). “Se não tivesse amor, nada eu seria”. (Música. Aproximam-se lentamente. Beijam-se. Luzes vermelhas. Ouvem fogos de artifício).

CICINHA

(Acariciando a face de Romão). Então é isso. Era disso que voinha estava falando: O relógio do tempo! Ele nunca se atrasa. E quando chega a hora... (Apontando para as nuvens. Romão acompanha com movimentos iguais). As nuvens mudam de cor!... (Apontando para o outro lado do céu. Romão acompanha com movimentos iguais). E os fogos dos festejos alumiam o céu por inteiro... (Olhando para Romão). Foi isso, Romão. O relógio do tempo anunciou tua chegada. (Sorridente). A chegada do bem-querer! (Abraçam-se. São interrompidos pelos gritos de Constança que, de dentro da casa, chama a filha para almoçar).

CONSTANÇA

(Olhando rapidamente, pela janela). Cicinha! (Saindo). Cicinha! Ôh, Cicinha! (Romão e Cicinha encolhem-se se escondendo por trás de um lençol. Levam a cabeça ao joelho cobrindo-a com as mãos).

CONSTANÇA

(Entrando). Mas onde é que essa menina se meteu, minha Virgem Maria? (Ao perceber o silêncio, em movimentos sincronizados, levantam a cabeça. Olham por trás do lençol e suspiram aliviados ao ver que Constança entrou. Olham-se. Percebem o quanto estão próximos. Romão ri. Cicinha se apavora).

CICINHA

(Assustada). Santo Deus, Romão, me solte!

ROMÃO

(Sorrindo). Ôxe! Mas eu num tô lhe segurando.

CICINHA

(Confusa). E é?

ROMÃO

(Ainda sorrindo). E num é!

CICINHA

É verdade. Tá não! (Pausa). Mas a mão tá perto por demais, até!

ROMÃO

Que tá, até tá! Mas... Segurando eu num tô!

(Cicinha pega o cesto de roupas e tenta correr em direção à casa. Romão segura seu braço).

CICINHA

(Enfática). Ôxe! Mas agora você tá me segurando é sim!

ROMÃO

E tô?

CICINHA

Está!

ROMÃO

É!... Estou sim. *(Pensativo).* E... Se pudesse, não lhe soltava era mais, visse!

CICINHA

(Baixo). Eu... Preciso ir.

ROMÃO

Antes... Diga que me aceita!

CICINHA

(Ajitada). O que? *(Tenta soltar-se enquanto divide-se entre as palavras de romão e o medo de ser vista pela mãe).*

ROMÃO

(Como que implorando). Diga que me aceita! Aceita? E que posso vê-la de novo. Posso mesmo?

CICINHA

(Confusa). Eu...

ROMÃO

(Brincalhão). Vai dizer que... Você não gostou *(convencido)* de me conhecer?! *(Música).*

CICINHA

(Iniciando uma caminhada enquanto puxa as roupas estendidas na cerca). Vixe Maria!... Eu já disse que tu nascesses foi metido, num disse?

ROMÃO

(Sorrindo. Acompanhando a moça na retirada das roupas). E num já!

CICINHA

(Faceira). E tu ainda concorda comigo, é?

ROMÃO

E num concordo!

CICINHA

E você não acha que isso é querer muita intimidade não, seu moço?... *(Retirando, das mãos de Romão, a última peça recolhida e jogando no cesto).* Com alguém que acabou de conhecer?

ROMÃO

E não é que não acho!

CICINHA

(Fazendo pouco). Vixe! Mas nem nunca lhe vi antes!

ROMÃO

(Galanteador). Mas você... Você sempre morou nos meus sonhos.

CICINHA

(Rindo). Nem nunca soube seu nome!

ROMÃO

(Enfático). Mas o seu... O seu sempre esteve gravado *(indicando o peito)* aqui.

CICINHA

(Olhando-o apaixonada). Nem nunca... Nunca me faltou vosso sorriso.

ROMÃO

É...

CONSTANÇA

(Gritando de dentro da casa). Cicinha!... Onde é que tu tá, menina? Vem logo, que a comida já está pra lá de fria. *(Cicinha assusta-se com o novo chamado da mãe. Beija Romão rapidamente. corre para casa).*

ROMÃO

(Olhando para os lados, para o chão, para a casa. Concluindo) ... Nem mesmo a mim o teu faltou um dia. Mas agora... (Pausa). Agora parece doer cada passo teu, que nos separa.

(Música. Romão caminha suspirando e recita).

Que canto é esse que chega
Que cala a voz do meu grito
Que encharca o pó de meu peito
Me rouba a paz e o juízo?

Que canto é esse que chega
Cantiga de passarinho
Me abre as asas na espera
De nunca mais ser sozinho?

(Apagam as luzes. Música animada. Luzes acendem. Cicina entra em cena sorridente correndo ao encontro de Romão. Dançam no palco representando os encontros que se repetem por dez dias, sem que a família saiba. Narrativa de menestrel acompanhado de Maracatu).

E depois daquele dia
Dez dias fizeram chegada
E era no sopro do vento
Que a moça entrava na dança

E sonhava em passos largos
Nos braços dele a bailar
E quanto mais dia vinha
Vinha mais amor pra dar

(Bailam apaixonados).

ROMÃO

(Interrompendo o bailado). Cicina...

CICINHA

(Animada). Diga, Romão.

ROMÃO

É que ontem, eu estava assim... Pensando com meus botões, né? E... *(Pausa).*

CICINHA

(Sorrindo. Abraçando). E?...

ROMÃO

E...

CICINHA

(Tentando ajudar). E?... (Gesticulando com as mãos). E...

ROMÃO

E decidi, assim... *(Iguamente gesticulando com as mãos)*. Por via das dúvidas, né?!...

CICINHA

Decidiu?...

ROMÃO

É! Decidi!...

CICINHA

Hum...

ROMÃO

Pedir...

CICINHA

(Nervosa). Ôxe, homem! Tem certeza que você não quer começar esse proseado lá... Do começo, não? Parece um rádio quebrado: E, e, e!

ROMÃO

(Coçando a cabeça). E é?

CICINHA

(Valente). É! Ande, Romão. Fale logo, vá. Que você tá é me abufelando as ideias com esse seu falatório partido!

ROMÃO

(Se contorcendo). Afe, Cicinha! É que ...

CICINHA

(Sentando e colocando as mãos na cabeça). Ôxe, eu desisto, visse!

ROMÃO

Afe! Que assim você me deixa é mais nervoso ainda!

CICINHA

(Cantarolando e olhando para o horizonte). Quem será que está nervoso...

ROMÃO

Tá bom. Vou dizer! *(Pausa).* Eu decidi foi pedir logo consentimento...

CICINHA

(Olhando para cima. Fingindo estar distraída). Hum?

ROMÃO

... Pro vosso avô...

CICINHA

(Agora olhando para o lado. repetindo). Avô...

ROMÃO

(Sorrindo abestalhado). Pra mode nós namorar!

CICINHA

(Levantando-se descontrolada). Ôxe, Romão! Que, que, que...

ROMÃO

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Que foi isso? Você tá bem, minha flor?

CICINHA

Você ficou maluco, foi?

ROMÃO

(Coçando a cabeça). Não sei. E fiquei, foi?

CICINHA

(Brigando). E você acha que, meu avô: mais brabo que jaguatirica em noite de lua... Mais arisco que cavalo do brejo com a pata partida... E mais teimoso que burro de cangaceiro quando empaca...

ROMÃO

(Assustado). Tá cuma muléstia!!

CICINHA

(Colocando as mãos na cintura). Num interrompa!

ROMÃO

(Zombeteiro). Sim Senhora! *(Baixo)*. Valei-me!

CICINHA

(Continuando). Vai deixar *(pegando fôlego)* a única neta dele... A única netinha dele!... Namorar você? Acha?

ROMÃO

(Abanando-a). Minha flor, respire, vá! Sente aqui.

CICINHA

(Sentando). Responda!

ROMÃO

(Intrigado). Ora, mas porque não deixaria?

CICINHA

Ôxe! Só em você *(alto)* pensar!... Em entrar *(apontando)* naquela casa, ele já vai querer comer o seu fígado *(explicando minuciosamente, simulando alguém que fatia carne)* assim... Bem picado. Mas bem picadinho é mesmo... No molho de mandacaru, visse!

ROMÃO

(Assustando. Segurando o corpo na altura do fígado). Ôxe! E ele é brabo desse jeito é?

CICINHA

(Levantando). E num é, homem!

ROMÃO

(Fazendo cicinha sentar). E por que, heim?

CICINHA

(Com a mão no queixo). Sabe que isso, nem eu sei!

ROMÃO

Então! *(Dando um salto)*. Eu sou bonito, não sou?

CICINHA

(Sorrindo). É!

ROMÃO

(Performático). Sou formoso, não sou?

CICINHA

(Tímida). Ah... Isso você é!

ROMÃO

(Girando). Inteligente!... *(Baixo)*. Não sou?

CICINHA

(Sorridente. Cruzando os braços entre as pernas). É sim. Isso é que é mesmo!

ROMÃO

E sou... Sou... Sou. *(Orgulhoso)*. Cantador do povo! Desse meu povo sofrido... Pra quem levo felicidade em dia de tristeza, sol em noites de pesar, vida após o passar da morte... Pra quem levo esperança quando já não se há no que acreditar. *(Ajoelha-se cabisbaixo)*. Nosso povo é tão sofrido, Cicinha. *(Pausa)*. Que mais quero eu ser se não. *(Bate no peito. Levanta de braços abertos)*. Essa matula de esperança!?! *(Grita e gira)*. Sou cantador do povo!

CICINHA

(Levanta sorrindo. Dando pequenos pulos. Aplaudindo). É! E dos bons!

ROMÃO

Então, minha flor? Do que você tem medo?

CICINHA

(Triste). Não sei, Romão. Deve de ser coisa do coração, num sabe? Que nada fala, nada mostra, mas que tudo sente.

ROMÃO

Não há de ser nada!

CICINHA

E esse aperto aqui dentro?... Que me toma o peito batendo como quem diz para deixar tudo como está?

ROMÃO

Mas Cicinha... Não é certo continuar enganando sua família desse jeito não, visse!

CICINHA

Isso é bem verdade, Romão.

(Sentam apoiando o queixo com as mãos. Olham para os lados como que esperando uma resposta chegar).

ROMÃO

(Levantando decidido). Então vamos! Vamos acabar logo com isso e...

CICINHA

(Levantando assustada). Acabar?

ROMÃO

Acabar, mas acabar só com a agonia, minha flor. Calma!

CICINHA

Vixe Maria, que susto! Pensava que você ia era me deixar! *(Abraços).*

ROMÃO

Lhe deixar? Eu nunca que podia fazer uma coisa dessas, Cicinha. Se não... O que restaria de mim, sem seu sorriso? Que cantador seria eu, Romão, sem o perfume de seus cabelos? Que poemas nasceriam de meus sonhos, se nem sonhar me seria permitido, por tua ausência?! Não. Deixar você? Não! *(Esperançoso).* Vamos lá agora mesmo, falar com seu avô. Vai dar tudo certo. Você vai ver!

CICINHA

Tem certeza?

ROMÃO

Isso que você sente, é só medo!

CICINHA

É só medo sim. Mas se é medo, então é somente medo de te perder, Romão! *(Pausa).* E ontem... Que nem nunca lhe vi antes.

ROMÃO

Mas você... Sempre morou nos meus sonhos!

CICINHA

(Caminhando de mãos dadas). Nem nunca soube seu nome.

ROMÃO

Mas o seu?... Estava era gravado em mim. Já não disse!

CICINHA

E ontem... Que nunca me faltou teu riso.

ROMÃO

Ontem?... *(Olhando-a intensamente)*. Nem mesmo a mim, o teu faltou um dia.

CICINHA

E agora... Meu peito não para de chamar teu nome, meus dias não vivem mais sem o teu sorriso, e meus olhos... Já não podem enxergar a vida senão por teu olhar.

ROMÃO

(Apaixonado). Também eu, não sei mais *(abraçando)* viver sem você, minha flor.

(Luzes apagando lentamente. Batidas de tambores de Maracatu. Passa o menestrel tocando uma rabeca e declamando).

Cisme de plantar alegria
Numa terra de tristeza
Joguei semente de flores
Arrumei foi toda a mesa
Fiz de tudo um bocadinho
Pus perfume no caminho
Só pra ser rei da beleza

Fiz um barraco de amores
Pra mode nós namorar
Pra mode ficar juntinho
Só vendo o tempo passar
Ali num faltou foi nada
Tinha chamego de graça
Uma viola e o luar

SEGUNDO ATO

(Luzes apagadas).

ZIDÓRIO

(Aos gritos). Mas... Que atrevimento é esse?

(Luzes acendem. Na sala estão: Zidório, Constança, Januária e Romão).

ROMÃO

(Explicando-se). Não é atrevimento não, seu Zidório.

ZIDÓRIO

(À Januária). Siçunum é atrevimento, então é o que, mulher? *(A Romão).* Me diga!

ROMÃO

(Meio desconcertado). Não é atrevimento mesmo não, seu Zidório. Eu sequer lhe conheço direito, mas pelo senhor já tenho o maior respeito. Nem se preocupe!... É que eu necessitava mesmo falar... *(Temeroso).* Disso com o senhor, num sabe?!

ZIDÓRIO

(Interrompendo bruscamente). Olha aí, Constança! Olha aí! *(Apontando o dedo para Romão repetidas vezes).* Só em tu querer falar comigo, seu cabra, tu já tá é errado!

CONSTANÇA

Calma, meu velho! Onde já se viu... Tratar o moço dessa maneira, sem ao menos conhecer o coitado! Sem ao menos ouvir o que ele tem a dizer!...

ZIDÓRIO

(À Constança). Pois eu, euzinho aqui, não tenho é nada... Nadica de nada para tratar cum esse sujeitinho, visse! *(A Romão).* Cum sujeitinho de vossa catigoria, visse?!

ROMÃO

Ôxente! Mas o senhor nem me conhece!

ZIDÓRIO

Por isso mesmo!

JANUÁRIA

(Brava). Zidório!

ZIDÓRIO

(Dando as costas). Também nem faço questão de conhecer, num sabe?! Nem tu nem ninguém. *(Baixo)*. Pra mim, já basta os que Deus cismou de jogar preças bandas. *(Resmungando)*. Que de tantos, nem os nomes consigo decorar!

JANUÁRIA

Homem, deixe o moço terminar de falar!

CONSTANÇA

Não é melhor chamar Cicina?

ROMÃO

É sim!

ZIDÓRIO

(Bravo). É não!... *(Ameaçando)*. Deixe minha neta lá!

JANUÁRIA

Mas sim! Por Deus! Deixem o moço falar!

CONSTANÇA

É mesmo, seu Zidório, deixe ele continuar, vá!

ZIDÓRIO

(Tentando intimidar. Apontando o dedo a Romão). Você tem direito a três palavras!

ROMÃO

(Gaguejando). É que, que, que...

ZIDÓRIO

(Zombeteiro, grita para o alto). Pronto! Prontinho! *(À Constança)*. ele já falou foi quatro! *(Senta-se)*. E eu não entendi foi nadinha! *(Mexendo nos pés)*. Mas também... Num ia concordar é com nada mesmo! *(Levanta)*. Pode ir, então. Pode ir! Vá, vá, vá!

JANUÁRIA

(Ordenando). Zidório... Deixe o moço falar!

ROMÃO

(Alto e claro. Gesticulando com as mãos). Como eu já disse antes! Como eu estava *(enfático)* tentando dizer... *(Agora mais calmo)*. Eu e Cicinha... A única coisa que nós queremos, eu repito *(pausa)* é seu consentimento para... Para a gente namorar! *(Suspirando)*. É só isso! *(Harmônico)*. Só isso, seu Zidório! *(Silêncio. Olhares de expectativa. Zidório se joga no sofá. Simula um ataque cardíaco. As mulheres correm para socorrer: Uma abana com um lenço, outra traz um copo com água).*

ZIDÓRIO

(Empurrando as mulheres). Mas como é que tu se atreve, heim?! E eu que pensava ter ouvido errado... Mas não. Ouvi não! Tu dissesse foi isso mesmo, foi não?!

ROMÃO

(Se esquivando). Calma, seu Zidório. Calma!

ZIDÓRIO

(Ameaçando compassadamente). Como é que tu se atreve a entrar na minha casa pra pedir a mão de Cicinha em namoro?

ROMÃO

(Encorajado). Isso não é atrevimento não, seu Zidório. Já lhe disse, homem. É justamente o contrário! Se fiz isso, foi por respeito... Ao senhor e a sua família!

ZIDÓRIO

(Zombeteiro). E isso é respeito, é?

ROMÃO

Mas, seu Zidório...

ZIDÓRIO

Num tem mais nem meio mais, seu cabra! Sabe quando minha netinha vai namorar um arco-íris purpurinado que nem tu?... Nunquinha, visse! Nunquinha. *(Bufando)*. Onde é que já se viu uma coisa dessas?

ROMÃO

Mas, seu Zidório...

CONSTANÇA

Seu Zidório...

ROMÃO

Eu amo Cicinha! (*Silêncio*).

ZIDÓRIO

(*Tomando fôlego*). Que, que, que... Que diacho de amor?... Amor lá nasce aqui por essas terras? Terra regada a pó de barro seco? E ainda se nascesse... Amor lá enche barriga de ninguém?

JANUÁRIA

(*Reprendendo*). Zidório!...

ZIDÓRIO

E ainda que existisse, o amor, por essas terras... Tu lá ia saber o que é isso, seu frangote? (*Zombando*). Nem tirou o mijo das calças ainda... (*Sorri*).

ROMÃO

(*Encorajado*). É verdade que sou ainda muito moço, seu Zidório. E que Cicinha também é ainda quase uma menina. Até brinca de boneca, que eu mesmo já vi! Mas é que o amor... O amor não tem idade certa para nascer, não. Não enxerga o tempo, não conhece o medo; a não ser o de perder!...

CONSTANÇA

(*Suspirando*). É verdade!

ROMÃO

O amor é livre! É livre que nem cavalo solto no sertão... Não tem rédea, não tem sela... Não tem ninguém que o domine porque quem o governa é a própria liberdade!

JANUÁRIA

É mais pura verdade, meu filho!

ROMÃO

O amor... (*caminhando*) se espera que chegue... E quando chega, é como cantiga que faz a gente dançar! Faz a gente sorrir à toa, num sabe? (*Pausa*). É que, aqui, (*apontando*) bem dentro do peito, nasce uma certeza... Uma certeza tão certa que, mesmo não se tendo nada, agora já se tem é tudo; mesmo que o vento não sopra, o ar lhe preenche a vida... E mesmo que faça frio, o peito descansa tranquilamente na simples lembrança do calor de um abraço.

JANUÁRIA

(*Exagerando. Enxugando as lágrimas*). Que lindo!

ROMÃO

É! É assim que é o amor!

CONSTANÇA

É como nas escrituras, seu Zidório: “O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso... O amor não se vangloria, não se ensoberbece, não se porta inconvenientemente...”

JANUÁRIA

(Reforçando). É. É verdade! “O amor não busca o seu próprio interesse, não se irrita, não suspeita mal; não se regozija com a injustiça...”

CONSTANÇA

“Só se regozija é com a verdade!”

CICINHA

(Saindo de trás da cortina). “Tudo sofre, tudo crê, tudo espera... Tudo suporta!” É bem verdade voinho! Tudo espera! E eu... Eu também amo Romão!

ZIDÓRIO

(Bufando de raiva). Do que você tá falando, menina. E quem foi que te chamou aqui, heim?

CICINHA

Ninguém me chamou não, meu vô. Eu é que estava ouvindo tudo ali, escondidinha. Pois e não é de minha vida que todos estão falando?... Também eu devia estar presente.

ZIDÓRIO

(Abismado). Viu isso, Constança? Você viu isso, Januária? *(Performático)*. A culpa é de vocês duas que ficam aí tricotando o dia todo. O dia todo falando mal da vida alheia e não dão educação a essa menina!

CICINHA

Eu só saí para dizer, voinho, que eu quero é me casar *(apontando)* com ele! Com Romão!

TODOS

Casar?

ZIDÓRIO

(Irritado). Casar?

ROMÃO

(Assustado). Casar? *(Coçando a cabeça)*. E é? *(A Cicinha)*. Ôxe! Eu pensava que nós...

CICINHA

(Interrompendo bruscamente). É isso mesmo, meu vô. Eu quero me casar com Romão!

ROMÃO

(Feliz. Pegando fôlego). É isso mesmo, é! É... Isso sim! *(Batendo palmas)*. Pronto! Casar! É isso!
(Cicinha e Romão tentam se abraçar. Zidório puxa a neta pelo braço).

ZIDÓRIO

Vá já para o quarto, menina! E não me venha mais aqui sem ser chamada!

CICINHA

(Choramingando). Voinho!...

ZIDÓRIO

(Ordenando). Agora!

CICINHA

Mainha...

CONSTANÇA

(Levando-a pela mão). Venha minha filha. Vamos. *(Cicinha e Constança saem)*.

ZIDÓRIO

(Na direção de Romão). Então... O senhor entra em minha casa... Com esse seu bico chêi de um palavreado bonito... E acha que vai me tirar lágrima dos olhos, é?

ROMÃO

(Recuando conforme o avançar de Zidório). Calma, seu Zidório! Nós somos pessoas boas, de paz!

ZIDÓRIO

Tu acha mesmo que por conta desse nhenhênhém... Desse fru fru fru todo de amor... Tu vai me tirar minha jóinha preciosa, é? *(Dramático. Apoiando-se no sofá)*. Minha única neta! Minha única filha *(Olhando para o céu)*. meu Deus! A filha que eu não tive!... *(A Romão com raiva)*. Tu acha?

ROMÃO

Seu Zidório... Pois o senhor não tá perdendo é nada! Com o tempo verá que ... Fez foi ganhar... Ganhar um filho!

ZIDÓRIO

Mas tu tá me saindo mesmo é um cabrinha muito do esperto, não é não? Muito do metido!

JANUÁRIA

Zidório, homem. Será que você não consegue enxergar que o rapaz está sendo é sincero?

ZIDÓRIO

(Cômico). Não, Januária! *(Tampando a vista com as mãos)*. Eu não consigo enxergar mais nada! *(Dramático)*. Eu acho que... Que... Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Eu fiquei foi cego, minha gente! *(Encenando)*. Foram os espelhos da roupa desse pinguim de carnaval que me cegaram!... Por favor, tirem ele daqui. Vamos, tirem!

JANUÁRIA

Deixe de ser ridículo, home, que você já tá é velho por demais pra ficar inventando história!

ROMÃO

(Baixo). Ave Maria! Dá-me sabedoria, Senhor. Toda que há no céu!

ZIDÓRIO

E tu acha mesmo que Ele vai dar? *(Fazendo pouco)*. Tu se acha assim, um cabrinha muito do seu importante, né não? *(Baixo)*. Seu bexiguento!

ROMÃO

(Descontrolado). Vixe Maria, homem de Deus, importante ou não importante, o que isso vale diante do fato de que eu e Cicina nos amamos?

ZIDÓRIO

(Bravo). Ah, e num importa não, é?

ROMÃO

E importa?

ZIDÓRIO

Mas... *(Pausadamente)*. Se é justamente isso que importa, criatura! *(Constança volta à cena)*.

TODOS

Ôxe!

ZIDÓRIO

Não me levem a mal não, mas... Minha netinha vai se casar é com um doutor, visse! Daqueles lá da capitá!

TODOS

Ôxe!

ZIDÓRIO

Eu explico! Eu explico! Um doutor assim, *(saboreando cada palavra)* daqueles que se veste é de palitó. Todim de branco. Até as cuecas!

ROMÃO

(Falando com os botões). Ôxe! Isso pra mim é pai de santo!

ZIDÓRIO

Ou então... Com um daqueles *(a todas)*. Também da capitá!... Que se veste é todim de preto! Eita, que belezura!

ROMÃO

(Rindo). Eu, heim, seu Zidório... Isso aí é coveiro, isso sim!

ZIDÓRIO

Isso não é coveiro não, seu enfeite de balcão de botequim! Óa pra isso!... *(Zombando)*. Todu coloridu!... Eu tô falando é do doutor que bate o martelo, seu disinfeliz!

ROMÃO

(Suspirando). Ah, sim. O juiz, claro! *(Pausa)*. Opa! E porque comigo não pode?

ZIDÓRIO

E tu lá é doutor, por acaso? É?

ROMÃO

Sou não!

ZIDÓRIO

E num é mermo não?

ROMÃO

Sou não.

ZIDÓRIO

(Zombeteiro). E não é por isso, então, rapaz! *(Caminhando pela sala)*. E eu lá quero minha neta metida com uma bacia de purpurina que nem você? *(À Constança)*. Parece mais aqueles enfeites de cabo de bicicleta.

ROMÃO

Ôxe, seu Zidório. Tá galhofando de mim? Eu sou é um caboclo de lança, visse! E com muito orgulho de ser! Isso aqui, óa... *(Batendo no peito)*. É cultura popular! É cultura que corre nas veias do nosso povo. *(Reclamando)*. Agora eu vi! O senhor não devia negar suas origens não, viu?!

ZIDÓRIO

(Fazendo pouco). Tô negando nada não. Mas... Esse negócio de cultura popular... Enche barriga, enche?

ROMÃO

Vixe Maria, que isso chega a ser blasfêmia! Não só enche barriga como também a alma, se o senhor quer tanto saber.

ZIDÓRIO

E dá dinheiro, dá?

ROMÃO

Afé! O senhor... Só pensa nisso?... *(Visivelmente incomodado)*. Dá sim! Dá dinheiro e dá prestígio também! *(Pausa. Música)*. Melhor que isso... *(Animando-se)*. Como uma magia... É capaz de tornar uma pessoa... Qualquer uma... Imortal! *(Performático)*. A arte! O amor pela arte! As histórias repassadas de pai para filho, para neto e bisneto... De geração a geração... Como se fosse assim, uma carta viva, capaz de transformar o presente e o futuro através da beleza do passado.

JANUÁRIA

Dá dinheiro sim, homem!

ZIDÓRIO

(À Constança). Desde quando, heim?

CONSTANÇA

Dá sim, seu Zidório. Dá prestígio também, como ele disse.

JANUÁRIA

(Empolgada). É mesmo! Se o problema for esse então tá tudo resolvido. Num vê Antonio Nóbrega!

CONSTANÇA

E Santanna, o cantador, minha gente! Que é amado nesse Brasil todinho!

ROMÃO

É, seu Zidório! E Luiz Gonzaga, então?!

ZIDÓRIO

(Advertindo). Num falei com o senhor!

ROMÃO

(Intimidado). Vixe Maria! Agora deu!

CONSTANÇA

Vixe!... Tem tanto nome, que se eu começar num termino é mais, visse! Poetas, escritores, atores por demais até! *(Suspirando. Abanando-se)*. Afe!

JANUÁRIA

Patativa do Assaré!

CONSTANÇA

Ariano Suassuna! *(Sorridente)*. É sim... Dá respeito é por demais. E... De vez enquanto dá é muito dinheiro, visse!

ZIDÓRIO

(À Constança, fazendo careta). E Cicina?

TODOS

O que é que tem Cicina?

ZIDÓRIO

Minha neta vai comer só de vez em quando, também, é?

JANUÁRIA

(Irritada). Mas, Zidório. Será que você só pensa em dinheiro, homem de Deus?

ZIDÓRIO

Mas... E tem outra coisa que garanta o sustento de minha neta?

CONSTANÇA

E a felicidade de Cicinha? Isso não conta? *(Silêncio)*.

ZIDÓRIO

(Estranhamente paciente). Mas se é justamente nisso que estou pensando, mulher!

ROMÃO

Mas, seu Zidório... O dinheiro pode até trazer conforto e segurança, mas felicidade, felicidade mesmo... Quem garante que ele vá trazer?

ZIDÓRIO

Eu garanto, seu menino! Eu garanto! E você, você é mesmo um sujeito muito rápido no pensamento. O senhor só não conseguiu, até agora, foi me dizer quem é. *(Pausa)*. Então aproveite a intromissão que já fez e me diga... Quem é o senhor mesmo?

ROMÃO

(Animando-se). Pois sim, mas ora... E eu não sou é Romão!

ZIDÓRIO

(Galhofando). Que Romão, homem? E eu lá conheço nenhum Romão?

ROMÃO

Ôxe! E eu não sou é o filho do rei, seu Zidório?!

ZIDÓRIO

(Coçando a cabeça e pegando no queixo). Romão... O filho do rei...

ROMÃO

(Sorridente). Sim!

ZIDÓRIO

E o filho do rei é filho de qual rei, mesmo?

ROMÃO

Como de qual rei? *(Orgulhoso)*. Do Rei do Maracatu! Da cultura popular! *(Tambores tocam)*.

ZIDÓRIO

(Baixo). Tá explicado, então... A jaguatirica colorida!

ROMÃO

Óa... Zombe não, visse! Zombe não que cultura popular aqui pressas terras só fica abaixo de Deus e Nosso Senhor Jesus Cristo! É coisa sagrada, o senhor sabe disso!

ZIDÓRIO

(Ainda gargalhando). Não estou zombando não, seu moleque!

ROMÃO

E, óa... Eu também não sou moleque não, ouviu. *(Falando aos céus)*. Mas gosta dum xingamento, esse homem. Credo!

ZIDÓRIO

Quer dizer que tu é o filho do Rei do maracatu?

ROMÃO

É! Sou!

ZIDÓRIO

E é?

ROMÃO

Sou sim!

ZIDÓRIO

É mesmo?

ROMÃO

(Irritado). E num já disse que sou?!

ZIDÓRIO

(À Januária). E eu não disse, mulher! *(A Romão)*. Então tu é assim tão nada, que de tão nada que é, só conseguiu ser *(alto)* filho *(sarcástico)* do rei?

CONSTANÇA

Meu Deus! Não fale assim com o menino, seu Zidório! *(Acolhendo Romão nos braços)*. Isso é até pecado!

JANUÁRIA

Para quê fazer o coitado passar por isso? Você não tem coração, homem?

CICINHA

(Voltando à cena). Desculpe, meu vô, mas voinha tá é certa! Já não basta toda a humilhação que o senhor fez Romão passar? Porque tudo isso? Só porque ele não é um doutor? *(Pausa).* E me perdoe de novo se minhas palavras não lhe agradam, mas... É assim que o senhor mede o valor das pessoas? Pelo título que elas carregam? *(Silêncio. Feições de indignação).*

ROMÃO

(À Cicinha). E eu não já disse a ele que sou um caboclo de lança?! *(A Zidório).* Ôxe, parece que isso é pouco! *(Pausa).* É?

TODOS

(A Zidório). É?

ROMÃO

Seu Zidório, escute... Sei que o senhor é homem da lida, homem certo... E conhece cada pedaço dessas terras. Pois saiba que eu, já andei foi por toda ela levando é felicidade pra nossa gente... Nossa gente sofrida! Que mais quero eu seu ser se não esse servo do povo?! Me diga!

ZIDÓRIO

(Firme). Mas isso... Isso *(à Cicinha)* num garante é nada pra minha neta. *(Birrento).* E homem, quando perguntei quem tu era, tu me respondeu foi tudo, menos o que eu queria ouvir. Num quero saber de quem tu é filho não! É teu pai que quer casar com Cicinha? É?

ROMÃO

(Animando-se). Ah... Mas se é assim, tá tudo resolvido, ora.

ZIDÓRIO

E tá?

ROMÃO

Tá!

ZIDÓRIO

Tá mermu?

ROMÃO

E num é que tá!

ZIDÓRIO

(Fazendo careta). E porque? (*Bravo*). Posso saber?

ROMÃO

(*Performático*). Porque eu sou é cantador de nascença!

CICINHA

(*Sorridente*). É sim!

ZIDÓRIO

(*Resmungando*). Grande coisa.

ROMÃO

Herdeiro de cantoria...

ZIDÓRIO

(*À Januária*). Isso não me apetece (*unindo os dedos*) nem um poquitinho assim, ó!

ROMÃO

(*Nervoso*). Mas sou poeta por vocação!

CICINHA

(*Empolgada*). E dos bons, voinho!

ZIDÓRIO

(*À Cicinha*). Ôxe! E Tu ganha é o que, com isso? (*A Romão*). Ela ganha o que? O povo, é?

CICINHA

Voinho! Deixe de ser cabeça dura, vá!

ZIDÓRIO

(*À Cicinha*). E você fique quieta! (*Apontando o dedo*). Tá muito afoitinha pro meu gosto, num visse! (*A Januária e Constança*). A culpa é de vocês! Eu já falei e repito!

CICINHA

Como é que eu vou ficar quieta, meu vô? Diante da injustiça que o senhor está cometendo com nós dois? Como é que o senhor pode dar mais valor ao dinheiro... Do que a esse sentimento verdadeiro que só nos fez foi feliz?!

ZIDÓRIO

Ôxe. Mas o que é isso, menina?

CICINHA

O senhor pode até achar que esse tal de doutor aí é mais importante que qualquer um de nós. Porque para o senhor, o que vale é o dinheiro que ele tem escondido no colchão.

JANUÁRIA

E nós?... Que dormimos é na rede! Nem se tivesse dinheiro ia dar pra esconder!

CICINHA

Mas... Cada um tem seu valor, né não?

ZIDÓRIO

(À *Cicinha*). Ôxe! Quer apanhar, é? Vá já para seu quarto, Dona Cicinha Nogueira Cavalcante Duarte Medeiros Silveira de Alencar ... (*Pegando fôlego*) e Silva!

ROMÃO

(*Baixo*). Diacho!

CICINHA

(*Escondendo-se atrás da mãe*). Num quero!

ZIDÓRIO

(*Bravo*). Ande, menina. Tô mandando!

CICINHA

Vou não, voinho. Vou não!

ZIDÓRIO

Ôxe! Indoidô, foi?

CICINHA

Foi não!

ZIDÓRIO

Então se aquiete num canto, antes que eu lhe desça a sandalhada!

JANUÁRIA

Se acalme, homem!

ZIDÓRIO

(Retirando o calçado). E já vou logo avisando... É de couro legítimo, visse! Vai doer que só a peste!

CICINHA

Me desculpe, meu vô. Mas não posso não!

ZIDÓRIO

(Surpreso). Eita diacho! *(Lamentando)*. Endoideceu de vez, a bichinha! Ê, ê!

CONSTANÇA

Deixe ela falar, seu Zidório! E não é por conta dela toda essa confusão?!

CICINHA

(Caminhando lentamente. Puxando o avô pelas mãos). Posso? *(Caminham pela sala. Os demais acompanham)*. O senhor me desculpe, voinho, mas até outro dia... Eu não sabia mesmo o que procurava, num sabe?! ...

ZIDÓRIO

(Atento). Continue, continue!

CICINHA

Mas meu peito batia, assim, que nem tambor de cirandeiro em dia de São Sebastião: numa ligeireza doida, que de bater tão rápido me atrapalhava era os pensamentos.

TODOS

(Atento. Fazendo cara de espanto). E era?

CICINHA

É! Era!...

ZIDÓRIO

Continue, continue!

CICINHA

E aí, eu não conseguia entender era nada!

ZIDÓRIO

Nadica de nada?

TODOS

Nem um poquitinho?

CICINHA

Nada mesmo!... *(Pausa)*. Mas ao mesmo tempo, eu sabia que procurava... E procurando... E procurando... Mesmo sem saber o que... Sentia que um dia ia encontrar!

TODOS

(Admirados). Hum...

CICINHA

E agora eu encontrei!

JANUÁRIA

Encontrou?

CICINA

(À Januária). E foi nos olhos de Romão! *(Pausa)*. Então *(a Zidório)* me diga mesmo, o senhor, que de nós tudinho, por vivência e ajuntamento de palavras que colheu pela vida, é o mais sábio... Se isso não é amor...Então é o que?

JANUÁRIA

(Empurrando). Vamos, Zidório! Responda, vá! *(Silêncio e expectativa)*.

CONSTANÇA

(Angustuada). Seu Zidório, diga alguma coisa pelo amor de Deus, homem! *(Começa uma gritaria)*.

ZIDÓRIO

Nunca!

CICINHA

(Desesperada). Voinho... Por que isso?

ZIDÓRIO

(Feito barata tonta, de um lado para o outro). Nunca que eu vou deixar a minha netinha... *(À Januária).* A nossa netinha! Do nosso coraçãozinho... *(Dramático).* Se engrosgonhar com esse afilhado de gambá colorido!

ROMÃO

Seu Zidório... O sinhô tá me ofendendo!

CICINHA

(Chorando). Romão!

ROMÃO

(Tentando alcançá-la). Acalme-se!

(Zidório segura o braço de Romão e o arrasta até a porta enquanto constança segura a filha).

JANUÁRIA

Zidório, meu véi... Pense bem, home! Eles são tão moços, tão cheios de esperança, ainda! Faça isso não, vá!

CICINHA

(Aos gritos). Voinho... Porque tem que ser assim?

ZIDÓRIO

(Abrindo a porta). Minha netinha, num se preocupe com isso não! *(Olhando-a enquanto empurra Romão).* Vovô compra uma bonequinha nova pra você, visse!

CICINHA

Mainha... Faça alguma coisa, faça!

ZIDÓRIO

(Gritando e fechando porta). Tranquem todas as portas e janelas da casa!... A partir de hoje, Cicinha não sai mais dessa casa é com nojo!

CICINHA

(Chorando). Voinho!... Mainha!...

JANUÁRIA

(Acalentando). Fique assim não, minha neta. Fique assim não.

CONSTANÇA

(Baixo). É, minha filha, tenha um pouco de calma. Deixe seu avô pensar um pouco em tudo isso. Quando ele estiver sozinho vai ver a besteira que fez!

CICINHA

Vai não, mainha. Vai não!

ZIDÓRIO

(Alheio a conversa das mulheres). E o senhor... *(Olhando pela janela)*. Me faça o favor de não voltar mais aqui... Seu, seu, seu... Sobrinho de macaco prego com girino de açude lamacento! *(Fecha a janela)*.
(Cicinha joga-se na porta. Constança, Januária e Zidório saem. Romão, pelo lado de fora apóia-se na porta).

CICINHA

(Chorando). Romão! *(Apagam as luzes. Permanece luz em Romão)*.

ROMÃO

(Baixo). E era você que estava certa, minha flor? *(Desolado, senta)*.
(Apaga a última luz).

TERCEIRO ATO

(Uma retirante cruza o palco, cantarolando).

A flor

Minha flor do mato

É a flor do meu grande amor

Quem viu

Minha flor do mato?

Quem cheirou

O perfume da flor? (...)

(Passa por Romão. quase toca suas mãos, solidária ao sofrimento. Romão ergue a cabeça esticando-se para ser amparado, mas volta-se para o outro lado do palco, de onde vem o Maracatu. De longe, a retirante joga-lhe uma semente. Romão apara com as duas mãos).

ROMÃO

(À Retirante). Senhora!...

RETIRANTE

É uma semente de vida!

ROMÃO

(Olhando a semente mais atentamente). E o que faço *(à Retirante)* com ela?

RETIRANTE

(Virando-se a Romão). Você decide... *(seguindo)* o que plantar!

(Romão olha para o Maracatu que se aproxima cantando e batucando).

(..) Era tão linda

A flor do meu grande amor

A flor do mato

Era tão cheia de vida a minha flor

A flor do mato

Quem viu

Minha flor do mato?

Quem cheirou o perfume da flor?

(Levanta, sorri, rodopia. joga a semente no chão enquanto dança. Sai o maracatu. Romão ainda dançando e como se despedindo dos demais, aos poucos volta a atenção para o local onde plantou a semente. Abaixa-se, retira um cantil da cintura. Rega o local. levanta-se aos poucos como que acompanhando o crescimento da planta).

ROMÃO

(Sorridente). E não é que nasceu foi esperança, meu povo! *(Ao público).* Mais! Olha que beleza!... E nasceu foi crença... Foi força... E nasceu foi vontade de lutar!... *(Entusiasmado).* Mas... Se isso não é a cara de meu povo, meu Deus! *(Rodopia e declama).*

Eu rasgo as dores do mundo

Eu visto as cores do dia

Coloco beijo em varal

Açúcar em sal de agonia

Eu planto as flores do bem

Retiro o barro da testa

Eu rego riso em quintal

Invento sortes e festas

E assim, nessa chuva de andanças
Eu vou semeando amizade
Pintando em folha de jornal
Meus passos de amor e saudade

(Passam dias e noites. Luz, escuridão. Romão não desiste. em cenas rápidas, tenta falar com Januária, que estende roupas. ela sai. Bate à porta da casa. a porta abre e fecha rapidamente. Encontra-se frente a frente com Zidório, que lhe aponta uma espingarda. Romão recua com as mãos para cima. Chuta barro seco uma vez. Pausa. Uma segunda vez. Chuta várias vezes. Olha para os lados, para cima. Joga o chapéu e assanha o cabelo, balançando a cabeça negativamente como quem não aceita a situação. Bate o pé no chão).

ROMÃO

(Olhando para a porta). Mas... (Baixo). Eu num desisto é mesmo! (Respira fundo. Agacha. Entra uma procissão ao fundo do palco).

ROMÃO

Mas que brilho é esse que chega em nossa vida e... Se ameaça acabar, acaba junto o nosso próprio brilho?... Que brilho é esse que entra sem pedir licença... E sem pedir licença se deita como chegada de paz?

PROCISSÃO

(Em coro). É o brilho do amor, Romão!

ROMÃO

E essa cantiga que se aconchega nos braços e nos ouvidos da gente, fazendo a vida mais bela? *(Pausa).* Que de tão bela que se faz a vida, passa a parecer pouco com a própria vida que a gente leva? Essa cantiga...

PROCISSÃO

(Em coro). É a cantiga do amor, Romão!

ROMÃO

(À procissão. Levantando-se). E essa mesma cantiga, tão doce, que tocou nos meus dias de agora... Se foi... Matando a leveza de meu canto... *(Apontando para o Maracatu ao longe).* Do canto de meu pai?

PROCISSÃO

(Em coro). É a desdita do amor, Romão!

(Apagam as luzes. Luz em Romão).

ROMÃO

(Revoltado). Que graça tem esse mundo, Senhor? Que de tão desgraçado que é, só resta mesmo o amor para salvar tanta alma entristecida... E se nem mesmo esse amor que tu... tu, meu Pai... Se-meou no meu coração, o bicho homem há de respeitar... De que vale viver toda essa vida?... Toda essa vida que ainda tenho por ver? *(Pausa)*. De que vale viver então, se só nasci pelo amor *(Grita e chora)*. E agora sinto morrer?!

PROCISSÃO

(Em coro). Do pó viestes, sobre o pó caminhastes, ao pó voltarás, Romão!
(Acendem as luzes. Romão para. Abaixa a cabeça. Aos poucos apagam as luzes. A procissão segue em canto).

Olha a canção, seu moço!
Vejo o cortejo lá!
Cai da canção desgosto
De lágrima a molhar

Olha a canção certa
Que a vida vem marcar
É uma canção ligeira
Esperança a tombar

(Acendem as luzes).

CICINHA

(Como que querendo abraçar a porta). É tanta fome, tanta solidão... Tanto desejo de ser o que, de tanto viver como gado preso no curral, não se pode ser!...

CONSTANÇA

(Varrendo a sala). É a cruz que o mundo carrega, Cicinha!

CICINHA

Tanta regra, tanta perseguição... Tanta cegueira na vida... Tanto poder numa só mão!...

JANUÁRIA

(Balançando na cadeira e costurando). Assim gira a roda do mundo, minha neta!

CICINHA

Então... Lá se tem regra para o amar?... Pra ser amado?... Pra querer bem?... Se é o amor que liberta o homem de toda sua limitação: do sofrimento, do desespero, do medo!... Porque... *(Virando-se)*.

O único medo que o amor conhece é o de perder-se de si mesmo. De perder o amor que se fez.

ZIDÓRIO

(Cômico. Sentado no sofá, mexendo na unha do pé). Agora eu vi!... Quando a miséria entra pela porta... Esse tal de amor aí dá um *(exagerando)* pulo pela janela numa ligeireza que só vendo!... *(Gesticulando com os braços).* Veste montaria é na primeira égua que encontra!... *(Rindo).* E nunca mais volta, isso sim!

ROMÃO

(Olhando a casa, de longe). Não desista, não, minha flor! Não desista!... *(Baixo).* Dez dias fizeram chegada... *(Olhando as nuvens).* Dez dias fizeram de espera! *(Alto).* Até quando, seu Zidório? Até quando? *(Pausa).* Se ao menos chovesse! *(Pausa).* E você por acaso já viu chuva por essas bandas, home? Tá delirando? *(Riso).* Devo de tá! Já estou até falando é sozinho! *(Sussurando).* Não desista, Cicinha!

CICINHA

(Baixo). Não desista, Romão!

ROMÃO

E eu, que já andei foi *(enxugando o suor)* por toda essa terra...

CICINHA

Não desista, Romão!

ROMÃO

Em dia de tristeza... *(Exausto).* Noites de pesar... *(Falando a si).* Não desista, Romão! Não desista!

CICINHA

(Angustuada). Não desista!

ROMÃO

(Baixo). Após o passar da morte... *(Rindo).* Que mais quero eu seu ser... Se não esse servo do povo?!

CICINHA

(Baixo). Desista não...

ROMÃO

Dez dias fizeram chegada...

CICINHA

Romão...

ROMÃO

Dez dias de Sol... *(retira o cantil e vê que a água acabou)* De penar...

CICINHA

Esperança... Continue carregando essa esperança!

(Romão levanta como que para ir embora. Olha a estrada na direção que segue o maracatu. Dá os primeiros passos. Arrepênde-se. olha para trás. Volta-se para a casa de Cicinha).

ROMÃO

(Gritando como que a Zidório). E se esse amor então me faltar?... De que me vale viver? *(Cambaleia).* De que nos vale viver... *(Baixando a cabeça).* Sem amor? *(Pausa).* De que nos vale?... *(Baixo).* Eu sou a voz do meu povo! Sou *(apontando para o chão)* o barro dessa terra!... *(Apertando a roupa na altura do peito).* De que nos vale viver sem amor? *(Chora).* Eu sou... *(Como que delirando).* O povo não... O povo nunca... *(Baixo).* Tomba. *(Caminha em direção à porta. De tão fraco, cai ajoelhado).*

JANUÁRIA

(À janela). Constança, venha cá. Venha ver, venha!

ROMÃO

(Enxugando as lágrimas). Se não posso viver por esse amor, por esse amor é que eu hei de morrer!... *(Abrindo os braços).* Ouve o eco!... *(Gritando).* Ouve o vazio que emana dessas terras! *(Baixo).* Ouve o meu coração... O amor que dentro dele há!

CONSTANÇA

Vixe Maria, nosso Senhor Jesus Cristo!

ROMÃO

Daqui só saio se for com Cicinha!... Ou pior... Se minha sina já se firmou por vermelha tinta... Daqui só saio é morto! *(Olha ao redor).* O resto é vazio!

CICINHA

(Assustada). Que dor é essa no meu peito?

CONSTANÇA

Januária... O coitado está é morrendo!

JANUÁRIA

É... Mas vai morrer lutando!

CONSTANÇA

E num é essa a sina do nosso povo?!... Lutar pra viver... Viver de luta!... Lutar... Às vezes até morrer!

CICINHA

(Rezando). Ai, Meu Deus, nosso Senhor Jesus Cristo!

ZIDÓRIO

(Curioso). O que foi, heim? *(Se aproximando)*. Vixe!... O enfeite de bicicleta tá é verdim, verdim... Parece um filhote de papagaio, o coitado!

JANUÁRIA

(Brigando). Fale baixo, homem! Cicinha pode ouvir. *(Dando-lhe uma cotovelada)*. Viu o que você fez, Zidório?!

ZIDÓRIO

(Protegendo-se). Ai!... E o que foi?

JANUÁRIA

E tu não sabe não, é?

ZIDÓRIO

Sei não, visse!

JANUÁRIA

Sabe mesmo não?

ZIDÓRIO

Olhe... *(Coçando a cabeça)*. Não!

JANUÁRIA

Pois então eu te digo o que tu fez!... Tu fez foi matar a esperança de mais uma alma nesse mundo sofrido que a gente vive!

ZIDÓRIO

(Abestalhado). E foi, foi?

JANUÁRIA

(Bufando). Pois sim!

CONSTANÇA

(Lamentando). E nesse mundo já tem tão pouca!

ZIDÓRIO

(Começando a preocupar-se). Ôxe! Mas... Por que esse cabra num vai é embora, então?

CONSTANÇA

Porque ele é filho da esperança, seu Zidório.

ZIDÓRIO

Vixe! E num era do rei do Maracatu?

JANUÁRIA

(Bufando). Não seja tonto, homem! *(Mais amena)*. E não é ele que leva a felicidade em dia de tristeza?!...

CONSTANÇA

Sol em noites de pesar!...

CICINHA

(Aproximando-se). Vida após o passar da morte...

ZIDÓRIO

(Cerrando os olhos). É... Conheço esse tipo aí!... Ele só sai daí é morto!

CONSTANÇA

E ele que é só um menino!

ZIDÓRIO

(Baixo. Intrigado). Quanta força pra quem é só um menino!

CICINHA

(Em lágrimas. Fazendo o sinal da cruz, ajoelhando-se). Ele é a minha chegada!

CONSTANÇA

(Fazendo o sinal da cruz, ajoelhando-se). Ele é a voz da esperança!

JANUÁRIA

(Fazendo o sinal da cruz, ajoelhando-se). Ele é a força do povo!

ZIDÓRIO

(Convencendo-se). E num é que isso é amor, Meu Pai! *(Cômico. Fazendo o sinal da cruz, ajoelhando-se).* Mas era tão *(fazendo caretas)* coloridinho o bicinho... Como é que eu ia adivinhar?...

(Romão tomba. O Maracatu aproxima-se e lentamente recolhe o corpo. Uma maca enfeitada com as cores da bandeira de pernambuco, ao mover-se, anuncia através do badalar dos sinos, chocalhos e outro penduricalhos, a perda da esperança. O cortejo percorre o terreno da casa em louvação. A maca é posta no chão).

Onde houver ódio, que eu leve o amor;
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;
Onde houver discórdia, que eu leve a união;
Onde houver dúvida, que eu leve a fé;
Onde houver erro, que eu leve a verdade;
Onde houver desespero, que eu leve a esperança

(Todos rezam na sala. Cicina corre de um lado para o outro. Ajoelha-se. Chora. Levanta).

CICINHA

(A Zidório). Viu, voinho? Viu o que o senhor fez? *(Gira levando a mão à cabeça).* Ouve o som da tua sentença, meu avô!... *(Apontando para a janela).* Vê... Que Romão não percorre sozinho o barro de tua morada.

ZIDÓRIO

(Triste). Minha fia...

CICINHA

(Interrompendo). ... Também eu, meu vô, estou deitada na beira daquela cova, em alma!... Em felicidade, em viver! Ouve os sinos que anunciam a descrença e a desilusão! Ouve o som dos muros que se erguem em sombra... *(Vai e volta como se quisesse atravessar a porta)* Em escuridão...

ZIDÓRIO

(Comovido). Cicina... Minha filha, eu sei que errei mas... Veja... Tudo o que fiz foi pensando em você. Em uma vida melhor para você! Que outra atitude restaria a um pai? A um avô?

CICINHA

(Alheia às palavras de Zidório). E ora lá se tem regra pro amar?... Pra ser amado? ... Pra querer bem?

ZIDÓRIO

(Tentando segurá-la). Não tem, minha filha! Não tem!

CONSTANÇA

(Segurando as mãos de Cicinha). Minha filha, escute...

CICINHA

(Chorando). Me solte, vá, mainha. *(A Zidório).* E lá se tem regra para amar? O amor é livre por si só! Por si só ele é livre!... Por isso se chama amor!... Não existe crença, não existe distância, não existe cor de pele, nem feio, nem bonito, nem analfabeto, nem sábio; dinheiro ou idade... Que impeça alguém de amar... Quando ele chega!

CONSTANÇA

Tome esse copo com água, Cicinha!

CICINHA

(Tentando chegar à janela e voltando). Quero não, vá!

JANUÁRIA

Se acalme, minha neta! Se acalme!

CICINHA

De repente ele não existe. Nunca existiu!... E aí... De repente agora ele existe... Já tomou é conta de seu coração! E aí, quando você menos espera... Já nem pode mais viver sem ele. É assim como o alecrim, que nasce no campo sem ninguém semear... Por isso se chama amor!

ZIDÓRIO

Cicinha, me ouça!

CICINHA

(Ajoelhando-se e chorando ainda mais). Dizem que quando a esperança morre no coração de uma pessoa, caem mortas mais de cem mil estrelas do céu. *(À Januária).* Sabia disso, voinha?

JANUÁRIA

Ôh, minha criança!... Tão bela para viver nessas terras semeadas por tristeza!... Tão nova para sofrer as desditas do amor!

CICINHA

O amor... Qualquer amor!... Seja por quem ou pelo que for... É como corredeira de rio que, às vezes, segue sem saber para onde... Mas mesmo assim vai seguindo, cheio de vontade, sem medo!...

É como friagem em dia de muito sol... Ou calor, quando a gente já tá é para morrer de frio!... Vem sempre na medida certa, na hora certa... *(A Zidório)*. Por isso se chama amor! *(Baixa a cabeça e chora)*.

ZIDÓRIO

(Ajoelhando-se. Erguendo a face da neta). Minha neta... Sábias são as suas palavras! Quanto às minhas, nem se usasse todas que existem em meu vocabulário, seriam suficiente nesse meu pedido de desculpas! Então... Tenha coragem!... Atravesse aquela porta agora!... Talvez ainda haja tempo!

CICINHA

(À Constança). É isso?

CONSTANÇA

Vá, minha filha! Vá!

JANUÁRIA

Siga o seu destino, minha filha. Seja ele qual for!

(Cicinha corre. Aproxima-se de Romão. Todos recuam em passo sincronizado. Ela ampara a cabeça de Romão nas pernas. Embala-o como se fosse uma mãe. Canta. Seu canto é constantemente interrompido pelo choro).

CICINHA

E depois daquele dia, dez dias fizeram chegança. E era no sopro do vento que a moça entrava na dança...

CORTEJO

(Em coro). Eis a hora da verdade!

CICINHA

Lembra da primeira vez que te vi? "Diga que me aceita! Aceita? E que posso vê-lo de novo! Posso mesmo?" *(Pausa)*. Você sempre morou nos meus sonhos... E seu nome... Seu nome sempre esteve gravado em mim! *(Ri e chora)*. Também assim estava seu riso, no meu!... E agora... Como dói cada passo dado que te separou de mim!

ROMÃO

(Baixo). Cicinha?

CICINHA

Sou eu sim, Romão *(enxugando as lágrimas)*. Sou sim. Fale comigo, vá!

ROMÃO

(Com dificuldade). Que bom que você veio.

CICINHA

Romão, levante dessa cova de desesperança, vá. A sua força acabou por abrir as portas do mundo!

ROMÃO

E eu... Que já até desisti desse mundo!

CICINHA

Diga isso não! Pois o nosso acabou foi de renascer. Porque você, Romão... De todas as sementes que existem... Você escolheu plantar foi a da esperança. Lembra?

ROMÃO

Mas eu me desfiz da esperança, Cicinha.

CICINHA

Não!

ROMÃO

... E plantei foi saudade onde antes só brotava era vida! Adormeci nos braços da solidão e da tristeza. *(Pausa)*. Esse mundo é muito triste, não é?

CICINHA

Romão... *(Pausa)*. Então não é você o mensageiro da vida, meu amor?... Que leva esperança quando já não se há no que acreditar? E então... Não foi você que me falou da força que carregamos *(indicando o coração)* aqui dentro... Em cada um de nós?! Que me ensinou a enfrentar o medo... Não foi você que cantou a força do nosso povo em meus ouvidos e mesmo ausente, manteve-se presente em meu coração. Eu ouvi, Romão. Eu pude ouvir, assim... Que nem mágica... A tua voz me dizendo para ser forte...

ROMÃO

Meu peito tombou. Tombou também nesse barro, junto com meu corpo cansado e maltrapilho.

CICINHA

Mas antes de tombar ele me ergueu, Romão. Porque a vida, assim como o amor... Nunca se permite o derrotar por inteiro! E mesmo nessas terras secas da caatinga... Sempre existirá alguém que aprendeu com um outro os segredos do amor e o valor que têm as coisas mais simples dessa vida! Agora estou aqui... É minha vez de te levantar! Venha!

ROMÃO

Já não tenho forças!

CICINHA

Não permita que a incompreensão dos homens enterre os sonhos de teu coração em terra seca!...

CORTEJO

(Em coro). A terra já foi arada, Cicinha!

CICINHA

Que destrua a muralha de sua crença!...

CORTEJO

(Em coro). Da cerca sobrou somente arame!

CICINHA

Que silencie o canto de teus anseios!...

CORTEJO

(Em coro). O canto já soou tardio, Cicinha!

CICINHA

Não permita, Romão!... *(Pausa)*. Lembra? "Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, se não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o címbalo que retine".

CORTEJO

(Em coro). Porque assim é a natureza do amor!

CICINHA

(Continuando). Porque agora *(levanta-se)* vimos como pelo espelho *(a todos)* em enigma... Mas então *(aos espectadores)* veremos face a face!... *(Caminha)*. Agora conheço em parte, mas então... Conhecerei plenamente... Como também serei plenamente conhecido. *(Volta para Romão)*.

TODOS

(Em coro). Agora, pois, *(aos espectadores)* permanecem a fé, a esperança e o amor. Estes três!... Mas o maior deles é o amor!

(Tambores, alfaias e chocalhos anunciam a ressurreição da esperança. Romão retoma as forças. Canta enquanto levanta-se).

ROMÃO

E depois daquele dia, dez dias fizeram chegança. E era no sopro do vento que a moça entrava na dança. *(Romão e Cicina se abraçam e giram como numa brincadeira de roda).*

CICINHA

(Sorridente). E então, quem é você mesmo?

ROMÃO

(Sorridente). Eu sou o filho do rei, ora!

CICINHA

E o filho do rei é filho de qual rei?

ROMÃO

(Sorrindo para o céu). Do rei do Maracatu! *(Música. Todos dançam alegremente).*

ROMÃO

(Festejando). Sou cantador de nascença. Herdeiro de cantoria! Poeta por vocação. Semeador de alegria! *(O rei do Maracatu anuncia um novo canto de paz).*

Ê, ê, ê

Que eu vou cantar

Vem de amor que a minha dança

Vai até o sol raiar (...)

(Cicina é coroada princesa do Maracatu. Vestida com um colorido manto. Cicina e Romão brindam à esperança, à felicidade e ao amor dando início a um bailado que simboliza a união das famílias. Os noivos são abençoados por todos, que dançam e cantam).

(...) Ê, ê, ê

Meu canto faz

O milagre da esperança

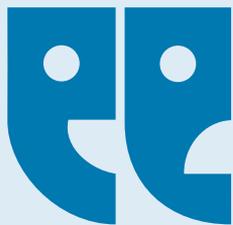
Encher teu peito de paz!

TODOS

(Estendendo as mãos para o céu, em saudação). Viva aos noivos! Viva!

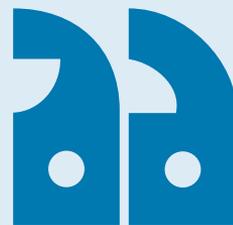
(Fecham-se as cortinas. A música continua).

Fim



O JULGAMENTO DA HUMANIDADE

Ricardo Dantas



O JULGAMENTO DA HUMANIDADE - 2012

Ricardo Dantas



(Deus saiu de férias para Júpiter e proclama o sol como regente do sistema. O Sol aparece em cena falando ao público).

SOL

Boa noite a todos os presentes. Eu sou o supremo Sol. Vou contar algo para vocês, Deus saiu de férias para Júpiter, e como já faz alguns milhões de anos que ele não descansa, acho que essas férias serão longas. Como fui proclamado regente substituto do Sistema, vou aproveitar essa chance única de fazer o julgamento da humanidade! *(Risada macabra)*. Ela vai pagar de uma vez por todas as atrocidades e negligências que cometeu e comete na Terra. Não suporto ver Deus protegendo e passando a mão na cabeça do ser humano, o tornando cada vez mais arrogante e prepotente. Aguardem e verão o maior Julgamento da história do Cosmo.

(Sol sai de cena e um meirinho entra no tribunal anunciando o julgamento).

MEIRINHO

Estamos aqui reunidos essa noite para o julgamento da humanidade. O Ser Humano está sendo acusado de atrocidades como destruir a Natureza; poluir rios, lagos e mares; matar animais e cortar matas frondosas; destruir o ar que eles próprios necessitam para respirar; matar uns aos outros; construir bombas atômicas e colocarem em risco todos os seres vivos do planeta; escravizar seus semelhantes e outros animais; ficar totalmente omisso à miséria e à barbárie que existe no planeta, produto de sua própria ignorância; por não respeitar as diferenças étnicas e culturais dos seus povos; e por fim, por querer se equivaler aos poderes de Deus, manipulando e deturpando o milagre que é criar a vida. Que entre o acusado! *(Neste momento entra uma pessoa normal, cabisbaixa, e senta no local dos réus)*. Que entre o Advogado de Defesa! *(Entra uma pessoa vestida de advogado, com paletó e maleta preta, estressado e desconfiado. ele senta ao lado do réu)*. E agora todos de pé, pois o supremo celestial, o glorioso Astro da Galáxia, o justo do Universo, o grande Meritíssimo Sol! *(O Sol entra como um pop star, dando "tchauzinhos", ensaiando uns passinhos de dança, mandando beijos para a plateia e senta-se na mesa do juiz)*. Que entre o senhor Promotor! *(O Sol sai detrás da mesa do juiz e dá uma corridinha até a entrada, e entra novamente com o mesmo aspecto de anteriormente)*.

(Neste momento o Advogado de Defesa protesta furiosamente).

ADVOGADO DE DEFESA

Protesto! *(Grita ele raivosamente)*. O Juiz e o Promotor não podem ser a mesma pessoa!

(O Sol volta a ficar atrás da mesa do juiz e diz).

SOL (JUIZ)

Protesto negado. Que entre a primeira testemunha, a Mãe Natureza.

(A Mãe Natureza entra toda machucada, com ataduras na cabeça, curativos por todo o corpo, e sua túnica branca toda ensanguentada. O Sol, velho conhecido, e amigo íntimo da Mãe Natureza, recebe-a com um forte abraço).

SOL (PROMOTOR)

Como está, minha querida? Vejo que andaram te maltratando muito...

MÃE NATUREZA

Não estou nada bem, meu querido Sol. Espero que hoje tenha justiça neste Cosmo...

SOL (PROMOTOR)

Vai ter, minha querida, eu garanto que vai ter...

(O Sol cuidadosamente conduz a Mãe Natureza até a cadeira das testemunhas, ela sempre com aspecto de sentir muitas dores. O Sol retorna à sua mesa e fala com o promotor - ele mesmo).

SOL (JUIZ)

Querido Promotor, a testemunha é sua. Pode interrogá-la!

SOL (PROMOTOR)

Pois não, adorável Meritíssimo. A propósito, o senhor está radiante hoje!

SOL (JUIZ)

Muito obrigado, astuto Promotor. Novamente, fique à vontade para interrogar a testemunha.

SOL (PROMOTOR)

Obrigado, senhor Meritíssimo. *(O promotor se aproxima da testemunha).* Mãe Natureza, fale para todos os presentes o que são essas escoriações pelo seu corpo!

MÃE NATUREZA

Pois nem te falo, eu sempre vivi muito feliz, desde a criação da primeira molécula e do surgimento da vida neste planeta, eu evoluía com maestria e perfeição. Todos os seres que habitaram a Terra viveram em harmonia e sustentabilidade. Até mesmo os dinossauros, pobres coitados, respeitavam as leis que regem o planeta... Que Deus os tenha agora... *(E a Mãe Natureza, emocionada, chora. o sol vai até ela para confortá-la).*

SOL (PROMOTOR)

Calma. Calma, minha cara. Prossiga! Prossiga!

MÃE NATUREZA

Mas eis que surge o ser humano! *(Acusa apontando para o réu, se locomovendo em direção do humano, sendo amparada pelo Sol)*. Este maldito ser a cada dia que passa está destruindo mais e mais o meu querido planeta. Muitas árvores já não existem, surgindo desertos. Rios e lagos secaram ou foram poluídos, animais são assassinados como se fossem alvos para diversão! O ser humano deve apodrecer para todo o sempre nas “distancesas” de Plutão!

ADVOGADO DE DEFESA

Protesto! A testemunha não pode manifestar uma sentença para o réu!

SOL (JUIZ)

Negado! Pode continuar a interrogar a testemunha, querido Promotor!

SOL (PROMOTOR)

Obrigado, Meritíssimo! Bom, Mãe Natureza, o que mais este ser desprezível fez à senhora?! Sim, pois vejo o quanto estás maltratada e acabada!

MÃE NATUREZA

Pois você acredita que até... *(A Mãe Natureza se põem a soluçar)* até, até... *(Já chorando aos prantos)*.

SOL (PROMOTOR)

Pode falar, minha querida. Fale, por mais que seja cruel, fale!

MÃE NATUREZA

Até minhas “borboletinhas” ele matou! *(Agora a Mãe Natureza chora copiosamente)*.

SOL (PROMOTOR)

Até suas “borboletinhas”?! Mas isto é um absurdo! *(Consolando a Mãe Natureza)*. Senhor meritíssimo, não tenho mais perguntas. *(O Meirinho conduz a Mãe Natureza para a cadeira das testemunhas)*.

SOL (JUIZ)

A testemunha é sua, nobre Advogado de Defesa.

ADVOGADO DE DEFESA

Dona Mãe Natureza! É fato que o Ser Humano proporcionou grandes danos à sua soberania, mas não seria prudente destacar que o ser humano é fruto da Natureza, sendo assim seus atos uma manifestação da própria Natureza?!

SOL (JUIZ)

Pode entrar a próxima testemunha! (*Interrompe o Sol*).

ADVOGADO DE DEFESA

Mas, Meritíssimo! Eu não terminei de interrogar a testemunha Mãe Natureza!

SOL (JUIZ)

Ordem! Ordem no tribunal! Ordem no tribunal! (*Grita o Sol batendo o martelo na mesa*). Que entre a segunda testemunha, o Lixão. (*Fala com desdém*).

(Enquanto o Meirinho conduz a Mãe Natureza para uma área diferenciada do tribunal, ao mesmo tempo entra o Lixão, fazendo caretas, cheio de lixos grudados na sua roupa, virando a bunda para a plateia como se estivesse peidando. O advogado de defesa recebe o Lixão com um forte abraço. Ambos aparentam serem grandes amigos. Lixão senta na cadeira das testemunhas).

ADVOGADO DE DEFESA

Lixão, a sua existência se deve a que fato?

LIXÃO

Sabe qual é, né, velho! Eu sou a real criação do graaannde Ser Humano! Hehehehehe! (*Risada de sádico*). Quando o humano começou a manipular o fogo, eu usava fraudas, de lixo, é claro! Hehehehehe! (*Risada de sádico*). Depois vieram as civilizações, que foram se organizando, saca?! E evoluindo, veio a era pré-industrial, a era industrial, e eu aqui só crescendo, só me desenvolvendo... (*Enquanto fala, o Lixão passa o tempo todo tirando catuço do nariz, cuspiendo, tirando as meias e cheirando*).

ADVOGADO DE DEFESA

Com certeza que o Ser Humano, através de sua evolução, trouxe impactos diretos à Natureza (*neste momento a Mãe Natureza sente uma dor enorme*), que a evolução desses seres modifica o meio ambiente. No entanto, o que você tem a dizer em relação a esse conceito?

LIXÃO

Velho, eu sou fruto do Ser Humano, que é fruto da Natureza. Eu trago desequilíbrio à Natureza, um impacto visível, no entanto não podemos julgar todos os Seres Humanos pela minha existência. Um exemplo bem claro são aquelas pessoas que reaproveitam minhas partes, que logo de-

pois voltam a fazer parte de mim, e depois são reaproveitadas novamente. Posso lhe dizer que de uns tempos para cá, em relação às proporções de crescimento, eu tenho engordado menos do que esperava.

ADVOGADO DE DEFESA

Então com isso você quer dizer que o ser humano continua poluindo e degradando, porém cada vez mais estão pensando ambientalmente também?

LIXÃO

Pode crer, meu velho! É isso mesmo! Pena que se continuar deste jeito, e mais seres humanos tenham consciência disto, eu não existirei mais... Mas que se dane! Sempre vou existir de forma reciclada.

SOL (PROMOTOR)

Protesto, senhor meritíssimo! O julgamento se passa em conjunturas atuais, e não de promessas que talvez nunca venham a ser cumpridas, ocasionando na destruição total da Terra!

SOL (JUIZ)

Aceito! Senhor Advogado de Defesa, conduza suas indagações de forma atual e com fatos existentes e de contextos históricos.

ADVOGADO DE DEFESA

Lixão, você acredita que o ser humano seja culpado pelos atos que comete?

LIXÃO

Quem deve responder esta pergunta é a própria Mãe Natureza, hehehehehehehe! *(Risada de sádico)*.

ADVOGADO DE DEFESA

Sem mais perguntas, meritíssimo. A testemunha está à disposição da promotoria.

SOL (PROMOTOR)

Não tenho perguntas a este delinquente, Senhor Meritíssimo, supremo e radial!

SOL (JUIZ)

Então que entre a terceira testemunha, a Camada de Ozônio!

(Entra a Camada de Ozônio com um buraco preto pintado na barriga, e como se estivesse passando mal, sentindo dores de barriga, tontura, vertigens. O Sol corre ao seu encontro, cumprimenta-a e se compadece pela Camada de Ozônio, indignando-se para o público. Ao mesmo tempo, o Lixão recusa o encaminhamento do Meirinho, e sai peidando e rolando no chão, espalhando lixo na plateia e dando muitas risadas).

CAMADA DE OZÔNIO

Aiiii! Aiii! Aiiiiiiii! Ajude-me, amigo Sol. Ajude-me.

SOL (PROMOTOR)

Nossa! Mas o que você tem, cara amiga Ozônio?

CAMADA DE OZÔNIO

Não está vendo que estou toda arrombada?! Mal posso andar direito...

SOL (PROMOTOR)

Pelo Meu Amigo que está em Júpiter! Nunca iria imaginar que você estava assim! Da última vez que a vi, você não estava tão arrombada!

CAMADA DE OZÔNIO

Pois é, mas a cada dia que passa o ser humano me lasca mais, e vão me arrombando mais, me alargando mais, e veja agora como eu estou.

SOL (PROMOTOR)

Estou vendo. Estou vendo... Vejam plateia, o tamanho do buraco dela, é incrível!. Venha minha cara, venha, vou lhe ajudar a sentar. Tem certeza que você está bem mesmo?!

CAMADA DE OZÔNIO

Graças ao Nosso Regente que está de férias em Júpiter. Caso contrário eu estaria toda furada... Que vida, que vida...

SOL (PROMOTOR)

Minha cara, a senhora pode relatar a todos os presentes como que isto ocorreu?

CAMADA DE OZÔNIO

Posso sim! Culpa do Ser Humano. Eles inventaram umas tal de geladeira, ar-condicionado, aerosol, e tudo isso faz mal para a minha saúde. É um tal de CFC, parece que é Cloro Flúor Carbono.

SOL (PROMOTOR)

Como foi que se deu este fenômeno?

CAMADA DE OZÔNIO

O Ser Humano, como sempre, age de forma em transformar o meio ambiente sem saber ao certo o que realmente vai causar de efeitos à Natureza. No início a novidade de eletrodomésticos foi inovadora e fantástica. Todos se maravilharam com as facilidades e confortos que tais inventos

proporcionariam para a evolução e desenvolvimento da população. Porém, os efeitos nocivos se mostraram de forma lenta, e quando eles (*apontando para o Ser Humano*) se deram conta do estrago, já era tarde demais...

SOL (PROMOTOR)

A senhora realmente acha que eles não sabiam dos efeitos que a tecnologia deles iriam causar na sua atmosfera? Sim, pois o Nosso Supremo “Descansador” concebeu a todos eles com uma suposta forma de inteligência, e a mesma inteligência que criou as máquinas destruidoras poderia facilmente detectar a devastação eminente?!

ADVOGADO DE DEFESA

Protesto, meritíssimo! A promotoria não deve usar fatos embasados em suposições neste tribunal!

SOL (JUIZ)

Negado!

SOL (PROMOTOR)

Meritíssimo, peço que avalie com atenção meu depoimento. O Ser Humano sempre usurpou, omitiu e dissimulou as regras que regem a Natureza, sempre visando o lucro e a exploração dos recursos naturais e até mesmo de seus semelhantes. Seria prudente reconhecer que a nossa testemunha Camada de Ozônio é um exemplo claro e real de ações que se não forem freadas, visivelmente o fim do planeta Terra será a realidade já iniciada. Devemos de uma vez por todas dar o veredicto final e irrecusável como culpado, com a pena de confinar esta raça para todo o sempre nas distâncias de Plutão!

ADVOGADO DE DEFESA

Protesto! Ainda tenho uma testemunha que pode ser decisiva neste julgamento. Peço para que este tribunal considere!

SOL (JUIZ)

Que seja! O ser humano não tem como escapar mesmo! Que entre a próxima testemunha!

ADVOGADO DE DEFESA

Eu solicito o testemunho do Senhor Poluição!

(Entra o Senhor Poluição, com um extintor, jogando “fumaça” para todo lado, com sua roupa suja de carvão, os bolsos cheios de pedaços de carvão que por onde ele passa despeja pequenos montes. O Advogado de Defesa o recebe de uma forma como se esta testemunha fosse sua única chance para salvar ou pelo menos amenizar a barra do Ser Humano).

SOL (JUIZ)

Seja breve, porque o próximo cometa para Plutão passa em meia hora, e outro só daqui a 3451 anos!

ADVOGADO DE DEFESA

Senhor Poluição, fale-nos sobre como você existiu na face da Terra. Toda sua trajetória e desenvolvimento!

SENHOR POLUIÇÃO

Pô (*Fala o Senhor Poluição com cara de drogado – este é o perfil predominante*), eu existo muito antes dos dinossauros pisarem no solo da Terra. Imagine que a cada erupção vulcânica, todo o material despejado no solo, no ar, aquela nuvem de fumaça e fuligem enorme que sai da boca daqueles monstros, alimentam-me com sobra para o lanche do dia posterior.

ADVOGADO DE DEFESA

É fato então que a própria Natureza proporciona formas de degradação e devastação ao meio ambiente?

SENHOR POLUIÇÃO

Eeeee se faz! Somente com um único meteoro se pode acabar com a vida de milhões de dinossauros, hehehehehe (*risada de drogado*)! E existem os tsunamis, estes conseguem matar tantos quantos a bomba atômica criada pelo homem! Pode crer! E os tornados, furacões, e outras paradas do vento, hehehehehe (*risada de drogado*), estes detonam tudo e todos! Além das mudanças climáticas que ocorrem em períodos que se intercalam em até milênios! Estes sim, estes não dependem de nenhuma intervenção do Ser Humano, a Natureza vem e congela tudo, e quem se adaptou se adaptou, se não, tchau e benção, hehehehehe (*risada de drogado*)!

ADVOGADO DE DEFESA

Senhor Poluição, é certo que você não se importaria em deixar de existir? No caso do ser humano parar imediatamente de poluir e você virar personagem de história!

SENHOR POLUIÇÃO

Como já disse anteriormente, mano, a minha existência não depende somente da ação da humanidade. O nível de poluição por parte deles tem sim uma influência significativa em impactos ambientais, porém vou continuar existindo, e isto é fato!

ADVOGADO DE DEFESA

Então, está comprovado que sua existência não se deve somente pela ação humana?

SENHOR POLUIÇÃO

Velho, pergunte para a Mãe Natureza...

ADVOGADO DE DEFESA

Senhor meritíssimo, as evidências são claras, o ser humano não é o único a degradar o meio ambiente! A Mãe Natureza também tem sua parcela de contribuição e...

SOL (JUIZ)

Já ouvi! Já ouvi! Bom, *(pega um papel e caneta e começa a anotar)* o julgamento da Mãe Natureza já está marcado para semana que vem, e eu serei o advogado de defesa, e, bom! Vamos ver qual foi o veredicto do júri!

ADVOGADO DE DEFESA

Mas que júri?

(Neste momento o sol sai da mesa de juiz e se dirige à área que seria supostamente dos jurados, senta em uma das cadeiras e levanta uma placa com a inscrição "juri").

SOL (JÚRI)

Depois de muita discussão e deliberação, de analisar bem os fatos aqui dispostos nesse tribunal, declaramos o réu, culpado! *(Começa um grande bate-boca entre as testemunhas, sol e o Advogado de Defesa, com o Ser Humano sempre calado e imóvel em sua cadeira de réu, e de repente a voz de Deus cala a todos).*

DEUS

Calem-se! *(Todos caem no chão. Deus não aparece no palco, falando seu texto dos bastidores pelo microfone).* Vocês realmente achavam que Eu não iria ficar sabendo desse motim, certo, Senhor Sol? Que vergonha! Que vergonha! Ordeno que se levantem! Não há necessidade para tanta penitência. A hora da verdade chegou!

Dona Mãe Natureza, realmente nem com a minha onisciência iria imaginar que a senhora chegaria a este ponto. É fato sim que o Ser Humano é fruto de suas transformações, assim como todos os seres vivos existentes no planeta Terra. Também é fato que a humanidade age de forma em não respeitá-la da maneira como deveria. Mas é justo generalizar todos os Seres Humanos pelas injúrias a que lhe acometem?! Veja o exemplo dos povos indígenas, que sempre buscaram viver em harmonia e sustentabilidade com todos os recursos naturais que, através da senhora, forneço com generosidade. Não deverias perder a esperança na humanidade.

Camada de Ozônio, a senhora sim é uma vítima direta das ações que a humanidade pratica. No seu caso, o uso dos CFCs teve um impacto nocivo para sua região de morada, a estratosfera, pois

esses compostos formados pelos elementos Cloro, Flúor e Carbono, quando suspensos na atmosfera, ao receberem radiação da luz ultravioleta irradiada pelo Senhor Sol, fazem com que o elemento Cloro fique livre, e assim se combine com sua composição de gás ozônio, transformando parte da senhora em gás oxigênio, ficando assim o Cloro livre novamente e lesando mais partes da sua composição. Atualmente a humanidade freou consideravelmente a produção destes compostos para o uso no cotidiano, e assim, demonstrou preocupação em não mais lesá-la!

Lixão! Agora o papo é com você! Sua existência se deve unicamente pela ação humana! Você nunca iria existir se essa espécie de animal não habitasse o planeta. Por isto é conveniente que você testemunhe a favor da inocência do Ser Humano. É fato que muito está se fazendo para que a quantidade de lixo descartado no ambiente diminua, através de coleta seletiva de resíduos sólidos, reciclagens, o reaproveitamento de produtos que seriam descartados, e a utilização de produtos fixos e duradouros, como por exemplo, levar sacolas reaproveitáveis para realizar compras em feiras e supermercados, diminuindo assim o número de sacolas plásticas que são desprezadas no ambiente. Você tem razão quando afirma que anda emagrecendo ultimamente, mas, convenhamos, você ainda está muito gordinho, e a humanidade vai te ajudar a fazer este necessário regime!

Poluição, você é outro caso sério! Principalmente porque levantou falso testemunho nesse julgamento. A sua existência, de forma separada da Mãe Natureza, ocorreu a partir do momento que a humanidade iniciou com suas atividades industriais. Sim, pois todo aquele seu argumento de que as erupções vulcânicas alimentavam-te não é verdade. Naquela época você era parte da Mãe Natureza, pois sua existência ocorria de forma equilibrada com o ambiente! Porém, após o ser humano manipular os recursos naturais, queimando combustíveis fósseis, que por milhões de anos estavam equilibrados com a dinâmica do planeta, e queimar florestas que demoraram milhares de anos para se estabelecerem, simplesmente com o intuito de criar gado extensivamente ou cultivar imensas áreas de monocultura, nesse momento você se desprende da Mãe Natureza e se tornou uma entidade independente!

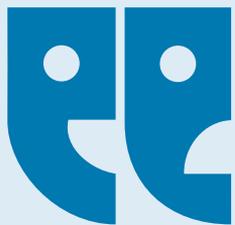
Senhor Supremo Sol, estou muito decepcionado. Organizar esse julgamento na minha ausência, e ainda por cima ser o juiz, o promotor e o júri é demais! Até hoje o senhor não entendeu meus propósitos, não é mesmo?! Quando te criei, o fiz de uma forma que tivesse energia ilimitada, e de grandiosidade tal, que proporcionasse fator vital para a existência da vida na Terra! Bilhões de anos de parceria... Não cabe a você julgar nenhuma de minhas criações, seu papel foi e sempre será tornar possível a continuidade da vida nesse planeta. Deixe que eu cuido das minhas criações! Entendo a sua importância no Sistema, porém, limite-se a fazer o que lhe é determinado.

Agora sim! **Advogado de Defesa.** Que trabalho árduo deve ser defender sua própria raça. Confesso que já vi advogados assumindo casos impossíveis, mas o senhor, meu nobre Advogado de Defesa, superou a todos! O ser humano tem um problema sério, o egoísmo! Não é verdade, Ser Hu-

mano?! Todos aqui presentes, olhem para o Ser Humano! Analisem este pobre ser. Ele está representando a sua raça. Tentem imaginar toda a carga de culpa que ele carrega. Tentem imaginar tudo aquilo que ele pode fazer para preservar o planeta, no entanto se mostra omissos. Tentem imaginar.

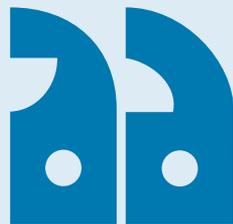
O veredicto final é: o **Ser Humano** sempre foi e sempre será o responsável por sua morada! Reflitam qual a melhor forma de mantê-la! É a maior responsabilidade que vocês têm em vida! Julgamento encerrado!

Fim



OS TRÊS PORQUINHOS RORAIMENSES

Alex Zantelli



OS TRÊS PORQUINHOS RORAIMENSES - 2014

Alex Zantelli

PERSONAGENS

Zé

Chico

Maria

Lobo Mau



CENA 1

(Música. Entram os porquinhos cada um com suas características e vão se apresentando).

CHICO

Eu me chamo Chico, sou um porquinho que adora brincar, adoro jogar bola, videogame e todos os tipos de jogos.

ZÉ

Eu me chamo Zé, sou viciado em redes sociais, eu sou também um porcotuber, um youtuber, entendem? Tenho um canal, acessa lá! Porquinho Zé das Meninas. Tô querendo chegar aos 100 kg, no meu canal você encontra tudo sobre os melhores lugares pra balada verde, as promoções das lojas da floresta e tudo mais, aproveitado vou já fazer um vídeo novo.

MARIA

Eu me chamo Maria, sou a mais velha dessa família e por isso tenho mais juízo que esses outros dois aqui, sabe chegou o dia da gente construir nossas casinhas, cada um vai ter a sua e depois da construção nós vamos até a loja comprar algumas coisinhas úteis, afinal eu já tenho meu cartão.

CHICO

Eu já terminei a minha casinha.

MARIA

Já Chico?

CHICO

Sim, fiz ela toda de palha, assim tem mais tempo pra jogar bola, brincar com os amigos e ainda ir ao Florestal Shopping com meus amigos.

MARIA

Mas maninho, não acha melhor fazer sua casa mais resistente!

CHICO

Pra quê? Vou é perder tempo com essa bobagem.

ZÉ

Eu também já terminei minha casinha.

MARIA

Sério Zé?

ZÉ

Sim, eu vi no tutorial de construção de casas de madeira e acabei fazendo ela mais rápido.

MARIA

Mas Zé, eu acho que você deveria fazer ela mais resistente também.

ZÉ

Hi Maria, você é preocupada demais, relaxa um pouco!

MARIA

Mas meninos...

ZÉ E CHICO

Relaxa Maria, você anda muito estressada.

ZÉ

Que tal um sorvete de capim santo com groselha de tronco verde?

CHICO

Nossa, que delícia!

MARIA

Tudo bem vamos. *(Eles saem conversando. Música 2. Entra Lobo Mau).*

LOBO

Eu sou o Lobo Mau, Lobo Mau, Lobo Mal, eu pego as criancinhas pra fazer mingau... Sou Lobito, eu sou um lobo e sou malzito, eu adoro comer um churrasquito, sou Lobito. Eu me chamo Lobosval-

do Pereira de Carvalho Ramos de Albuquerque Alencar Batista e Silva, mas podem me chamar de Lobo Mau, sou morador do Tepequém, mas resolvi dar um tempo aqui na capital, muitos turistas por lá, a gente não tem mais sossego e também tava desempregado e fiquei sabendo que uma grande loja, bentol, mobol,... isso, vai abrir vagas e vim me candidatar a essa vaga. *(Ele escuta alguém chegando)*. Parece que vem vindo alguém, deixe eu me esconder. *(Se esconde e entra Zé fazendo vídeo)*.

ZÉ

É isso aí meus amigos, estarei levando pra todos vocês essas novidades, tudo isso no meu próximo vídeo, ah lembrando que tô indo filmar a inauguração da loja como porcotuber convidado, eu e meus 2 irmãos estaremos lá. *(Maria chama de fora do palco)*.

MARIA

Zé... Vamos, se não chegamos atrasados e não quero perder as promoções de inauguração.

LOBO

Então esse porquinho e seus 2 irmãos também estarão na loja, muito bom saber disso, eu não contei pra vocês né, mas eu amo porquinho assado na brasa, churrasco de porco e... Caramba tive uma ideia, vou pra essa loja, chego primeiro e me disfarço, daí esses porquinhos serão meu jantar. *(Risadas)*. E vocês crianças, vão me ajudar, não contem nadinha pra eles... *(Ele sai. Entram os porquinhos)*.

CHICO

Só espero que não demore muito essa inauguração, porque tenho uma fase de um jogo pra terminar.

ZÉ

Calma, vai demorar não, eu já já começo a gravar mais um vídeo.

MARIA

Estou ansiosa para ver tudo que tem de novidade, acho que vamos ter alguma surpresa.

ZÉ

Tô achando tudo calmo, nada vai acontecer vai? *(Pergunta pras crianças)*.
(Entra o lobo disfarçado de vendedor com um crachá enorme escrito: Lojaoou).

LOBO

Bom dia, bom dia, porquinhos!

MARIA

Bom dia Senhor...

LOBO

Lobo...

CHICO

O quê? Eu não entendi seu nome!!

LOBO

(Pede ajuda das crianças). Me digam um nome, me ajudem. (Escuta o nome e repete).

ZÉ

Então senhor... *(fala o nome)*, que horas abre a loja?

LOBO

Já já, mas antes quero fazer um churrasquinho de vocês...

CHICO

Quer fazer o quê?

LOBO

Quero saber se vocês gostam de churrasquinho?

MARIA

Mais ou menos senhor, mas por que essa pergunta? O que isso tem haver com a inauguração da loja?

LOBO

Porque vamos servir um coquetel para os nossos convidados.

MARIA

Entendi!

LOBO

Mas me falem mais de vocês, tem medo de alguma coisa?

ZÉ

Eu não!

CHICO

Nem eu!

MARIA

Eu tenho medo sim de bicho papão, de fantasmas e...

LOBO

E de Lobo Mau?

MARIA

Eu morro de medo!

LOBO

E vocês?

ZÉ E CHICO

Quem tem medo do Lobo Mau? Lobo mau, Lobo Mau, quem tem medo de Lobo Mau, Lobo Mau...

LOBO

Mas dizem os lobos são espertos e muito inteligente e geralmente fortes, atléticos e muito bonitos;

ZÉ

Hi... acho que o senhor tá enganado, os lobos são feios, nada de espertos e geralmente são uns bobos;

LOBO

acho que estão enganados isso sim!

CHICO

Acho que não! (*Eles cantam novamente*).

CHICO

Só criancinhas têm medo de Lobo Mal;

ZÉ

E aqui por perto não tem nenhum, se não eu...

LOBO

Você o quê, porquinho? Se tivesse um lobo mal aqui perto faria o quê?

ZÉ

Eu daria uma lição nesses fedorentos...

LOBO

Fedorentos!

CHICO

Sim, fedem muito esses lobos, fedem demais;

MARIA

Meninos não podem falar assim, tudo bem não gostamos de lobos, mas ofende-los não;

ZÉ

Mas não ofendemos ninguém, só estamos falando a verdade;

LOBO

Será que se algum lobo estivesse aqui ele não ia se ofender e ficar furioso e...

ZÉ E CHICO

E... *(Lobo tirando a fantasia de vendedor).*

LOBO

Tentar fazer de vocês churrasquinho!

OS TRÊS

Lobo Mal!

LOBO

Sim, Lobo Mal e é melhor vocês correrem porque se eu pegar vocês vão se arrepender de terem falando tudo isso;

CHICO

Corram!!!

ZÉ

Salve-se quem puder!

MARIA

Ai minha Nossa Senhora dos porquinhos! *(Eles correm pela plateia e depois o porquinho Chico joga a bola nele e ele cai. Eles fogem. Logo depois o Lobo volta a ir atrás deles. Porquinho Chico vai voltando para sua casinha. Lobo volta).*

LOBO

Toc toc toc.

CHICO

Quem é?

LOBO

Sou eu... o Neymar Junior!

CHICO

Neymar!!!

LOBO

Sim, o Neymar!

CHICO

Tá achando que eu sou bobo é... Eu sei que é você, Lobo...

LOBO

Porquinho, abre essa porta porque senão vou soprar, soprar e sua casa derrubar!

CHICO

Pode tentar minha casa é de palha e não vai derrubar! *(Lobo fica soprando e a casa cai e porquinho sai correndo, volta o porquinho Zé).*

LOBO

Toc toc toc!

ZÉ

Quem é?

LOBO

Sou eu... Whinderson Nunes!

ZÉ

Mentira essa voz não é a dele;

LOBO

Caramba você é esperto, na verdade eu sou o Tirulipa!

ZÉ

Pare de ser mentiroso, eu sei que é você, seu Lobo bobo;

LOBO

Porquinho, abre essa porta porque senão vou soprar, soprar e sua casa derrubar!

ZÉ

Pode tentar, minha casa é de madeira e não vai derrubar! *(Lobo fica soprando, a casa cai e o porquinho sai correndo. Volta a porquinha Maria. Zé e Chico entram em cena desesperados).*

ZÉ

Maria, pelo amor de Deus abre sua porta!

CHICO

O Lobo tá atrás da gente!

ZÉ

Ele derrubou nossas casinhas.

MARIA

Eu disse que a casa de vocês era muito frágil, não tinha resistência.

ZÉ

Tá bem, nós erramos, mas deixa a gente entrar, lobo!

CHICO

Mas o que vamos fazer pra acabar com esse tal Lobo!

MARIA

Já sei, mas vamos precisar da ajuda de todas vocês crianças. O Lobo vai soprar minha casa e não vai derrubar ela porque ela é muito resistente, daí vai se cansar e ficar fraco e eu vou falar: "Agora!". Nesse momento meus irmãos e vocês vão ficar em pé e soprar, soprar e soprar até o Lobo cair e quando ele cair, todos cantamos bem forte: "quem tem medo do lobo mau, lobo mau, lobo mau, quem tem medo do lobo mau, lobo mau", mas temos que cantar bem alto e bem forte, vamos treinar. *(Canta uma vez).*

CHICO

Acho que vai dar certo!

ZÉ

Caramba eu vou é gravar um vídeo disso tudo, vou bombar nas redes!

MARIA

Não esqueçam de nos ajudar.

ZÉ

Mas só isso vai fazer ele ir embora?

MARIA

Depois da música ele vai ver que todos juntos somos fortes e que não precisamos ter medo, mas para garantir que ele vá embora mesmo, eu vou pegar esse balde cheio de pó de mico, esse pó vai fazer o tal lobo se coçar tanto, mas tanto, que ele vai fugir *(Lobo uiva)*.

CHICO

Acho que aí vem ele, vamos nos esconder. *(Eles se escondem na plateia, entra o lobo)*.

LOBO

Toc toc toc!

MARIA

Quem é?

LOBO

Sou eu! *(Nome do gerente da loja que patrocinar o espetáculo)*.

MARIA

Mentira, meus irmãos me mandaram um whats, eu sei que é você, seu Lobo Mau!

LOBO

Porquinha, abre essa porta porque senão vou soprar, soprar e sua casa derrubar!

MARIA

Pode tentar, minha casa é de tijolos e não vai derrubar! *(Lobo fica soprando, soprando e nada da casa cair)*.

MARIA

Agora!!!

(As crianças sopram e cantam, depois Maria joga o pó de mico no lobo que se coça todo e sai correndo).

MARIA

Graças a Deus que ele foi embora!

CHICO

Que bom! Ainda sou muito jovem pra virar churrasquinho.

ZÉ

E eu gravei meu vídeo disso e vai bombar meu canal!

MARIA

Mas isso tudo aconteceu porque vocês dois não me ouviram, eu sou a irmã mais velha e sei que posso ajudar vocês com minha experiência, por isso me prometam que vão me escutar mais.

ZÉ

Desculpe irmã, vamos escutar mais você.

CHICO

Afinal você só quer nosso bem!

MARIA

Viu crianças, sempre escutem os pais de vocês, eles só querem o bem de cada um e por isso sempre dão os melhores conselhos para ajudar vocês.

CHICO

Verdade maninha.

MARIA

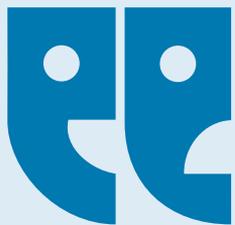
Agora vamos correr porque ainda quero ir na inauguração da *(nome da loja financiadora)*, porque eu já tenho meu cartão e vou ter muitos descontos.

(Eles vão saindo e pedindo coisas, entra o lobo correndo e se coçando gritando).

LOBO

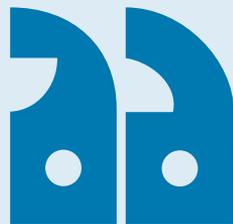
Eu voltarei...

Fim



TAPÎRIKE NANKON TOROYAMÎ' PANTONI A FESTA NO CÉU

Turma do curso de Teatro no Ensino de
Línguas e Culturas Macuxi e Wapichana



TAPÎRIKE NANKON TOROYAMÎ' PANTONI A FESTA NO CÉU - 2017

Turma do Curso de Teatro no Ensino de Línguas e Culturas Macuxi e Wapichana
Revisado por Dorinha Laurentino



KAREME'NIN

Pena pemonkoyamî'pe toronyamî'wanî'pî ka'po tiaronkon toronyamî'komanto'wanî'pî Ka'rata po inkamoro manaato' weiyu eseporî'pî, mîrîrî epu'tî'pî Kurunya mîikîrî wîti'pî pîretukku' yetai' tîise ta'pîiya:

PÎRETUKU'

Kaane uutî pepîn uyapîri' tonpra man.

KURUN

Ayarîuya unpo tînînpî'.

PÎRETUKU'

Kaane, uutîya ayarakkîrî uurî kenanen uye'pî tîwîkkîpî'se.

KAREME'NIN

Taa tîpo pîretukku' atausinpasa' wîti'pî kurun yarakkîrî ipu'tîiya pra inna kai'ma,tîise maasa Ka'ra-ta' tereepanî'se pra Pîretukku' ma'pî Kurunya non pona' ipîira iro'ta ta'mîrikai 'aasa'manta'pî mîikîrî yanni'pîiya. Nura sa'ne pekai'pan Ka'rata wanna'pon. Mîrîrî tîpo inî'rî attî'pî iwarîka yetai':

IWARÎKA

Inna moriya uutî ayarakkîrî.

KAREME'NIN

Tîise pîretukku' warantî pakkope wanîpra Iwarîka wanî'pî yei pia'pî yari'pîiya Kurun neka'ta'ma-pa.Iwarîka yari'pî Kurunya,ipîira nari'pe awe'ruwaikapîti'pî iwarîka maapa kai'ma.Iwarîka si'hîpî'pî, mîikîrîya ta'pî:

IWARÎKA

Morîipe uyaakî Kurun!

KURUN

Inna, morîpe ayaarîuya unpo.

KAREME'NIN

Tîise yukîiyapra Kurun wanî'pî emi'ne pu'kuru tîwane'nin. Mîikîrî neka'ta'ma'pî iwarîkaya ipîira tîwwîi'. Iwîi tîpo Kurun yapîri'kon yarenkapîti'pîiya taawo'tîpa ipo tawainuse. Non pona' teere-pamî rawîrî iwarîka arappumî'pî yu'pona, ipîira tatausinpai', mîikîrî eserenka'pî, seeni' warantî:

IWARÎKA

Iwarîkarî, iwarîkarî, yei poroorî uye'marîrî. Uurî iwarîka tatausinpai' tîiko'mansen uyeseru inkarî'ta. Akka as'ne kurun, aro'ta tanî'sepa uke aasa'mantîsa'nai'.



FESTA NO CÉU

NARRADOR

Antigamente os pássaros falavam como pessoas, suas casas eram no céu. Um dia, todos combinaram para ir à festa para dançar. Mas aí havia um pássaro preto por nome de urubu, que era mentiroso. Ele convidou propositalmente animais sem asa para derrubá-los e comê-los. Primeiro ele convidou o sapo para ir com ele ao céu. Mas o sapo disse ao urubu:

SAPO

Não, não vou porque não tenho asa.

URUBU

Vou te levar no ombro.

SAPO

Sim, então eu vou (*disse o Sapo*).

NARRADOR

E então o urubu levou o sapo no ombro de modo perigoso e desajeitado. Depois o sapo caiu com tanta força que rasgou a barriga dele. Contento o urubu saciou-se com o sapo. Coitado do sapo, sem mesmo chegar ao céu, foi comido pelo urubu. Depois disso, o urubu convidou o macaco para ir com ele ao céu para uma festa. O macaco ficou contente para ir, mas disse:

MACACO

Não, não vou porque não tenho asa.

URUBU

Não tem problema, eu te levo no ombro.

MACACO

Sim! Então está certo, eu vou.

NARRADOR

Mas o macaco com sua esperteza, não fez como o sapo, levou um pedaço de pau consigo para bater no urubu. O urubu levou o macaco desajeitadamente, pensando em derrubá-lo. O macaco assustado disse:

MACACO

Me leve direito, seu Urubu!

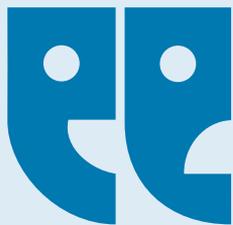
NARRADOR

Mas o urubu não obedeceu, pois estava com fome. Mas o macaco bateu na cabeça dele levando-o até a morte. Depois de matá-lo, abriu as asas do urubu e desceu voando em cima dela. Antes mesmo de chegar ao chão, deu um pulo em cima da árvore. E muito contente começou a cantar.

MACACO

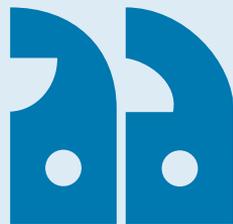
Sou macaco, sou macaco, pelo galho é meu caminho. Eu sou macaco, vivo alegremente na floresta, é o meu jeito, na mata (*canta*). Que pena, o urubu morreu sem encher sua barriga comigo.

Fim



KUXI NA'IK KUPAY O PORCO E O PEIXE

Turma do curso de Teatro no Ensino de
Línguas e Culturas Macuxi e Wapichana



KUXI NA'IK KUPAY - O PORCO E O PEIXE - 2017

Turma do Curso de Teatro no Ensino de Línguas e Culturas Macuxi e Wapichana

OBS: O texto abaixo, propositalmente, não foi traduzido, sugerindo que o (a) leitor (a), aprenda a língua Wapichana. A história é da época que os animais falavam, quando o porco fez um desafio ao peixe: "Vamos ver quem é mais gostoso?" E o peixe diz que vive na água, é limpo e se lava o tempo todo, enquanto o porco vive na lama e é sujo. O porco reclama que quando comem peixe ficam cuspindo e fica um cheiro horrível na mão, enquanto com o porco não, comem o porco e lambem os dedos. O porco diz ao compadre peixe que não é todo mundo que gosta de comer peixe e que ele é gostoso e todos gostam de comer sua carne.



KUADAPAYZU - Kutya'anaa wynyinhau paraydayzun zii, intiweakayzun da'i pa'atiaka, kainha'a: aru, kapaxi, sukury, urana, kuxi na'ik baurainhau. Aizii aichakary nii kywai dia'a. Kuxi dapan kupay intiweaka'azun, ytykpa'azun kanun kady'ny'u manawyn padynaa dia'a, sariap ikian, kunpadi kupay at:

KUXI - Watykap kanum kady'ny'u.

KUPAY -Ayx'a'anaa muku kunpadi.

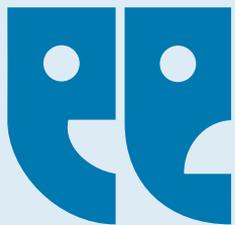
KUADAPAYZU -Yryy'naa intiweakan, kuxi saakadannaa:

KUXI -Ungary kaup'a'u daari bi'i, unwanhykynyy imi'i bara'a, ungary kaniribe'u, ungary maxapan kizichi'u ipei kamuu. Mazan, na'apainim unzuikeu an, pidiannau tuman nii wanhykynyi kady'ny'u, ipeu nii inhau niken, inpizuan paka'y xiiu kid na'ik inpizuu dakuinhan na'ik insusuan unniuz. Pygary man kunpadi kupay, na'apainim inhau aruupan py dynaa da'y. Sariap insiupichan pixiri atii panadun inkiudian nii pixiri, ykayan kunpadi kupay.

KUPAY -Ungary winii (wazutu) watiweakan idia'an, xa'apanyn id ipei pidiannau, kuraiziannau naydapan ungary dynaa.

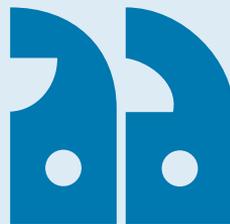
KUXI - Pygary kunpadi kupay, auna ipei man pidiannau naydapan pydynaa.

KUADAPAYZU - Kaipa'a kuxi winiiayzun kupay.



A CASA DAS 12 PORTAS

Hander Frank



A CASA DAS 12 PORTAS - 2019

Hander Frank

PERSONAGENS

Cassandra

Irmã mais velha

Cacilda

Segunda Irmã

Carola

Gêmea de Catiussa

Catiussa

Gêmea de Carola

Clara

Irmã mais nova

Gato Harry

Gato das Irmãs

Vilelo

Vítima

Coronel Brasil

Coronel da Cidade

Soldado Coelho

Soldado paspalhão

Soldado Araújo

Soldado paspalhão

Prima Francisca

Melhor amiga da irmã mais velha - curandeira

Lucas

Amigo da irmã mais nova - corajoso

Teófila

Amiga da irmã mais nova - medrosa



PRÓLOGO

(Cântico das bruxas, uivo de lobo e ventos fortes. Vilelo entra em cena meio cambaleante como se tivesse bebido. Muito cansado ou com sua vida por um fio. Em suas mãos tem um boneco de vodu com a mesma roupa que ele está).

VILELO

Eu descobri, eu descobri tudo e toda cidade vai saber! Esse é o seu fim e o fim de toda essa família desgraçada. Vocês me enfeitiçaram, fizeram coisas com minha cabeça e depois disseram que tudo foi culpa minha! Vocês são malditas mulheres amaldiçoadas, eu caí nos encantos de vocês, de todas vocês! Mas agora eu vou me vingar de cada uma de vocês, de cada palavra, todos vão saber! O que é isso? Que barulho é este? Então são vocês? Esse é mais um de seus truques? *(Olha pra frente como se passasse um vulto na sua frente)*. Isso não me engana! Volte aqui! *(Se joga no chão para alcançar)*. Quase que eu te pego! *(Sente um palpar no coração)*. Não, por favor, não... Por que vocês estão fazendo isso comigo? Desculpe, eu estava errado, eu vou guar... Eu vou.. *(Começa a ter em ataque cardíaco)*. Nãaaaa! Por favor, me ajudeeeeem, socorro! *(Se debate no chão como se estivesse tendo um ataque)*.

(Morre e deixa cair de sua mão o boneco de vodu. Na outra mão segura um pelo. Soldados e Coronel entram em cena levam o corpo e recolhem as provas. Breu).

CENA 1

(As irmãs estão sentadas à mesa, esperando a mais velha chegar. Entra em cena Cassandra).

CASSANDRA

Quem fez isso? Fale agora ou cale-se para sempre! Qual das belas damas dessa casa fez o que fez?

CACILDA

Você está insinuando que foi uma de nós? Não acredito nisso!

GÊMEAS

(Ao mesmo tempo). Nós também não!

CASSANDRA

Apesar de tudo que aconteceu, ninguém tinha o direito de fazer isso. Eu quero saber agora, quem tirou a vida dele?

CLARA

Não é melhor fazer um feitiço pra descobrir?

CASSANDRA

Você não acha que eu não pensei nisso? Não tem como. A magia usada me impede de qualquer coisa.

CLARA

Nossa, eu sei que eu não fiz nada, nem tenho tanto poder!

CACILDA

Mas qualquer bruxa com muito ódio no coração pode fazer qualquer coisa.

CASSANDRA

Eu não quero desculpas, quero saber quem foi!

GÊMEAS

Não fomos nós!

CLARA

Nem eu.

CACILDA

Nem adianta olhar pra mim, eu não tenho nada a ver com isto.

CASSANDRA

Nós sabemos o mal que esse homem fez pra nossa família, mas isso não é motivo pra matar alguém. Precisamos controlar nossos instintos. Nossa família sempre pregou o amor, não é agora que vamos passar para o lado ruim.

CAROLA

Nós fugimos da última vez por isso, era magia demais!

CATIUSSA

Demais, demais! Mas juramos de pés juntinhos:

GÊMEAS

(Ao mesmo tempo). Não foi a gente que fez esse feitiço experiente.

CASSANDRA

Conversei com o Coronel e ele ficou muito desconfiado, parecem ser astutos os guardas dessa cidade. Viemos aqui para nos esconder!

CACILDA

Já chega dessa conversa! Você está insinuando que foi uma de nós, mas você e a Clara são as únicas aqui que tem motivos pra isso. *(Clara olha assustada).*

GÊMEAS

Cacilda! *(Clara sai chorando).*

CACILDA

Olha o que você faz com suas insinuações de sempre! Estressa todo mundo com suas cobranças. *(Irritada).* Não fui eu, tá bom? Não fui eu!

CASSANDRA

Mas... *(Cacilda sai de cena).*

GÊMEAS

(Se entreolham). Também não fomos nós. *(Gêmeas saem de cena).*

CASSANDRA

A bruxa está solta nesta casa e eu não sei o que fazer! Hécate, deusa da Magia, ilumina meus caminhos e o dessas meninas. É tão difícil ser líder de um clã de bruxas. Que esse risco de ser caçada por fazer magia não caía sobre nós novamente. Não quero mais fugir, é tão boa a brisa do rio que sinto aqui, da natureza. A magia já levou quem me cativou, meu amante pescador. Me deixe aqui próximo a esse espírito do rio onde tenho lembranças de amor. "Obrigada, Hécate divina, por nos ceder o dom da magia e toda bruxa ou bruxo que te quiser terá que honrar a vida que vier."
(Fala palavras místicas e estala os dedos e sai de cena).

CENA 2

CORONEL

Meus caros soldados sabem por que estamos aqui?

SOLDADO COELHO

Não senhor

SOLDADO ARAÚJO

Sim senhor

SOLDADOS

Quer dizer...

SOLDADO COELHO

Sim senhor.

SOLDADO ARAÚJO

Não senhor.

CORONEL

Eita vocês dois hein... Sentido! Muito bem... Ontem à noite tivemos relatos de um homem gritando em frente à casa das 12 portas, ameaçando as moradoras e logo depois morreu subitamente.

SOLDADO COELHO

Mas o que tem demais em um bêbado morrer de mal súbito?

CORONEL

O mais intrigante e que essa sua cabeça oca não viu foi o boneco de vodu que ele tinha nas mãos, exatamente igual a ele.

SOLDADO ARAÚJO

Mas o senhor não tá dizendo o que tá parecendo que o senhor tá querendo dizer não, né?

SOLDADO COELHO

Valha-me, Nossa Senhora! É isso mermo?

CORONEL

Vocês estão realmente achando que tem bruxaria envolvida? Eu estava pensando em envenenamento.

SOLDADO COELHO

O senhor Coronel é novo na cidade... Aquelas 5 ali tem a fama de serem bruxas.

SOLDADO ARAÚJO

Esse homi que foi corajoso de ir lá enfrentar as 5!!!

SOLDADO COELHO

Corajoso não! Doido!

CORONEL

Chega vocês dois! Com certeza isso tem uma explicação lógica. E vocês dois vão ser os encarregados desse caso. Eu irei supervisionar bem de perto o trabalho dos dois.

SOLDADO COELHO

(Em tom de súplica). Mas vosso senhor Coronel...

SOLDADO ARAÚJO

Vosso senhor excelentíssimo Coronel...

SOLDADO COELHO

Você tem mais astúcia que a gente!

SOLDADO ARAÚJO

Muito mais pomposo, engenhoso, poderoso e todos os ôsos!

SOLDADOS

(Falam juntos). Então o senhor com certeza pode ir sozinho. *(Os dois vão saindo).*

CORONEL

Soldados, sentido! De frente pra mim agora! Soldados, isso foi uma insolência?

SOLDADOS

Não foi não, senhor!

CORONEL

Muito Bem! Então vou ter que lembrar aos senhores de cada presepada que me aprontaram desde que cheguei aqui. Vocês são a única dupla que ninguém quer, mas eu estou aqui querendo ajudar vocês. Vou dar essa última chance para vocês provarem que são bons soldados, caso contrário vão ser encaminhados para o Forte São Joaquim, onde ficarão por 1 ano encarregados da limpeza.

SOLDADOS

Aiiii... não, senhor! O Forte não! Lá não tem nada.... *(Resmungam com medo).*

CORONEL

Silêncio! Se eu ouvir mais um pio de vocês vou mandar os dois para cadeia por insubordinação. Agora vão! E só me apareçam aqui quando souberem quem envenenou o Vilelo.

SOLDADOS

Sim senhor! *(Soldados saem cabisbaixos).*

CENA 3

(As irmãs entram uma ao lado da outra com as capas sobre a cabeça e subitamente começam a arrumar a casa tentando esconder todos os materiais místicos: livros de magia, chapéu, capas).

CASSANDRA

Vamos meninas, temos que ser rápidas, eles já devem estar chegando. *(Pega uma bola de cristal entoa cânticos e vê os soldados se aproximando).*

CASSANDRA

Droga! Vamos ter que ser mais rápidas. Eles já estão perto da casa da cultura, só a dois quarteirões daqui!

CACILDA

Mas por que não usamos magia pra terminar isso mais rápido?

CASSANDRA

Você não pensa Cacilda? Quer atrair ainda mais olhares com as coisas voando por aí? Esqueceu que essa bendita casa tem 12 portas e estamos no centro da cidade?

CACILDA

Mas...

CASSANDRA

Sem mas! Vamos arrumar e pronto.

GATO HARRY

Ai, mas pra que tanta gritaria? Pra que tanto mau humor? Parece até que alguém caiu morto na calçada dessa casa! *(Risada irônica de gato).*

CLARA

Isso não é momento para suas piadinhas, Harry!

GATO HARRY

Desculpe, desculpe. É que sabem como é, né? Participar do conselho de animais místicos é muito cansativo e estressante! Fiquei fora a noite toda ontem, só me resta tentar alegrar este ambiente...

CASSANDRA

Harry, os soldados estão chegando, você não consegue manter o bico fechado. Então saia, por favor.

GATO HARRY

Ai, não! E perder toda a festa de vocês sendo acusadas de assassinar um homem? Jamais! *(Risada irônica de gato).*

CLARA

Para, Harry!

CASSANDRA

Harry, se você não me obedecer vou te transformar em um rato!

GATO HARRY

Um rato? Um rato nunca! Aquele bicho imundo só serve para fazer umas brincadeirinhas. Não, rato nunca!

CASSANDRA

Quer continuar aqui e esperar para ver?

CACILDA

Relaxe, Harry! Ela não vai fazer nenhuma magia porque ela não quer que mais pessoas saibam dos nossos poderes!

GATO HARRY

(Risada irônica de gato. Vai até os pés de Cassadra e se esfrega pedindo carinho). Então quer dizer que você não pode fazer magias, minha doce Cassandra? *(Risada irônica. Sai de perto e fala ironicamente).* Isso quer dizer que eu posso falar à vontade? Inclusive com os guardas? Muito obrigado, gentil Cassandra.

CASSANDRA

Seu gato maldito! *(Pega um livro, abre rapidamente e quase realiza o feitiço).*

CLARA

(Entra no meio). Não vou deixar a senhora fazer isso!

GÊMEAS

(Entram no meio). A gente também não!

CACILDA

Então tirem esse gato daqui, porque dessa vez eu concordo com a Cassandra! Ele está me dando nos nervos!

CLARA

Ele é nosso gato! Vocês não podem ficar usando magia contra ele por conta de piadas bobas. *(Fala sussurrando pra trás)*. Pede desculpas agora!

GATO

Mas eu...

GÊMEAS

Agora!

GATO

(Revira os olhos). Desculpas, magnânima Cassandra, a primeira de sua geração, líder do clã Valencia, mestra de suas irmãs e maga de 5º grau, perdoe esse pobre gato insolente e um tanto gracioso.

CASSANDRA

(Para de ameaçar com o poder). Clara, leve agora esse gato seu e de suas irmãs para qualquer lugar! Eu só quero que ele não esteja aqui quando a polícia chegar.

GÊMEAS

Nós também podemos ir?

CACILDA

Claro que não! Precisamos da maioria da família aqui.

CASSANDRA

Obrigada, Cacilda. Agora vá, Clara, antes que eu me arrependa e transforme esse gato graciosamente em churrasquinho.

CLARA

Sim, senhora. *(Clara sai de cena com o gato mal-humorado e encarando a Cassandra. As demais continuam a arrumar, até que subitamente batem na porta)*.

CENA 4

(Entra em cena clara e o gato).

CLARA

Você devia ficar calado ao menos uma vez na sua vida!

GATO

Mas que injustiça! Eu fico calado a maior parte do tempo! O problema é que a maior parte do tempo eu estou longe de vocês.

CLARA

Depois que você virar rato ou churrasco não vai reclamar. *(Entram em cena Teófila e Lucas).*

CLARA

Finalmente eles chegaram aqui na beira do Porto.

TEÓFILA

Oi Clara.

LUCAS

E aí, minha bruxinha predileta!

CLARA

Oi.

TEÓFILA

Qual é a treta?

GATO HARRY

Não tá vendo que ela tá triste? Olha cara dela?

CLARA

Cala boca, Harry! O que a gente conversou?

TEÓFILA

Como.. Como assim? Esse gato fala?

LUCAS

Então, isso não foi só dentro da minha cabeça?

CLARA

Não, pessoal... Esse é o Harry, Harry pessoal.

GATO

Ahh... então esses são os seus amigos da escola de humanos que você tanto fala, né? Seres... interessantes... *(Debochado)*.

TEÓFILA

Escola de Humanos? Que diacho é isso, Clara?

LUCAS

Eu não estou entendendo nada! O que você é, Clara? E por que seu gato fala?

CLARA

Bom, gente... é que... assim... Ai, eu não sei como contar.

LUCAS E TEÓFILA

Desembucha!

CLARA

Bom... Eu precisava falar pra vocês antes que tudo viesse à tona e vocês achassem que eu não sou amiga de vocês. Estão sabendo sobre o homem que morreu em frente a nossa casa?

LUCAS

Sim... Todo mundo só fala disso, dos rumores de vocês serem bruxas e terem matado ele usando um de seus feitiços.

CLARA

Bom... é verdade.

TEÓFILA

Vocês mataram ele?

CLARA

Não, não... Na verdade eu não sei. Tá tudo muito confuso. *(Quase chorando)*. A nossa líder e irmã mais velha acha que foi uma de nós.

LUCAS

Calma Clara, respira e conta tudo. Eu e o Teófila vamos ficar calados.

GATO HARRY

É bom mesmo, por que até euzinho me calei para a menina Clara contar sua história. *(Passa perto dela como se desse carinho).*

CLARA

(Ri um pouco triste). Finalmente, né, Harry?!

CLARA

Bom, meninos... Isso é um grande segredo. Minha família, a família Valença, vem de uma grande geração de bruxas e meu pai era líder de um grande clã, regido pela deusa Hécate, a deusa da magia Grega. Nosso clã sempre seguiu o caminho do bem, mas meu tio foi corrompido pelo mau e se uniu a forças das trevas, travando uma guerra contra nossa família. Hoje de nosso grande clã só restam eu e minhas irmãs, todos estão mortos, inclusive meu tio. Meus pais se sacrificaram para nos salvar. Então passamos de cidade em cidade, aprendendo a esconder nossos poderes dos não-bruxos, mas tivemos um incidente com as gêmeas no último verão, então decidimos nos mudar pra perto da única família que nos restava, a prima não-bruxa Francisca.

LUCAS

A dona Francisca? Curandeira da cidade?

CLARA

Sim, ela mesma...

TEÓFILA

Mas o que isso tem a ver com a história do homem? Por que vocês o mataram?

CLARA

Nós não o matamos, tá legal? Na verdade, eu quero muito acreditar que não foi uma de nós. Mas todas as bruxas têm tendências a seguir o caminho do poder e da vingança, então, não sei...

LUCAS

Mas por que vingança?

CLARA

Ele entrou uma noite no meu quarto e me fez coisas ruins... *(Começa a querer chorar, mas limpa as lágrimas).* Mas não quero falar disso! Ele tinha uma relação com minha irmã mais velha e se aproveitou da situação. Desde então todas ficamos com ódio dele, mas juramos não fazer mal nenhum.

GATO HARRY

Na verdade só você jurou, meu amor!

LUCAS

Essa história é muito louca, não acredito que um homem bom como o dindo Vilelo tenha feito mal a vocês! Vocês que são más e mataram meu padrinho! *(Lucas sai de cena com raiva).*

TEÓFILA

Lucas, espere! Calma, Clara. Isso é muito pra digerir, eu ainda não entendo e estou com medo. Vou conversar com o Lucas e depois a gente se fala. *(Teófila sai de cena e vai atrás do Lucas).*

CLARA

Eu não sabia que aquele monstro era padrinho dele, Harry!

GATO HARRY

Impressionante como essa cidade é pequena! Parece que todo mundo se conhece ou faz parte da mesma família!

CLARA

Agora estou me sentindo ainda pior! *(Começa a querer chorar).*

GATO HARRY

(Se esfrega nela como quem pede carinho). Calma, pobre criança, eu estou aqui pra ser seu amigo e aliado. *(Pausa).* Porém, lamento lhe informar que não temos tempo pra lamentações... logo a família terá que fugir.

CLARA

(Limpa as lágrimas). Vamos, Harry! Realmente não temos tempo para chorar sobre o leite derramado.

GATO HARRY

Isso mesmo, criança! Iremos juntos resolver essa situação... hmm onde tem leite derramado? *(Lambendo os lábios. Os dois saem de cena).*

CENA 5

(Batida na porta, Cassandra se assusta).

CASSANDRA

Ai, meu Deus! São eles! *(Fala para as Gêmeas).* Mermã, faz isso ligeiro! E tu esconde logo esse livro!

CAROLA

Te avexa não, mulher.

CATIUSSA

Eles só vão entrar quando tu abrir a porta.

GÊMEAS

(Se entreolham). Arriégua!

CASSANDRA

Vocês vão tomar um baculejo daqueles que vocês vão aprender o que é bom pra tosse.
(Outra batida, Cassandra vai até a porta e abre. Todas com sorriso falso e os soldados meio que tremendo. Soldados entram em cena).

SOLDADO COELHO

Vimos em nome do Coronel Brasil.

SOLDADO ARAÚJO

E estamos aqui só para interrogá-las, não é para fazer nenhum mal, então esperamos que vocês também não façam com a gente.

SOLDADO COELHO

Shhhhhh... Silêncio!

CASSANDRA

E por que nós faríamos algum mal, senhor soldado?

SOLDADO ARAÚJO

Estamos aqui apenas para cumprir o que o seu Coronel combinou.

SOLDADO COELHO

É, soldado. Vimos aqui interrogá-las. *(Olha em volta).* E por que só tem 4 de vocês? Não eram 5?

SOLDADO ARAÚJO

Claro, soldado. Tu não sabe que elas são 5 bruxas... ops...

CASSANDRA

Do que nos chamou?

SOLDADO COELHO

Nada não, senhora, meu amigo tá lendo muito livro de terror.

GÊMEAS

Nós ouvimos muito bem!

SOLDADO COELHO

Elas são gêmeas e falam juntas, Coelho! Ai, meu Deus! Elas são bruxas mesmo. *(Fala com medo e andando pra trás)*. Te acalma, Araújo, isso não quer dizer nada.

CACILDA

Relaxem, queridos. Não somos bruxas, podem se sentar. Aceitam um chá?

SOLDADOS

Deus me defenda! Quer dizer... não, muito obrigado.

GÊMEAS

(Se movem discretamente e puxam as cadeiras pra eles sentarem). Podem se sentar. *(Risadas irônicas)*.

SOLDADOS

(Fazem o sinal da cruz enquanto se sentam). Valha-me Nossa Senhora! A gente já está falando junto. *(Irmãs bruxas se entreolham dão risadas irônicas e sentam)*.

CASSANDRA

Então, o que vocês querem saber?

SOLDADO ARAÚJO

Olha, assim... não é bem a gente.

SOLDADO COELHO

Rum! O Coronel nos mandou aqui para dizer que sabemos da sua relação com o morto, senhora Cassandra, e que devemos tomar nota. Pega o bloquinho, Araújo. *(Araújo pega o bloquinho se tremendo)*.

CASSANDRA

Bom então o motivo desse encontro sou eu... humm que bom... Bom, a minha relação com o Vilelo foi algo muito importante na minha vida. Nunca contei as minhas irmãs. *(Todas reagem indignadas)*. Mas tivemos lindos momentos vendo o pôr do sol, nadando no Rio Branco, comendo paçoca com banana e tambaqui com farinha. Ele era um homem bom, mas eu não podia contar pra mi-

nha família que tínhamos essa relação, ainda mais porque ele era casado e eu tenho minhas tradições. Mas chegou um dia que eu tive que pôr um fim. *(Silêncio de dimão)*.

SOLDADO ARAÚJO

Foi aí que você pôs um fim na vida dele?

SOLDADO COELHO

Tédoidé! Tu não fica calado, homi!

CASSANDRA

Tudo bem... Nós sabemos o que andam especulando de nós aí fora. Mas não, nós não somos ruins. Nós viemos de muito longe pra cá pra viver em paz! Mas eu conheci meu grande amor. *(Começa a ficar triste)*. Ele se foi e eu ainda tenho que ficar vendo minha família ser acusada disso... desculpa, não dá. Reviver isso tudo pra mim é muito difícil. *(Começa a lagrimejar, mas tenta ser forte)*. Isso é tudo que eu tenho a dizer e eu nunca faria nada contra ele. *(Sai enxugando as lágrimas. Cassandra sai de cena)*.

SOLDADO ARAÚJO

Eita! Que situaçãozinha difícil essa senhora está passando.

SOLDADO COELHO

Agora bem aí! Homi, tu não pode ficar comentando as coisas não! Só anote benhaí!
(Araújo continua anotando o que Cassandra disse).

SOLDADO COELHO

Agora segundo ordens do excelentíssimo Coronel devemos averiguar a casa de vocês.

CACILDA

Olha lá hein... vocês podem até olhar, mas não vão bulir em nada não.

GÊMEAS

Nós acompanhamos eles, Cacilda.

SOLDADO ARAÚJO

Deus me proteja! Podem relaxar, lindas meninas. Vai ser uma olhada bem rapidinhazinha.

SOLDADO COELHO

(Coelho puxa Araújo até o canto da sala). Télezé, homi? Tu esqueceu que nós tem que voltar com provas?

GÊMEAS

(Chegam bem perto deles repentinamente uma de cada lado). Provas, de quê?

CAROLA

Então é isso que vocês buscaram?

CATIUSSA

Provas? Confissões? Magias?

SOLDADOS

(Dando passos pra trás). Talvez senhoras!

(Começam a procurar algo pela casa. Cacilda, disfarçadamente, lança uma pedrinha no chão, Araújo tropeça e quando se levanta olha um objeto brilhante e na hora que toca fica paralisado).

SOLDADO COELHO

Ai, meu Deus, Araújo? Araújo, fala comigo! Homi, pare de presepada. *(Fala pras irmãs)*. O que vocês fizeram com ele? O que ele tem? Ai, minha Nossa Senhora do Carmo! Me protegei! *(Vai pra trás do amigo se esconder. Bruxas se entreolham)*.

CACILDA E GÊMEAS

Desculpe, soldado! Mas vocês não nos deram escolha. *(Irmãs começam a entoar cânticos e à medida que eles vão crescendo, Coelho vai desmaiando. Cântico Fu Shi Pa - Feitiço de desmaio repetido 3 vezes)*.

CACILDA

Vocês sabem que a Cassandra vai nos matar, né?!

CAROLA

Ai, Cacilda! Deixa de coisa! É sempre bom uma brincadeirinha com os humanos...

CATIUSSA

Sempre. Sempre! É muito bom tirar graça com eles ainda mais com dois bobalhões como esses. *(Risadas de bruxa)*.

GÊMEAS

Vai dizer que não gosta? Vai dizer que não?

CACILDA

É bom mesmo... mas vocês têm que tomar jeito! Já não basta a bagunça que vocês fizeram lá no Maranhão? A gente vai pros lugares mais distantes e vocês conseguem estragar.

GÊMEAS

Dessa vez não fomos nós! *(Se entreolham)*. Será?

CACILDA

Vocês vão me botar louca! Vamos logo embora, depois a gente pensa no que faz com esses dois.
(Cacilda joga um pano em cima dos soldados e saem de cena).

CENA 6

(Cassandra e Francisca se sentam em uma praça pra conversar).

CASSANDRA

Desculpe te chamar com tanto aperseio Francisca, sei que você tem muito o que fazer nas suas consultas.

FRANCISCA

Fica tranquila, minha prima, eu só tenho algumas crianças para benzer e falei para as mães que faria isso no final da tarde.

CASSANDRA

Acho tão lindo o seu trabalho. As vezes tenho vontade de largar o clã e só fazer feitiços de cura.

FRANCISCA

Infelizmente eu não nasci com o dom dos feitiços como vocês do clã, apesar de sermos da mesma família! Queria muito ajudar as pessoas com poderes místicos... Mas não viemos aqui pra falar disso ou de mim, desembucha logo o que aconteceu. Tu sabes que está todo mundo comentando, né?

CASSANDRA

Bom minha prima... você sabe que viemos pra cá de pau de arara lá do Codó com o povo que Governador Ottomar trouxe lá do Maranhão, né? Viemos pra um lugar mais distante ainda, pra ter paz e tranquilidade, mas a confusão parece que nos persegue.

FRANCISCA

Não sei se ela persegue essa família ou essa família que procura confusão.

CASSANDRA

Também não sei, mas nós somos as principais suspeitas, e eu não sei o que fazer. Estamos sendo acusadas e o meu maior receio é que alguma das meninas tenha feito isso por vingança.

FRANCISCA

Mas tu achas mermo que a Clara seria capaz de se vingar por conta daquilo?

CASSANDRA

Meu coração de irmã-mãe quer acreditar muito que não, mas você sabe que o temperamento das bruxas é diferente, nós temos aquela tendência a nos seduzir pelo poder e caminhar pro mal. E a Clara anda tão estranha desde que tudo aconteceu.

FRANCISCA

Você contou ao pessoal do exército o que ele fez com ela?

CASSANDRA

Não. E eu nunca vou contar. Isso pode acabar com a vida da Clara, mas também não suspeito só dela, as gêmeas adoram vingança e joguinhos de mexer com a mente dos outros, talvez elas ou a Cacilda tenham tentado se vingar por nós.

FRANCISCA

Olha minha querida, nós temos que procurar mais a fundo essa história, antes que os soldados que você me falou descubram. Vou desmarcar meus compromissos da tarde e vou com você. Vamos fazer igual àqueles livros do Sherock Rolmes.

CASSANDRA

É Sherlock, Francisca.

FRANCISCA

Telezé? Tu não entendeu? Então pronto. Enxuga essas lágrimas e vamos embora daqui atrás de pistas verdadeiras, pra descobrimos quem foi e não acusar ninguém injustamente.

CASSANDRA

Tá bem, prima, você está certa, vamos logo. *(Vão saindo de cena).*

FRANCISCA

Você tinha comentado que a Clara tinha saído, sabe onde ela está?

CASSANDRA

Não sei não, mas estou tranquila porque ela está com o Harry. Apesar de petulante, ele é um grande protetor dela. É um animal mágico muito poderoso e os dois tem uma ligação muito forte.

FRANCISCA

Menos mal, bora logo atrás das nossas pistas. *(Saem de cena).*

CENA 7

(Clara entra em cena e olha aquele pano grande cobrindo alguma coisa).

CLARA

Que diacho é isso? Será que elas amontoaram todas as coisas desse jeito? A Cassandra ainda me disse que não podia fazer feitiços... Até parece, esse povo não vive sem magia! *(Vai sorrateiramente até o que está coberto e olha).* Meu Deus isso é alguma pegadinha das Gêmeas, só pode! *(Gêmeas entram sorrateiramente e param bem atrás da Clara).*

GÊMEAS

Estava falando de nós, querida irmã? O que tramas com esse pano na mão?

CLARA

(Se assusta e fica estressada). Olha não venham com a trairagem de vocês! Foram vocês que aprontaram isso, né?

CAROLA

Clara, Clara, Clara... Sinto lhe informar...

CATIUSSA

Clara, Clara, Clara... Mas nem todos os problemas do mundo fomos nós que criamos.

CLARA

Podem parar as duas com seus joguinhos. Eu sei que vocês têm sede de poder e vingança.

GÊMEAS

Temos sim, mas será...?

CAROLA

Mas será que foi a gente que fez?

CATIUSSA

O que você pensa que a gente fez? Mas será?

CLARA

(Brigando com elas). Podem parar as duas! (Cacilda entra em cena).

CACILDA

Pra quê esse furdunço todo? Já estão brigando de novo?

CLARA

Essas duas só vivem juntas e unidas contra mim. Só vivem encangadas! Só por que vocês nasceram juntas, não tem que ser assim não.

GÊMEAS

(Se entreolham e dão uma risadinha). Nós vamos ser como a gente quiser ser. Podemos falar juntas. (Falam em momentos diferentes). Ou separadas. Apenas fique na sua, menina Clara.

CAROLA

E nem foi só a gente.

CATIUSSA

A Cacilda ajudou.

CLARA

Cacilda! Até tu? *(Tira o tecido e joga longe. O soldado Araújo petrificado e coelho roncando).*

CLARA

É sério isso, Cacilda?

CACILDA

Ora, ora, Gêmeas! Parece que temos uma nova líder do clã! Garota, me respeite antes de falar comigo. *(Gêmeas se entreolham e dão risadinhas).*

CACILDA

Ou seria uma pequena Cassandra? Porque eu pensei que ela que ia ficar maluca com isso e você seria uma que ficaria do nosso lado, porque isso foi um acidente.

CLARA

(Meio envergonhada). Como assim um acidente?

GÊMEAS

(Gêmeas repetem o que ela falou em tom irônico). Como assim um acidente?

CACILDA

Um desses idiotas tocou no Talismã da Medusa e ficou petrificado, o outro mala sem alça, ficou em choque e tivemos que pôr um feitiço nele se não ia chamar mais atenção, algumas pessoas já estavam curiando pelas portas. *(Aponta pra plateia).*

CLARA

Sério isso?

GÊMEAS

Sério.

CLARA

Como vocês esquecem de guardar o Talismã da Medusa? Ai meu Deus estamos lascadas, vamos ter que nos mudar.

GÊMEAS

Calma querida irmã, podemos nos divertir com mais um feitiço.

CAROLA

Estivemos pesquisando enquanto você esteve fora.

CATIUSSA

Foi uma pesquisa muito valiosa.

CACILDA

Mas precisamos de quatro bruxas para que o feitiço faça efeito e apague especificamente as memórias que queremos.

CLARA

Certo! Vou fazer com vocês antes que a Cassandra chegue!

(Bruxas olham o livro, leem e começam a entoar o cântico estalando os dedos envolta dos soldados).

O Feitiço da rima rimada

O Feitiço pra ninguém falar nada

Some lembrança que dorme some que some que some que dá

Some lembrança que dorme some que some que some que dá

(No último estalo os soldados despertam tentando entender onde estão).

SOLDADO ARAÚJO

Que diacho é isso??

SOLDADO COELHO

Eu acho que tive um sonho.

CACILDA

Sonho? Mas como assim Soldado Coelho? A gente estava apenas levando vocês até a porta.

SOLDADO COELHO

E por que eu estava deitado?

GÊMEAS

Porque você tropeçou.

SOLDADO COELHO

Xiii... Esquisito! *(Os dois fazem o sinal da cruz).*

SOLDADO ARAÚJO

Eu me lembro de uma queda...

CLARA

Podemos levar os senhores até a porta?

SOLDADOS

Claro! *(Clara leva os soldados até a porta. Soldados saem de cena).*

CLARA

Essa foi por pouco, graças a Hecate!

GÊMEAS

Essa foi graças a nós, rum!

CAROLA

Agora nós vamos bater perna no Centro.

CATIUSSA

Bye bye, tchau, ahovoir, hasta luego! *(Gêmeas saem de cena).*

CACILDA

E você vem aqui comigo que vamos conversar sobre umas coisas.

CLARA

Tá bem, Cacilda. *(Revira os olhos. Clara e Cacilda saem de cena).*

CENA 8

(Entra em cena o gato e começa brincar com um objeto logo se cansa e fica entediado).

GATO HARRY

Mas eu num estou dizendo mermo! Essas bruxas não param mais em casa, só porque teve um morto aqui na frente. *(Entra em cena clara com uma vassoura na mão).*

GATO HARRY

Ora, ora, ora... olha quem eu vejo: a menina Clara feito Cinderela cabisbaixa.

CLARA

Nem começa com suas ironias não, já tô por aqui com isso.

GATO HARRY

Má rapaz que bicho que te mordeu?

CLARA

A Cacilda e as gêmeas fizeram magia com os soldados e quando acusei elas, fui colocada contra a parede por não saber da situação completa.

GATO HARRY

Então você acusou elas injustamente?

CLARA

Foi, mas elas não cumpriram as regras e estavam erradas, de certa forma, só que a Cacilda me deu um cartão e me botou pra varrer a casa inteira como castigo. *(Larga a vassoura no chão).* Inclusive pôr as coisas no lugar.

GATO HARRY

E você, querida Clara, vai caguetar elas para a Cassandra?

CLARA

Claro que não, eu fiz um feitiço junto com elas...

GATO HARRY

Mas deveria... Você deveria parar de seguir tanto as regras, menina Clara.

CLARA

Mas eu tenho que seguir as regras pra a gente continuar em paz e elas deveriam fazer o mesmo.

GATO HARRY

Sei não, mas acho que suas irmãs tem inveja de você, por isso elas pegam no seu pé, afinal nem todo mundo tem uma profecia à sua volta.

CLARA

Profecia? Como assim profecia?

GATO HARRY

Xiiii... Não sei de nada disso não. *(Vai até o outro lado da sala).*

CLARA

Nem vem com essa, Harry. Você sabe de muita coisa. Começou, agora desembucha.

GATO HARRY

Olha isso é um segredo de família, só quando você atingisse a maior idade deveria saber... Mas como eu lhe amo tanto e quero que você se desenvolva, vou lhe contar antes, mas cuidado que isso pode ser um fardo.

CLARA

Então me conta logo.

GATO HARRY

Para eu te contar isso, preciso falar um pouco da minha história e de como cheguei até a família Valença. *(Canta a música com alegria e deboche, dança em volta de Clara).*

Eu sou um negro gato de arrepiar

Essa minha história

É mesmo de amargar

Só mesmo de um telhado

Aos outros desacato

Eu sou um negro gato
Eu sou um negro gato
Minha triste história
Vou lhes contar
E depois de ouvi-la
Sei que vão chorar
Há tempos que eu não sei
O que é um bom prato
Eu sou um negro gato
Eu sou um negro, negro gato
Sete vidas tenho para viver
Sete chances tenho para vencer
Mas se não comer
Acabo num buraco
Eu sou um negro gato
Eu sou um negro, negro gato
Um dia lá no morro pobre de mim
Queriam minha pele para tamborim
Apavorado desapareci no mato
Eu sou um negro gato
Eu sou um negro gato
Eu já vi de tudo,
Já fiz muita besteira,
Usei o seu sapato em vez da caixa de areia.
Sou muito petulante,
Mas falo a verdade
E por favor imploro não pergunte a minha idade.
Fui criado em várias casas
Imagine que horror
Até chegar aqui
Pra ser seu protetor.
Eu sou o negro gato
Eu sou seu negro gato
Eu sou um negro gato
Eu sou um negro gato

(Clara faz carinho no gato com pena, mas achando fofo).

CLARA

Ai Harry.

GATO HARRY

E assim de porta em porta e de vida em vida eu fui passando por várias famílias místicas, até que então, eu ouvi falar sobre o Clã Valença, sobre como aquela família mística vivia em pé de guerra e que a paz ou a perdição do mundo bruxo estaria nas mãos de uma menininha.

CLARA

Como assim? Você quer dizer que essa menininha sou eu?

GATO HARRY

Você ainda não percebeu, mas é muito mais poderosa que qualquer uma das suas irmãs, faz encantos de níveis muito mais altos que o seu, seu destino será grande, menina Clara.

CLARA

Mas uma profecia? O que diz essa profecia?

GATO HARRY

(Faz um olhar vidrado).

Uma bruxa, dos clãs antigos filha,
Será a 5º de sua família
Chegará aos dezoito, apesar de truques da vida.
Por grandes mudanças o mundo passará
Entre a guerra ou paz ela terá de escolher
A 3º Grande Guerra suas mãos devem tecer
Uma escolha em seus dias deve enfrentar
O Mundo preservar ou dominar

(Harry se arrepia como se tivesse saído de um transe).

GATO HARRY

Então busquei nas famílias de bruxos do Brasil inteiro e você é a única 5º filha dos clãs antigos... E eu estou aqui pra te ajudar, ser seu mentor e protetor.

CLARA

Como assim? E minhas irmãs nunca falaram sobre isso? Desculpe, Harry, mas isso é muito pra absorver, eu não quero decidir nada, só quero viver em paz.

GATO HARRY

Mas seu destino não é esse, pequena menina.

CLARA

Pois então vai ser! Eu que defino meu destino e obrigado pela ajuda, mas eu preciso pensar...

GATO HARRY

Mas Clara... você não pode abrir mão de todo poder que o cumprimento da profecia vai garantir a você e a quem estiver à sua volta... *(Em tom egoísta e preocupado com o seu destino. Clara sai de cena).*

GATO HARRY

Será que eu falei isso no momento certo? Será que é ela realmente? Mas é sempre bom saber dos fatos. *(Dá uma risadinha irônica. Sai de cena cantarolando).*

CENA 9

(Soldados entram em cena meio desconfiados e o coronel está sentado em sua mesa).

CORONEL

Até que enfim soldados, por que demoraram tanto? Quatro horas pra pegar um testemunho?

SOLDADO ARAÚJO

Tudo isso? Marrapaiz, e num é que parece que passou rapidin o tempo?

SOLDADO COELHO

Verdade. Parece que não foi nem meia hora.

CORONEL

Ahh... então vocês ficaram de enxerimento com as senhoras da casa, né? Olha lá! Vocês tem que cumprir o serviço.

SOLDADOS

Não senhor!

SOLDADO COELHO

Senhor parece que...

CORONEL

Não quero saber de histórias. Vocês foram lá? E depois ficaram de enrolação?

SOLDADOS

(Se atrapalhando nas respostas). Sim... quer dizer não.. sim não... sim.

CORONEL

Ora, ora... vocês dois parecem que voltaram mais abobalhados. Contem logo o que elas disseram.

SOLDADO ARAÚJO

Senhor nós só passamos a tarde na beira do rio criando coragem de ir até lá... num me lembro de muita coisa não, mas aqui tem tudin que a Dona Cassandra falou pra gente. *(Entrega o caderninho de anotações).* Acho que elas são bruxas mesmo, sinto que aconteceu alguma coisa...

CORONEL

Deixe de besteira homem, isso daí é crendice! Bruxa não existe. É lenda pra assustar crianças. Vamos aos fatos... *(Olha o caderninho).* Vou analisar o que os dois panacas anotaram, depois a gente conversa melhor.

SOLDADO COELHO

Mas 'panaca', senhor? Nós dois somos os melhores investigadores que o senhor vai ter, nós nem devíamos ser do exército! A gente devia ser da alta espionagem do Brasil. Que nem os Russos e os Americanos na Guerra Fria.

SOLDADO ARAÚJO

Verdade! Vamos descobrir esse mistério e o senhor vai ver quem são os grandes panacas.

SOLDADO COELHO

Nós, os panacas, iremos desvendar tudo.

SOLDADO ARAÚJO

Nós os ... Xiii, Coelho, esqueci o que eu ia falar nessa parte...

SOLDADO COELHO

Tédoidé homi? *(Fala sussurrando).* Continue...

SOLDADO ARAÚJO

Mas eu num lembro o que que a gente combinou de eu falar pro Coronel.

SOLDADO COELHO

(Sussurrando). Carái, Araújo, cala a boca!

CORONEL

O que vocês estão falando? O que está acontecendo aqui Araújo e Coelho?

SOLDADO COELHO

Nada não senhor, apenas o Araújo aqui estava com muito medo e tá meio desmiolado das ideias.

SOLDADO ARAÚJO

Agora bem aí! Desmiolado é tu.

CORONEL

Acabou com a palhaçada os dois. Eu sou um Coronel de alta família e sei muito bem quando estão me enrolando. Me digam com sinceridade os dois soldados acham que eu nasci ontem? *(Resposta)*. Vocês não sabem a minha patente? *(Resposta)*. Tenho cara de trouxa? *(Resposta)*.

SOLDADOS

Não senhor, sim senhor, sim senhor. *(Corre até eles querendo bater)*.

SOLDADO COELHO

Calma, Calma, Calma ... O senhor disse: com sinceridade.

SOLDADO ARAÚJO

E o senhor sabe que a gente é muito sincero!

CORONEL

Ora vocês dois!

SOLDADO ARAÚJO

Mas, senhor Coronel.

CORONEL

Nem mais e nem meio mais, os dois agora pra fora e só voltem aqui com pistas concretas!

SOLDADO COELHO

Sim Senhor, Senhor.

SOLDADO ARAÚJO

FBI Boa Vista ao ataque! *(Batem continência e saem de cena)*.

CORONEL

Esses dois não tem conserto. O jeito é ler as anotações e buscar provas eu mesmo. Vou resolver esse caso ou não me chamo Coronel Osvaldo Magalhães Pinto Brasil. *(Coronel sai de cena).*

CENA 10

(Cassandra entra em cena senta no meio da mesa e chama as irmãs pelos nomes, o gato está na beira da mesa, se limpando).

CASSANDRA

Cacilda, Carola, Catiussa e Clara, venham aqui por favor! Reunião de Clã. *(Cada uma entra na ordem em que foi chamada e sentam-se à mesa).*

CASSANDRA

Sei que tivemos um dia difícil meninas, mas eu já sei quem fez o terrível ato de matar o Vilello e a pessoa está nessa sala.

CACILDA

Como você descobriu? E quem é?

CASSANDRA

Que bom que você perguntou, Cacilda. Passei as últimas horas com a prima Francisca e como ela mesmo diz, sendo Sherock Romis, vasculhamos a casa e conversamos com as famílias próximas que Francisca conhecia, pra minha surpresa eles relatavam realmente ter visto alguém, uma sombra, que recitava palavras estranhas parecendo música. Não conseguiam distinguir quem era, mas parecia que tinha mais de uma voz ao mesmo tempo.

CACILDA

Como assim viram algo? Como podem ter visto se homem teve um ataque cardíaco.

CASSANDRA

Foi feitiço, Cacilda, não banque a bobinha que desde o início já desconfiávamos disso.

CACILDA

Então quem foi? Somos o primeiro e único Clã Mágico dessa cidade.

CASSANDRA

Eu não sei... Estou esperando a pessoa se manifestar perante ao clã. *(Se levanta da cadeira).* Para avaliar se teremos clemência ou não, sobre seus atos. Usar magia sombria sempre causou a ruína dos bruxos. O Clã Valencia não pode passar por isso de novo.

CLARA

Eu estou aflita, não sei quem foi, mas queria dizer que não tenho nada a ver com isso.

CACILDA

Eu muito menos.

GATO HARRY

Ai, parem de ser ingênuas não vêem que a Cassandra está insinuando que foram as gêmeas?

CASSANDRA

Eu não insinuei nada, gato metido.

GATO HARRY

Mais de uma voz? E a pessoa está aqui? Não sei não, mas parece insinuação...

CASSANDRA

Cala a boca, Harry, se não vou te expulsar daqui de novo, animago não faz parte do Clã.

CLARA

Cassandra, poxa!

GATO HARRY

(Dengoso fingindo estar emocionalmente indignado). Obrigado, Cassandra, pela parte que me toca.

CLARA

Você faz parte do clã sim. *(Vai até o Harry).* Você faz parte das nossas vidas!

CASSANDRA

Clara, foco! Depois você dá atenção ao Harry.

GÊMEAS

Então o foco é a gente?

CAROLA

Olha, Cassandra, só por que nós aprontamos uma vez, não quer dizer que a perdição dessa família esteja em nós.

CATIUSSA

(Levanta da mesa). Nós não fizemos nada. Tá que a gente adora fazer magia e azarar humanos, mas isso não quer dizer que a gente queira matar alguém! Por todo amor de Hécate, entende? O que aconteceu lá no Maranhão foi um acidente.

CASSANDRA

Mas aquilo foi uma vingança, assim como isso foi outra vingança pelo mal que ele fez pra gente, só que eu e Clara nunca pedimos pra vocês fazerem nada.

GÊMEAS

Então você está realmente achando que foi a gente?

CLARA

Como vocês fizeram isso?

CAROLA

Até tu mermã?

CATIUSSA

Agora bem aí? Olha, estou completamente ofendida.

CAROLA

Eu também estou, irmã.

GÊMEAS

Vamos embora, estamos cansadas dessa família!

CASSANDRA

Mas...

GÊMEAS

Sem mas, Cassandra! *(Em tom de ameaça).* Você não sabe do que a gente é capaz! *(Risadas sinistras. Gêmeas vão saindo, mas tem uma batida na porta).*

CENA 11

(Prima Francisca bate na porta puxando os dois amigos de clara pela orelha. Gêmeas abrem a porta).

GÊMEAS

Sejam mal vindos!

CAROLA

Olha, Catiussa: chegou mais uma pra acusar a gente.

CATIUSSA

To vendo, Carola, parece que a detetive chefe chegou.

(Francisca entra em cena carregando os dois amigos de clara pela orelha).

FRANCISCA

Telezé, deixa de besteira vocês duas, eu encontrei esses dois aqui xeretando a casa. Parece que eles já sabem de tudo.

GÊMEAS

Mas olha...

CAROLA

Tá vendo, Catiussa? Parece que quem está espalhando sobre sermos bruxas é a Clara.

CATIUSSA

Tô vendo, Carola! Mas não sei se a Cassandra considerou isso, será?

CACILDA

Deixem de coisa, vamos ouvir o que a Francisca e esses meninos têm pra falar, fiquem aqui as duas que a reunião não acabou.

GÊMEAS

Ficaremos por você Cacilda e pelo nosso clã.

(Olha pra cassandra fazem cara de deboche e olham pro outro lado).

FRANCISCA

Eu peguei esses dois aqui bisbilhotando as portas da casa de vocês. Eles disseram que a Clara já contou tudo sobre os poderes e sobre a deusa Hécate. Até onde sei, ninguém devia ficar sabendo disso além de nós.

CLARA

Desculpa, prima. Eu precisava conversar com alguém e eu confio neles.

TEÓFILA

É a gente só queria saber se era verdade.

LUCAS

Fiquei muito curioso com tudo que ela falou.

TEÓFILA

Eu juro bem juradinho que eu nunca vou falar nada. Só deixem a gente ir.

LUCAS

(Cruza os dedos e tenta esconder). Eu também juro que nunca vou contar.

CASSANDRA

Então por que cruza os dedos, menino Lucas? Esqueceu que nós somos bruxas? Eu sei muito mais coisa que você.

LUCAS

Desculpa...

CASSANDRA

Sem desculpas! *(Cassandra entoava um cântico e faz os dois adormecerem. Cântico do Sono: FU SHI PA).*

CLARA

Por que você fez isso?

CASSANDRA

Clara se eu fosse você eu ficava calada, você expôs o nosso clã de uma forma que nem as gêmeas fizeram, contar pra alguém é o maior perigo de todos, ainda mais para crianças que tem pais com a mente tão antiga quanto a da família do Lucas. Sabia que eles já me destratarem simplesmente por eu ser uma mulher que lidera uma família? Vilello era padrinho dele e vivia falando os mesmos absurdos que os pais dele falavam.

CLARA

Mas você contou pro Vilello.

CASSANDRA

Com o Vilello foi outra coisa, ele descobriu.

CLARA

Como ele descobriu? Você nunca explicou isso.

CASSANDRA

Sabe o boneco de vodu que estava na mão dele? Fui que fiz, quando me vinguei dele pelo que ele te fez.

CLARA

Cassandra, você se vingou?

CASSANDRA

Eu não matei ele, mas fiz ele sofrer bastante até ele achar o boneco no local onde a gente se encontrava.

CLARA

Mas por que você deixou lá?

CASSANDRA

Eu não queria ser um exemplo ruim pra nenhuma de vocês. *(Confessa triste)*. É muito difícil ser a líder de um clã. *(Batida na porta do lado de fora. Coronel e seus soldados)*.

CENA 12

(Coronel bate na porta novamente e fala fora de cena).

CORONEL

Senhora Cassandra, Família Valencia! Sou eu, Coronel Brasil, desejo entrar. *(Cassandra dá a ordem de arrumar, irmãs e Francisca começam a arrumar as coisas e jogam um pano em cima dos meninos)*.

CLARA

(Sussurrando). Vocês acham mesmo que isso vai dar certo?

CASSANDRA

(Sussurrando). Tem que dar! Vai lá abrir a porta. *(Terceira batida, Clara vai até a porta. Coronel e soldados entram em cena)*.

CORONEL

Ora, ora, parece que estão todos aqui, então vamos contar a verdade na frente de todos, não é, soldados?

SOLDADOS

Sim, senhor!

CASSANDRA

Então o senhor também já sabe quem matou o Vilello?

CORONEL

Calma lá, Dona Cassandra, Vamos aos fatos que a senhora e suas irmãs tem muita culpa no cartório.

CASSANDRA

O senhor ainda está insinuando que foi a gente?

CORONEL

Dona Cassandra, não se faça de desentendida na frente de uma autoridade. Nós já sabemos que todas as 5 são bruxas, e não é uma coisa só do imaginário do povo, as senhoras são das bruxas de verdade! Seguimos algumas de vocês e ligamos os pontos. Foi muito mais fácil de descobrir depois que vocês encantaram os soldados. Não é, soldados?

SOLDADOS

Sim senhor!

SOLDADO ARAÚJO

Mas o senhor não acreditava até o FBI-Boa Vista descobrir a última prova.

CORONEL

Fecha essa matraca, Araújo! (*Em tom acusatório*). Cassandra nós descobrimos que o boneco de vodu foi feito por suas mãos e você foi vista enterrando ele várias vezes. E você tem todos os motivos para querer se vingar do Vilello.

GÊMEAS

Cassandra, foi você?

CASSANDRA

Claro que não! Fala pra elas seu Coronel.

CORONEL

De fato não foi a Cassandra. Mas cada uma das irmãs tinha motivos pra matar o Vilello, não é Gêmeas?

GÊMEAS

Não fomos nós e ponto!

CORONEL

Mas também poderia por outros motivos, talvez uma rejeição do Vilello no passado, não é Cacilda?

CACILDA

Você acha mesmo que eu mataria alguém por isso?

CORONEL

Mas se fosse acrescentado uma vingança, bruxas são boas com vinganças, não é, menina Clara?

CLARA

Eu não fiz e nem faço nada. *(Lucas ronca alto por baixo do pano).*

CORONEL

O que temos aqui? *(Tira o tecido).* Então vocês enfeitiçaram dois meninos como enfeitiçaram meus soldados? Liberem eles agora!

SOLDADO COELHO

Valha-me Nossa Senhora, homi! Pára de mistério e diz logo quem foi que matou, fala das provas que a gente achou!

CORONEL

Só depois que soltarem as crianças. *(Bruxas se entreolham e Cassandra decide fazer o feitiço, enquanto isso Lucas e Teófila vão acordando).*

CASSANDRA

(Feitiço). Acordare!

CASSANDRA

O que foi o gato comeu a língua de vocês?

GATO HARRY

Até que enfim lembraram que eu existo, mas eu não gosto de língua, não!

LUCAS

Ai meu Deus! Eu não vou contar nada pra ninguém não, tá? Só me deixa ir embora.

TEÓFILA

O gato falante está encarando a gente, vamos embora, Lucas.

CASSANDRA

Podem ir. *(Lucas e Teófila saem de cena).*

CASSANDRA

Garota, feche essa porta, temos problemas maiores.

CLARA

Vocês transformaram minha vida num inferno, não posso mais ter amigos, não posso fazer nada. *(Se agacha e começa a chorar. Nesse momento começa a ter trovões na sonoplastia, como se o choro da menina estivesse fazendo).*

CACILDA

Tenho que concordar, Clara, que é difícil ser bruxa, nunca será fácil viver uma vida como a que nós vivemos, fugindo e vivendo mais que os humanos comuns, passar mais tempo nesse mundo é doloroso, mas você vai aprendendo com o tempo, você ainda vai viver muito e ter outros amigos, mas nós somos sua família e nesse momento temos problemas maiores e precisamos de você. *(A tempestade diminui).*

GATO HARRY

Para com essa história de família. Vocês estão se acusando desde o começo dessa história. Só eu tenho apoiado a Clarinha. *(A tempestade volta a aumentar).*

CORONEL

Menina Clara, não se afete por isso, eles voltarão a falar com você.

SOLDADO ARAÚJO

(Com medo da Clara). Por favor, senhor, mostra logo a prova que estou me tremendo que nem vara verde.

SOLDADO COELHO

(Se tremendo mais que o Araújo). É, senhor, vamos logo adiantar isso.

CASSANDRA

Clara, todas nós te amamos, nunca iremos deixar você sozinha, vamos te proteger de corpo e alma, estamos com você. Por favor, se acalme. *(Clara vai parando de chorar e a chuva vai diminuindo para um chuvisco).*

CLARA

Por favor, senhor Coronel, nos mostre essa bendita prova.

CORONEL

Bom... então senhoras, senhores e animais fantásticos, a prova cabal do crime contra o senhor Vilello esteve em sua mão esquerda, o tempo todo, mas não fazia nenhum sentido para mim e para os soldados, mas então o brilhante soldado Araújo resolveu perseguir a menina Clara.

SOLDADO ARAÚJO

(Ainda se tremendo). Eu sou muito., muito sigiloso.

CORONEL

Com a ajuda do soldado Coelho.

SOLDADO COELHO

(Se tremendo mais ainda). Só fiz meu trabalho viu, senhoras...

CORONEL

Conseguimos ligar todos os pontos.

CASSANDRA

Não se preocupem é só o trabalho de vocês.

CORONEL

(Olhar de reprovação). Diacho!! Isso aqui está parecendo aquelas telenovelas, toda vez que eu vou apresentar a prova alguém me interrompe.

SOLDADOS

Desculpe, senhor Coronel.

GATO HARRY

Vamos! Anda logo com isso que já está me dando sono...

CORONEL

Sono??? Está te dando sono, senhor gato? Já chega! Não aguento mais ouvir esse animal falar...

GÊMEAS

Finalmente na força do ódio vai sair essa prova! *(Risada irônica).*

CORONEL

A prova cabal do ato de matar por feitiçaria (*de forma impactante*), é essa!
(*Coronel abre a mão e mostra um monte de pelo de gato, todos se espantam. Gato Harry tenta sair de fininho*).

CORONEL

Este animal é um assassino!!! Peguem ele! (*Apona para o gato. Soldados tentam pegar o gato, mas ele se mostra arisco*).

SOLDADOS

Ai minha Nossa Senhora. (*Soldados saem de cena correndo*).

GATO HARRY

Ora, ora, senhor Coronel, o senhor não consegue resolver um mistério e vem colocar a culpa em um animal indefeso? Eu nunca faria mal a um ser humano...

CLARA

É verdade isso, Harry? Me diz que você não fez isso... Mas por quê?

GATO HARRY

Claro que não, Clara. Você vai acreditar nesses humanos em vez de mim, que sou seu grande amigo?

CLARA

Isso não pode ser verdade, né, Harry?

GATO HARRY

Claro que não, menina Clara. Eu sou o único que está sempre do seu lado te tirando da solidão, o único que te conta a verdade sobre seu passado e seu futuro...

CASSANDRA

Como assim? Você contou pra ela? Seu gato maldito! Eu já deveria ter te transformado em rato!

CLARA

É, irmã, ele me contou... Falou tudo da profecia que vocês sempre me esconderam.

CAROLA

Eita, esse gato...

CATIUSSA

Não consegue manter o bico fechado.

CACILDA

Você tem que entender Clara...

FRANCISCA

Minha menina isso sempre foi pra te proteger..

GATO HARRY

Proteger??? Agora era pra proteger? E não por que vocês tinham planos de reestabelecer a glória do Clã Valencia com os poderes dela?

CASSANDRA

Você não sabe o que diz gato insolente.

GATO HARRY

Eu já ouvi as conversas de vocês, não se façam de desentendidas.

FRANCISCA

Não escute ele, Clara. *(Clara vai se aproximando do gato como se quisesse protegê-lo. Volta a trovejar forte).*

CLARA

Eu vou embora com o Harry, vocês não vão fazer nada com ele.

CASSANDRA

(Olha pra Francisca concordam com a cabeça). Olha Clara, nesse momento tenho que te falar a verdade: Sim, sempre pensamos em reestabelecer o clã através de você, mas apenas porque você é nossa irmã e tem pulso firme suficiente pra ser uma grande líder de clã! Entenda: nós te amamos do jeito que você é, apenas queremos te levar pro caminho do bem...

CLARA

Me levar para o caminho do bem usando mentiras? *(Aumenta os trovões).*

CORONEL

Senhoras, nosso trabalho já foi por aqui. *(Coronel foge da cena).*

FRANCISCA

Menina, entenda... Você é muito mais poderosa do que imagina e é evidente que você está sendo manipulada por esse gato.

GATO HARRY

Até você, Francisca, contra mim e a Clara? Menina, vamos embora! Essa gentalha não te merece, criaremos uma família de verdade, essa família nunca nos entendeu. É difícil ser sozinho na vida...

CLARA

Sozinha... Sozinha! Por que você me deixou sozinha na noite que o Vilello entrou no meu quarto e fez aquelas...aquelas coisas comigo! Você também me deixou sozinha na noite da morte dele! Eu lembro de ter chorado e de ter me sentido sozinha! Eu queria você por perto naquele momento, mas você não estava lá! Eu imaginei que você estivesse na reunião dos animais mágicos. E eu vi que estava faltando um tufo do seu pelo, mas preferi não comentar porque você se sentiria ofendido com toda sua vaidade!

GATO HARRY

Mas eu estava lá.

GÊMEAS

Não minta, Harry.

CAROLA

Eu lembro de ter visto você naquela noite.

CATIUSSA

Nós lembramos muito bem! Depois da confusão toda, viemos pra dentro de casa e vimos a sua sombra.

GÊMEAS

Porém não ligamos... (*Ênfase*). Até agora!

CACILDA

Confessa logo e honre o juramento de proteção que você fez a esta família!

GATO HARRY

A esta família não! À menina Clara!

CASSANDRA

Não minta, gato maldito! Ninguém te aceitaria se fosse somente para Clara, você se apresentou para nós 5 como suas donas. É ou não é, meninas?

TODAS

É Sim!

CASSANDRA

Feitiço da verdade, minhas bruxas! *(As 4 bruxas cantam um Cântico da Verdade, sem Clara).*

Veritas verum a verdade sairá

Veritas verum a verdade sairá (x3)

(O gato começa a se contorcer).

GATO HARRY

Não!!! Vocês não são páreo para mim, eu sou mais forte, eu sou presidente do sindicato de animais mágicos... Eu sou mais poderoso que uma bruxa comum!

CASSANDRA

Mas não é mais poderoso que cinco! Vamos, Clara, nos ajude a expor a verdade.

(As 5 cantam o Cântico, o gato contorce os olhos e é obrigado a falar a verdade).

Veritas verum a verdade sairá

Veritas verum a verdade sairá (x3)

GATO HARRY

NAAAAN, hruurrr, miaaaau,.. Eu falo a verdade, suas bruxas, vocês não sabem nada de mim... aaaa-
aahhhh... É horrível sentir essa sensação de desleixo, como se ninguém gostasse de você! *(Com dor).*
Miaaaaauu... ser excluído de todas as suas reuniões, das opiniões que vão tomar, pra onde vamos mudar... Eu sempre fui visto como uma coisa, um objeto dessa família, mas eu tinha meu objetivo. Conquistar a menina Clara... Miaaaaauuu A menina Clara é poderosa e poderia ser a única a me dar as duas coisas que eu mais quero: me transformar em um bruxo de verdade e vencer a guerra entre os humanos e bruxos. *(Risada maléfica com um miau no final).* Clara, você é meu amor! Juntos vamos fugir, vamos esquecer esse assassinato e a maldade praticada contra você! E vamos ser os grandes donos desse mundo!

GATO HARRY

Miaaaaaau! *(Com dor).* Chega desse Feitiço! Miaaaaaauuuuu!!! *(Gato se contorce e se libera do feitiço).*

CLARA

Esquecer esse assassinato? Esquecer a maldade praticada comigo? Como você me diz isso? Você não sabe o que eu passei naquele quarto com aquele homem! E a morte dele bagunçou ainda mais a minha cabeça! Confessa logo, Harry!

GATO HARRY

Bruxas malditas! É a Verdade que vocês querem? É a verdade que vocês vão ter! *(Sobe em cima da mesa mostrando poder)*. E agora também vão enfrentar a ira de Harry Augustos Salem Bixano Bragança Terceiro! *(O gato avança contra as bruxas e elas começam a se assustar, sons de trovões, uivo, telhas quebrando e vendaval)*.

GATO HARRY

O que foi? O gato comeu sua língua? Vou acabar com todas vocês e levar a Clara comigo!

CLARA

Apenas me fale a verdade, Harry! Eu quero a verdade!

GATO HARRY

Fui eu que matei sim, matei aquele maldito do Vilello. E sabe por que, Clara? Por que eu queria me vingar do que ele fez com você! Queria você do meu lado e seus poderes somente pra mim... Fui eu que enfeitei ele na noite que ele fez aquelas coisas com você! Mas a minha intenção não era que ele fizesse aquilo... não daquele jeito asqueroso! O feitiço "Malditos Maximus" que eu joguei nele apenas faz florescer o lado ruim de cada pessoa. A intenção era que ele acabasse com a Cassandra, mas o lado ruim dele era ainda pior do que eu imaginava! Eu não sabia que ele tinha desejos malignos justo contra você, a mais nova e inocente!

CLARA

Então foi por conta de um feitiço que ele me.... Foi por isso que eu fui...fui... *(Começa a chorar. Cassandra e as irmãs vão até ela querendo consolar e proteger)*.

GATO HARRY

Me desculpe, menina Clara... Isso não fazia parte dos meus planos, era pra você fugir comigo, sem sofrer nenhum dano... Mas os homens dessa sociedade são malditos! Não é de hoje que as mulheres pagam pelos seus desejos mais egoístas, por isso você deve odiar a todos eles!!!

CASSANDRA

Seu coração seguiu para o lado do mau, Harry! Fez suas maldades e isso reverberou em toda família! O Clã Valencia não vai deixar isso passar em branco!

GATO HARRY

Aaahh... Agora vocês são um clã? Ainda agora estavam se acusando! Vocês não são páreos para os meus poderes juntamente com os da Clara!

CASSANDRA

Clara, vamos precisar de você! Meninas, agora!

(As bruxas fazem uma roda em volta de Harry antes que ele fuja e entoam o Cântico de Transformação).

Deusa Hécate sua vontade despeje

Que esse ser impuro rasteje (x3)

(Harry fica dentro do círculo tentando alcançá-las, mas não consegue. Em um momento ele arranha o rosto da Cassandra).

CACILDA

Ele é forte demais, não vamos conseguir.

FRANCISCA

Vocês vão conseguir sim! Eu também estou aqui pra ajudar.

GATO HARRY

Como uma humana velha e sem poderes vai ajudar essas bruxas fracas?

FRANCISCA

Harry, o que você deveria ter aprendido com essa família é o poder do amor. Infelizmente isso nunca vai acontecer, por que vamos te expulsar daqui!

(Francisca se une as bruxas e começa a entoar o Cântico).

Deusa Hécate sua vontade despeje

Que esse ser impuro rasteje (x3)

(Harry começa a sentir os efeitos do feitiço, começa a mudar de forma... música intensa, sons de trovão e transformação).

GATO HARRY

NãAAAO!!! Como assim? Curandeira maldita! O que vocês... *(A voz começa a se transformar em voz de rato).*

Nãaa! Rato não! Isso é castigo demais, um ratinho nãaaoooo!

(Harry muda de figurino, agora ele não tem mais orelhas nem garras e fica caído no chão).

CASSANDRA

Agora, Harry, o seu castigo vai ser viver pra sempre como o animal que você mais odeia, se esgueirando pelos canos e esgotos, comendo lixo e tudo de pior. Você tem sorte que não te matamos. *(Gritando)*. Agora, vai embora dessa casa!

GATO HARRY

(Com voz de rato). Eu vou... Eu vou me vingar de vocês, de todas vocês, até de você, menina Clara, isso é humilhação demais! *(Gato agora rato vai saindo de cena e fora de cena, grita)*.

GATO HARRY

(Com voz de rato). Eu vou me vingar! Eu vou me vingar! *(Risada maléfica)*.
(Clara desaba de joelhos no chão e todas vão até ela).

CLARA

Finalmente acabou... Finalmente esse pesadelo acabou.

CASSANDRA

Sim, minha pequena, e sua família está aqui, com você, do seu lado.

CLARA

Muito obrigada, irmãs, amo muito cada uma de vocês, obrigada por me mostrarem a verdade e por estarem do meu lado mesmo quando eu estava do lado errado.

GÊMEAS

Somos sua família, Clara!

CACILDA

Vamos sempre cuidar de você! De todas!

CASSANDRA

O amor pela família pode ser mais forte que tudo! Que qualquer mal, vamos seguir juntas pelo caminho do bem.

FRANCISCA

E eu sempre estarei aqui pra apoiar, guiar e curar!

CLARA

Então viva ao Clã Valencia!

TODAS

Viva!

CASSANDRA

E viva a nova integrante do Clã Prima Francisca!

TODAS

Viva!

FRANCISCA

Mas eu não tenho poderes... como vou participar do Clã?

CASSANDRA

Você tem o poder do bem Francisca, você tem o poder do amor. E com isso você já pode se considerar uma Valencia, afinal você é dessa família. Será assim que vamos reestabelecer o Clã, com o poder do amor. Clara não se preocupe com o seu fardo, você não precisa levá-lo sozinha, estamos com você.

CLARA

Obrigada Família. *(Breu)*.

EPÍLOGO

(Todas as bruxas aparecem com malas e vassouras na mão, o cenário já está bem menos místico).

CASSANDRA

Mermãs, essa casa nos deu muitas histórias, mas temos que ir, a cidade não para de falar nessa casa e em como somos amaldiçoadas.

CACILDA

Mas o Coronel prometeu nos apagar da história dessa cidade...

CASSANDRA

Nem o maior dos feitiços vai conseguir apagar a memória de tanta gente. *(Aponta para o público)*.

GÊMEAS

Se fossemos mais bruxas, um clã maior talvez daria.

CLARA

Acho que não, irmãs. Sempre irão falar, nessa cidade sempre irão contar algo sobre a Casa das 12 Portas, essa casa é linda demais pra ser destruída e muita história passou por aqui.

CACILDA

Vamos logo e chega dessas lamentações, vamos pra uma nova vida.

CAROLA

Vamos aproveitar ao máximo as experiências.

CLARA

O que vocês acham que aconteceu com o Harry? *(Todas fazem sinal com a cabeça de que não sabem).*

CATIUSSA

Eu acho que... *(Francisca entra em cena).*

FRANCISCA

Eita! Esperem por mim!

TODAS

Prima Francisca!

FRANCISCA

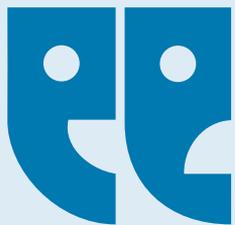
Tedoidé! Vai ter uma Roraimense nessa história de viagem com as bruxas!

CLARA

(Pega na mão de francisca). Vamos, prima agora é a hora de criar novas histórias e fazer uma nova Profecia. Obrigado pelo aprendizado Casa das 12 Portas, pra mim você sempre será um lugar de transformação. *(Todos saem de cena. Harry totalmente transformado em rato aparece em um local totalmente aleatório da plateia).*

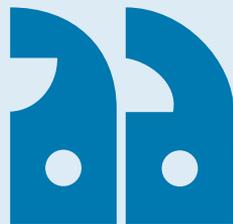
GATO/RATO HARRY

(Voz de rato). Família Valencia, eu vou me vingar, eu vou me vingaaaaar! Transformarei aqui em meu Quartel General. A casa das 12 portas será minha, a menina Clara um dia voltará pra cá, ela bebeu a água enfeitiçada do Rio Branco, e quem bebe da água do Rio Branco sempre volta! Eu ficarei esperando essa bruxa traiçoeira voltar! *(Risada de vilão. Breu).*



O QUE FAZER COM O RESTO DAS ÁRVORES?

Elder Torres



O QUE FAZER COM O RESTO DAS ÁRVORES? - 2019

Elder Torres

NOTA: Os documentários são vídeos produzidos em formato documental, simulando filmes documentários (no que se convencionou chamar Pseudodocumentário ou Mockumentary) e exibidos durante o espetáculo.



DISPOSIÇÕES FINAIS

Sala de Espera

CARLOS

Me diz o que a gente faz aqui. *(Frederico escuta, mas não responde).*

CARLOS

Olha. Tá sentindo? Suspense... Tá sentindo? É tão dele esse suspense.
(Frederico escuta, mas não responde. Pequeno silêncio).

CARLOS

Você conhecia esse cara?

FREDERICO

Não.

CARLOS

Quando foi que o papai deu aula pra ele?

FREDERICO

Eu não conheço o cara.

CARLOS

Ele já foi lá em casa?

FREDERICO

Eu não conheço o cara.

CARLOS

Você não perguntou?

FREDERICO

Eu não conheço o cara.

CARLOS

Era o João?

(Frederico não responde).

CARLOS

Frederico, um fulano te liga, fala uma merda dessas e você não pergunta porra nenhuma?

FREDERICO

Perguntei.

CARLOS

E?

FREDERICO

Perguntei do que se tratava, perguntei quando o papai falou com ele. Perguntei sobre data, perguntei até se ele podia ir lá em casa em vez da gente vir aqui. Agora, não, não perguntei quando ele teve aula com o papai, se ele gostava da aula, se eles tomavam cafezinho depois da aula. Não perguntei. Não perguntei por que não importa.

CARLOS

E se fosse trote?

FREDERICO

A coisa é séria demais pra um trote. Papai gostava de suspense.... Você de paranoia.

(Silêncio).

FREDERICO

Vai ver o pai só queria organizar as coisas.

CARLOS

Aí que tá. Pra organizar, precisa bagunçar antes.



DOCUMENTÁRIO 1

<https://youtu.be/qx8VYKbfBqk> (👉 Clique no link ao lado e veja o vídeo)

CARLOS - As pessoas não sabem usar um guarda-chuva. É sério. Elas não sabem a hora de abrir o guarda-chuva, não sabem... Segurar um guarda-chuva. Deviam ensinar na escola. Não, do que adianta saber o que é uma... O que é que ensinam na escola hoje? Sei lá... Uma angiosperma. Do que adianta saber o que é uma angiosperma quando você fura a jugular de alguém com a merda de um guarda-chuva? Meu pai. Meu pai falava sete idiomas e não sabia usar um guarda-chuva. Meu pai escreveu uma enciclopédia e não sabia usar um guarda-chuva.

SALA DE ESPERA

CARLOS

(Responde a uma secretária invisível). Sim, somos.

FREDERICO

Nem parece “né”? É que meu vô era alemão, mas minha vó era filha Africana ... Daí meu pai nasceu branco, só que meus tios são morenos, sabe? Tem também minha mãe que é mais puxada pro índio, ali do sul da Bahia...

CARLOS

Então nós somos irmãos. Não era essa a pergunta?

FREDERICO

Precisava ser grosso com a moça?

CARLOS

Frederico, eu tô de luto, a única vantagem disso é que eu tenho uma desculpa pra ser grosso com quem eu quiser.

FREDERICO

Ela só queria ser gentil.

CARLOS

E você só queria dar em cima dela.

FREDERICO

Carlos... Eu tô de luto, a única vantagem disso é que eu tenho uma desculpa pra tentar dar em cima de quem eu quiser. (*Silêncio. Os dois esperam. Parecem impacientes*).

FREDERICO

Nossa vez.



DOCUMENTÁRIO 2

<https://youtu.be/aPrHcznCYvA> (👉 Clique no link ao lado e veja o vídeo)

FREDERICO - A gente tem o ano, foi em 73. Foi em 73, eu sei que, naquela época... Mas, nem eu, nem meu irmão, enfim... Nada disso existia na vida dele. Enfim, nesse momento, isso deve ter feito muito sentido na cabeça dele porque, em 1973... Era 73, fazia sentido escrever uma enciclopédia.

TESTAMENTO: "Testamento é a manifestação de última vontade pelo qual um indivíduo dispõe, para depois da sua morte de um todo ou uma parte de seus bens... Normalmente, os testamentos contêm disposições de ordem patrimonial, podendo também conter disposições de outra natureza, tais como: a nomeação de um tutor, a confissão de uma dívida ou o reconhecimento de um filho".

(*As coisas não sabidas*).

SALA DE CASA

CARLOS

Você sabia.

FREDERICO

Quê?

CARLOS - Você sabia.

FREDERICO

Como eu sabia?

CARLOS

Você passava o tempo todo com ele.

FREDERICO

Carlos, eu não era a babá dele.

CARLOS

Pois devia ter sido então.

FREDERICO

Não fala assim comigo.

CARLOS

Vou falar como? Você passa anos colado na pessoa e não vê um troço desses!

CARLOS

O dinheiro “dele” não era da minha conta... Nem da tua.

CARLOS

É mesmo Frederico?

FREDERICO

É. Para com essa ladainha! Não tinha de pagar nada. Ajudou porque quis.

CARLOS

Não ia ajudar? Era meu pai Frederico! E “eu” não sabia desse tanto de dinheiro.

FREDERICO

Nem eu. Você quer me culpar por algo que eu não tinha a mínima noção.

CARLOS

Não é possível você trabalhar com uma pessoa e não ter visto... Como foi que ele organizou isso Frêdo?

FREDERICO

Sei lá, telefone.

CARLOS

Então tinha de ter ouvido.

FREDERICO

Carlos, eu cago, eu mijo, eu trepo, eu tenho uma vida!

CARLOS

Não faz sentido, Não faz!

FREDERICO

Sério? Sentido! Você quer mesmo falar de sentido?

CARLOS

Ele tinha de ter dado um jeito. Quem fez o copidesque? Quem diagramou, fez capa, quem?
(Frederico não responde).

CARLOS

Frederico, olha, eu vou entender... Você tá mentindo? É sério, eu sei como o papai era, eu juro... Eu vou entender.

FREDERICO

Puta merda Carlos! Não sabia! É muito fácil morar do outro lado do mundo, ligar pra cá uma vez por semana e depois vir me cobrar!

CARLOS

Você jura que nem suspeitava Frêdo?

FREDERICO

Eu não só ajudava a escrever não Carlos, eu era o enfermeiro também. Você acha que, se eu soubesse desse dinheiro, eu ia ficar limpando... Eu limpava o cu do nosso pai! *(Pequeno silêncio).*

CARLOS

Desculpa.

FREDERICO

Para de me perguntar se eu sabia! Mesmo se eu soubesse, mudaria alguma coisa?

CARLOS

A gente podia ter tentado... Sei lá, convencer...

FREDERICO

Convencer? Eu queria muito conseguir convencer vocês de alguma coisa! Me diz como faz! Porque vomitar sangue não convenceu, cagar pus não convenceu, não conseguir falar de tanta dor... Nada convenceu ele a parar. Aí você acha mesmo que a gente ia conseguir? Convencer... Descobrir

que teu pai estava morrendo te convenceu a voltar? Vocês dois são duas mulas. Ninguém convence vocês de porra nenhuma.

CARLOS

Tá me falando isso por quê? Você queria que eu voltasse pra quê? Pra ficar que nem você, sem casa, sem emprego? Tá! E se eu voltasse, quem ia sustentar a gente? Não ia ser ele, né? O dinheiro dele era nobre! Não era da nossa conta. Não servia pra comida, pra remédio, pra pagar um enfermeiro de verdade. Era pro sonho! Você ainda defende. Ele vendeu a tua casa em troca de papel! Papel! Faz assim, pega esse monte de... Coisa e constrói uma casa. Vai ficar fofa a tua casinha de enciclopédia.

FREDERICO

Precisa lembrar não, Carlos. Oito da manhã, todo dia, o cara da construtora liga aqui. Faz assim, dorme aqui e amanhã você fala com ele, vai que ele é teu tipo. Vai que, com teu "charme" a gente consegue ficar aqui mais do que os trinta dias. Vai que... né? Vai. Fica dessa vez. *(Pequeno silêncio)*.

CARLOS

Desculpa.

FREDERICO

Desculpa eu.

CARLOS

Tudo bem. Eu fiz uma pergunta, você deu uma resposta.

CARLOS

E agora, o quê...?

FREDERICO

Carlos, Não. Eu sei o que você vai me perguntar. A resposta é "eu não sei".

CARLOS

Mas...

FREDERICO

Não me pergunta o que você vai perguntar. A única coisa que eu posso responder é não sei. Você tem uma solução? Eu também não tenho. *(Pausa)*.

FREDERICO

Quer café?

CARLOS

Quero.

FREDERICO

Foi uma semana depois enterro. Eu estava em casa... Recebi um telefonema. Era um ex-aluno dele. Advogado. Meu pai, que nunca tinha guardado nada na vida, tinha deixado uma herança. Ele deixou dois pares de calça; um par de sapatos marrons, que ele gostava muito, e milhão de cópias da enciclopédia dele... Cada cópia, 12 livros; cada livro, umas 900 páginas... Faz os cálculos.



SOBRE OS VENDEDORES DE ENCICLOPÉDIAS E A SUA EXTINÇÃO (Parte 1)

FREDERICO - Eu estou fazendo uma pesquisa, aqui na região, sobre cultura, educação. Você teria 5 minutinhos...

PESSOA 1 - Moço, não dá. Tô fazendo almoço, limpando casa, volta mais tarde...

FREDERICO - É rapidinho. Não demora nada.

PESSOA 1 - Moço, não dá. Tô fazendo almoço, limpando casa, volta mais tarde...

FREDERICO - Posso só te mostrar...

PESSOA 1 - Moço, não dá. Tô fazendo almoço, limpando casa, volta mais tarde...

FREDERICO - Você pode me dizer onde tem uma padaria aqui perto?

PESSOA 1 - Moço, não dá. Tô fazendo almoço, limpando casa, volta mais tarde...



CARLOS - Então senhor, o trabalho hoje aqui no bairro é ir de casa em casa, mostrar o material pras pessoas e ouvir a opinião delas.

PESSOA 2 - (*Frederico*). Minha opinião é que tá tudo errado nesse país, isso aqui tá um buraco! A juventude tá toda aí perdida nas drogas, no homossexualismo, na prostituição... Por isso que tá tudo virando bandido! A culpa é da televisão, da internet que incentiva. Antes não era essa putaria porque a polícia funcionava. Esses marginal pegava uma carteira, uma bicicleta, a polícia descia o cacete neles até prender. Aí ale aprende! Ele aprende... Ele aprende... Aprende bem aprendidinho! Naquela época, a educação prestava, isso era cultura! Cadê o menino?

DEPOIS DA AVALANCHE - Sala de casa

(Carlos entra em cena, traz uma mala na mão).

CARLOS

Essa casa cheira a papel.

FREDERICO

Teve algum dia que não?

CARLOS

O quê?

FREDERICO

A papel. Teve algum dia em que essa casa não cheirasse a papel?

CARLOS

Eu tinha esquecido.

FREDERICO

Bonita a mala.

CARLOS

Já passei tempo demais na casa dos outros, melhor ficar por aqui.

FREDERICO

A casa é tão sua quanto minha.

CARLOS

Nem minha, nem sua. É da construtora.

FREDERICO

Tá bom Cal, vou te falar isso de um jeito menos romântico: Pelo contrato, nós temos direito a mais quatorze dias aqui. Se você quiser usufruir do seu direito, fique à vontade. Da minha parte, enquanto eles não me colocarem pra fora, é aqui onde eu moro.

CARLOS

A negação é sempre ótima.

FREDERICO

Falou tudo, pensador, poeta. Olha, o quarto do papai tá desocupado. Se quiser, eu troco de quarto com você, mas tem umas coisas da Teresa lá e, de vez em quando, ela aparece pra pegar.

CARLOS

Teresa. Ainda pega coisa!?

FREDERICO

Sim, ela não desgrudou do papai.

CARLOS

Legal. E?

FREDERICO

E o quê?

CARLOS

E?

FREDERICO

E mais nada.

CARLOS

Frêdo!?

FREDERICO

E ela vem aqui, de vez em quando... Transar comigo.

CARLOS

Desde quando?

FREDERICO

Faz um tempo aí... Sete meses.

CARLOS

Ela não olha na tua cara no velório, não te dá um abraço e vem aqui, toda semana, trepar!?

FREDERICO

Não é assim "toda semana"...

CARLOS

Meu irmão, Você pode projetar tua mãe em qualquer outra mulher, não precisa ser a Teresa. Pra que voltar?

FREDERICO

Quem disse que eu quero voltar?

CARLOS

Então?

FREDERICO

Eu quero trepar e ela também. Só isso! Quando ela ou eu arranjar outra fonte de sexo, esse negócio acaba.

CARLOS

Eu não acredito, mas tudo bem, não é problema meu.

FREDERICO

Você vai ficar no quarto do papai ou não?

CARLOS

E se vocês transarem no quarto do papai e a gente dividir o outro?

FREDERICO

Eu troco de quarto contigo.

CARLOS

Não te incomoda? (*Silêncio*).

FREDERICO

Sei lá.

CARLOS

Mas, vocês não podem transar na casa dela? Ela não tem casa?

FREDERICO

Carlos, o tempo tá passando! Vamos começar a fazer o combinado? Trabalho.

CARLOS - Tá.



SOBRE OS VENDEDORES DE ENCICLOPÉDIAS E A SUA EXTINÇÃO (Parte 2)

FREDERICO - Bom dia!

PESSOA 3 - Bom dia...

FREDERICO - Posso falar com você um minutinho?

PESSOA 3 - Eu já faço doação moço.

FREDERICO - Não é doação...

PESSOA 3 - É negócio religioso?

FREDERICO - Não, não, pelo amor de Deus.

PESSOA 3 - Moço, eu não tô com tempo pra pesquisa.

FREDERICO - Não é pesquisa.

PESSOA 3 - O que é então?

FREDERICO - É um lançamento...

PESSOA 3 - Lançamento?

FREDERICO - Uma Enciclopédia.

PESSOA 3 - Ah, você vende livro.

FREDERICO - Isso. Eu...

PESSOA 3 - Desculpa, eu só compro livro pela internet.

.....

PESSOA 4 - Oi amigas, tudo bem? Hoje vou dar uma dica super diferente, uma coisa que tá voltando com tudo: Enciclopédia. Eu trouxe esse fofo pra mostrar pra vocês! Fala migo!

CARLOS - Então, São livros...

PESSOA 4 - Eu adorei. É retrô, é anos oitenta, é super vintage, você vai amar. Agora, se você gostou desse vídeo, dá uma curtida, assina nosso canal. Beijos, até a próxima.

CARLOS - Obrigado. Você vai levar agora? Mando entregar?

PESSOA 4 - Só uma dica, troca essa roupa. Uma coisa mais retrô tem muito mais a ver. Vai ser sucesso!

.....

PESSOA 7 - Pode ser uma entrada e 8 cheques pré-datados?

FREDERICO - Sim, pode.

PESSOA 7 - A entrada pode ser descontada daqui a 2 meses?

FREDERICO - Hum... Tudo bem.

PESSOA 7 - O cheque pode ser no nome da minha filha?

FREDERICO - Pode.

PESSOA 7 - Se tiver com nome sujo, pode né?

FREDERICO - Pagando, tudo bem.

PESSOA 7 - Vocês mandam para o Canadá?

FREDERICO - Mando sim.

PESSOA 7 - É pra presente. Vocês embrulham?

FREDERICO - É... Infelizmente...

PESSOA 7 - Tá vendendo! Você não facilita nada! Depois reclama quando não vende!

FREDERICO

Conseguiu falar com todo mundo?

CARLOS

Sim.

FREDERICO

E aí?

CARLOS

E aí que é uma enciclopédia. O pessoal acha o projeto lindo, mas comprar... Quer dizer, eu consegui vender cinco conjuntos.

FREDERICO

É mesmo? Pra quem?

CARLOS

Pra tua "fonte de sexo".

FREDERICO

Teresa?! Papai não deixou dez conjuntos pra ela?

CARLOS

Sim.

FREDERICO

E ela comprou cinco?

CARLOS

Sim comprou. Viu? Você se casou com uma pessoa que gostava mais do teu pai do que de você, aceita.

FREDERICO

Tá. Nada além da Teresa?

CARLOS

Umás promessas de análise, nada demais. E você, como foi na faculdade?

FREDERICO

Quase nada, os alunos dele saíram de lá faz tempo. Consegui vender uns 10 conjuntos. O João comprou quatro. Tá vendo? Minha ex compra cinco, o teu compra quatro.

CARLOS

Ele perguntou por mim?

FREDERICO

Você perguntaria?

CARLOS

Óbvio. Meu pai morreu porra.

FREDERICO

Eu tenho um amigo que, quando pai do namorado dele morreu, passou o dia na piscina cheirando, bebendo e ouvindo Britney, Madonna, Lady Gaga...

CARLOS

O João odiava o pai.

FREDERICO

E o respeito?

CARLOS

Eu não ia estragar meu domingo por conta de um escroto desgraçado.

FREDERICO

Era o pai dele.

CARLOS

Era um escroto desgraçado.

FREDERICO

Mesmo assim, era o pai dele.

CARLOS

Escrotos desgraçados também são pais.

FREDERICO

Você acha que o nosso pai era um escroto desgraçado?

CARLOS

Tinha seus momentos. Não. Não era. Você acha?

FREDERICO

Tudo bem, esquece. Sobraram quantos livros?

CARLOS

Sério? Tchau. *(Carlos sai)*.

VARIÁVEIS

..... 1

CARLOS - E as livrarias?

FREDERICO - A maioria não tem interesse.

CARLOS - Os sebos?

FREDERICO - Não paga nem o transporte.

CARLOS - O tio Pedro. Você falou com o tio Pedro? Ele tinha prometido...

FREDERICO - Carlos, tio Pedro morreu faz quatro anos. Você foi comigo no enterro.

CARLOS - Fui!?

FREDERICO - Uhum. Você e o João. Você não lembra do que vocês fizeram? *(Carlos não responde)*.

FREDERICO - Você não lembra?!

CARLOS - Frederico! Os amigos do papai também não param de morrer. *(Silêncio)*.

FREDERICO - O que a gente faz?

CARLOS - Eu não sei. Não sei! Já fui às editoras, livrarias, falei com um monte de gente; a única coisa que consegui foi tomar cafezinho ruim.



CARLOS - As livrarias?

FREDERICO - Não tem interesse.

CARLOS - Sebos?

FREDERICO - Não paga o transporte.

CARLOS - Falou com o tio Pedro?

FREDERICO - Tio Pedro morreu. Você foi comigo no enterro.

CARLOS - Fui?

FREDERICO - Você e o João. Não lembra?

CARLOS - Os amigos não param de morrer.

FREDERICO - O que a gente faz?

CARLOS - Não sei. Já fui às editoras, livrarias, falei com gente só consegui tomar cafezinho, ruim.



CARLOS - Livrarias?

FREDERICO - Sem interesse.

CARLOS - Sebos?

FREDERICO - Transporte.

CARLOS - Tio Pedro.

FREDERICO - Morreu.

CARLOS - ???

FREDERICO - Não lembra?!

CARLOS - Não param de morrer.

FREDERICO - O que faz?

CARLOS - Não sei. Editoras, livrarias, gente. Só cafezinho. Ruim.

4

CARLOS - Livrarias?

FREDERICO - Não.

CARLOS - Sebos.

FREDERICO - Não.

CARLOS - Tio Pedro.

FREDERICO - morreu.

CARLOS - Fui!?

FREDERICO - Você e João.

FREDERICO - Lembra?!

CARLOS - Para!

FREDERICO - O quê?

CARLOS - Editoras.

FREDERICO - Livrarias.

CARLOS - Gente.

FREDERICO - Cafezinho?

CARLOS - Ruim.

5

CARLOS - Livraria.

FREDERICO - Não.

CARLOS - Sebo.

FREDERICO - Nã.

CARLOS - Tio Pe...

FREDERICO - Nnn...

CARLOS - Cafezinho?

FREDERICO - Ruim.



DOCUMENTÁRIO 3

<https://youtu.be/YKVb-KuOYbM> (👉 Clique no link ao lado e veja o vídeo)

FREDERICO - Quando o primeiro caminhão chegou, eu pensei: "tá, põe na garagem, ninguém tem carro mesmo, não faz diferença. Então, veio o segundo caminhão, o terceiro, o quarto... Os vizinhos começaram a reclamar. A fila de caminhões não deixava os carros entrarem na rua. Buzina o dia inteiro, gente xingando, o Carlos saiu no tapa com um vizinho, cuspiu na cara de uma velha. Deu polícia. Multa da prefeitura, eu quase fui preso por desacato.... No fim do dia, não tinha mais espaço na garagem, na sala, na cozinha. Banheiro, jardim, varanda. Sobrou um pedaço do meu quarto e quarto do papai...

CARLOS - A gente não teve coragem.

MADONNA - Sala de casa

(Carlos entra comendo bolo).

CARLOS

Só tem metade do bolo na geladeira.

FREDERICO

Eu sei.

CARLOS

Você não come bolo.

FREDERICO

Eu sei.

CARLOS

Eu tenho de te perguntar tudo?

FREDERICO

O que você quer perguntar?

CARLOS

Você sabe.

FREDERICO

Eu sei?

CARLOS

Odeio esse joguinho! Odeio!

FREDERICO

Eu sei. Ele é divertido por isso.

CARLOS

Tá! Quem comeu o bolo?

FREDERICO

Quem você acha?

CARLOS

Eu vou enfiar esse bolo no teu rabo! Teresa podia pelo menos ter me dito oi antes de comer meu bolo.

FREDERICO

Pra quê? Você nem gosta dela.

CARLOS

Gosto sim. Gosto da Teresa. Eu não gosto do fato dela não gostar de você.

FREDERICO

O clube do livro respondeu?

CARLOS

Não trabalham com enciclopédias. E a “Livraria olho”?

FREDERICO

Não tem interesse.

CARLOS

Teve alguma venda pela internet?

FREDERICO

Duas. Amanhã eu deixo no correio.

CARLOS

Manda logo, manda antes deles descobrirem que é uma enciclopédia.

CARLOS

O povo da câmara do livro?

FREDERICO

Já fecharam a programação desse ano. Disseram pra gente tentar ano que vem. Vai que rola.

CARLOS

Só se ano que vem for daqui a 5 dias! *(Silêncio)*.

FREDERICO

Me magoa quando você fala essas coisas.

CARLOS

Que coisas?

FREDERICO

Teresa.

CARLOS

Meu irmão, eu te vejo menos do que eu queria. Não posso me dar ao luxo de esperar a hora certa pra te dizer as coisas.

FREDERICO

Eu não julgo tua vida.

CARLOS

Não julga? De meia em meia hora fala que eu abandonei vocês.

FREDERICO

Você tá me interpretando errado. *(Carlos vai até os livros, pega um deles, o folheia. Lê).*

CARLOS

“Interpretação é uma ação que consiste em estabelecer comunicação verbal ou não verbal entre duas entidades. É um termo ambíguo...”. Olha, pelo que eu entendi desse negócio, se eu estou te interpretando mal, talvez seja porque você está comunicando alguma coisa que só dá pra ser lida como recalque.

FREDERICO

Você me chamou mesmo de recalcado?

CARLOS

A interpretação é sua.

FREDERICO

Vai comer a merda desse bolo todo ou é pra jogar fora?

CARLOS

Tem mais alguém pra ligar?

FREDERICO

Não. *(Pausa).*

CARLOS

Vocês pensaram em ter filhos?

FREDERICO

Quê?

CARLOS

Você, Teresa, Filho.

FREDERICO

Ah, por um momento sim, depois, o papai foi virando nosso filho.

CARLOS

Fralda ele usava.

FREDERICO

Também não gostava de tomar banho e só queria comer porcaria. *(Pausa)*.

FREDERICO

Você já quis filhos?

CARLOS

Não, credo.

FREDERICO

Nem com o João?

CARLOS

Principalmente com ele.

FREDERICO

Por quê?

CARLOS

O João virou um... Sei lá. Olha, Por anos, nossa vida era viajar, trepar, cheirar... Farra. Daí, de um dia pro outro, ele me vira uma dona de casa chata com toda aquela aporrinhção de família, filho... No dia que ele apareceu com história de levar sobrinho pra Disney, eu entrei em pânico.

FREDERICO

E aí?

CARLOS

Liguei pro papai.

FREDERICO

Hum?

CARLOS

O Pai disse que só valeria a pena eu ir pra Disney se fosse pra eu promover a revolução e transformar aquela merda numa micro república socialista. Por mais que eu adorasse a ideia de o Mickey ser fuzilado, achei mais fácil mandar o João arranjar um gay limpinho pra ele. *(Silêncio)*.



SOBRE OS VENDEDORES DE ENCICLOPÉDIAS E A SUA EXTINÇÃO (Parte 3)

PESSOA 5 - Então... Então... Você é vendedor de livros ambulante?

CARLOS - Sim sou...

PESSOA 5 - Vendedor... Ambulante... De livros?

CARLOS - Isso mesmo senhor. A ordem das palavras não muda o...

PESSOA 5 - Então... Vende livros...

CARLOS - Vendo. É por isso que eu queria mostrar essa enciclopé...

PESSOA 5 - Você sabe se, na sua empresa, estão precisando de gente?

.....

PESSOA 6 - Desculpe senhor, mas aqui nós não permitimos a comercialização de qualquer coisa.

FREDERICO - Senhora... Dona... Moça, eu entendo que deve ter gente querendo vender de tudo, mas isso é diferente, é um produto cultural. Os velhinhos passam o dia todo nesse abrigo fazendo o quê? Ler ajuda na memória. No... No...

PESSOA 6 - O senhor quer ajudar os velhinhos? Pode doar os livros.

FREDERICO - Tá. Vou buscar.

PESSOA 6 - Márcia! Doação!

FREDERICO

Cal, tá na hora de doar esses livros.

CARLOS

Claro, põe uma plaquinha no muro escrito "doa-se enciclopédias".

FREDERICO

Não. Pras escolas, bibliotecas.

CARLOS

Ir de escola em escola com esse elefante sai uma fortuna.

FREDERICO

Me dá uma opção então.

CARLOS

Reciclagem. Eu sei. É chato, mas pelo menos paga o transporte.

FREDERICO

Cal, esse papel tem laminação fosca.

CARLOS

E daí?

FREDERICO

Fica mais bonito... E não recicla.

CARLOS

Como não recicla? Claro que recicla, é papel.

FREDERICO

Pode até reciclar, mas fica caro demais. Não compensa. *(Silêncio)*.

CARLOS

Filho da puta. Ele sabia.

FREDERICO

O quê?

CARLOS

Papai sabia que a gente ia querer reciclar essa merda.

FREDERICO

Chega de paranoia Carlos!

CARLOS

Lembra de quando você cismou de andar de skate? Sabe aquele skate que ele te deu? Nunca foi teu. O pai sabia que você ia largar no primeiro tombo, daí ele pegou um skate emprestado com um aluno e devolveu depois.

FREDERICO

Isso é mentira Carlos.

CARLOS

Cadê o skate?

FREDERICO

Sei lá.

CARLOS

Cadê o skate?

FREDERICO

Eu perdi, roubaram, não sei.

CARLOS

Roubaram? (*Silêncio*).

FREDERICO

Como você sabe dessa história?

CARLOS

O João. O João era o dono do skate.

FREDERICO

Porra, achei que o João era meu amigo.

CARLOS

O João é teu amigo. A questão não é essa. O pai conhecia a gente, ele sabia! Ele sabia que a gente ia tentar reciclar esses livros.

FREDERICO

Escroto desgraçado.

CARLOS

Ele era um gênio.

FREDERICO

Gênio um caralho, as enciclopédias dele vão acabar no lixo.

CARLOS

Prefeitura não deixa nem jogar uma geladeira na rua.

FREDERICO

Deixa no lixão.

CARLOS

E quem transporta?

FREDERICO

Vem Carlos! Vamos! A gente deixa um conjunto em cada porta! Levanta! Pega logo!

CARLOS

Claro! Vamos sim! Vamos! Só me diz uma coisa: Como a gente entra nos prédios?

FREDERICO

Pede pros porteiros, implora, dá um jeito!

CARLOS

Incrível! Daqui a dois anos a gente termina!

FREDERICO

Para de boicotar minhas ideias!

CARLOS

Para de ter ideia bosta!

FREDERICO

Merda! Merda! Merda! *(Carlos se irrita, pega um livro e começa a rasgar as páginas dele).*

FREDERICO

Para Cal, vai estragar!

CARLOS

É mesmo Frêdo? Só vai sobrar 900 mil cópias! *(Carlos continua a rasgar, pára. Oferece um livro ao irmão).*

CARLOS

Frêdo. Rasga

FREDERICO

Não, obrigado.

CARLOS

Frederico! Rasga!

(Frederico pega uma enciclopédia e, hesitante, começa a rasgá-la, depois de um tempo, começa a gostar e passa rasgar os livros com prazer, Carlos o incentiva a rasgar cada vez mais. os dois rasgam e xingam os livros até cansarem e se sentirem um pouco relaxados. um silêncio se faz, os irmãos não sabem o que dizer).

FREDERICO

Só me diz o que fazer. Por favor.

CARLOS

A gente vai pra piscina, cheira, bebe e escuta Madonna.

FREDERICO

É sério Cal.

CARLOS

Tô falando sério. Papai não odiava música pop? É uma homenagem por ter nos fodido. Vai.

(Frederico procura algo alcóolico para beber enquanto Carlos prepara o som. Frederico entrega um copo de bebida para Carlos, que se prepara para fazer um brinde).

CARLOS

Querido pai, queria dedicar a você esta música, esta música que, segundo você mesmo, era uma merda, era alienante, era feita pela escória capitalista pra manipular as massas. Você merece! Bebo a você, cheiraria a você também, mas o único pó que tem nessa casa é poeira de livros e eu já cheirei tanto disso que já nem dá mais efeito. Saúde!

FREDERICO

Saúde! *(Os dois bebem e dançam, depois caem exaustos. Frederico levanta e pega uma das enciclopédias, folheia o livro, para em uma parte).*

FREDERICO

Cal.

CARLOS

Hum? *(Frederico entrega o livro ao irmão).*

FREDERICO

Lê.

CARLOS

“Madonna Louise Ciccone (Bay City, 16 de agosto de 1958), mais conhecida como Madonna, é uma cantora, compositora...”. Meu deus! A Madonna venceu o papai! A Madonna venceu!



SOBRE OS VENDEDORES DE ENCICLOPÉDIAS E A SUA EXTINÇÃO (Parte 4)

PESSOA 8 - Queria comprar pro meu pai.

CARLOS - Ele gosta de ler?

PESSOA 8 - Gostava.

CARLOS - Me desculpe.

PESSOA 8 - Não, não tem problema não, Menino... Ele era uma graça, tinha pouco estudo, mas lia muito. Era alfaiate. Costurou a vida toda... Não teve uma vez em que a gente entrasse na alfaiataria e não visse papai correndo pra acabar uma encomenda. Não parava... Um dia ele terminou um terno cinza, todo sofisticado, um acabamento difícil, tudo feito à mão. Demorou pra ficar do jeito que ele queria... Terminou, foi pra casa, dormiu... Não acordou mais. Fechamos a loja. Ligamos pra avisar o dono que estava pronto. Chamava e ninguém atendia. Ligamos de novo, de novo... Depois de um mês tentando falar com o fulano, minha irmã foi atrás na casa dele. Daí a gente descobriu: Ele não existia. Nem ele, nem os últimos sete... Papai fez oito ternos, Menino. Nenhum cabia nele, também não era pra ninguém lá em casa... Pra quem era?

LUTO: O luto (do latim luctu) é um conjunto de reações a uma perda significativa, geralmente pela morte de outro ser. Segundo John Bowlby, quanto maior o apego ao objeto perdido (que pode ser uma pessoa, animal, fase da vida, status social etc.), maior o sofrimento do luto. O luto tem diferentes formas de expressão em culturas distintas. O luto pode também provocar crises familiares, pois exige a tarefa da renúncia, de excluir e incluir novos papéis na cena familiar.



DOCUMENTÁRIO 4

<https://youtu.be/YhXrcCtvZAs> (👉 Clique no link ao lado e veja o vídeo)

FREDERICO - Quando eles te dão a notícia é uma explosão, depois silêncio. Eu não sei... Não foi uma surpresa. Quando papai foi internado pela primeira vez, o médico me chamou, disse que, daquele jeito, só durava mais 1 ano, ele durou 3.

CARLOS - Ele não me telefonava. Pra falar com ele, eu quem tinha de ligar.

- Não, meu filho... Ele falava sempre de um jeito como se estivesse dando aula... É porque ligação internacional é cara.

- Pai, não precisa ligar do telefone. Pela internet é de graça.

- Eu esqueço.

Então eu sabia, se ligassem lá de casa, era pra avisar... Vim quatro vezes ver ele, nas quatro achei que era a última. Depois voltava e ficava esperando o telefone tocar.

FREDERICO - Ele iria durar o tempo que a enciclopédia precisasse dele. Quando eu me dei conta disso, comecei a tentar atrasar as coisas, convencer ele a ir devagar, era egoísta, só que cuidar dele era a única coisa que sobrou. Ele não sabia que o tempo dele era o tempo da enciclopédia.

CARLOS - Aí vem a notícia. Um silêncio. Ninguém sabe dizer nada com sentido, você não sabe responder. Tudo que te dizem é tão genérico. Elas podem dizer qualquer coisa. Qualquer coisa parece a mesma coisa:

- Uma árvore caiu.

- Eu sei. Obrigado

- Nós vimos que a árvore caiu.

- Eu sei. Obrigado.

- A floresta continua em pé.

- Eu sei. Obrigado.

É mais um barulho pra te avisarem que elas sabem que alguma coisa aconteceu.

DESESPERO - Sala de casa

FREDERICO

Cal... Você lembra do Cristiano?

CARLOS

Que Cristiano?

FREDERICO

Aluno do papai. Do DCE da faculdade.

CARLOS

Ah, sim. Peguei.

FREDERICO

Eu tô falando do Cristiano meio galã, não do que jogava futebol.

CARLOS

Eu peguei os dois.

FREDERICO

Cal, o cara não é gay.

CARLOS

É, ele me disse isso na terceira vez.

FREDERICO

Você é uma puta.

CARLOS

Eu sou uma puta? Você pega todas as alunas do pai e eu sou a puta?

FREDERICO

Mas eu não saí falando.

CARLOS

Claro, namorava a Teresa. *(Silêncio)*.

FREDERICO

É, eu sou uma puta.

CARLOS

Você é.

FREDERICO

Você também é.

CARLOS

Eu não neguei nada.

FREDERICO

Só que eu sou uma puta com mais classe do que você.

CARLOS

É, pode ser. Eu sou puta. Todo mundo é puta. E o Cristiano?

FREDERICO

Ele virou secretário de educação.

CARLOS

Sério?

FREDERICO

Pois é, idiota daquele jeito... Ele ligou quando soube da morte do pai.

CARLOS

Legal da parte dele.

FREDERICO

Eu falei dos livros.

CARLOS

E?

FREDERICO

A gente conversou... Ele veio com uma história de convencer o responsável pelos livros didáticos a comprar as enciclopédias.

CARLOS

Isso é ótimo, Frêdo!

FREDERICO

Ótimo é ter de dar um agrado de 25 por cento pra ele e 20 pra o outro cara.

CARLOS

Quando vocês conversaram?

FREDERICO

Faz 2 semanas.

CARLOS

E você não me contou.

FREDERICO

O papai nunca aceitaria.

CARLOS

Aí você achou que não precisava me contar?

FREDERICO

Essa não é nem uma opção de verdade e nós tínhamos outras maneiras de resolver o problema.

CARLOS

Nós tínhamos?

FREDERICO

Sim. Infelizmente elas não deram certo.

CARLOS

Dava para ver de longe que não ia rolar.

FREDERICO

Carlos, Isso não era o que o papai queria.

CARLOS

Papai morreu. *(Silêncio)*.

CARLOS

O que você quer que eu diga Frêdo? O papai queria escrever uma enciclopédia, Escreveu. Queria imprimir a primeira edição, Imprimiu. Ele já teve o que queria.

FREDERICO

Você acha que eu deveria ter aceitado?

CARLOS

Eu acho que você deveria ter me dito antes de negar.

FREDERICO

Não falei porque achei que você não ia aceitar

CARLOS

Olha a nossa situação. É uma saída.

FREDERICO

Todo corrupto tem uma desculpa pra si mesmo.

CARLOS

Deixa de ser moralista! Não é uma questão de querer ou não querer. Alguém tem de tomar alguma decisão prática... Essa casa... Esses livros... É a vida de um morto, a vontade de um morto.

FREDERICO

Não seu imbecil. Isso é a minha vida, a tua também. E você só quer se livrar dela.

CARLOS

Você não? Você tem 3 dias pra sair daqui!

FREDERICO

Eu só não quero entrar na merda.

CARLOS

Você já está nela!

FREDERICO

Você não pensa em como ele iria se sentir?

CARLOS

Por que eu tenho de pensar? Ele pensou na gente quando mandou imprimir essa porra?

FREDERICO

Vocês dois. Vocês querem o que vocês querem e foda-se o resto.

CARLOS

É, bom mesmo é ficar agarrado em um defunto. Agarrado numa mulher que não te quer. Agarrado. Agarrado. Solta Frederico! Solta! *(Frederico se enfurece e começa a jogar os livros no irmão).*

CARLOS

Que é isso?

FREDERICO

Eu soltando!

CARLOS

Essa merda pesa caralho, não consegue resolver teus problemas, não vem descontar em mim. *(Frederico continua a jogar livros na direção do irmão).*

FREDERICO

Melhor é tratar as pessoas feito lixo.

CARLOS

Pelo menos meu lixo tá mais resolvido do que o teu.

FREDERICO

Verdade, eu também vou mudar pra Europa e virar gigolô de algum velho escroto.

CARLOS

É. Mas, pra te sustentar, a putinha aqui, o gigolô, serviu!

FREDERICO

Você acha que eu parei três anos a minha vida porque eu quis? Porque é "legal" escrever uma enciclopédia?! Carlos, o cara ficou 40 anos com a cabeça nisso, todo dia, eu não ia deixar ele morrer sem terminar!

CARLOS

Sabe do que mais? Foda-se. Quer se enterrar, se enterra sozinho.

FREDERICO

Não vai ser novidade você largar um problema pra eu resolver.

CARLOS

Chega! Muda de faixa Frêdo! Se eu tivesse ficado, você iria arranjar um outro jeito de ser a vítima. Meu cú Frederico! Meu cú! Em nenhum telefonema você reclamou, nenhum. Você juntou. Você esperou a coisa toda explodir pra ter um monte de merda pra jogar na minha cara.

FREDERICO

Você ouviria? Se eu reclamasse, você me ouviria? Meu talento pra vítima é tão grande quanto a tua falta de capacidade de ver quem tá do teu lado.

CARLOS

Você ficou porque é um bunda mole, porque você é um passivo-agressivo de bosta! Porque não tem culhão de cuidar da própria vida, aí fica sugando a vida dos outros!

(Frederico avança em cima de Carlos e os dois partem para um confronto físico. Os dois caem e rolam pelo chão numa briga desengonçada).

CARLOS

(Grita). Ai! Ai!

FREDERICO

Que foi?

CARLOS

Câimbra! Para! Tô com câimbra!

(Os dois param de brigar e cansados descansam ofegantes por alguns segundos).

FREDERICO

Ele te adorava, adorava esse teu jeito aí. Quando foi que ele não te apoiou Carlos? Você podia fazer o que quisesse, sair com quem quisesse, qualquer cagada, e ele sempre te achava o máximo.

CARLOS

Eu sou fútil Frederico. Fútil. Não burro. Não inculto. Não careta. Fútil. Viver com vocês era um saco. Tudo tinha de ter sentido, tudo virava debate. Eu não podia ouvir Madonna na minha casa sem isso virar uma conferência! Eu amava. Amo... É que nós dois queríamos coisas diferentes. Ele fez o que queria, eu decidi fazer o mesmo.

FREDERICO

E eu? Eu, aqui. Você tem ideia do que é isso? Você tem ideia de como era solitária essa casa com todo mundo indo embora? Não sobrou nada. Algum de vocês pensou se eu estava vivo, se eu precisava de alguma coisa? Pelo menos tinha a Teresa. Sim, não gostava de mim, era carente. E eu não era? Pelo menos ela ficou. E doença, e briga, e divórcio, e a morte dele. Ela ficou, nem que fosse pra trepar e voltar pra vida ela. Onde você estava Carlos?

CARLOS

Quando foi que papai abdicou de alguma coisa? Quando foi que ele fez alguma concessão? Ele não era desligado, ele viu, ele viu a internet, ele viu essas coisas todas e olha o que ele fez? Eu concordo com ele. A gente concede, a gente abdica, a gente deixa de ser quem a gente é.

(Silêncio. Carlos se levanta, ajuda o irmão a levantar-se).

FREDERICO

E o Cristiano?

CARLOS

Faltam 3 dias.



DOCUMENTÁRIO 5

<https://youtu.be/j0BtmUuK0Ls> (👉 Clique no link ao lado e veja o vídeo)

CARLOS - Quando eles chegaram viram aquela montanha. Não tinha onde guardar dentro de casa então tivemos de erguer um muro deles do lado de fora. Quem entrava via o muro, depois, via o segundo muro. Daí via a fachada coberta de livros. De fora, parecia que a casa era feita de livros. Era lindo e feio ao mesmo tempo. Se a casa era feita de livros, o jeito era entregar assim. Se for pra ir abaixo, melhor ir por inteiro. Tijolo e livro.

FREDERICO - Demorou o dobro do tempo. A casa tinha virado uma rocha. Os livros seguravam as paredes, o teto. Eles tiveram martelar as paredes até que elas se esfarelassem em cima dos livros. Formou uma espécie de duna, assim, em cima dos livros. Então, quando eles viram que ia dar muito trabalho joga tudo fora, eles decidiram construir em cima. Esse lugar aqui era minha sala.

CARLOS - Nossa sala.

SEMENTES E NOVAS ÁRVORES

(Telefone).

FREDERICO

Oi

CARLOS

Frêdo? *(Pequeno silêncio).*

CARLOS

Frêdo?

FREDERICO

Oi Cal.

CARLOS

Liguei pra saber de você.

FREDERICO

Tô bem.

CARLOS

Onde você tá?

FREDERICO

Não te interessa.

CARLOS

Sério, onde você tá? Tá tudo bem?

FREDERICO

Não vou te dizer e, sim, tô ótimo.

CARLOS

Putá merda, você tá na Teresa.

FREDERICO

Claro que não Carlos.

CARLOS

Custa dizer onde você está?!

FREDERICO

Onde você acha?

CARLOS

Odeio esse joguinho. Odeio. Diz!

FREDERICO

Tá. Eu não sei onde estou. Tem um lençol azul, uma janela grande, uma calcinha... Tô bem.

CARLOS

Você vem pra cá no fim do ano?

FREDERICO

Não sei. Ainda não planejei.

CARLOS

Tô te esperando.

FREDERICO

Vou ter de desligar.

CARLOS

Tá. *(Pequeno silêncio).*

FREDERICO

Cal! Cal!

CARLOS

Oi?

FREDERICO

Tchau.

CARLOS

Tchau.



DOCUMENTÁRIO 6

<https://youtu.be/eaz2QrHP2IU> (👉 Clique no link ao lado e veja o vídeo)

CARLOS - Que história não começa do fim? Que história não é filha de outra e neta de outra? Essa é a história dos que vivem nos escombros das histórias de outros. Talvez a primeira história seja mais importante do que a segunda, mas o fato é que dela nós não sabemos muita coisa, nós não existíamos quando ela começou a acontecer.

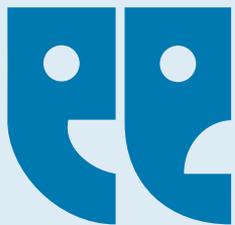
FREDERICO - O mundo era minha sala e ela cheirava a papel. Nela a África ficava antes da página trezentos e cinquenta. Os dinossauros ainda estavam vivos e Napoleão continuava exilado em um arquipélago de 23 parágrafos. Não sei se toda história é o que restou de outra... Essa é.

CARLOS - Primeiro era história das árvores, depois a história do papel feito delas, depois a de um homem que fez, do papel, livros e, essa, é a história de homens que não sabiam o que fazer com esses livros. Qual será a história que veio antes da história das árvores?

(Para Diderot, o pai da primeira enciclopédia moderna).

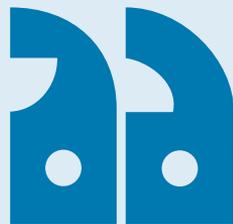
“O objetivo de uma enciclopédia é o de reunir os conhecimentos espalhados na superfície da terra, expor seu sistema geral aos homens com quem vivemos para que nossos descendentes, ao se tornarem mais instruídos, se tornem, ao mesmo tempo, mais virtuosos e mais felizes.”

Fim



O ASSALTANTE DE ABRAÇOS

Aldenor Pimentel



O ASSALTANTE DE ABRAÇOS - 2020

Aldenor Pimentel

PERSONAGENS

Nadson

Assaltante de abraços

Rebeca

Adolescente faixa preta em Krav Magá

Vera

Parteira de Nadson

Menino 1

Filho do policial

Menina

Dono do pedaço

Jovem 1

Homem 1

Mulher 1

Mulher 2

Mulher 3

Moça

Idosa

Policial

PRÓLOGO

(Calçada em frente a muro em bairro pobre de área urbana. É noite. Dono do pedaço dorme na calçada, com o corpo inteiro sob o cobertor. Descalço e de boné para trás, Nadson veste um casaco encardido, duas vezes maior que ele, e traz um cobertor no ombro. Ajeita-se para deitar na calçada, perto do dono do pedaço).

DONO DO PEDAÇO

(Intimidador). Lava daqui! Essa é a minha área.

(Nadson vai para longe do dono do pedaço, deita-se na calçada e se cobre dos pés à cabeça. Instantes depois, com galões na mão, jovens se aproximam do dono do pedaço, em silêncio. Nadson acorda e olha de longe. Os jovens olham para os lados. Um deles tira do bolso e testa um isqueiro).

NADSON

Deixa ele, bando de filho da puta!

(Os jovens se assustam e correm até Nadson).

JOVEM 1

Quem você pensa que é, filho da puta?

(Chutam Nadson, que está no chão).

VOZ 1 (OFF)

Que barulho é esse aí? Eu vou chamar a polícia, hein!

(Jovens fogem. Nadson se contorce no chão com a mão na costela. Dono do pedaço aproxima-se dele. Estende-lhe a mão e ajuda Nadson a levantar).

DONO DO PEDAÇO

Valeu, camarada. Salvou a minha vida.

NADSON

(Irônico, fazendo força para aguentar a dor). Mereço ou não mereço um abraço?

DONO DO PEDAÇO

(Sorrindo). Esse cara é dos meus! *(Dá um soco leve no braço de Nadson).* Bem-vindo à quebrada, parceiro.

(Nadson segura os próprios braços, como se abraçasse a si próprio. Faz careta e, com uma das mãos, alisa o local que recebeu o soco leve do dono do pedaço. Sorri, satisfeito. Volta a deitar. Blecaute).

PRIMEIRO ATO

(Calçada em frente a muro em bairro pobre de área urbana. É dia).

CENA 1

(Nadson aparece sentado na calçada, de pernas cruzadas, encostado no muro, cabisbaixo. Rua deserta. Depois de segundos cabisbaixo, Nadson levanta a cabeça, com olhar de súplica. Estende para frente a mão direita, com a palma virada para cima, como quem pede esmola. Gira o braço para a direita até a linha do ombro, com a cabeça seguindo o movimento. Ao fim do movimento, a palma da mão fica na diagonal. Gira a cabeça de volta para frente. O braço mantém-se imóvel. Do mesmo modo, estende para frente a mão esquerda, com a palma virada para cima. Gira o braço para a esquerda até a linha do ombro, com a cabeça seguindo o movimento. Ao fim do movimento, a palma da mão fica na diagonal. Gira a cabeça a direita. Gira a cabeça de volta para a esquerda. Volta a cabeça para frente. Fica segundos com os braços abertos, como quem pede um abraço. Sua feição muda de súplica para desaprovação. Cruza os braços. Bufa. Enfia a mão no bolso do casaco, de onde tira um canivete, que finca no chão. Fica segundos em silêncio).

NADSON

Viu só? Eu poderia estar matando. Eu poderia estar roubando. Mas estou aqui assaltando abraços. *(Pausa)*. É isso mesmo! Não procuro dinheiro, nem joia, celular, tênis ou relógio. Tudo o que eu quero é um abraço. De preferência, sincero. *(Pega de volta o canivete e o recoloca no bolso)*. Nesse bolso, eu posso ter uma faca, uma arma de brinquedo ou até não segurar nada... Pode ser só meus dedos cruzados *(tira mão do bolso e mostra dedos cruzados)* torcendo pra finalmente encontrar em alguma rua deserta o ato de carinho de um estranho qualquer. *(Dá sorriso contido)*. Na verdade, pra mim, todos são estranhos. *(Pausa)*. Mas ninguém vê meu lado. Só enxergam um monstro capaz de cometer um milhão de atrocidades. *(Pausa)*. Mas nem sempre foi assim. Antes de ser assaltar, eu mendigava abraços.

CENA 2

(Mesmo cenário da cena anterior. Nadson vira o boné para o lado, para indicar tempo passado. Levanta-se. Transeuntes passam apressados de um lado para o outro. Ele estende os dois braços, como quem pede abraços. Um homem passa diante de Nadson).

NADSON

Moço, por favor.

HOMEM 1

(Fala andando, sem olhar para Nadson). Nem adianta. Eu não vou dar dinheiro pra vagabundo.

NADSON

(Tentando acompanhar os passos do homem). Me ouve, por favor. O que eu tô pedindo é só um abraço. *(Nadson para. Homem segue adiante)*. Moço, moço... *(Na direção oposta, vem uma mulher. Acontece o mesmo que com o homem. Nadson fala e ela responde sem parar ou olhar para aquele)*.

NADSON

Moça, você tem um tempinho pra mim?

MULHER 1

Se toca, eu não tenho nada pra você.

NADSON

Mas eu ainda nem pedi nada! *(Passa uma segunda mulher, na direção oposta da primeira)*.

NADSON

Senhora, pode me ajudar?

MULHER 2

E eu lá tenho filho marmanjo?

NADSON

Não vai lhe custar nada. É só um abraço.

MULHER 2

Se enxerga, seu imundo! Quem você pensa que é?

(Trilha sonora dramática. Nadson olha para os lados, melancólico. Na sequência, a cada voz em off, ele olha para um lugar diferente e tem uma reação negativa, como se ouvisse cada uma das pessoas a falar. Trilha sonora intensifica-se gradualmente).

VOZ 1 (OFF)

Te abraçar? Nem por todo o dinheiro desse mundo!

VOZ 2 (OFF)

Nunca.

VOZ 3 (OFF)

Que nojo!

VOZ 4 (OFF)

Fica longe!

VOZ 5 (OFF)

De mim você só vai receber desprezo.

NADSON

(De cabeça baixa). Tudo o que eu queria agora era...

(Balança a cabeça e sai de cena. Trilha sonora segue).

CENA 3

(Mesmo cenário da cena anterior. Com o boné virado para trás, Nadson está encostado no muro, com olhar perdido. Do-no do pedaço passa diante dele e Nadson o segue com o olhar. Dono do pedaço caminha na direção de moça que vem na direção oposta, com sacolas plásticas. Ela para. Ele se aproxima e, por meio de gesto, lhe pede esmola. Retraída, ela balança a cabeça negativamente. O homem fica com a feição negativa e fecha os punhos).

DONO DO PEDAÇO

(Grita). Se não for por bem, vai ser por mal! (A garota grita, larga as sacolas e foge. Dono do pedaço aproxima-se das sacolas, segura-as contra o peito e sorri. Olha para Nadson, que ainda o observa). Tá vendo, moleque? Só assim pra gente conseguir alguma coisa nessa vida: à força. (Dono do pedaço sai, levando as sacolas).

SEGUNDO ATO - CENA 4

(Em trecho diferente da rua da cena anterior. Ao lado de placa de parada de ônibus, um casal de crianças gargalha. Nadson se aproxima deles).

NADSON

Eu não quero machucar ninguém aqui. Eu só quero um abraço. *(Silêncio. As crianças se olham e riem).*

MENINO 1

É pegadinha, né, moço? Cadê a câmera? *(Olha, procurando a câmera).*

NADSON

(Grita). Vocês estão vendo algum palhaço aqui?

(As crianças se entreolham de olhos arregalados, dão-se as mãos e gritam. Nadson assusta-se e corre na direção delas. Menino solta a mão da garota e corre. Ela fica parada, em estado de choque. Nadson alcança-a e lhe tapa a boca).

NADSON

Fica tranquila. Eu não vou te fazer mal. É só um abraço. *(Ela faz cara de choro. Nadson destapa-lhe a boca e olha para a própria mão, com surpresa). Isso é uma lágrima! Meu Deus, uma lágrima: a demonstração do sentimento de alguém que me toca. (Nadson sorri timidamente, como quem demora a acreditar no que está acontecendo. A garota aproveita a distração dele e foge. Nadson pragueja contra ela). Ah, maldita, volta aqui! Maldita! Eu te pego! (Contrariado). Não se pode mais confiar em mais ninguém mesmo. (Nadson sai, na direção oposta à da menina).*

CENA 5

(Calçada próxima à escola. Nadson caminha de um lado para o outro, irritado. Soa o sinal da escola. Ouve-se burburinho dos alunos. Nadson encosta-se no muro, cruza os braços e apoia o pé no muro. Passa uma adolescente. Ele chega por trás dela).

NADSON

Fecha o bico, sua puta! *(Nadson pressiona contra as costas dela o indicador por baixo da própria camisa, simulando uma arma). Só me abraça. Não quero mais nada. (Pausa). Eu vou te virar de frente pra mim e você vai ser boazinha.*

(Nadson gira a garota lentamente, até ficarem frente a frente. Ele abre os braços, para ser abraçado. Ela sorri e faz menção de abraçá-lo, mas lhe dá um mata-leão).

REBECA

Aqui é faixa preta em Krav Magá, otário! Agora, cai fora. *(Chuta-lhe o traseiro. Nadson corre).*

CENA 6 - Praça

(Idosa está sentada em um banco da praça. Nadson entra em cena ofegante. Aproxima-se da idosa).

NADSON

Isso é um assalto! Mãos pros lados!

IDOSA

Não seria mãos ao alto, jovem?

NADSON

Bico fechado, dona. Quem diz o que é o quê aqui sou eu. *(A idosa levanta, com os braços abertos trêmulos. Abraça Nadson hesitante. Contrariado).* Tá bom, dona. Pode parar. *(Ele afasta a idosa com os braços).* Brincadeira! Que diabo de abraço é esse? Sem um pingo de sentimento seu. Parece até que quem me abraçou foi um pedaço de carne congelada.

IDOSA

Desculpa, moço.

NADSON

Faça-me o favor! *(Nadson dá as costas para ela e sai).*

CENA 7

(Calçada. Ao fundo, o interior de uma casa pobre, como se o muro e a parede fossem invisíveis. Nadson anda ofegante pela calçada. Para, olhando a fachada da casa).

NADSON

(Surpreso). Tá diferente. *(Bate palmas. Espera. Bate palmas outras vezes. Abre o ferrolho, passa pela porta entreaberta. Estica o pescoço para olhar. Percorre os cômodos).* Mãe? *(Continua a andar pelos cômodos. Abaixa e cata do chão objetos em diferentes lugares da casa: colher de pau, escova de cabelo, cabo de vassoura, sandália de borracha. Cada vez que ele apanha um objeto, ouve-se um ruído de agressão física e Nadson toma pequenos sustos. A cada ruído, ouve-se também uma voz da mãe dele em off).*

PERPÉTUA

(Irritada, em off). Você tem que aprender a ser homem, moleque. *(Pausa)*. A vida é dura *(e muito dura!)* com quem é mole. *(Pausa)*. Apanhou na escola, apanhou em casa. *(Pausa)*. Lá fora, não têm tapinha nas costas, colher de chá nem mão na cabeça. Você tem que conseguir tudo no braço. *(Trilha sonora melancólica fica mais intensa, até Nadson gritar e jogar longe os objetos. Uma mulher se aproxima sem ser notada por ele)*.

VERA

Você está procurando alguém? *(Nadson olha-a, como quem tenta se lembrar dela. Soa trilha melancólica)*.

PERPÉTUA

(Irritada, em off). Foi assim que a minha mãe me criou e eu nunca morri por isso.

GAROTA ADOLESCENTE

(Nojo, em off). Eu nunca vou me apaixonar por você.

MENINO 2

(Ameaçador, em off). Dá na cara desse arrombado!

VOZ 1 (OFF)

Te abraçar? Nem por todo o dinheiro desse mundo! *(Com feição de ódio, Nadson corre até a mulher e a segura pelo pescoço)*.

NADSON

Me abraça ou eu te mato, filha da puta!

VERA

Ca-calma! É dinheiro que você quer? É pouco o que eu tenho, mas posso conseguir pra você: dinheiro, anel...

NADSON

Tá surda, filha da puta? Quem aqui falou em dinheiro? Eu mandei tu me abraçar! *(A feição da mulher vai mudando de pavor para surpresa positiva. Nadson surpreende-se com a mudança dela)*. O que foi?

VERA

Não acredito. É você? *(Ela o abraça afetuosamente)*. Fui eu que te trouxe ao mundo.

NADSON

(Desconcertado). A senhora deve estar me confundindo com outra pessoa. Minha mãe se chamava Perpétua.

VERA

Sei disso. Fui eu que fiz o parto e fui a primeira pessoa a te pegar no colo. *(Pausa).* É como se eu fosse a tua segunda mãe. *(Vera olha-o nos olhos).* Me doía o peito ver como ela te tratava. Até falei várias vezes que eu podia te criar como filho. Mas ela sempre disse não. *(Pausa).* A última vez foi quando eu tive que mudar de cidade. Ainda voltei a tempo de acompanhar os últimos dias de vida da Perpétua. Antes de morrer, ela me disse pra te pedir perdão por nunca ter te abraçado como o coração dela pedia. *(Nadson abraça Perpétua, com trilha sonora emotiva ao fundo. Depois, corre eufórico pelas ruas, gargalhando e abraçando as pessoas, indistintamente. Todos reagem negativamente: irritam-se, afastam-no, afastam-se dele, etc.).*

MULHER 3

Me solta, seu porco. *(Nadson segue eufórico, mesmo com as reações negativas. Para, abre os braços e olha para cima).*

NADSON

(Grita, feliz). Vida de assaltante de abraços... a-deus!

TERCEIRO ATO - CENA 8

(Mesmo cenário da cena anterior. Na continuação da cena anterior, menino e policial chegam perto de Nadson. É o menino da cena 4. Ele aponta para Nadson).

MENINO 1

Foi ele, pai.

NADSON

Eu posso explicar.

POLICIAL

(Para Nadson). Fica na tua. *(Policial vira-se para filho e agacha diante dele. Nadson olha para os dois).*

POLICIAL

(Doce). Papai vai bem ali e já volta, tá? Até lá, me espera em casa. *(Pai e filho se abraçam. Nadson continua a olhar para eles, como se sentisse inveja do garoto. Menino sai. Policial levanta e olha para Nadson).*

POLICIAL

(Intimidador). Faz o favor de me acompanhar, cidadão. *(Nadson vai à frente. O policial segue-o).*

POLICIAL

Tá bom aqui. *(Param. Nadson fricciona as mãos contra os próprios braços, para se aquecer. Ao pé do ouvido de Nadson).* Enfim, sós.

NADSON

(Amedrontado). O que vai fazer comigo?

POLICIAL

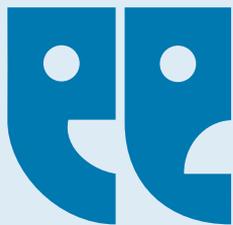
(Sarcástico). Calma! Você terá o que pediu. *(Pausa).* Não queria afeto?

(O policial dá-lhe um orelhão, tapão simultâneo em ambas as orelhas. Nadson encolhe-se, fecha os olhos, balança a cabeça, desnortado, e leva a mão aos ouvidos. O policial soca-lhe o estômago. Nadson cai de quatro, ofegante. Apoiar um dos pés no chão, mas não consegue se levantar. O policial ri, saca uma arma e aponta para Nadson. Nadson olha para cima, fica de joelhos e abre os braços, como quem se rende).

POLICIAL

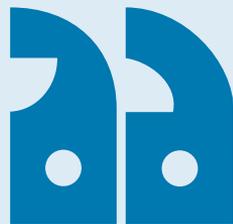
Toma aqui um pouco do calor humano que você tem direito. *(Som de tiro. Blecaute).*

Fim



A MISTURA

Vanessa Brandão



A MISTURA - 2020

Vanessa Brandão

PERSONAGENS

Ademir

Designer, branco

Laíse

Jornalista, parda

Estela

Arquiteta, parda

Época: **Presente**

Lugar da Cena: **Boa Vista, Roraima**



PRIMEIRO ATO

(Laíse convida os seus melhores amigos para beber vinho na varanda da sua casa. O cenário é composto por um tapete, almofadas, pufes, mesa de centro e comidinhas regionais diversas).

CENA 1

(Laíse arruma as almofadas, a mesa, coloca vinho em uma taça, senta-se de pernas cruzadas e liga para Ademir).

LAÍSE

Cadê vocês, homem de Deus? Estou sozinha, quase morrendo de tédio!

(Ademir responde em cenário ao lado).

ADEMIR

Estamos na rua da sua casa, meu bem. Chegando em um minuto.

(Após cumprimentos de praxe, Laíse os convida a entrar e ficar à vontade).

LAÍSE

(Se aproximando do ambiente com tapete e almofadas, indicando os locais para que os amigos se sentem). A casa é de vocês, meus amores. Hoje estou ansiosa, acordei puta da cara lembrando de umas coisas, como sou meio burra as vezes, sabe?!

ESTELA

Ixi, tá bem doida a pessoa. Como assim? O que foi?

ADEMIR

Tá de TPM, aposto.

LAÍSE

Pior que não, o que me dá mais ódio ainda, porque não posso nem dizer que a culpa é dos hormônios. A culpa é da realidade mesmo, mas calma, vamos primeiro beber para depois entrar nesses papos cabeças.

ESTELA

Eita, que essa noite rende.

LAÍSE

(Servindo as taças de vinho e propondo um brinde). Um brinde aos nossos amores mal curados.

ADEMIR

Aí sim, um brinde!

ESTELA

Um brinde ao melhor sexo do mundo!

(Ademir e Laíse olham imediatamente para Estela com expressão curiosa).

ADEMIR

Que porra é essa?! *(Sorrindo e limpando o rosto depois de deixar um pouco de vinho escorrer pelo canto da boca).*

ESTELA

Amores mal resolvidos geralmente tem o melhor sexo do mundo no meio, não é não? Lembra aí das mulheres por quem tu sofreste.

LAÍSE

Verdade pura, mana. Daqueles que ficam na gente que nem pitiú de peixe.

ADEMIR

Ah, mas têm os que amores que nunca realizamos, aí para mim é pior, fica aquela idealização de como seria o sexo. É pior do que pelo menos já ter experimentado.

LAÍSE

Isso é coisa de vocês homens e esse lance estranho de desvalorizar a mulher depois de ter transado com ela.

ADEMIR

Não é desvalorizar, imagina.

ESTELA

É sim, cabeça, tu foste o primeiro a dizer que não queria mais ver a cara da Lórie depois que vocês transaram. A menina doida por ti.

ADEMIR

Mas não é assim sempre, Lórie e eu não tínhamos afinidade, química. Isso acontece com vocês, mulheres, também.

LAÍSE

(Interrompendo Ademir). Que nada, vez ou outra volta a força nefasta do machismo enraizado nesse ser.

ADEMIR

Vixe, já começou foi cedo hoje é?

ESTELA

Ela nem tomou a primeira taça e já começou, Ademir, você tá fudido hoje.

ADEMIR

Eu sou escravo dela, ela desconta em mim todas as raivas dos machos que passaram nessa vida.

LAÍSE

Runf e tu gosta né? Tem quantos anos que me atura? Uns 10 anos? Mas me atura porque a tua posição é sempre um privilégio: branco, bonito, hétero cis topzera.

ADEMIR

Eu sei meu amor, eu sei dos meus privilégios, mas já me curei dessa doença e você me ajudou a usar isso para o bem, não é não? *(Dando um beijo no rosto de Laíse).*

LAÍSE

Vou bem ali *(fazendo gesto com os lábios inferiores apontados para frente)* na cozinha esquentar uma paçoquinha. *(Levantando).*

ESTELA

Só quero se tiver banana.

LAÍSE

Claro! Em casa de mulher solteira o que não pode faltar é banana.

ESTELA

Credo, que horror Laíse. *(Todos riem e Laíse sai).*

ADEMIR

Acho que temos que falar para ela.

ESTELA

Será?

ADEMIR

Sim, sempre falamos tudo, qual o problema?

ESTELA

Não sei, é uma coisa nossa, não?

ADEMIR

É nosso, mas é novidade e compartilhamos todas as novidades, por que não falar disso?

ESTELA

É que pode não dar em nada.

ADEMIR

Porra, que balde d'água fria em?

ESTELA

Ademir, tu sabes que é assim, a gente nem sabe explicar se vai rolar, como tá sendo isso, acho que não é hora de ninguém saber ou você tem certeza de algo? Até ontem não tinha.

(Laíse volta com uma bandeja e três pequenas porções de paçoca com uma palma de bananas ao lado).

LAÍSE

Tá cheirosa. É a paçoca da Tia Lú, com muita cebola, só porque adoro.

ADEMIR

Eu não gosto com muita cebola, mas comerei porque o cheiro tá bom para caramba.

(Todos começam a comer sentados em círculo, quando Laíse fala).

LAÍSE

Eu descobri que estou num entre-lugar onde nada foi feito para mim.

ESTELA

O quê? O que é entre-lugar?

LAÍSE

O entre-lugar é um termo desenvolvido por Silvano Santiago, um ensaísta brasileiro. Li um texto dele e depois fui buscar outros, sei que percebi que, em verdade me apropriei desse termo porque ele explica o que sou enquanto raça. Eu sou uma mistura de branco, com negro e índio.

ADEMIR

Você é linda amiga, relaxa.

LAÍSE

Obrigada, mas é por isso que eu tenho pensado nisso tudo. As fichas caíram, entendi o porquê de eu incomodar tanto em alguns ambientes.

ESTELA

Aí Laíse, espera aí, eu também sou parda que nem você e nunca percebi preconceito. Isso aqui é terra de gente parda, meu bem.

LAÍSE

Sim, e eu sempre pensei assim, sempre me senti confortável na minha pele, mas ouvi brincadeiras sobre ser caboca a vida toda. Você não? Tenta se lembrar da convivência com alguém de fora, do Sudeste, do Sul e até do Nordeste. Pensa aí se já não ouviu um "a porque os cabocos da terra" são isso e aquilo. Tenta lembrar quantas vezes já insinuaram que as cabocas tem fogo na periquita, tem gênio forte, como se isso fosse característica de uma raça e não algo nato em muitas mulheres.

ADEMIR

Eu acho que já falei isso, mas é no bom sentido.

LAÍSE

Não existe bom sentido quando o que sai da sua boca é um preconceito, Ademir. E esse bom sentido que você fala é perigoso, porque esconde o despeito. E esse despeito fica em evidência rapi-

dinho, basta que uma "caboca" assuma um cargo de liderança para o qual você se sente naturalmente mais preparado que ela. Aí tudo o que ela fala ou faz de errado é atribuído à raça. Pensa comigo se não é assim?

ESTELA

Mana, me dá mais vinho, porque ainda não estou bêbada o suficiente para esse papo.

(Laíse serve a taça de Estela).

LAÍSE

Eu observei que é muito comum aqui em Roraima, até hoje, 2020, a gente confiar mais em quem vem de fora, para assumir qualquer cargo de gestão, do que abrir oportunidade a alguém da terra, quando esse alguém da terra carrega característica indígenas, é mais raro ainda. Como se raça fosse um pré-requisito para ser competente, pior, como se o lugar dos descendentes indígenas fosse a subalternidade, a subserviência. Isso é histórico, aliás, quando os indígenas eram capturados como animais para servirem de escravos, depois veio a cooptação para serem trabalhadores nas fazendas de gado, nos garimpos, tudo com aquele ar de troca de favores, mas desde que o indígena, o caboco se conformasse em ser empregado.

ADEMIR

É, consigo perceber mais ou menos um padrão, mas também conheço vários gestores pardos, gente da terra. Não é uma regra.

LAÍSE

As exceções só confirmam a regra, Ademir. E eu percebi que quando tive oportunidade de assumir chefia, eu era colocada à prova o tempo todo. Eu tinha que ser um poço de humildade, porque qualquer situação que eu batesse de frente, se criava ali uma antipatia exacerbada, entende? É quase imperceptível, mas as pessoas agem como se você não pertencesse àquele lugar.

ESTELA

Eu não sei se te entendo não, amiga.

LAÍSE

Só observa como as coisas funcionam nesses ambientes, tenta rememorar teus empregos passados, os trabalhos em grupo, quem assume as lideranças, lembra das pessoas que criaram antipatia por você.

ESTELA

Conflitos existem em todo trabalho, é da relação humana, Lai.

LAÍSE

Eu sei, é verdade, mas quem é da nossa cor, quem é caboco, sofre preconceito inclusive até do próprio caboco que se acha branco. É sutil, é brincadeira, mas acontece demais.

ADEMIR

Mas sim, você começou dizendo que não sabia quem você era, porque era a mistura de várias raças, agora você já se assume caboca, é isso?

LAÍSE

É assim que me identificam sabia? Eu me identifico também, porém observo nas fotos de família que meu avô paterno era negro, meu avô materno é caboco, pele mais escura do que a minha. E eu fui criada como morena clara, distante de qualquer processo de identificação com a cultura negra ou indígena. Ironicamente, minha avô paterna era branca, mas tinha sangue de indígena amazonense, casou com um negro, porém, tinha preconceito com negros.

ESTELA

Isso é bem louco aqui no Norte né? A mistura de raças é fato comum, mas tem gente que ainda insiste em separar.

LAÍSE

Eu sou apaixonada pelas culturas indígenas, me aproximei mais recentemente das culturas afro e agora estou no tal do entre-lugar, não sei quem sou, só sei que nada foi feito para mim. Eu me sinto vagando entre identidades, entre etnias. Por um lado, feliz por poder me apropriar do que é afro, do que é indígena, mas por outro, me sinto intrusa nesses lugares, receando que alguém não me valide como tal. Ainda mais morando em uma cidade que nem se reconhece direito como o que é. Já repararam que a coisa mais comum é entrar em um restaurante, um café, até em hospital, hotel e tudo ter inspiração europeia? Ou norte americana?

ADEMIR

Gata, a globalização é um processo inevitável, sai dessa, você não pode controlar a vontade das pessoas de admirar outras culturas. Dispensar energia com isso é desperdício de tempo, só acho.

ESTELA

Eu também não tenho energia para isso Lai, sério, quero ganhar meu dinheiro e ser feliz, bebendo vinho Chileno, já tá de bom tamanho. *(Diz, levantando a taça).*

LAÍSE

Eu também, amores, eu também, mas é que as informações chegam, os textos chegam e impactam sabe, me constrange. Eu trabalhei naquele tribunal um ano e foi um ano infernal, tinha gente

que me odiava sem eu nunca ter feito nada para a pessoa, só pode ser minha lata, minha cara de caboca, digo isso porque depois de anos, observei que a pessoa em questão é hoje um bolsomion nojento, "afemaria". Por que tu achas que essa gente se identifica com o Bolsonaro, por que ele demonstra ser competente? Não! É porque essas pessoas tem um monte de preconceitos velados contra negro, índio, pobre e quando veem uma figura com esse discurso nas entrelinhas e até externando essas opiniões de forma aberta, eles imediatamente se sentem representados. E são essas mesmas pessoas, que as vezes até de forma inconsciente, antipatizam com o caboco, com o negro ou qualquer outro mestiço que ele julga ser inferior a ele, ver uma pessoa mestiça em lugar de destaque, ganhando dois dígitos, desperta uma inveja poderosa, eu senti isso na pele e isso deixa marcas de indignação difíceis de processar.

ADEMIR

Eita, que hoje você está demais em? Mas te acho linda assim, revoltadinha.

LAÍSE

Cala boca leso (*sorrindo, atirando um pedaço da casca da banana nele*).

ESTELA

Sabia que eu nunca parei para pensar nisso?

LAÍSE

Sei, amiga, porque eu também não tinha parado para pensar, até viver a experiência do mestrado. Foi lá que chegaram até mim alguns textos que tiraram uma cortina de fumaça, sabe? Eu lembro de ter perguntando para minha mãe qual era a minha cor. Ela disse que eu era morena clara. A bichinha, acho que foi uma forma de dizer que eu não era nem muito negra nem muito índia. Um eufemismo carregado de medo, talvez. Não sei, esse papo eu nunca bati com ela.

ESTELA

(*Com sorriso irônico*). Então, eu lembrei do meu sogro agora, você falando disso. Em uma das reuniões em família, quando eu colocava primeiro a farofa no prato, ele dizia logo: "Eita caboca, essa gosta de farinha". Cara, sinceramente, eu sorria e não achava ofensivo não. Não me incomodava, mas em outros momentos, em conversas paralelas, quando ele queria falar mal de algum tipo de comportamento, usava esse mesmo termo: "Ah, isso é coisa desses cabocos da terra". Aí me incomodava e acho que isso ficava explícito na minha cara, tanto é que ele me olhava e se explicava logo: "Não tô falando de todos tá, Estela?"

LAÍSE

Exatamente, entende que a questão da nossa raça está na frente, como se tivessem um rótulo pronto para colar na gente? Quantas vezes vocês ouviram a expressão "Caboco safado!", "Negro

safado!”, “Caboca metida!”, “Nega metida!” Basta que estejamos em um lugar de destaque ou que cometamos qualquer erro. O dedo apontado vem e é rápido.

ADEMIR

Meninas, olha eu não sei nem o que dizer. É um tema delicado, prefiro só ouvir.

(Laíse se levanta e abre outra garrafa de vinho, servindo as taças de Ademir e Estela, enquanto diz:)

LAÍSE

Tem um texto de uma autora chamada Sueli Carneiro, no qual ela fala de opressões cruzadas e sério, eu me achei nesse texto. Eu pego na cara dos que não gostam do caboco, no índio e dos que não gostam do negro. Hoje vejo que em alguns momentos da minha vida, momentos importantes para mim, minha competência foi colocada em segundo plano, outra pessoa branquinha de nariz empinado foi colocada no meu lugar literalmente. Não é algo pensado diretamente: vou trocar essa moça parda por essa moça branca. Não se trata disso. É algo que está nas raízes. É como se a tolerância conosco fosse bem menor e na primeira oportunidade, somos depreciadas, rotuladas e tiradas de campo para assumirmos posições mais “propícias” *(fazendo sinal de aspas com as mãos)*.

ADEMIR

No censo demográfico do IBGE o cidadão tem que se autodeterminar de uma cor. O seu “morena clara”, seria então o parda?

LAÍSE

Sim, foi o que sempre marquei. Aí, pensando sobre essa questão, joguei no Google “cor parda” e adivinha as definições: número um: de cor escura, entre o branco e o preto. Número dois: branco sujo, escurecido. E mulata? Sabe que a origem da palavra vem de mula, não sabem? É de lascar, diz aí? Aí juntei com outra definição bem popular, “pessoa de cor”. Por que a cor sempre em evidência? Quando a sociedade em geral vai passar a perceber e destacar outros requisitos para definir quem é quem? Quando o que eu digo, o que penso, minha conduta diante da sociedade vai me representar?! A minha cor não foi uma escolha, eu simplesmente sou meio uma coisa, meio outra. Pior é a sensação de que esse diálogo todo só faz sentido para quem vive nesse entre-lugar de raças, me entendem? *(Estela e Ademir respondem juntos)*.

ESTELA

Sim!

ADEMIR

Sim!

ESTELA

Me lembrou aquela música “Eu sou pura, sou pura mistura, eu sou pura, sou pura mistura”. Quero dançar essa música, vamos?

(Entra música da euterpe “pura mistura” e os três personagens dançam pequena coreografia, alegres, brindando, se abraçando em roda, até que Laíse se desequilibra e quase cai, arrastando para o chão Ademir e Estela. Os três caem juntos e no meio do riso, Estela fala alto).

ESTELA

Eu preciso dizer que eu e Ademir transamos ontem.

LAÍSE

(Surpresa). Ah, deixa de graça!

ADEMIR

É, a gente ia te contar hoje.

LAÍSE

Sim, estão contando, mas como foi isso, desde quando vocês...

ADEMIR

Não, não foi nada planejado, só aconteceu, estávamos vendo filme ontem lá em casa e depois do filme rolou uma conversa, um clima e aconteceu, mas isso...

ESTELA

Não afeta em nada nossa amizade...

LAÍSE

(Contrariada). Como não? O combinado era ninguém se envolver, preservar o sentimento de amizade, como vocês me traem assim?

ESTELA

Eita, mas espera aí, isso de modo algum foi traição, só que...

LAÍSE

Poxa, eu estou me sentindo traída sim, sabe quantas vezes eu reprimi meus desejos.

ADEMIR

Como assim, por quem?

LAÍSE

Não digo também!

ESTELA

Como assim, Lai, a gente precisa conversar francamente. Somos adultos, de que desejo?

LAÍSE

Desejo, vontade de beijar, abraçar e transar também, que nem fizeram ontem.

ADEMIR

Não seja por isso, transamos nós três, não tem problema para mim.

ESTELA

Cala a boca, Ademir, não estamos brincando.

(Laíse se levanta, começa a recolher as louças da mesa, com expressão sombria).

ESTELA

Lai, volta aqui, acho que precisamos esclarecer as coisas. Você falou que tem desejos e sentimentos por qual de nós dois? Ficamos aqui confusos.

LAÍSE

Vão se foder, literalmente!

ADEMIR

(Rindo da situação). Mas que isso, Laizinha, senta aqui com a gente.

LAÍSE

Fiquem à vontade, ao sair, batam o portão. Estou com dor, vou deitar. *(Laíse sai de cena).*

ADEMIR

(Vira para Estela sério). Cara, não te entendi, você disse que não falaria nada agora, que estava tudo incerto, que loucura foi essa de falar do nada?

ESTELA

Não sei, não sei, me senti sendo falsa com ela, me deu vontade.

ADEMIR

Vontade do ego, Estelinha?

ESTELA

Agora tu me condenas, seu sacana?

ADEMIR

Não, de modo algum, você é que foi contraditória. Vamos embora agora, depois, sem bebida, a gente conversa melhor, nós três, sem animus exaltados.

ESTELA

Sim. Amanhã tem Casa do Neuber e ela não perde por nada.

SEGUNDO ATO

(Laíse está em seu quarto, sobre a cama, pega um livro e tenta ler, joga-o de lado, pega então o estojo de maquiagem ou uma escova de cabelo que tenha um espelho. Ou a personagem pode levantar e ficar na frente de um guarda-roupas, que tenha um espelho na porta. É importante que a plateia possa ver que ela conversa com o espelho).

LAÍSE

É sempre assim, eu me silencio e perco. Perco a oportunidade de dizer na cara das pessoas o que eu sinto, como se o meu sentir não fosse legítimo. Mas quem me disse isso? Quem colonizou o meu agir? Quem me silenciou sobre meus sentimentos e minhas raivas diante dos conflitos? Nem aos meus melhores amigos consegui falar abertamente dos meus desejos e tudo por medo. Esse medo maldito de ser ridicularizada, de parecer exagerada, de parecer alguém além do meu próprio tamanho. É isso! Eu tenho medo de romper essa cápsula. O meu super ego é moldado conforme os preconceitos que me cercam e tenta ele, o super ego, me colocar em um lugar inferior.

(Laíse, surpresa, como se tivesse tido uma grande ideia, deixa o espelho de lado, fica em pé sobre a cama e começa a falar pensativa e efusiva ao mesmo tempo).

LAÍSE

Eu não aceito sequer as possibilidades da minha sexualidade. Eu me domo, como se fosse prisioneira de mim. Eu deixo que o outro diga o que eu quero ser, o que devo ser. E por que eu não perguntei para aquela gente: qual seu problema comigo, querido? Por que não peguei o preconceito deles ou delas e esfreguei naquelas caras azedas? Eu fico me incomodando sozinha com essa merda toda que colocam sobre mim. Runf! Agora bem aí! Chega! Chega! Eu vou dormir porque já tomei vinho demais, mas agora sou outra Laíse. *(Laíse deita na cama lentamente, se aconchega em posição fetal e dorme rapidamente).*

TERCEIRO ATO

(Ademir e Estela chegam na casa do Neuber - local de eventos com música regional, pertencente ao artista roraimense Neuber Uchôa. O espaço funcionou em Roraima durante três anos e atualmente (2020) realiza eventos em espaços di-

versos, reunindo arte e música regional - compram cervejas e conversam sobre como será a abordagem à Laíse quando estiverem juntos. Nessa noite haverá um show de projeções de arte indígena contemporânea).

ADEMIR

Será que ela ainda vai estar com raiva?

ESTELA

Acho que vai ficar caladona como sempre fica quando está chateada.

ADEMIR

Será que foi mesmo sacanagem nossa?

ESTELA

Como assim, você se arrepende? As vezes acho que você é doido por ela, sabia?

ADEMIR

Êeee! Vamos parar de ciuminho, porque não aguento isso vindo logo de vocês.

ESTELA

Ah, claro, como se você não tivesse ciúmes dela e de mim desde sempre.

ADEMIR

Tenho quando vocês se unem e me excluem, o que acontece com frequência.

ESTELA

Sem ela, a gente não tem graça, Ademir. Cai na real.

(Ademir dá um gole prolongado na cerveja e silencia. Sob som da música. Laíse chega, já com cerveja nas mãos. Se aproxima dos dois com meio sorriso no rosto).

LAÍSE

E aí, vocês! Como estão meus amores? *(Se abraçam como de costume).* Vamos conversar queridos, porque eu já não engulo nenhum sapo a mais nessa vida, bom ou ruim, acabou a ruminção, é na lata para sempre. *(Ademir e Estela se entreolham surpresos).*

ADEMIR

Diga, morena, diga logo.

LAÍSE

Gosto de vocês. Gosto de você e de você. *(Diz, apontando e tocando levemente o dedo no peito de cada um).* Mais do que gosto, é um tipo de amor que é incrível, que se mistura a uma admiração de longa data e também ao desejo, um tesão da porra. Eu não me recordo qual das duas coisas veio primeiro, sei que isso pulsa em mim há anos e eu tento transformar em amizade, simplificar os sentimentos, amenizar, mas não consigo. E isso que vocês me falaram ontem, de terem transado, foi muito foda, porque me senti excluída de vocês. Fiquei mal. Eu quero fazer parte disso e se vocês não quiserem, terão que me falar com todas as letras. Então eu vou sair daqui, vou dar uma volta pela festa e depois voltamos a conversar. Processem, queridos. A vida é curta e talvez só exista uma. *(Ademir e Estela ficam visivelmente aturdidos. Laíse se afasta dançando no embalo da música).*

ADEMIR

Ela disse que quer fazer parte disso com a gente? Eu entendi direito?

ESTELA

Gente do céu, será que estou preparada para isso? É um relacionamento a três?

ADEMIR

Poliamor?

ESTELA

Sim, pelo o que entendi é isso. Algo entre nós três. Não consigo conceber algo mais amplo que isso. Mas eu não lembro de ter pensado na Lai como mulher, digo como amante mulher. Você já pensou nisso?

ADEMIR

(Constrangido). Estela, vocês são duas mulheres incríveis, é claro que eu ...

ESTELA

(Imitando a voz masculina de Ademir). Eu ia me amarrar em transar com vocês duas, afinal um ménage à trois é fantasia de homem. Previsível e machista você, claro!

ADEMIR

Ei, ei, ei! Eu conheço a Lai há uns 10 anos, conheço você há uns cinco anos. Acho que já aprendi a desconstruir esse machismo que vocês tanto afirmam. É muito mais que uma fantasia, somos almas companheiras, temos afinidades que vão além do puramente físico. Acho que é o momento de irmos além.

ESTELA

Você sempre a amou. Fala a verdade?!

ADEMIR

Estela, se eu posso dizer que amo, sei lá... açai, também posso dizer que amo a Lai, assim como amo você. Nossa sinergia é física e também espiritual.

ESTELA

É! Acho que essa barreira, de não misturar amizade com sexo, é uma imposição social, mais uma proteção à estrutura da família tradicional, onde todo mundo deve se reprimir e ser casto, ou pelo menos fingir que é.

ADEMIR

E a gente se deixou levar por isso. Lai tem razão. Nós sempre conversamos sobre tudo, menos sobre esse tesão que une a gente. Se ela está pronta, eu também estou.

ESTELA

O que nossas famílias vão pensar? Minha mãe chorou porque eu ia sair de casa sem ser para casar.

ADEMIR

Eu não sei. Podemos primeiro namorar. Calma, em verdade precisamos conversar sobre todos esses detalhes com ela junto. Vamos achar a Lai.

(Ademir e Estela saem a procura de Laíse na festa. encontram-na dançando. Dançam juntos, sorriem, brincam. Estela puxa laíse pelo braço e os três se afastam para um canto mais silencioso, longe da música. As luzes destacam os três).

ESTELA

Como vai ser isso? Onde vamos morar? Que papéis vamos assumir? O que pode e o que não pode?

LAÍSE

Estelinha, não tenho respostas prontas. Tudo vai ser ao vivo.

ADEMIR

A gente respeita os limites e o tempo de cada um. Conversamos muito, como sempre fizemos.

LAÍSE

Isso e não precisamos definir papéis, nem sexos. Lembra do que falei sobre entre-lugar? Estamos todos nessa sociedade buscando ser alguém que esperam que sejamos. Nós precisamos na verdade, nos permitir não saber ao certo o que somos hoje. Um entre-lugar dos sexos? Talvez is-

so. Somos seres em construção e desconstrução. Nossa pauta, nossa bússola tem que ser o amor e o respeito, o resto a gente inventa e ri muito se não der certo. Tudo vai ser experiência.

ADEMIR

Eu estou muito disposto.

ESTELA

Meu receio é que a amizade termine caso alguém se machuque, se sinta excluído.

ADEMIR

Eu estou quase me sentindo excluído, mas quero tentar. Se a gente se afastar, tenho certeza de que vai ser por um tempo, até colocar as coisas no lugar, mas não dá para ficar no que é morno, se a gente pode ir além.

(Nesse momento a projeção começa em uma parede ao fundo. Quadros de arte-indígena contemporânea são projetados, alternadamente às colagens diversas, com trilha sonora de cantos indígenas, de modo que se ressalte o contraste entre o moderno e o ancestral).

LAÍSE

(Levantando delicadamente o queixo de Estela, que olha para o chão). Ei, se você está insegura eu super te entendo. Não precisa decidir nada agora, eu só precisava dizer uma vez a verdade nesse tempo todo. Chega de esconder sentimento para não chocar e ser coerente com os outros. Mas talvez você precise ler um pouco sobre isso.

ESTELA

É trisal!

ADEMIR

O quê?

STELA

O nome disso, da gente. É trisal! Eu já li sobre.

LAÍSE

Hahaha mana, tu já estás lá na frente e a gente achando que você tá em dúvida.

ESTELA

Eu já li, ouvi podcast, já imaginei, o problema são os problemas decorrentes desse tipo de relação. Imaginem que um casal já tem seus conflitos, adicionem a isso mais uma pessoa? Os conflitos tendem a se multiplicar. E quero paz na vida.

ADEMIR

Cara, se eu for parar para pensar que uma mulher é complexa e duas seria a catarse da complexidade, sentiria medo também, mas estou olhando o lado incrível de vocês.

LAÍSE

Já entendemos Ademir. A questão aqui é a insegurança da Estela. Olha, ao mesmo tempo que os problemas podem aumentar, a gente pode pensar que todo casal tem suas discussões, com a gente não seria diferente, mas fato é que se os problemas se triplicam, o amor também, o prazer também e as soluções também. Então temos muito ganhar. Perder todos perdemos, todos os dias. O mundo é doido e a gente tendo que fingir normalidade, padrões. Para mim deu.

(Se instala uns cinco segundos de silêncio e olhares).

ESTELA

Então vamos?!

ADEMIR

Agora eu gostei! Vamos!

ESTELA

Temos que experimentar como vai ser isso. Pra sua casa, Lai?

LAÍSE

Vocês são demais. Acho que vamos precisar de uma cama maior...

(Os três saem conversando amenidades. Ademir na ponta, abraçando Laíse, que por sua vez abraça Estela. Ademir, Laíse e Estela caminham até sair de cena).

Fim

PÓS-FACIO Por Wlad Lima ⁽¹⁾

É com enorme satisfação que eu, Wladilene de Sousa Lima - nome artístico Wlad Lima, Professora Titular da UFPA (aposentada), artista da cena teatral do Pará e gestora do Teatro do Desassossego / Laboratório Arcaico de Poéticas da Alma – escrevo esse posfácio à publicação de tão importante obra no contexto do teatro do norte do Brasil – a *Coletânea Teatro de Roraima*. Antes, faz-se necessário contextualizar com pertinência o meu texto:

Em primeiro lugar, pergunto: Quem de nós, artista da cena do Teatro da Floresta, nunca se indignou ao abrir uma publicação sobre Teatro Brasileiro e constatar que nada, nenhuma página, fazia referência ao teatro realizado na região Amazônica? Sim, por décadas ficamos empobrecidos com a invisibilização de nossos fazeres artísticos. Algo mudou nesta conjuntura nos primeiros vinte anos do novo milênio (o século XXI)? Sim, mudou; nós mudamos, deixamos de esperar que pesquisadores de outras regiões do país, especificamente, do Sudeste, fizessem o que nos cabia fazer. Nós, os artistas da cena amazônica, nos transformamos em artistas-pesquisadores e instauramos uma consciência de classe ao reconhecer que somos aqueles que devem escrever a história, a nossa própria história!

Todo esse contexto modificado foi possível com a abertura de cursos superiores nos diversos campos do conhecimento artístico em todos os estados da região Norte. A continuidade dos estudos em níveis mais avançados (mestrado, doutorado e pós-doutorado) com a instauração de programas de pós-graduação em alguns desses estados, surtiu um efeito surpreendente na abertura de muitas frentes de investigação artístico-acadêmica. Temos hoje, pesquisas já realizadas, e em processo, sobre diversos períodos históricos; grupos e coletivos de teatro; artistas eminentes do cenário artístico da Amazônia etc. Alguns desses estudos recortam a cena em seus elementos de linguagem – direção, atuação, cenografia, iluminação, dramaturgia... Sim, dramaturgia, um dos elementos importantes do teatro que luta para vencer, sua natureza tão efêmera. Se vence, não sei, mas constrói pistas; deixa rastros.

⁽¹⁾ Wlad Lima (nome artístico) é artista-pesquisadora, diretora e cenógrafa de teatro na cidade de Belém do Pará. Professora Titular da UFPA (aposentada), mestre e doutora em Artes Cênicas pela UFPA e pós-doutora em Estudos Culturais pela Universidade de Aveiro, Portugal. Para além do campo das cênicas, busca atravessamentos entre Arte e Psiquê atuando com a Clínica do Sensível em seu Programa Poética Criatura na função de artista-psicanalista em processos de criação e pesquisas em arte. Seus procedimentos clínicos operam com a clínica da palavra, com o esquizodrama, a escuta sensível e os Fóruns Grupais. Na categoria teatral atua como criadora cênica no Grupo Cuíra do Pará e no Coletivas Xoxós. Seus mais recentes espetáculos são: "Rala, Palhaço!", "Curupirá", "mEU pOEMA iMUNDO", "Divinas Cabeças", "Não, fale com estranho" (todos pelo Coletivas Xoxós) e "Joana" (Grupo Cuíra). Atualmente, administra o Teatro do Desassossego - Laboratório Arcaico de Poéticas da Alma -, além de ser desenhista do Coletivo Brutus Desenhadores. Links: @wladlima @teatrododesassossego @poeticacriatura @brutusdesenhadores

Do que trata a obra *Coletânea Teatro de Roraima*? Exatamente sobre dramaturgia. E creio ser significativo destacar que no campo dramaturgício essa coletânea não surge sozinha, vem munida de uma ação conjunta na preservação da dramaturgia amazônica, fazendo parte de uma coleção gestada em rede, como nos diz a Profa. Dra. Ananda Machado (UFRR) na abertura do prefácio dessa obra: “ O livro faz parte da coleção Teatro do Norte Brasileiro e pretende colaborar com a produção teatral local, regional e nacional, ao fornecer material de trabalho para os atores e instigar a continuidade dos estudos nele iniciados.”

Faz-se necessário também argumentar nesse posfácio, que a rede na qual essa coletânea nasceu é expansiva; faz conexões com outras ações de pesquisa e difusão do conhecimento em arte e cultura por toda a região, como bem nos fala a Profa. Dra. Bene Martins (UFPA), no texto de apresentação da coletânea, reconhecendo que a mesma faz parte de uma grande empreitada, igualmente difícil, em todo o Norte do Brasil:

O Projeto memórias da dramaturgia amazônica: Construção de acervo dramaturgício teve início em 2009, sob minha coordenação, professora da Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA), do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGATES) e da Faculdade de Dança (FADAN), nesta incluímos estudos da dramaturgia da dança. A expansão do projeto foi/é consequência das buscas constantes por dramaturgos(as) e suas peças. Triste é constatar o quanto dessa memória já foi perdido por falta de tratamento adequado. Por esta constatação das perdas é que elaboramos o projeto de pesquisa para reunir textos teatrais dos amazônidas, tratar e publicar o acervo.

Mas o que nos traz essa coletânea? Qual a sua força na difusão da arte da dramaturgia do Estado de Roraima? Nada menos que 14 (catorze) obras dramaturgísticas de diferentes autores, períodos históricos e contextos. As obras são: *Wanda, pintou sujeira* (1994), criação coletiva do grupo a Bruxa está Solta (Nonato Chacon, Catarina Ribeiro e Chico Cardoso); *O Sermão da Montanha Revisitado* (1994) de Márcio Sergino; *Prioridade à criança brasileira* (1995) de Edgar Borges e Francisca Chagas de Oliveira; *Colher de sal* (2010) de Francisco Alves; *Chegança - O cordel do bem-querer* (2011) de Zanny Adairalba; *O julgamento da Humanidade* (2012) de Ricardo Dantas; *Os três porquinhos roraimenses* (2014) de Alex Zantelli; *Tapîrike Nankon Toroyamî' Pantoni - A Festa no Céu* (2017), criação coletiva da Turma do curso de Teatro no Ensino de Línguas e Culturas Macuxi e Wapichana; *Kuxi na'ík Kupay - O Porco e o Peixe* (2017), criação coletiva da Turma do curso de Teatro no Ensino de Línguas e Culturas Macuxi e Wapichana; *A casa das 12 portas* (2019) de Hander Frank; *O que fazer com o resto das árvores* (2019) de Elder Torres; *O assaltante de abraços* (2020) de Aldenor Pimentel; *A Mistura* (2020) de Vanessa Brandão; e por fim, e mais recente, *Apenas um blues e uma parede pichada* (2021) de Marcelo Perez. Sua força está na perspectiva da dramaturgia que cada uma dessas obras, coloca no mundo. Podemos nos arriscar dizer que são muitas Roraimas representadas no palco das letras.

O que mais eu poderia arguir em torno dessa coletânea que, nós, produtores e estudiosos dos conhecimentos da floresta, em suas mais diversas especificações, já não saberíamos, pelo próprio enfrentamento diário em prol da preservação da vida humana, animal, vegetal, mineral e das coisas, materiais e imateriais? Creio que dizer que cada ação de produção, revitalização e difusão de nossa cultura precisa ser garantida. E nós podemos garanti-las, lançando-as ao mundo. Que a obra seja lançada ao mundo.

Publique-se ou morra!

Encerro o meu posfácio, agradecendo essa oportunidade de me juntar à todas essas vozes que lutam pelo nosso habitat, e por tudo o que geramos a partir do ato de habitar esse continente verde - em risco de se tornar cinza.

Sem mais, desejo todo sucesso à publicação.

E que venham outras!

SOBRE OS AUTORES

WANDA, PINTOU SUJEIRA

NONATO CHACON

Foi gestor do Teatro Carlos Gomes, com Catarina Ribeiro desenvolveu uma dramaturgia simples e envolvente inspirados na Bruxa Uxa. Em 1992 surgiu o nome do grupo a Bruxa está Solta que trabalhou teatro nas escolas, no teatro Carlos Gomes. “A cidade do tudo pode” (1995) foi dramaturgia do Chacon, contando a história política de Roraima a partir do assassinato do primeiro prefeito eleito que foi Sílvio Leite. Em 2003 montaram “Arapuca”, Texto do Chico Cardoso, dramaturgo do Amazonas, que também trabalhou no texto “Bruxa Wanda”, que foi teatro adulto. Chacon foi professor no IFRR e montou muitos espetáculos com alunos: “O último beijo (1996) e “Esposa Viva”. “História do Zé Juquira” (2000), era uma cena curta de 30 minutos, foi um espetáculo temático, tem relação com meio ambiente e com questões dos trabalhadores rurais.



CATARINA RIBEIRO

Chegou a Roraima por volta de 1982, começou com contação de histórias para crianças, baseando-se em histórias infantis como a “Bruxa Uxa” de Sílvia Ortofh (1989). Com Chacon realizou o espetáculo “Nó na Garganta” (1999), que era uma colagem de poesias políticas onde cada palavra era uma catarse. Montaram ainda: “Antes que o coração arrebente” (1998) com três cenas: a primeira era um monólogo interpretado por Catarina, foi uma colagem de textos do Guimarães Rosa, com a colaboração de Toninho do Vale. “Anna Pantoni (2012) nossa história em Macuxi”, foi uma oficina de planejamento estratégico no Sebrae. Catarina era instrutora, produtora, atualmente é brincante de Boi e de Reisado, dedicando-se a dar suporte aos mestres, atuando nos bastidores e na confluência das rodas de prosa.



CHICO CARDOSO

Teatrólogo, atualmente Subsecretário de Cultura e Turismo de Parintins. Atuou na Comissão de Artes do boi Garantido em 2019 e 2020. E teve participação na elaboração dos espetáculos dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso.



SERMÃO DA MONTANHA (REVISITADO)

MÁRCIO SERGINO

Márcio Sergino nasceu em São Paulo, se formou em Técnico de Direção e Atuação pela Escola de Arte Dramática - São Paulo/SP, fundou a Cia Arteatro em 1993 e desde então tem atuado na cena teatral do Estado de Roraima. Foi chefe do departamento de Patrimônio cultural / SECULT de 2013 a 2015. Atualmente faz parte da equipe de gestão do espaço multicultural Usina, Café e Cultura sede do Ponto de Cultura Usina e Cia Arteatro, que está em funcionamento desde 2015. Instagram: @espacousina-cafe-cultura / Facebook: #ciaarteatro



PRIORIDADE À CRIANÇA BRASILEIRA

EDGAR BORGES

Edgar Borges é escritor, jornalista, sociólogo, mestre em Letras e ativista cultural, entre outras coisas que acha bacana destacar. Natural da Venezuela, filho de roraimenses migrantes, veio morar em Boa Vista em 1991. No ano seguinte entrou na escola estadual Gonçalves Dias, onde cursou o ensino médio, sempre sofrendo com as provas de química, física e matemática. Em 1995, dividido entre estudar para o vestibular e as provas de cada semestre, integrou o grupo de teatro do GD, dirigido pela professora Chaguinha. Esta foi sua primeira experiência com as artes cênicas. Sempre gostou muito de ler e escrever, o que o levou a contribuir com a construção da peça apresentada neste livro. Edgar é autor de dois livros de contos e prepara-se para lançar seu primeiro livro de poemas. Também escreve regularmente desde 2004 no blog Crônicas da Fronteira (www.edgarb.blogspot.com.br); https://www.instagram.com/edgar_borges https://twitter.com/Edgar_Borges



FRANCISCA CHAGAS DE OLIVEIRA

Professora Chaguinha é graduada em Letras, tem mestrado em Ciências da Educação na Universidade Politécnica e Artística do Paraguai, professora de português e educação artística, fez parte de grupos teatrais locais. Foi professora de vários artistas semeando as artes, cultivando e muitos seguem regando-a em suas vidas.



APENAS UM BLUES E UMA PAREDE PICHADA

MARCELO PEREZ

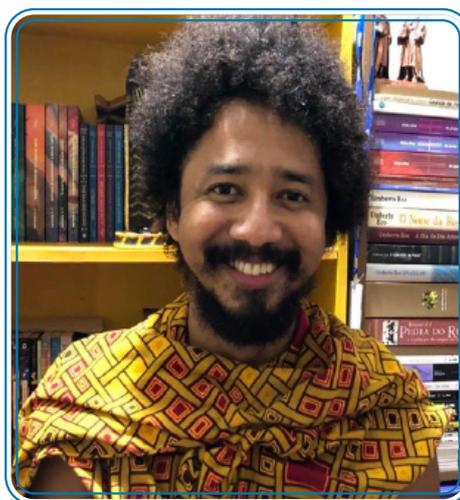
Marcelo Perez escreve desde o primeiro rabisco. Publicou os livros de poemas "Ainda se estivesse faltando pedaços" (2015) e Tentou poesia? (2020); os livros de contos "O desgaste do tempo nos dentes" (2017) e "Entre tribos e atritos" (2019). Para o teatro, escreveu e encenou os textos "Por que a gente é assim?" (2005); "Quem disse que a decisão deve ser dele?" (2006); "Apenas um blues e uma parede pichada" (2008); "Absurdópolis, que nos perdoe Aristóфанes" (2009 – coautor); "A Farsa do Advogado Silva e Santos" (2010 – adaptação); e desde 2012 é organizador, editor, diagramador e designer do Fanzine Literário "Receita no Verso".



COLHER DE SAL

FRANCISCO ALVES

Francisco Alves é formado em Letras-Literatura (UFRR). Especialista em Direção Teatral (FADM). Mestre e Doutor em Literatura pela UnB. Já publicou livros de poesia, conto e a peça "Na mesma rua hoje sempre até o amor acabar", dramaturgia escrita no ano de 2005. É professor efetivo da Universidade Federal de Roraima, no curso de Artes Visuais, atuando nas disciplinas de História da Arte e Crítica em Artes Visuais. Coordena o Polo Arte na Escola UFRR. Atua no PPGL/UFRR. Desenvolve o projeto de pesquisa "Cartografias do Teatro em Roraima", registrado na PRPPG. É ator, performer. Já fez parte dos grupos de teatro roraimenses: Cia do Lavrado e Cia Arteatro. Em 2010 fundou, junto com outros amigos, a Cia do Pé Torto. Tem interesse pelo texto teatral e pela performance.



CHEGANÇA - O CORDEL DO BEM-QUERER

ZANNY ADAIRALBA

É poeta e compositora desde menina. Autora de 08 obras poéticas, além de peças teatrais e diversos cordéis que abordam temas variados. Destaca-se no cenário literário roraimense por ser a única mulher a produzir literatura de cordel em Roraima. Em 1992, deixou Pernambuco para residir no extremo norte do Brasil, onde desenvolve trabalhos de incentivo à leitura e à literatura junto ao Coletivo Caimbé, www.caimbe.blogspot.com.br, organização social informal que tem como objetivo fomentar a cidadania usando a literatura como



ferramenta principal. O grupo já atuou em 11 estados brasileiros, incluindo comunidades indígenas e ribeirinhas. No segmento musical, Zanny possui mais de 50 canções folclóricas autorais gravadas pelo Movimento Quadrilheiro de Roraima, além de diversas composições premiadas em festivais e mostras de música do estado. Em 2005 escreveu, em parceria com o comunicador Chiquinho Santos o primeiro auto de natal de Roraima. Uma peça cordelizada, intitulada "Caimbé de Natal - O Auto de Macunaima". Seu lançamento deu-se na Igreja São Francisco sob direção do ator e diretor Renato Barbosa. A peça foi encenada em praça pública, por três anos consecutivos, durante os festejos natalinos promovidos pela prefeitura de Boa Vista. Em 2017 recebeu do Ministério da Cultura o título de Mestra da Cultura popular, como reconhecimento ao trabalho voltado para o fomento da literatura de cordel no estado de Roraima, difundindo os saberes e fazeres desta arte para além dos limites de suas comunidades de origem.

O JULGAMENTO DA HUMANIDADE

RICARDO DANTAS

Ricardo Dantas é biólogo e escritor, autor do romance "Meia Pata" que foi obra de referência do vestibular da Universidade Federal de Roraima e atualmente faz parte da ementa do Mestrado Acadêmico de Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia (Unir). Também é autor da peça de teatro "As aventuras de Jota Cabeça e seus guachebas". Escreveu diversos contos indígenas premiados em concursos literários. A peça "O Julgamento da Humanidade" foi escrito em 2012 quando era professor de Biologia na Escola Estadual Indígena Tuxaua



Antônio Horácio e os alunos indígenas encenaram a peça na Universidade Estadual de Roraima (UERR),

no evento “I Encontro Novos Talentos” que ocorreu em 2012. A peça inicialmente fora montada para participar de um festival de teatro em 1996, em Irati, Paraná, onde o autor formulou o argumento da peça junto ao Mário Dinarti, sendo a personagem Sol encenada pelo Ricardo Dantas nesta ocasião.

OS TRÊS PORQUINHOS RORAIMENSES

ALEX ZANTELLI

Alex Zantelli é ator desde os 10 anos. Publicitário, Biólogo, Radialista, Apresentador de TV e Drag Queen (arte que descobriu e se apaixonou). Como autor se descobriu ainda quando era professor de teatro infantil e viu a necessidade de criar textos que as crianças se identificassem e fizessem parte da história. Apaixonado pela arte de atuar, principalmente no universo infantil.



TAPÎRIKE NANKON TOROYAMÎ' PANTONI - A FESTA NO CÉU KUXI NA'IK KUPAY - O PORCO E O PEIXE

TURMA DO CURSO DE TEATRO NO ENSINO DE LÍNGUAS E CULTURAS MACUXI E WAPICHANA



Valdivino Ramos Trajano
Adélia da Silva Ramos

Esse grupo trabalha junto desde 2012. Lenice, Valdivino e Adélia ora são professores, monitores, autores e alunos. Participaram dos cursos de Língua e Cultura Macuxi nos níveis iniciante, intermediário e avançado, do curso Panton Menuka Yara Menka: histórias escritas e pintadas, da oficina de Língua e Música

Macuxi e da oficina de elaboração de dicionário Multimídia Macuxi. São exímios narradores e escritores das línguas Macuxi e da portuguesa. Lenice é autora de músicas também. A professora Ananda criou em 2009 com professores de Macuxi e Wapichana a oferta dessas aulas pela extensão universitária. Desde então há cursos todos os anos, dentre outras atividades realizadas com as comunidades indígenas em Roraima através do Programa de Valorização das Línguas e Culturas Indígenas de Roraima. O texto monolíngue em língua indígena também é de autoria coletiva dos professores Wapichana.



Lenice Januário Raposo



Ananda Machado

A CASA DAS 12 PORTAS

HANDER FRANK

Hander Frank Araújo Santos, 24 anos, Roraimense, Publicitário, Pós graduando em Marketing, Criatividade e Inovação. Começou no teatro por volta dos 11 anos, no início era só mais uma brincadeira, mas por problemas financeiros não mais podia participar, a sua turma de teatro era a que atraia mais público nas apresentações. Então, lhe ofereceram uma bolsa, para não parar o curso, com essa bolsa, foi permitido continuar a fazer a arte que aprendeu a amar. Aos 19 anos criou uma companhia independente de teatro chamada Cia. Meio Fiu, e aos 23 montou um projeto piloto de uma escola de Artes Cênicas chamada Cia. Zefiro, também já contracenou com diversos grupos de teatro de Roraima e de outros estados, sempre estudando e se especializando, pois tem uma grande paixão em fazer cursos de arte e aprender cada vez mais. Hoje atua como ator, diretor e dramaturgo. Seu grande sonho acadêmico é fazer Mestrado em Artes Cênicas.



O QUE FAZER COM O RESTO DAS ÁRVORE

ELDER TORRES

Dramaturgo, roteirista e ator. Começou sua carreira junto a Cia. Arteatro na cidade de Boa Vista, formou-se em Dramaturgia na SP - Escola Teatro e em Artes Cênicas na Universidade Federal de Minas Gerais. Vindo de uma formação clássica em Artes Cênicas e tendo atuado em diversos projetos como ator, roteirista e dramaturgo, Elder aos poucos foi tomando gosto pelas letras, sendo levado cada vez mais a desenvolver seu talento como contador de histórias. Passou por diversas oficinas de roteiro até que em 2013 foi aceito na SP - Escola Teatro, onde se formou como dramaturgo. Como dramaturgo escreveu as peças: "O que fazer com o resto das árvores"; "Rodolfo e a crise"; "Cupcake"; "Jaula de tigres tristes" e atualmente desenvolve o texto da peça "O Clube do ódio", com encenação prevista para 2022. Site: <https://www.coletivobinario.com.br/oquefazercomorestodasarvores>



O ASSALTANTE DE ABRAÇOS

ALDENOR PIMENTEL

Nasceu em Boa Vista em 1984 e é jornalista, escritor e cineasta. Recebeu mais de 70 prêmios em concursos literários nacionais e internacionais e mostras e editais na área do audiovisual, além de ter

filmes selecionados para festivais de cinema e exibidos em rede nacional de TV. Publicou os livros "Deus para a presidência" (2015), "Livrinho da Silva" (2017), "A inacreditável história do milho gigante" (2019) e o "Jogo da Democracia" (2021) e, desde 2006, trabalhou em quase 20 filmes, com destaque para a direção do documentário "Índios na Cidade, Vidas em Travessia" (2014) e da animação "A inacreditável história do milho gigante" (2021). Colaborou no roteiro de diferentes peças de teatro encenadas em Boa Vista. Sua produção literária já é objeto de pesquisas acadêmicas.

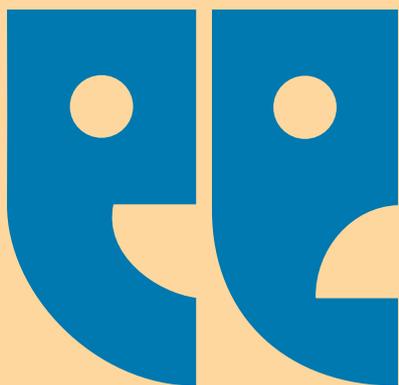


A MISTURA

VANESSA BRANDÃO

Vanessa Brandão é jornalista roraimense, doutoranda em Estudos Literários pela Unesp, mestra em Letras pela Universidade Federal de Roraima, pesquisando sobre arte e literatura indígena. Escreve desde a adolescência e mantém o blog literário www.minhajanela.com.br desde fevereiro de 2019, no qual publica crônicas, contos e poesias. Atualmente mora na Polônia, na cidade de Lódz, com o filho Luigi de seis anos e o companheiro Reinaldo. Vive com saudades do Brasil.





.....

A Coleção *Teatro do Norte Brasileiro*, criada por Márcio Souza e Bene Martins, tem a finalidade de divulgar peças teatrais do acervo reunido e em construção no projeto de pesquisa *Memória da Dramaturgia Amazônida: Construção de acervo dramático*. A coleção comporta duas linhas de publicação. Uma de obra reunida por autor, a exemplo da obra completa dos dramaturgos *Nazareno Tourinho*, 2014; *Ramon Stergmann*, v.1, 2020, v.2, 2021, v.3 sairá em 2022; *Edgar Proença*, Todas as peças, 2021; *Levi Hall de Moura*, sairá em 2022. Outra de coletânea com diversos autores, a exemplo da *Coletânea Teatro do Pará*, v.1, 2015; *Teatro do Maranhão*, v.1, 2019; *Jovens Dramaturgos (as) Amazônidas*, v. 1, 2020, v. 2, 2021; mais esta coletânea *Teatro de Roraima*, 2022. Nesta coleção, esperamos publicar, ao menos uma coletânea de cada estado da região, contando com a colaboração de pesquisadores desses estados".

.....

Bene Martins



**Projeto Memórias da Dramaturgia Amazônida:
Construção de acervo dramático.**

Idealizadora e coordenadora: Bene Martins

Programa de Pós-Graduação em Artes
PPGARTES-UFPA

Programa de Pós-Graduação em Letras
PPGL-UFRR



Direcione seu celular para o QR Code abaixo, e conheça os livros da Editora PPGArtes.

